

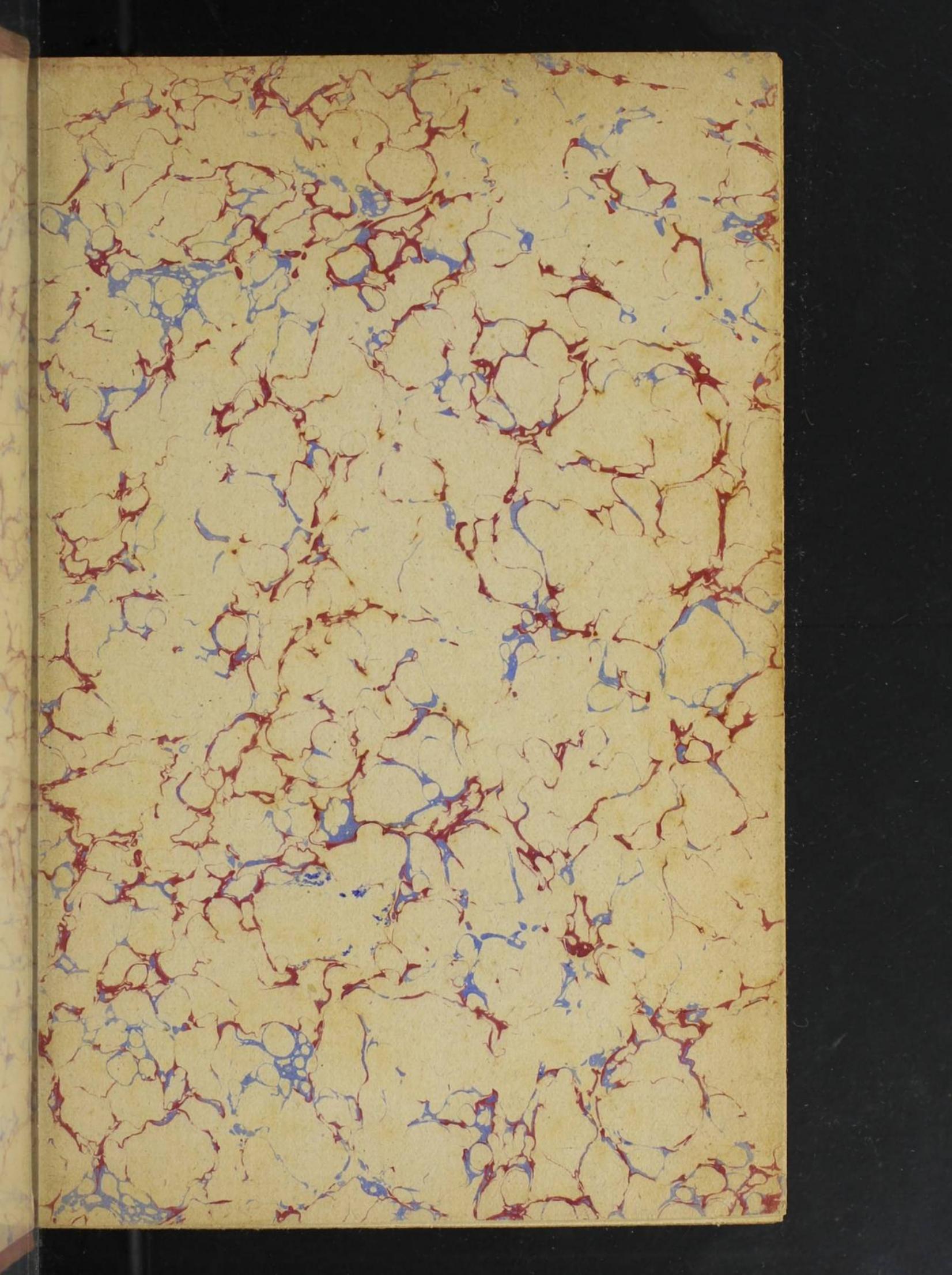
EX-LIBRIS

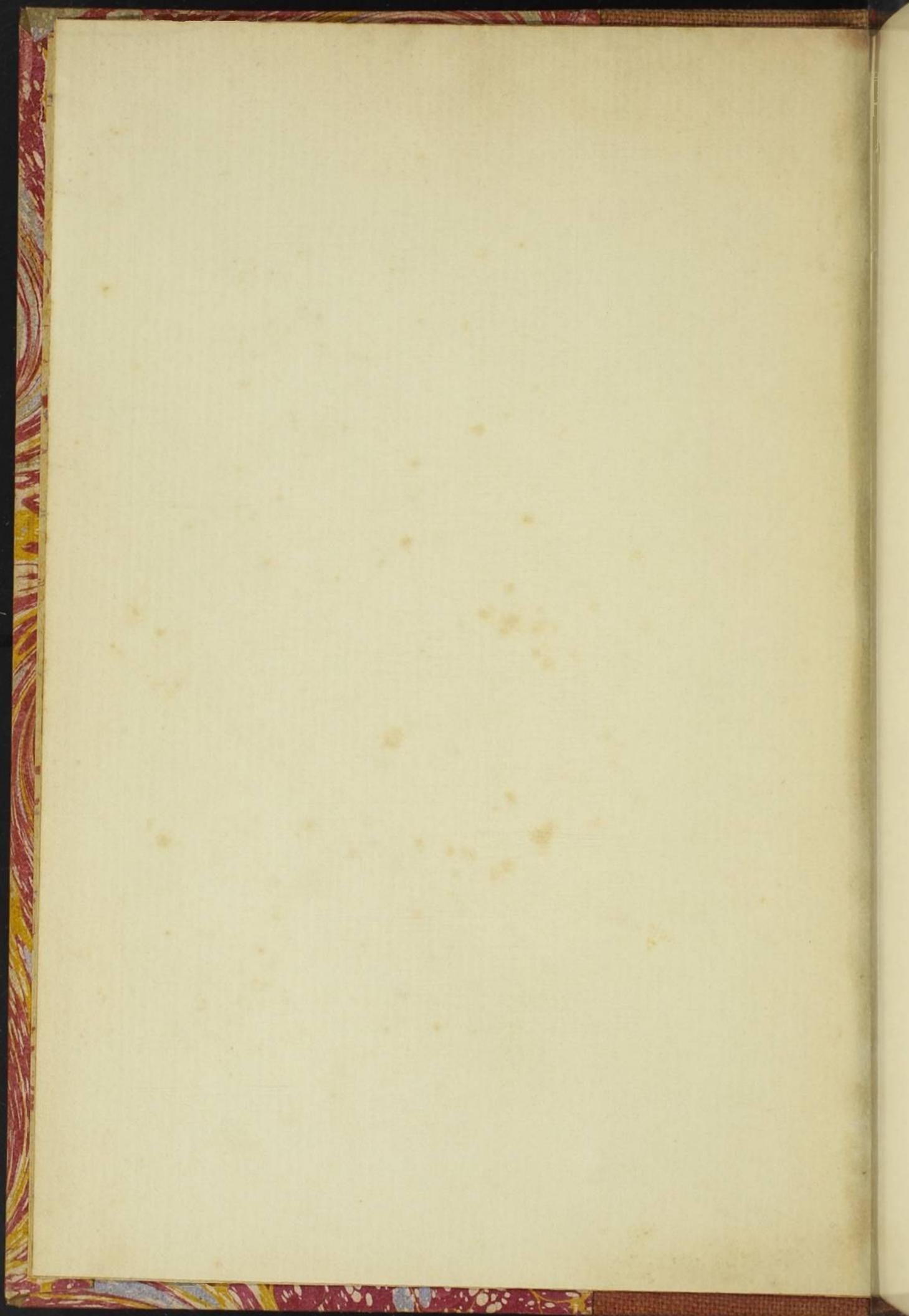


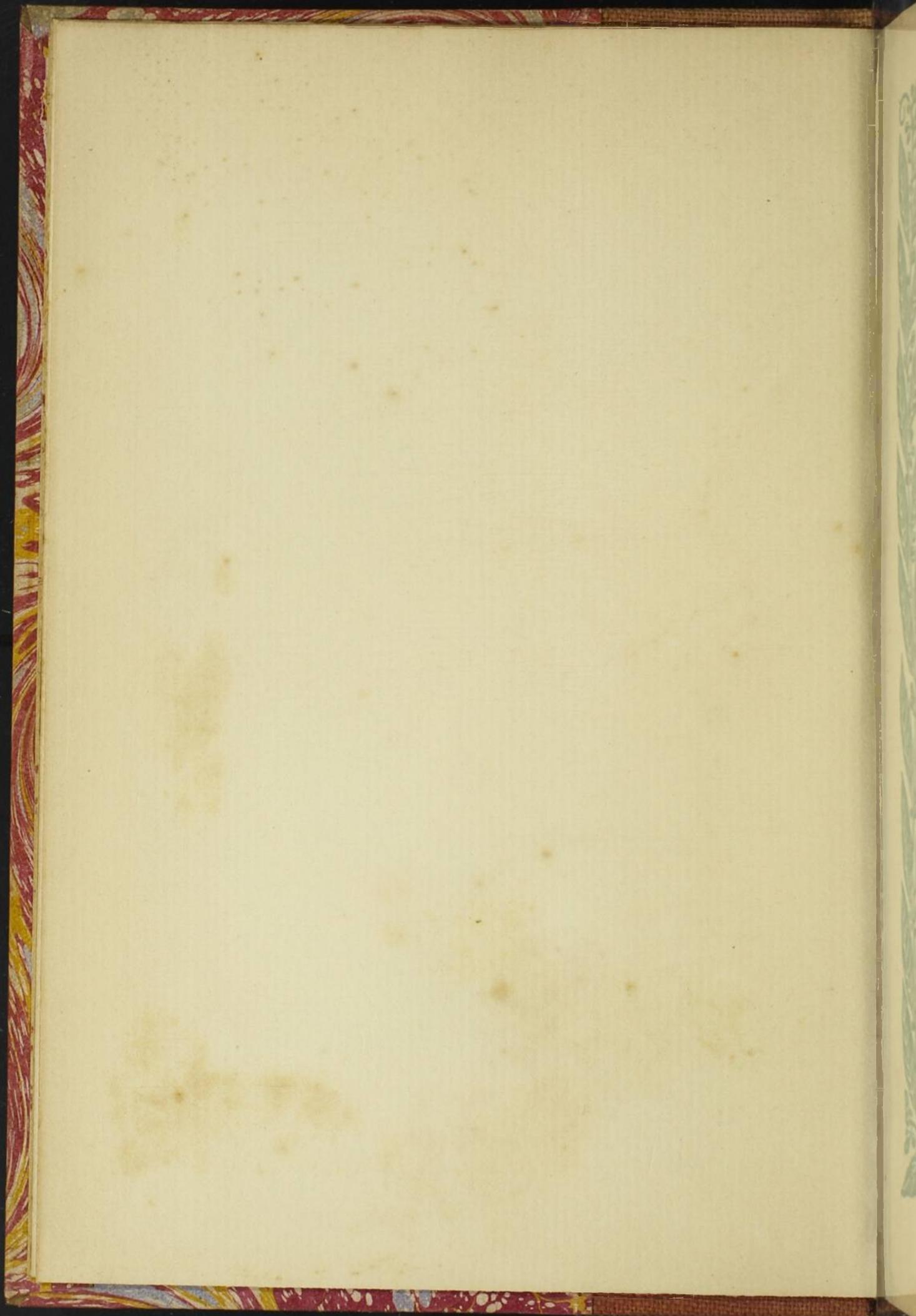
BORBA
MORAES

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

W.









PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA
Coleção Afrânio Peixoto

I — LITERATURA

Florilegio
da
Poesia Brasileira

ou

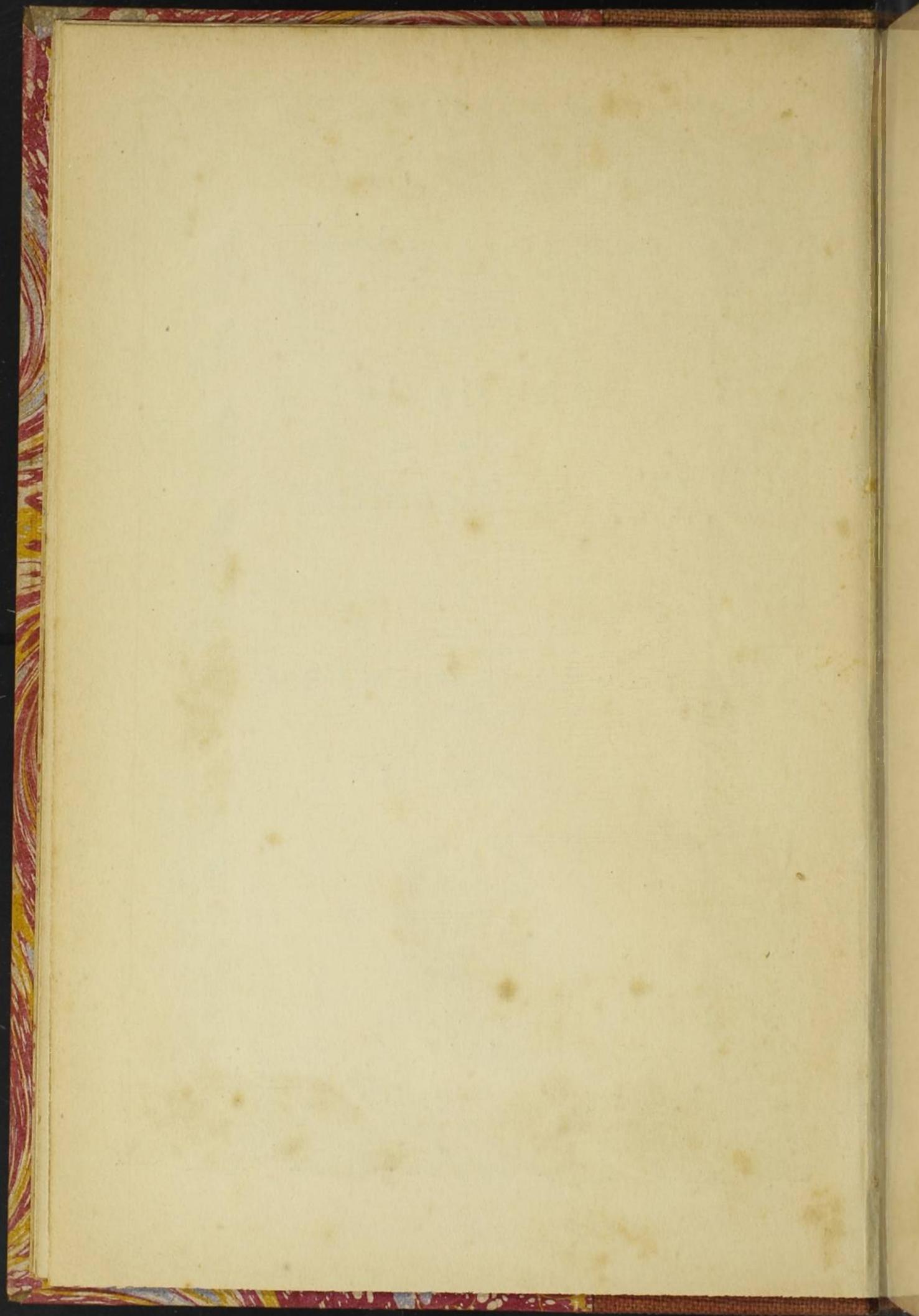
collecção das mais notaveis composições dos
poetas brasileiros falecidos, contendo as
biographias de muitos delles,
tudo precedido de um

**Ensaio Historico Sôbre as Lettras
no Brazil**

TOMO III

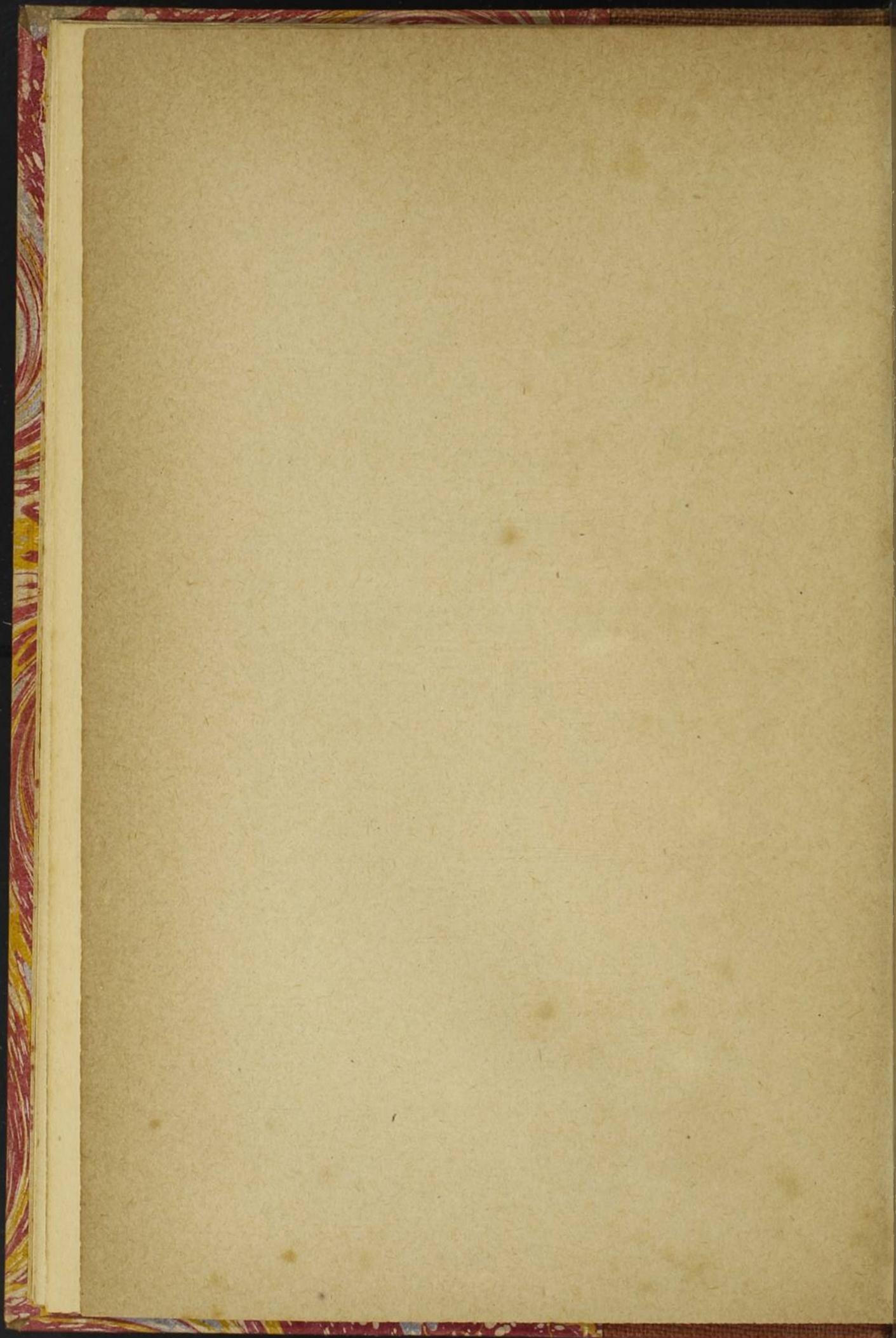


RIO DE JANEIRO
1946



FLORILEGIO
DA
POESIA BRAZILEIRA

TOMO III



POE

EXAM

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA
Coleção Afrânio Peixoto

I — LITERATURA

FLORILEGIO
DA
POESIA BRAZILEIRA

ou

collecção das mais notaveis composições
dos poetas brasileiros falecidos,
contendo as biographias
de muitos delles,

tudo precedido de um

**ENSAIO HISTORICO SÔBRE AS LETTRAS
NO BRAZIL**

TOMO III



RIO DE JANEIRO

1946

A Academia Brasileira de Letras
não é responsável pelas opiniões ma-
nifestadas nos trabalhos assinados em
suas publicações oficiais.

FLORILEGIO
DA
POESIA BRAZILEIRA

OU

COLLEÇÃO DAS MAIS NOTAVEIS COMPOSIÇÕES
DOS POETAS BRAZILEIROS FALLECIDOS,
CONTENDO AS BIOGRAPHIAS
DE MUITOS DELLES

TUDO PRECEDIDO DE UM
ENSAIO HISTORICO SÔBRE AS LETTRAS
NO BRAZIL.

TOMO III.



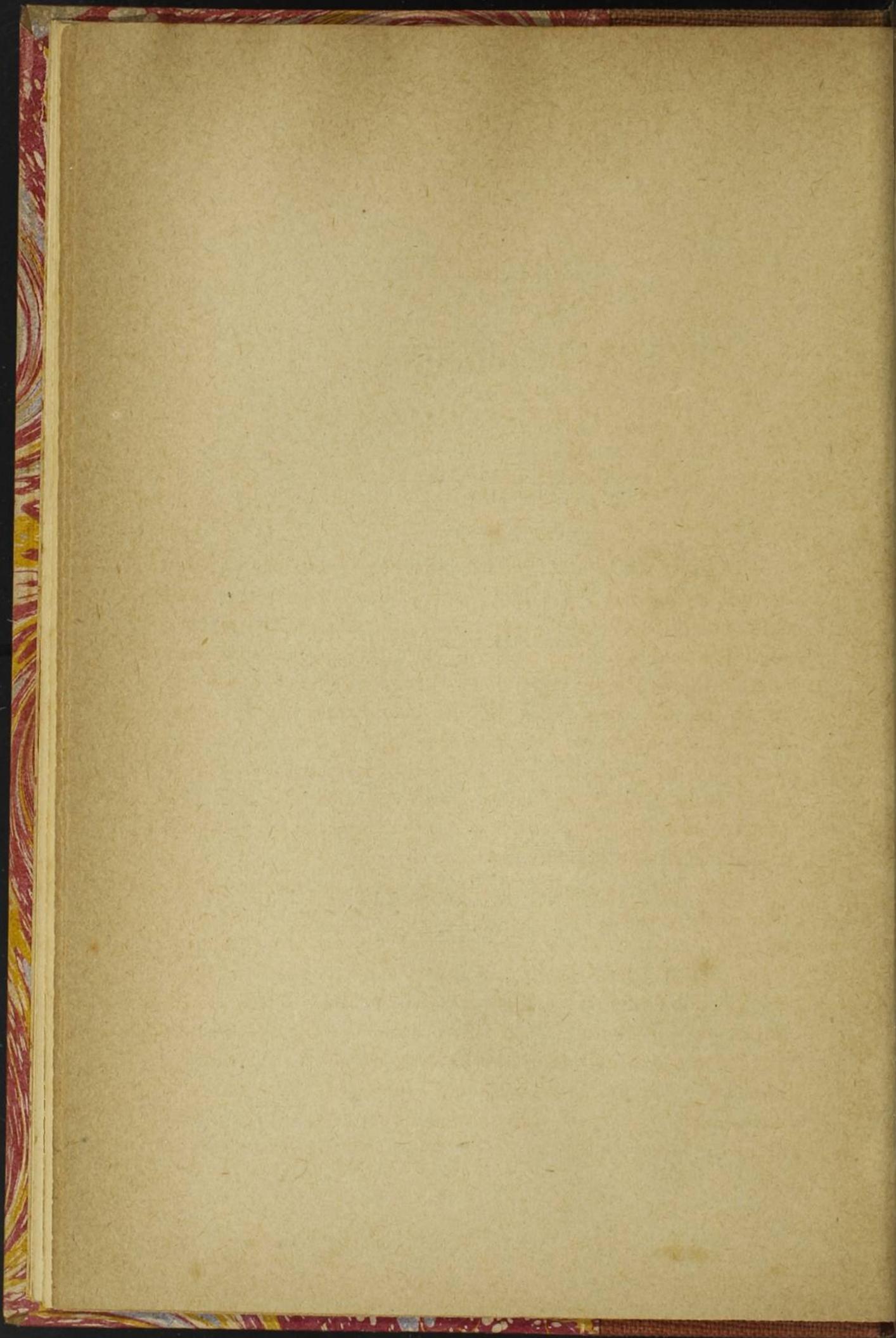
MADRID

IMPRESA DA V. DE D. R. J. DOMINGUEZ.

1853.

A venda no Rio de Janeiro em casa de
EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT
Rua da Quitanda N.º 77.

*Fac-simile do frontespício da edição princeps do Tomo III
do "Florilégio" — 1853.*



P R E F A C Ç Ã O

DESTE TERCEIRO TOMO

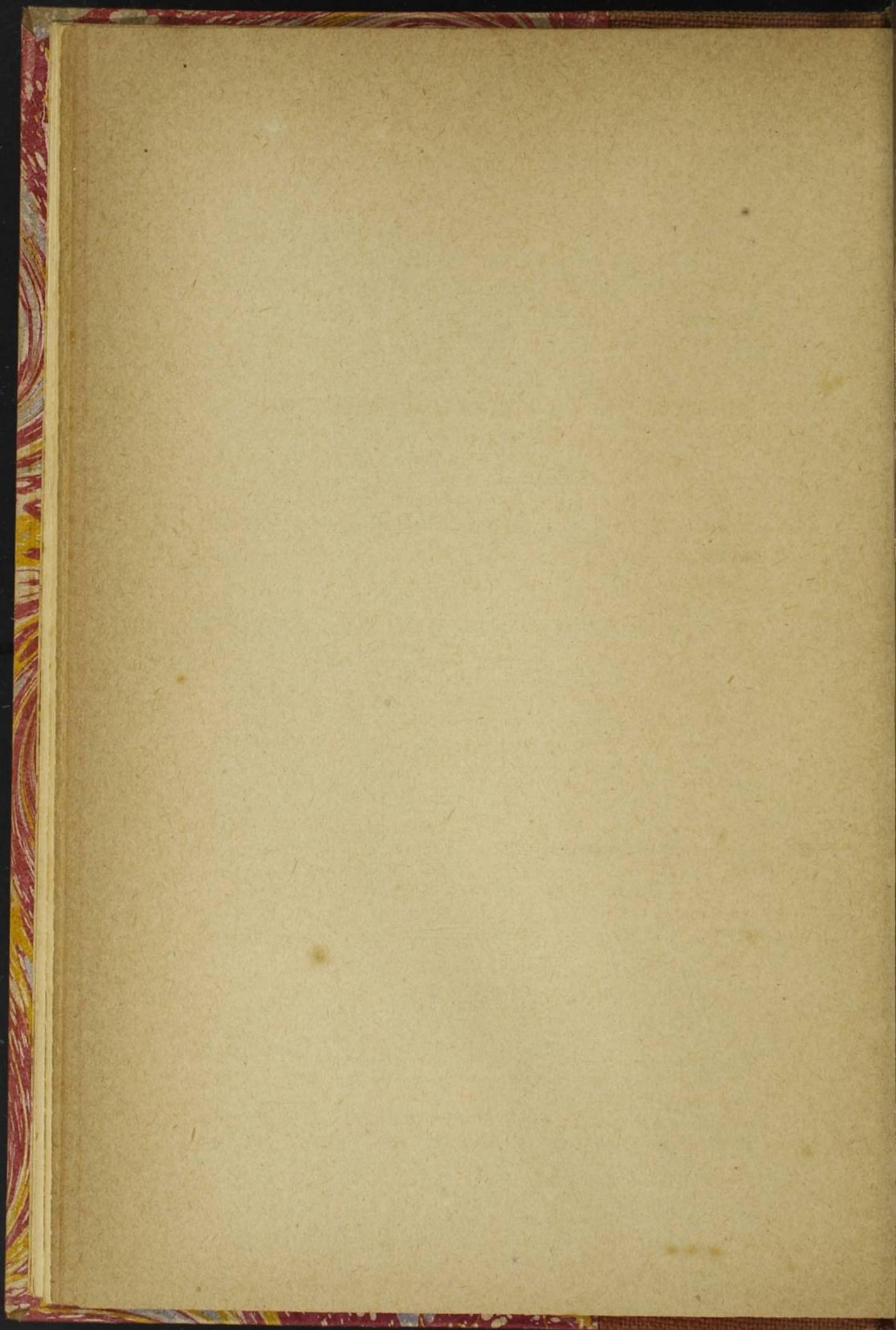
O inesperado acolhimento que receberam do Publico os dois primeiros voluminhos desta obra, imperfeita como saiu, nos obrigou tanto, que nos propozemos a melhora-la, logo que isso nos fosse possivel. E ainda que o meio mais commodo fôra o de fazel-o na futura edição, como é natural que ella (que Deus sabe se chegaremos a emprehen-der) tarde ainda annos, decidimo-nos a dar á luz este terceiro tomo, e pedimos ao leitor que o receba, senão com tanta indulgencia, que bem a necessita, como os dois primeiros, ao menos sem muito desfavor. Ao que for benigno e justo equivale a pedir justiça.

Aos leitores menos benevolos não pediremos nada, nem daremos aqui satisfações; pois estamos persuadidos de que para a maledicencia ellas só servem de alimento. Para prova basta dizer que houve um praguento, Deus lhe perdoe, que poz em duvida se era da lingua portugueza ou gallicismo (!), o vocabulo — florilegio, — porque casualmente o não encontrou alfabetado no seu canhenho. O termo é originalmente latino; e tanto bastaria para merecer perdão quem ousasse apresental-o; porém alem de latino, é êlle muito e muito portuguez, e não só

o abonou modernamente Filinto, mas é tão classico (no sentido que costumamos dar a essa palavra) que o título de um livro impresso em Coimbra em 1656 é o seguinte: — *Primeira Parte do Florilegio Espiritual*. — E este livro de Fr. Faustino da Madre de Deus é justamente um dos que a Academia das Sciencias de Lisboa sanciona como seiscentista de cunho para abonar as palavras de nosso Diccionario, e Moraes o cita na lista dos autores que publica na sua introduccão.

Madrid, Dezembro de 1853.

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA



BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO
ARANHA (1)

Ao Coronel Manuel da Gama Lobo de Almada, Governador do Rio Negro, e Commissario Principal da quarta Divisão das Demarcações.

I

Em quanto a baixa adulação, sem pejo
Contrafazendo o rosto macilento,
Com vãos ornatos, com postiças côres,
Em público se mostra;

(1) Nasceu Tenreiro Aranha na villa de Barcellos do Rio Negro em 1769, e falleceu no Pará em 1811. — Deixou-nos umas allegorias dramaticas, alguns sonetos, muitas odes, alem de varios discursos em prosa. Das suas composições não perdidas fez seu illustre filho uma edição (Pará 1850) com o titulo de *Obras Literarias*. É deste livro que aproveitamos as duas odes que offerecemos neste logar.

[Nasceu em 4 de setembro de 1769 e faleceu em 11 de novembro de 1811. Por decreto de 13 de maio de 1806 foi provido na serventia vitalícia do officio de escrivão da Mesa Grande da Alfândega da cidade do Pará, com a obrigação de satisfazer os donativos e mais encargos impostos no mesmo officio. — *Gazeta de Lisboa*, de 7 de junho de 1806.

— Veja sua biografia pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa, *Revista do Instituto Histórico*, II, ps. 257/260.

Em quanto offr'ce corrompido incenso
Nas aras da forçada dependencia,
Com mão venal e torpes simulacros,
Que vê que estão presentes;

Em quanto do vicio prostitue seu canto
O Vate indigno do sagrado Pindo,
Sacriligo turbando as puras aguas
Da limpida Hyppocrene,

Eu celebrou a virtude, ao Gama louvo,
Ella só, ella é digna dos meus versos;
Vamos sinceros coroar de louros
De um digno Heroe a fronte.

Ó doce Muza, minha casta Muza,
Hoje que isenta das crueis torturas,
Que o plectro teu ás vezes tem forçado,
Sonora e livre cantas,

Hoje, soltando as encolhidas azas,
Entregue unicamente a teus desejos,
Sem fadiga e violencia, vai voando
Serena e socegada.

Debalde intenta o impavido Amazonas
Espumante e feroz embaraçar-te,
A negra hirsuta fronte sacudindo;
Mas tú irás constante,

Apezar das correntes, a despeito
Da grão distancia, e d'horridos desertos,
Ao Gama illustre offerecer capellas,
No Guajará tecidas.

Suas *Obras Poéticas*, dedicadas por seu filho João Batista de Figueiredo Aranha ao Imperador D. Pedro II, foram publicadas no Pará, em 1850. Sua bibliografia resume Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, I, ps. 398. — R. G.]

Ó Gama, ó tu d'Heroes nome preclaro,
Em toda a idade, nos oppostos climas,
Este tributo aceita, que á virtude
Se deve em toda a parte:

Bem como o grande lucido planeta,
Que do ceo nos envia a luz brilhante,
Assim mesmo de longe resplandeces,
De lá meus olhos feres.

Mas qual das tuas cantarei primeiro?
Que portentos, que raras maravilhas!
Se qualquer d'ellas fatigar ainda
Verei épica tuba;

Verei, verei, se as muzas luzitanas,
Mais justas, ou mais bem favorecidas,
Deixando assumptos vãos, amor sedição,
Cajados e cabanas,

O divino furor, o plectro eburneo
Em mais nobres empregos occuparem,
E aos altos feitos dos varões famosos
Cantando eternisarem:

Não foi o Grego Achilles, e o Troiano
Eneas, Godofredo, nem aquelle,
Que de Ad'mastor dobrou a cerviz dura.
Mais dignos que este Gama,

Ora te veja sobre o patrio Tejo,
Ora nos muros Tingitanos, onde
A escolla sempre foi dos nobres Luzos;
Mas tu lições lhe deste:

Tu desde o berço conduzido foste
Pela mão da severa heroicidade,
Que a clara fama oscurecida deixa
Dos Reg'los e Fabricios:

Foi elle, é elle o que guardando intacta
Da honra, e da palavra a fé sagrada,
Escuta ó Roma;... mas aqui de assombro
A muza se suspende;

Se a voz do sangue, e a voz da natureza,
Se os horrores da morte não te abatem,
Invicto Gama, que poder teriam
Os mesmos da fortuna?

Somente do dever, e só da gloria
Os dictames escutas prompto e docil,
Só buscas a virtude, embora sejas
Feliz ou desditoso;

Embora a vil desgraça te ameace,
Arreganhando os verde-negros dentes,
Crescem, soff'rendo os furacões de Eolo,
Os corpulentos troncos;

Aos grandes homens os trabalhos provam,
Só ao merito ataca a torpe inveja;
Mas, qual firme rochedo, o varão forte
Despreza as furias bravas:

Do público louvor a voz sincera
O vinga, e galardoa nobremente,
E do Principe justo a mão sublime
Os premios lhe prepara:

Já por elle estimado e distinguido,
De um modo singular e relevante,
Te entrega uma das chaves, e a mais forte,
Do paraense Imperio;

Já novos louros a colher te envia,
Do Matapi nos campos, onde Marte,
Minerva e Ceres justamente gratos
Louvores te tributam.

Ora inspirado o bellicoso genio,
Ora polindo barbaros costumes,
A abundancia levaste, a qual apenas
Lá te não viu, se ausenta.

Mas onde, aonde te detens, ó muza,
Se em tão vasta carreira a méta buscas?
Da patria, inda que rude, a vóz suave
Já grata nos convida;

Vamos n'ella cantar Almada illustre,
E a lyra, a nova lyra fabricada
De hum tronco, que nascêra nos seus bosques,
Se bem que desditoso.

Qual devido tributo consagremos
No theatro maior dos seus louvores
Ao genio creador que torna claras
Do Rio Negro as aguas;

Que os aridos desertos fertiliza,
Que promove a cultura de seus campos,
E dos seios profundos desentranha
Incognitos thesouros:

Olha longas campinas, que té gora
Somente bravas feras habitavam,
De repente (ó que bens aqui diviso!)
Cobertas de manadas;

Olha a madre commum agricultura
Como florece á sombra do seu braço!
A industria, novas fabricas, prodigios,
Quem pode numera-los?

Como em tão breve tantas maravilhas
Fazer podeste! Mas as densas trevas
N'um momento dissipa a luz brilhante,
Faz tudo um grande genio.

Já da abundancia a cornucopia rica
Derrama ali seus dons; qualquer daquelles,
Que participam do teu almo influxo
Os seus effeitos sentem;

Os seus effeitos contam, nas distantes
Remotas praias, as longinquas gentes
De nobre inveja, de alto assombro cheias,
Assim clamar eu ouço;

Povo, que logras tanto bem, tal glória,
Ó povo venturoso, mas cem vezes
Mais venturoso aquelle peito heroico,
Que a tantos faz ditosos;

Que illustre só nasceu para que fosse
Benigno e virtuoso juntamente,
Que o seu poder com beneficios mostra,
Que manda, sendo amado;

Que o rapido fervor de um zelo ardente
Regula sabio, placido dirige,
Que ao seu principe, e povos igualmente
Sustenta co'as mãos ambas:

Eu vejo, eu vejo o Rio Negro ufano
Empolado e risonho despresando
Tardos socorros, que de fonte extranha
Pedia e supplicava;

Em si mesmo, ou no peito inhexaurivel
Do seu pródigo chefe agora os acha,
Vale mais que um thesouro um'alma grande
É Gama o seu recurso.

Eu vejo, eu vejo... cem leões soberbos
Fugir, deixando o território luzo,
Sem desastres e sangue, só ao nome
De Gama esclarecido:

Quanto fizeste!... Mas não deve a muza
Temeraria exceder os seus limites
Reconditos mysterios divulgando
Que ao vulgo são defezos.

Já sobre as ondas do Uaupés medonho,
E do Chié remoto vai surcando,
Não em fortes baixéis de altiva pôpa,
De cem canhões possantes,

Não entre fidas, numerosas tropas
De luzitana gente valerosa;
Mas só de poucos desleaes, seguido
Inertes frouxos peitos,

N'um fraco lenho vai o novo Gama,
(Est'outro vencedor de nome eterno)
Não só por mares nunca navegados,
Desconhecidas terras;

Mas também por sertões inacessiveis,
Horrorosos desertos ensilvados,
Horriveis monstros, indomaveis gentes,
Mais feras do que as mesmas;

Brutos selvagens, que de Adão apenas
As feições mal conservam já truncadas,
E que, de humano sangue sequiosos,
A natureza espantam;

Por varios climas, onde a morte habita
Nos estagnados lagos denegridos,
Que corruptos vapores exhalando
Da Estyge ali rebentam;

Por tenebrosos antros, e profundas
Tétras cavernas, onde a noite reina,
Entre espectros e horrores, rodeada
De lugubres morcegos;

Os mais viventes, té as mesmas feras
Ali não chegam; e segundo contam
Antigas tradições, a poucos passos,
Encontra-se o Cocyto;

Por trabalhos em fim de immensos modos,
No mar, na terra insolitos perigos
Da vida, da pessoa e liberdade,
Além dos que não digo;

De viboras cruéis, de infestas pragas,
Da crua fome, e devorante sede,
Da incommoda nudez, e da maligna,
Mirrada enfermidade.

Tudo venceste, insuperavel Gama;
Bem como Alcides e Theseo venceram;
Porem elles não viram o que viste,
Horrendas catadupas;

Scylla e Carybdes não merecem nome
Apár daquellas, que inda muito distantes,
Sem vistas ser, as carnes arrepiam,
Co' temeroso estrondo

Dos horridos rebombos, que afugentam
Aos seus coviz os brutos espantados,
E os nadadores peixes ao seu centro
Fugindo, asylo buscam;

Milhões de furias do profundo abysmo
Nas agitadas ondas transformadas,
Bem como ardentes legiões que animam
A fervida peleja,

Mas duas rochas furibundas batem,
Volvem, desfazem rigidos penedos,
Entre bramidos e urros, vomitando
Serras de raiva e espumas,

Que ora parece que escalar intentam
Os altos céos, ou já com força incrível,
Com rapido despenho revertendo
Até o Averno descem:

Aqui, aqui, ó barbara desgraça,
Que mal, que grande mal nos preparavas!
Se o anjo tutelar do Rio Negro
A pátria não salvasse;

A figura tomando de hum soldado
Depressa acode ao Gama esclarecido
Que a largos sorvos na funerea taça
Das parcas já bebia:

Graças te damos immortal vivente,
Por tanto bem, mil graças te rendemos;
E tú, dos Luzos ó rainha excelsa,
De longe estende a vista,

A ver trabalhos, que por ti suporta
O melhor dos vassalos, o mais digno
De sustentar a glória do teu sceptro
Em tão remotos climas;

Que a tantos males, e perigos tantos
Se expõe por te servir unicamente,
E faria ainda mais por teu respeito,
Se mais querer podesses;

Que descobertas uteis te offerece,
Empresas, que ainda aqui nenhum tentára,
Serviços d'alto preço, se outro preço
Quizera de os ter feito.

Porém que grande inopinada scena
Se mostra agora aos olhos meus suspensos,
Que immensa multidão surgindo vejo
Desses sombrios bosques?

Dos montes descem já cobrindo as praias
Mil corpulentos vultos bellicosos,
De tangas, de pennachos adornados,
E de urucú tingidos,

Que a brutal desnudez pouco disfarçam
Onde é somente natural o pejo,
Os mais barbaros incolos do globo,
Que cria a zona ardente,

O Mond'rucú feroz que todos temem,
E se de ouvil-o fica o Mura frio,
Á guerra usado, e ao sangue, que derrama
Dos craneos, em que bebe;

Quaes feros Hunos inundando a terra,
Ou como alluvião de grandes aguas,
A toda a parte, em todo o tempo levam
O susto, o horror e a morte:

Mas já deixada em fim a atrocidade,
Mansos e meigos vejo vir chegando,
E as taquáras fataes, ervadas setas,
As massas e os carcazes

Aos pés depôr com reverente aspecto
Do claro heroe da America, do forte
E raro vencedor, que a lei lhes dicta,
E as almas lhes vencera;

As almas, que tégora não podéram
Indomitas soffrer extranho jugo,
Olhando com rancor a trinta lustros
As quinas sacrosantas;

Já, sobre a mãos eterna paz lhe juram,
Leal obediencia; e só por elle,
Por seu respeito, perdoar promettem
A toda especie humana.

Eis, luza Soberana, as novas gentes
Que Gama, o nobre Gama te offerece,
E ao paraense imperio dilatado,
 Já livre de temores,

Uteis amigos, duplicados braços,
Com que extrahir da terra os seus thesouros,
Em cidadãos pacíficos trocados
 Os mesmos bravos tigres.

E tu religião do céo mandada,
Que n'esta acção tiveste a melhor parte,
Eis os novos prosélytos e filhos,
 Que ao seio teu se aggregam:

Tu dirigiste a mão, que os conquistára,
Os meios lhe inspiraste de ti propios
Sem ferro e fogo, (ó nova maravilha!)
 Sem lagrimas nem sangue,

Que Gama poupa só de sangue aváro
Alheio, e não do proprio que despreza,
Pois ama os homens, só detesta o crime,
 Só teme a Deus, que adora;

A fé guardada a terna humanidade,
Liberal, generosa, inexaurível,
Os planos e os recursos do seu genio
 Sublime e poderoso,

As armas foram, que vencer poderam
Estes de bronze tresdobrados peitos,
Virtudes, que, sem outras, bastariam
 Á gloria do seu nome.

Eu vejo ainda, ó quadro precioso!
Eu vejo o seu heroe co'as mãos benignas
Ir elle mesmo socorrer propicio
 A miseros enfermos;

Elle é sensível, grato e compassivo,
O meu heroe não é de pedra dura,
Por humano consegue a melhor croa
Que aos semideoses orna:

Prostrado o vejo aos pés da Divindade
Os seus troféos humilde offerecendo,
Co'a mais sincera e solida piedade,
O mundo edificando.

Modelo em tudo ao resto dos humanos
Tambem de heroe christão merece o nome,
Este nome tão raro em nossos dias
Fataes, tempestuosos:

Tremei, tremei, incredulos profanos,
Almas vis só de estúpida materia,
Que de espiritos fortes o vão nome
Buscaes no crime e no erro,

Que os olhos fitos sobre o baixo lodo,
Se os levantaes ao céu algumas vezes,
É só para insultar a mão potente,
Que o semeou de estrellas;

Insensatos, tremei, que um braço forte,
Um genio vasto, impavido e sublime,
Vos confunde melhor com seus exemplos,
Que quanto Huécio prova;

Desta fonte celeste a força tira,
Que o firme passo intrepido lhe guia
Sem ella não conheço heros completo,
Só ella immortaliza.

E vós divina, singular e illeza,
Immaculada mãe, do empyreo glória,
A quem Gama, com votos reverentes
Consagra eternos cultos,

Vós, a cujo supremo e doce nome
Este illustre mortal reconhecido
Templos erige, altares off'rece,
Magnifico e devoto;

Patrona digna de um heroe piedoso,
Melhor que as falsas fabulosas deosas
Do filho de Pelêo, do astudo Grego,
E do Troiano errante,

Vós prosperae seus dias e successos,
Que sobre as firmes azas da virtude,
Passando além do templo da memória,
Irão além dos astros.

Ao Sñr. João de Mello Lobo, quando naufragou nos baixos da Tijóca, á entrada do Pará.

II

Em vão dos bravos ventos combatido,
Bramar se vê na praia o mar irado;
As furias não abrandam os bramidos
Do denodado Boreas!

Em vão quem da desgraça sente o golpe
Geme, clama, lamenta, desespera,
As lagrimas não curam a ferida
Do penetrante ferro.

De que serviu áquelle, que os presados
Haveres viu roubar-lhe a fatal cheia;
Da cabana, que os Deoses lhe guardam,
Derribar as paredes?

Se a fazenda se vae, existe o nome,
Se um e outro, ainda resta a doce vida:
Cede todos; porém, rindo da sorte,
Alma nobre lhe fica.

Com ella ficam livres as virtudes,
Que o fazem feliz ou desditoso;
Embora diga o vulgo cego e rude
Aquelle é desgraçado.

Não será, certamente, se conserva
O leme da razão, que da tormenta
Seguro o tornará, forçando o remo,
Ao porto da fortuna.

Infeliz o que a perde, que turbado
Das rotas vélas, dos quebrados mastros
Às vagas em tumulto se abandona
Dos empolados mares.

As vagas das paixões que nos figuram,
Em um mal aparente, um mal eterno,
Quando piloto sabes, que succede
A calma á tempestade,

Que da rapida roda, o raio ardente,
Que rasga, que revolve a dura terra,
Não descansa no chão, ligeiro sobe,
E procura outro ponto.

Se em extrema desdita te ponderas,
Espera, amigo, espera nova sorte,
Não afflijas os céos, se das maiores
Desgraças não padeces.

Que disseras, se os olhos entreabrindo
Entre mãos argelinas, vis cadeas,
Perdida a liberdade, a patria, o sangue,
Te viras sem amigos?

Oh que amizade, a candida amizade
É santelmo nos mares da fortuna:
Feliz aquelle que, mudando as scenas,
Os amigos descobre.

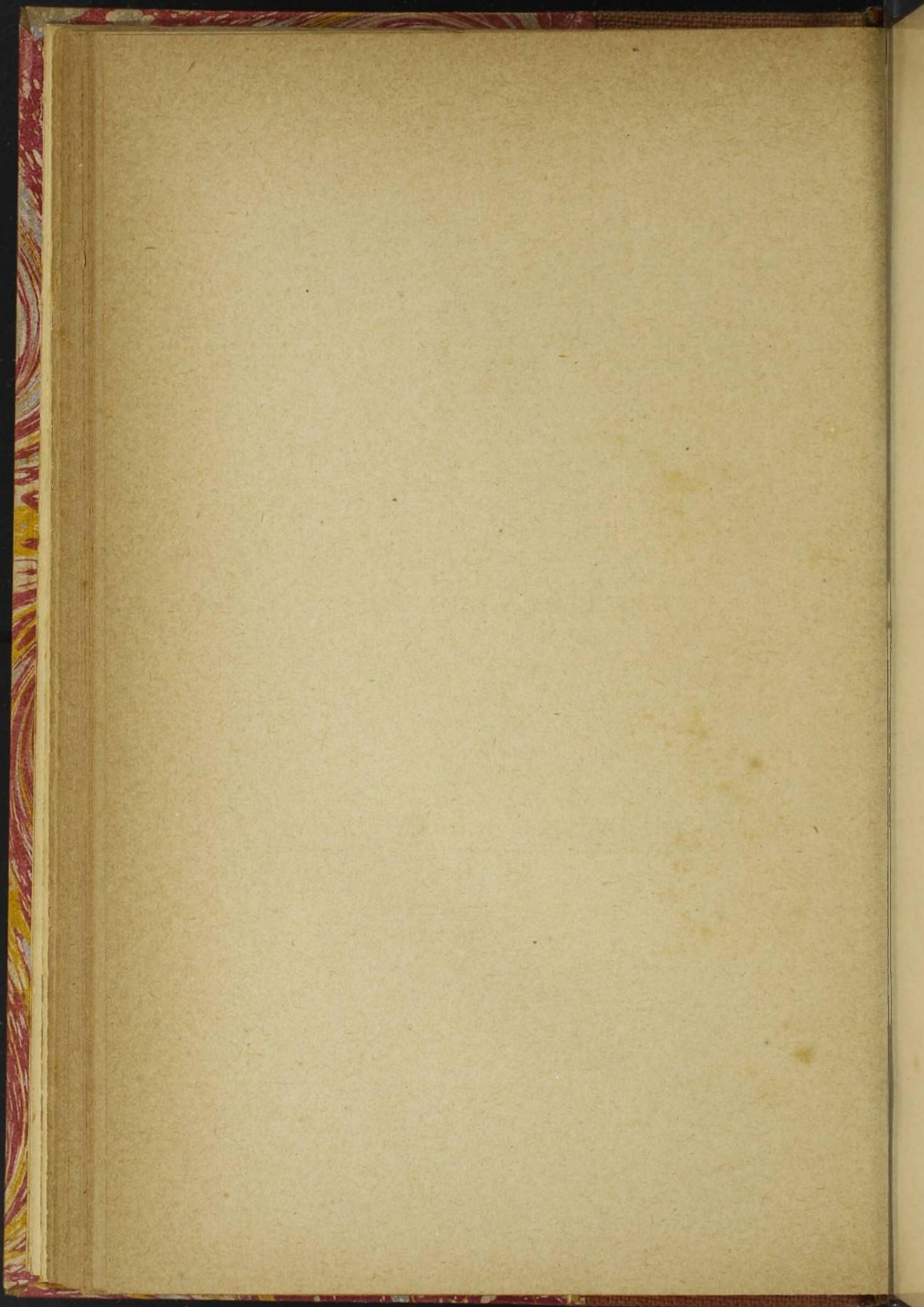
Não digo que gracejes ao aspecto
Dos pacotes rolando sobre as ondas;
Dos tristes companheiros em derrota,
A ermitões reduzidos.

Nem quero que presumas serviria
Em sorte igual meu animo de exemplo:
Eu te mostro o caminho, que encuberto
Te tinha cega mágua.

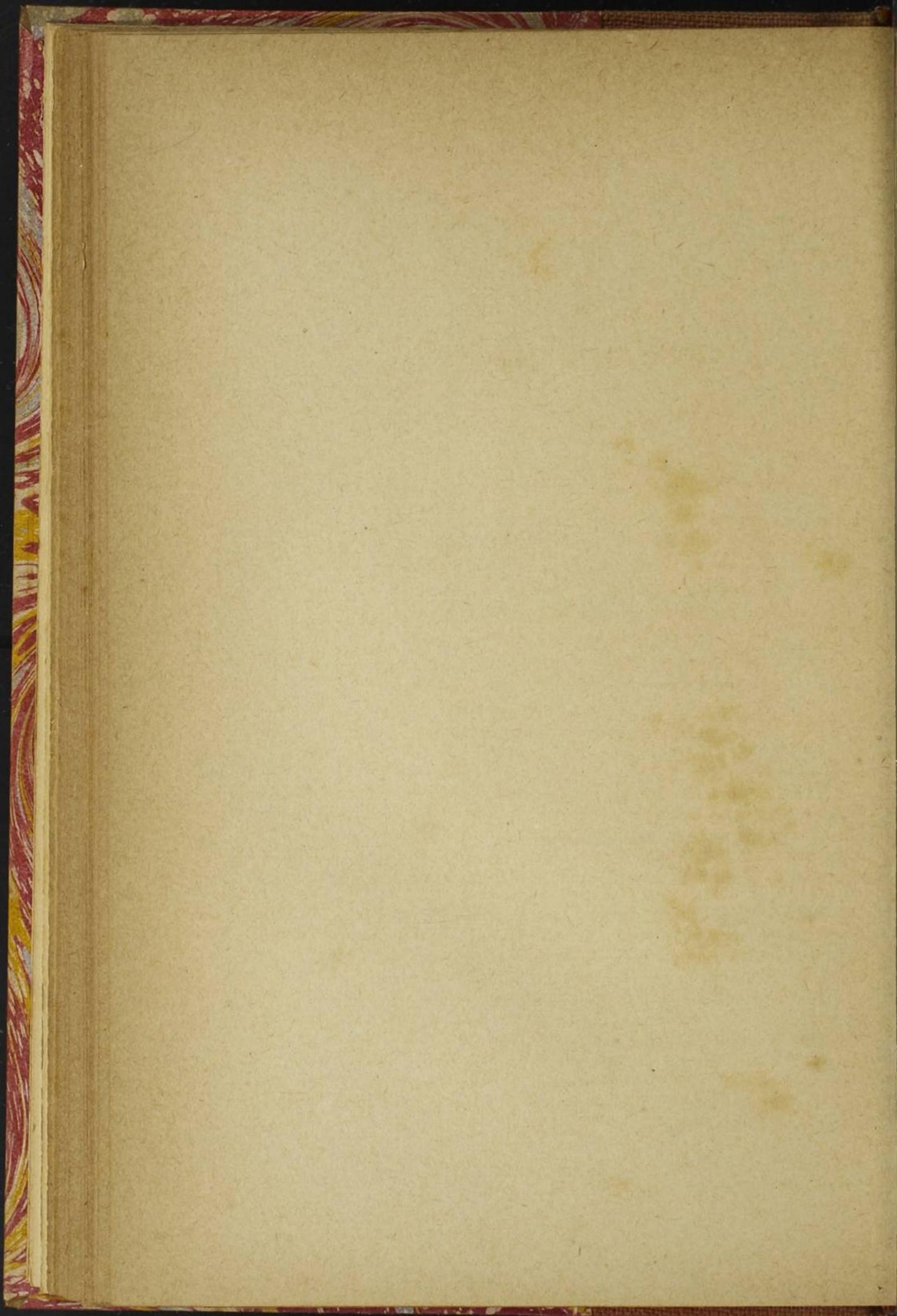
Apára a força da cruel pancada
Em escudo de heroico soffrimento,
Quem de Christo as bandeiras segue firme,
Quem por homem se tem;

E qual viçoso delphico loureiro,
Que ora soffra do inverno o sopro frio,
Ora aperte o verão, não perde a galha,
Não murcha, nem abate.

Assim deve ficar uma alma grande
Já nos mãos, já nos prosperos sucessos,
Assim ganhar a crôa reluzente
Do mesmo louro feita.



JOSÉ ELOY OTTONI



JOSÉ ELOY OTTONI (1)

EPISTOLA

Ao P. Antonio Pereira de Souza Caldas

De um princ'pio, que o move, anima e nutre
Soprando a chama do aquecido engenho,
Batendo as aras da razão liberta
Desprende o vate a suprimida penna
Da força occulta, que lhe tolhe o rasgo
Não teme o vento rugidor, não teme
A nuvem grossa, que o trovão despeja;
Transpondo o espaço, que ás idéas obsta,
Navega afoito sobre o livre espaço.

(1) Nasceu Ottoni na actual cidade do Serro em 1764. Depois de estudar latinidade passou á Italia, donde tornou para Minas a reger uma cadeira de latim. Dahi a alguns annos voltou a Lisboa. — Regressando ao Brazil foi despachado official da secretaria da Marinha, e falleceu a 3 de Outubro de 1851.

[José Elói Ottoni nasceu em 1 de dezembro de 1764. Em Portugal foi secretario da poetisa *Alcipe*, ou D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa de Alorna, Condessa de Assumar e de Oeynhausen (1750-1839).

— Veja sua biografia in *Revista do Instituto Histórico*, XV, ps. 538/539 (2.^a edição); XXX, parte 2.^a, ps. 501/538, por Moreira de Azevedo, e LXV, parte 2.^a, ps. 343/346, por Nelson de Senna. Sua bibliografia, em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, IV, 409/411. Grande parte de sua produção poetica foi recolhida às Coletâneas de Januário da Cunha Barbosa e J. M. Pereira da Silva. — R. G.]

Não cuides Lilia qu'eu avance ousado
Alem da meta circunscripta aos vates:
Da patria amigo, o cidadão respeito,
Respeito as leis, a religião, o estado
Quando cheio de Apollo ás nuvens mande
Meus pobres versos, da desgraça filhos,
O mesmo numen, que os inspira e move,
Bafeja e manda, que inspirados devam
Partir de um ponto que no centro é fixo.
Salvando o golfão, que as paixões exhala,
Sem mancha, livre d'infeccão, seguro
Do bafo crestador, que a mente empola,
Não sirvo ao premio da lisonja escravo;
Arrasto os ferros que os mortaes arrastam.
Eu amo, ó Lilia, e se o amor é culpa,
De ser culpado não s'exclue quem ama.

Não zombe o sabio de me ouvir, attenda,
Escute o sabio a voz da natureza.
As plantas vivem, porque as plantas amam
Ao tronco unidas, quando os olmos brotam
Brotam as verdes, trepadeiras heras.
Não curva os braços verdejantes, ergue
Soberba o colo, demandando as nuvens,
A palmeira recebe, acolhe, afaga
Suspiros ternos que a saudade envia
No bafo meigo do amator distante.
Se o fido esposo, que de longe exhala
O suco ethereo, que vegeta e nutre,
Cedendo á força malfazeja expira;
A esposa, logo que a exhalar começa
Do fluido exhausto o deprimido alento,
Sequiosa pergunta, affavel pede
Noticia ao vento, que lhe nega e foge,
Não vive a esposa, quando o esposo acaba,
Perdendo a força nutritiva, perde
O vigor da união, que a enlaça e prende;
E do esposo chorando a perda infausta,
Convulsa treme, solitaria morre.

Reflecte, ó Lilia, nos purpueros gomos,
Fecunda prole do virgineo fogo,
Que accende o pejo da engraçada Flora.
Vê, como a força vegetal rebenta!
A aurora ha muito que bafeja o leito
Da florifera Venus, do engraçado
Formoso Adonis, que em consorcio unidos
Prestavam firmes os sollemnes votos,
Qu'exige a prole de brincoens amores.
Depois que a tocha nupcial accende,
O purpureo hymineo dá vida ás flores,
Acode aos gomos, e rebenta o germen.
Não pára o fluido, os filamentos incham,
Rebenta o calis, e os amantes soltam
Do peito o aroma que perfuma os ares.

Oh santa, oh justa, oh sabia natureza!
Como é possível desligar-se um ente,
Que á mesma especie do outro ente é unido!
Os volateis no ceo, no mar os peixes,
O pequeno reptil, o insecto informe,
Os entes do Universo... ou nada existe,
Ou cada especie á sua especie é unida.
E se um ente mais nobre existe, o homem,
Se ãa hydraulica mais sublime o nutre;
Qu'efficaz attração, que força activa
Dispõem de um ente, que o autor dos entes
Manda que impede aos entes do Universo,
Não por orguho, sim por excellencia
De um principio, que o move, anima e nutre.

LYRAS

I

Eu te adoro, meu bem; aos teus altares
Humilde eu mando arabico perfume,

Que em solta nuvem de enrolados globos
Ao throno chegue de propicio nune.

Mas ó presagio triste!

O Ceo negro troveja.

Roxo corisco fende o ar nublado:

E o corvo grasna do sinistro lado.

Acode, ó bella, se o teu astro brilha,
Se os nautas clamam — deusa, não te escondas,
Naufrago lenho sobre estranho pêgo
Vence atrevido as empolladas ondas,

A quem te implora, acode;

Eu, que assiduo te imploro,

Que os teus altares reverente vejo,

Serei... ó dôr! a fabula do Tejo?

Denso vapôr electrico discorre

Ingrata via sobre os tôrvos ares;

Manda que o meu batel naufrague

A mão, que enfreia e que serêna os mares.

De mal accito culto

A reluctante chamma

Suffocada dos ais que amor desconta,

Não se apaga, não morre, ao ceo remonta.

Que eu toque a meta do desprezo altivo,
Que eu banhe as faces de amargoso pranto,
Tu pôdes conseguir; porém não pôdes
Proibir-me de amar; não pôdes tanto.

De orgulhosa vingança

O peso não me opprime:

Se me desprezas, digam se te adoro

Os ais que arranco, as lagrimas que choro.

Este fragil batel, ás ermas praias

Do fulvo Tejo a tempestade lança,

O meu naufragio ao pescador aponta,

Depois de calmo o vento, o mar bonança.

De livido despojo
Os caracteres leia.
Mostrem-lhe o caso de inexperto amante
A rota quilha, o remo fluctuante.

O echo, que o teu nome repetia,
Quando o teu nome ao echo eu ensinava,
Ferindo agora lugubres accentos
Repete o mesmo, que elle então cantava.

E quando entre suspiros
O queixoso amador
— Analia... Analia — diz — vem a meus braços:
Retumba — Analia — sobre os vitreos paços.

As tagides de pejo confundidas,
De susto o pescador arrebatado,
Ouvindo — Analia — ficaram suspeitos,
Qual muda rocha d'outra rocha ao lado.

E mal a negra noite
Estende o manto escuro,
Viram piar ao sitio sobranceiras
Nocturnas aves, aves agoureiras.

Tempo virá, que vendo procurado
Sobre ésta praia algum vestigio humano,
O naufragio de amor dê nome á praia,
Fique a praia do tardo desengano;
E os ultimos fragmentos,
Que á posthuma lembrança
A mão fraterna de piedade ajunta
Irão jazer no templo de Amathunta.

Perdoa, ente de amor, se a formosura
Ingrata sempre ao coração responde;
Ou não existe o Creador influxo,
Ou se o creaste, dize-nos, aonde?
No peito de uma ingrata
Jamais existe amor.

II

Da innocencia e da candura
Scintilla o foco brilhante;
Arde a tocha fulgurante
Que symbolisa hymineo:
Acodem risos de Venus,
Em grupo graças e amores,
Da terra abrolham as flores,
Goteja orvalho do ceo.

Recostado o rio ameno,
Que fecunda estas campinas
Vai retratando as boninas
Sobre o liquido cristal.
Dos augustos ascendentes
Falta o doce, patrio abrigo!

De oliveira tronco antigo,
Falta o leito nupcial!
Aos ardores com que o sol
Tinge a côr da zona ardente,
Suppre o animo innocente
Do moço braço e gentil:
Banha o lucido cruseiro
Novo gráu de claridade
Aos effeitos da saudade
Suppre a gloria do Brazil.

Eis a esposa... Como é pura!
Entre as virgens como é bella!
Eis o heroe, que é digno della!
Já brilha a estrella do sul:
Ao vêr o rosto suave,
Que mitiga a Iberia o pranto
Desdobra Thetis o manto,
Bordado d'oiro e de azul.

É mais bella do que o ramo,
Que jámais as flores perde,

Aonde insecto auriverde
Brilha junto ao caracol;
É mais gentil do que o cedro,
Quando a casca o germe empola,
Mais inocente que a rola,
Quando geme ao pôr do sol.

Abre o caminho á virtude,
Gradas espigas lhe lança,
Ao regio lado a esperança
Bafeja fructos de amor;
Sente a America o preludio
De movimento suave,
Que nas mãos lhe põe a chave
De imperio culto e maior.

Volvendo os fastos de Lysia
Entre os mysterios, que adora,
Ha muito um riso d'aurora,
Este successo prediz;
O natalicio, que o Tejo
Inda recorda saudoso,
Foi annuncio pressuroso
D'este consorcio feliz.

Na belleza do Universo
Formam as leis da harmonia
Simplicidade, alegria,
Que nascem do coração.
Ás núpcias da natureza
O mar e a terra assistiram
Todos os entes sentiram
As leis geraes da attracção.

Assim na infancia priméva
Que o pintor do Eden cantava,
Por entre as flores raiava
A innocencia do jardim;
Como um arroio abundante,

O mel e o leite corria,
 O genio da paz tecia
 Festões de murta e jasmim.

Eis o berço de verdura
 E assucena matisado,
 N'este sitio affortunado,
 Que o Eden o par descantou!
 De ouro e purpuras fulgente
 A natureza vestiu-se.

.....

 III

Por mais que a lyra eu ajuste,
 Por mais que as cordas affine,
 A voz da lyra enrrouquece,
 O som das cordas não tine.

Immortal filha de Jove,
 Para que me deste a lyra?
 Si o teu vate as cordas fere,
 Em vez de cantar, suspira!

Apenas ajusta o canto,
 Unido ao som do instrumento,
 Treme a voz, e a mão cançada
 Manda o som disperso ao vento.

Se à força dos ais, que arranco,
 Solto um ai do peito fóra,
 O echo não me responde,
 E quando responde, chora.

Queres que a mente inspirada
 Se ocupe de amantes queixas?

E o canto alegre dos hymnos
Se torne em tristes endeixas?

Um genio os passos me guie
Sobre os campos matisados
De frescos lyrios, que, ao longe,
Pareçam grupos nevados.

IV

Josino a Pastora
Que adoras, é bella?
— Não é tão formosa
De Venus a estrella. —

Os olhos despedem
Viveza e calor?
— São mais poderosos
Que as settas de amor. —

Pois ferem, pois matam,
Dizei-me, o que sentes?
— Não matam, não ferem,
Mas são eloquentes. —

Os olhos que exprimem,
Que podem fazer?
— A uns fazem magoa,
E a outros prazer. —

E logo figuram
Dois raios que ferem?
— Figuram brilhantes,
Que fallam, se querem. —

Dizei-me, das faces
A côr é mimosa?

— É um mixto de neve
Com folhas de rosa. —

Tal vez de artificio
Proceda a mistura?
— Pastora innocente
Não ama a pintura. —

Se as faces desmaiam;
Depois não melhoram?
— Desmaiam de susto,
De pejo se coram. —

A côr de seus labios
Mudança não sente?
— Não mudam de côr
Rubins do Oriente. —

A bocca tem todos
Os dotes precisos?
— A bocca é thesouro
De graças e risos.

E os dentes parecem
De jaspe ou marfim?
— Excedem n'alvura
Da Italia o jasmim. —

Figura-lhe o collo,
E o seio descreve.
— É um golfo de amores,
Duas ilhas de neve. —

Os braços, que são?
Responde, Pastor.
— Porções de alabastro,
Cadeias de amor. —

O gesto, a figura,
O talhe é garboso?

— Tem mais gentileza,
Que o cedro frondoso. —

Que seja o retrato
Tal, eu não creio.
— A origem não mente,
Do céo é que veio. —

Se o nome lhe occultas,
Eu mais não prosigo.
— Prosegue; o seu nome...
Perdoa, não digo. —

Ao menos impresso
Não tens no cajado?
— É sobre o meu peito,
Que o tenho gravado. —

V

O ceo, — quem é que não sente? —
Quiz a bem da humanidade,
Que fosse a maternidade
O sacerdocio de amor.
Deu-lhe a voz do sentimento,
Os affectos da ternura,
Deu-lhe o dom de creatura
Semelhante ao Creador.

Se vinga o fructo, que nasce,
De ternos suspiros seus,
Então se assemelha a Deus
Na imagem, que reproduz.
Que dignidade! Estremecem
Os Anjos, a natureza,
Vendo a origem da nobreza
Tão discreta como a luz.

E cabe ao ente mais nobre
No seio de amor nutrido,
Roubar ao recém-nascido
O que a ternura lhe deu!
Assim no embate violento,
Que o mundo moral sentia,
Fugiu do centro a harmonia,
E nas trevas se escondeu.

Lá se escuta ao som do vento
Na solidão pavorosa
De uma noite tenebrosa
Um innocente gemer...
Que tigre de raça humana
No maior agastamento
Pode ouvir este lamento
Sem jamais se enternecer?

N'este recinto innocente,
Onde amor com as graças lucha,
Pois que a miseria se escuta,
Este clamor escutei:
"— De que nos serve a existencia?
"A mão que pode dar vida,
"Se torna sempre homicida,
"Se do interesse faz lei.

"Pequeninos... no regaço
"De calor desconhecido,
"Expostos...! —" E n'um gemido
Esta voz emmudeceu.
Novo clarão de esperança
Que abre o genio bemfazejo,
Por quem chora e vive o Tejo
Sobre o recinto desceu.

Exultai, ó pequeninos,
Aurora de novo dia
De longe vos annuncia
O da existencia prazer.

Sentireis calor tão puro,
Como o sol, quando enche os vales.
Á noite de antigos males
Nova luz vai succeder.

Lyra, se a Augusta Princeza,
Que tu cantas e eu contemplo,
Nos mostra a seu lado o exemplo
De ternura maternal...
Este argumento é mais nobre,
Que o teu som pequeno e rude,
Elle descobre a virtude,
Que liga o bem social.

SONETOS

I

Quando o genio de Lysia á foz do Tejo,
Mostrando a espada e loiro aos pés do Throno,
Tropheos de luza gloria arranca ao somno,
Em qu'a Europa jazia, oh dor! sem pejo;

Quando filha de amor, mãe do desejo,
A saudade em pranto, em abandono
Vendo o berço de heroes, patria, sem dono,
Das cinzas fez brotar valor sobejo;

Quebrou-se o nó, qu'a frouxa Europa atava;
E o Brazil vendo o Principe, qu'adora,
Vem, Princeza, a teus pés depôr a aljava.

Feliz o Tejo então, feliz agora!
Se então era feliz quando gozava,
Agora é mais feliz quando te chora!

II

Sonhei, Marilia, que com tigo estava
Que o terno Honório alegre me dizia:
Meu pai! apenas este nome ouvia,
Suspenso nos meus braços o apertava.

Que a pequena Eduvigés reparava
No meu semblante: como que sorria;
Que os braços amorosa me estendia
E que eu chorando as faces lhe beijava.

Antes Marilia, o sonho eu não tivera!
Nos braços da saudade despertava,
Porém dor tão pungente não soffrera;

Sonhei, Marilia, o que antes não sonhara,
Pois passando de um gozo ao que não era,
Sem filhos, sem Marilia não me achava.

III

Marilia, mal formados caracteres
Apenas eu te envio; aos patrios lares
Uma cópia darás de meus pezares,
Um retrato de meus fieis deveres.

Vai oh carta feliz, não consideres
Que tens de atravessar soberbos mares!
E quando o paço de Marilia entrares,
Beija-lhe a mão formosa, se poderes.

De mim talvez Marilia se condoa...
Dize-lhe?! eu venho do formoso Tejo
Dize-lhe... oh! dor!... eu venho de Lisboa!

Quanto! oh carta feliz, quanto te envejo!...
Vai... arranca-lhe um ai magoado... v^oa
Nas brancas azas de um feliz desejo.

IV

Era um sitio de rosas matizado,
Aonde amor depondo a prenhe aljava,
Da terna m^ai nos bra^ços descansava,
Deposta a venda, o arco desarmado.

Apezar da esta^ço, risonho o prado,
Risonha toda a natureza estava,
Por lei de Jove o tempo respeitava
Um dia que era a Venus consagrado.

O mesmo travesso suspendia
Da bocca o riso, quando a m^ai formosa,
Afangando-o nos bra^ços lhe dizia:

“Faz annos Carolina virtuosa,
“Vamos colher em honra deste dia
“Em Chypre a murta, em Amarantha a rosa.”

V

Portuguezes! A nuvem tenebrosa,
Qu'offuscava a raz^o desaparece,
Desfez-se o cahos que a discordia tece:
J^a se encara sem medo a luz formosa.

Dos erros a prog^ênie maculosa
Baqueando em solu^ços estremece,
A justⁱça dos c^os ao throno desce,
Marcando os fastos ^a na^ço briosa.

Lysia, berço de heroes, oh Lysia, alerta,
Cumpre que os ferros o Brazil arroje
Seguindo o impulso que a razão desperta.

A expressão de terror, desmaia e foge
Graças á invicta mão que nos liberta
Escravos hontem, sois romanos hoje.

VI

Sinistro agouro do mortal quebranto
No pavez andaluz erguia o brado;
O da Iberia leão como assanhado,
Rugiu, estremeceu de horror, d'espanto.

Perfidia e susto desdobrava o manto
Que envolve e aquece a purpura e cajado,
O Tejo sobre a urna recostado
Com a mão no rosto viu da Iberia o pranto.

Da virtude as primeiras corrompendo,
Rapido impulso de contagio forte
Em Lysia faz que soe o grito horrendo.

O furor da explosão ribomba ao norte,
E o Brasil, por salvar-se, a voz erguendo,
Proclama o grito "Independencia ou morte!"

VII

Para as poesias deste mineiro, que publicamos de p. 29 á 44 do presente volume servimo-nos de impressos modernos, que não concordam em tudo com as primeiras

edições, segundo a confrontação exacta que posteriormente fizemos. — Dessas primitivas edições possuímos quatro folhetos, a saber: 1.º “Poesia dedicada á condessa de Oeynhausen.” — Lisboa, na off. Patr. 1801, 30 paginas 8.º; 2.º “Analia de Josino.” — Em Lisboa, off. Patr. 1802, 30 pags. 8.º; 3.º “Drama allusivo ao caracter e talentos de M. M. de B. du Bocage.” — Lisboa, imp. regia, 1806, 15 pags., 8.º — 4.º “Á Seren. Princesa de Beira Nossa Senhora por ocasião do seu faustissimo consorcio, etc.” — Rio de Janeiro, imp. regia, 1811: 16 pags. — A lyra I da nossa pag. 31 a 33 é a 2.ª da “Analia de Josino”, e deve ter no fim mais os dois seguintes versos:

“Vindouros aprendei, que eu vos ensino,
Qual foi a sorte do infeliz Josino.”

Na lyra II (pag. 34 a 36) dedicada á Princesa da Beira, devem ler-se depois das nove primeiras estrofes ou oitavas as duas seguintes, conforme a edição original de 1811:

Sae das mãos do Creador,
Como sae da obra o sello
O par, que fora modello
De sensação virginal.
No mesmo instante s'ouviram
Sabias leis da natureza,
Ligou-se amor e belleza
Com harmonia social.

Era o berço de verdura
E assucenas matizado,
N'este sitio afortunado
Do Eden o par descançou:

De ouro e purpura fulgente,
A natureza se veste
O Paranymphe Celeste .
O Epithalamio cantou.

Na lyra IV (pag. 37 a 39), 1.^a da “Analia de Josino” faltam duas quadras: a 1.^a depois da 14.^a:

Se o todo é perfeito,
Em que base se move?
É sobre dois pontos
E a obra é de Jove.”

A outra no fim da lyra, é como segue:

“O numen que adoras
Te abraza e consome;
Que é numen tu sabes;
Analia é o seu nome.”

Na lyra III (pag. 36 e 37) ha tão notaveis variantes que preferimos reproduzil-a:

Por mais que á lyra me ajuste,
Por mais que as cordas affine,
A voz da lyra enrouquece,
O som das cordas não tine.
Immortal filha de Jove,
Para que me dêste a lyra?
Se o teu vate as cordas fére,
Em vez de cantar suspira.
Apenas o canto ajusta
Unido ao som do instrumento,
Treme a voz, e a mão cançada
Dando o som disperso ao vento.
Se á força dos ais que arranco,
Sólto um ai do peito fóra,

O écco não me responde,
E quando responde, chora.
Queres, que a mente inspirada
Se occupe de amantes queixas?
E o canto alegre dos hymnos
Se torne em tristes endeixas?
Eis que abrindo o seio á nuvem
Rasga celeste clarão:
Sobre ardente espaço corre
Luminosa exalação.
Os meus ultimos accentos
Se interrompem de um desmaio
Mais veloz, que a chamma ardente,
Inda mais veloz, que o raio.
Baixa então do Olimpo a Musa,
Desperta, me diz mortal,
Vê, que a força te protege
De mão sobre-natural.
Não desmaies, eu t'inspiro;
Se te fraquêa o valor,
Aqui tens na taça o nectar
Contra-veneno do amor.
Disse: mal empunho a taça,
Não gyra o sangue nas vêas
Tão violento, como gyram
Em borbotão as ideas.
O mago encanto, a beldade,
Que os meus suspiros accende,
Profane agora os decretos,
Que a mão de Jove despende.
Amor as trégoas ordena:
E do despojo, que ajunta,
Vai erguer troféos no templo
De Pafos e de Amathunta.
Um genio os passos me guia
Sobre campos matizados
De frescos lyrios, que ao longe
Parecem gruppos nevados.
Sob um docel de verdura
Tecido por mão campestre

Matrona de aspecto grave
Tinha a mão o livro-mestre.
Volvendo as folhas mostrava
Característico emblema,
Que representa em figura
Das estações o systema.
Em grande circulo estavam
No plan'isferio indicados
Aquelles dias, que foram
Por mão de Jove marcados.
Solar agulha, que as horas
Reparte ao dia, apontava
O mais solemne dos dias,
Que o frio Inverno guardava.
Do livro annoso pendia,
Voltando a um e outro lado
A vista alegre e risonha
De um velho grave e rosado.
Até que em fim desatando
A voz o Numen Celeste,
De nova murta auri-verde
Toda a campina se veste.
Correi os reinos, que formam
Do meu poder a grandeza:
Correi (dizia a Matrona)
Os reinos da Natureza.
É curto o espaço, que tem
De meus dominios o nome,
Para gozar um prazer,
Que o tempo audaz não consome.
Hoje as virtudes remóçam,
Remóçam hoje os humanos,
A Natureza remóça,
Porque hoje Analia faz annos.
De aroma os arcs se toldam,
Retumbam hymnos suaves:
E a ouvir-lhe o nome, estremece
De gosto os peixes, e as aves.
As fêras tornam-se humanas:
Como em penhor do que ouviram,

Os entes mudos se movem,
Os insensíveis respiram.
Todo em prazer embebido
Eu sinto impulso mais fôrte,
Que vem quebrar as prizões
Do meu sublime transporte.
Formosa Analia, os teus olhos
Movem toda a Natureza:
Tu és o encanto de amor,
Tu és de amor a nobreza.
Mas dignos vates te cantem:
A minha voz é pequena;
E a musa, que m'inspirava,
Que cesse o canto me ordena.
Do verde loiro não quero
Por premio a fronte adornada;
Mór premio, Analia, seria
Beijar-te a mão delicada.

Do primeiro dos folhetos mencionados aproveitamos
a seguinte:

IV

Cantata

Ao Dez. M. J. de A. T.

De soltas vagas, que batem,
Rebentam gruppos d'espuma;
De magoa o sangue costuma
Nas frias veias gelar.
Aonio parte, e saudoso
Josino fica a chorar.

Respira brando susurro
De rouxinol, que se queixa,
Do fulvo Tejo a madeixa
Começa o vento a espalhar.
Aonio parte, etc.

Prudente nauta suspira
 Ao som de rouco trovão,
 Varre o luso pavilhão
 A superficie do mar.

Aonio parte, etc.

Da curva praia os delfins
 Já vão puxando o batel,
 Debalde um peito fiel
 Pretende o pranto enxugar.

Aonio parte, etc.

Qual niveo cisne, branqueja
 O solto pano infunado,
 O lenho desancorado
 Principia a manobrar.

Aonio parte, etc.

Enquanto nutre a amizade
 De puros vótos o effeito,
 Suspiros ferem o peito,
 E a celeuma fére o ar.

Aonio parte, etc.

Os ais, que voam dispersos,
 Em solto pranto envolvidos,
 Depois que vão, reflectidos
 Vem ter ao mesmo logar.

Aonio parte, etc.

Ceruleo Numen encosta
 Á tona d'agua a cabeça:
 Manda ao noto, que adormeça,
 Em quanto o Euro soprar.

Aonio parte, etc.

De pont'agudos rochedos
 Desvia o toque inimigo
 A mão, que marca o perigo,
 Para o saber desviar.

Aonio parte, etc.

As brancas velas se allongam
 Da foz amena do Tejo:
 De incauto, ardente desejo
 Começa o fogo a atear.

Aonio parte, etc.

Vai, affeito bergantim,
Contra o auspicio de Juno,
Ver nos braços de Neptuno
Fria Ursa resonar.

Aonio parte, etc.

Verás na zona crestada,
Que adusta ao trópico avança,
Aonde Thetis descança,
E Phebo vai repousar.

Aonio parte, etc.

Patente, aberta enseada,
Dos genios santos cortejo, (*)
Verás de gosto sobejo
Na curva quilha beijar.

Aonio parte, etc.

Verás, que ao filho de Themis
A toga apenas encara,
Humilde beija-lhe a vara,
Que recto deve empunhar.

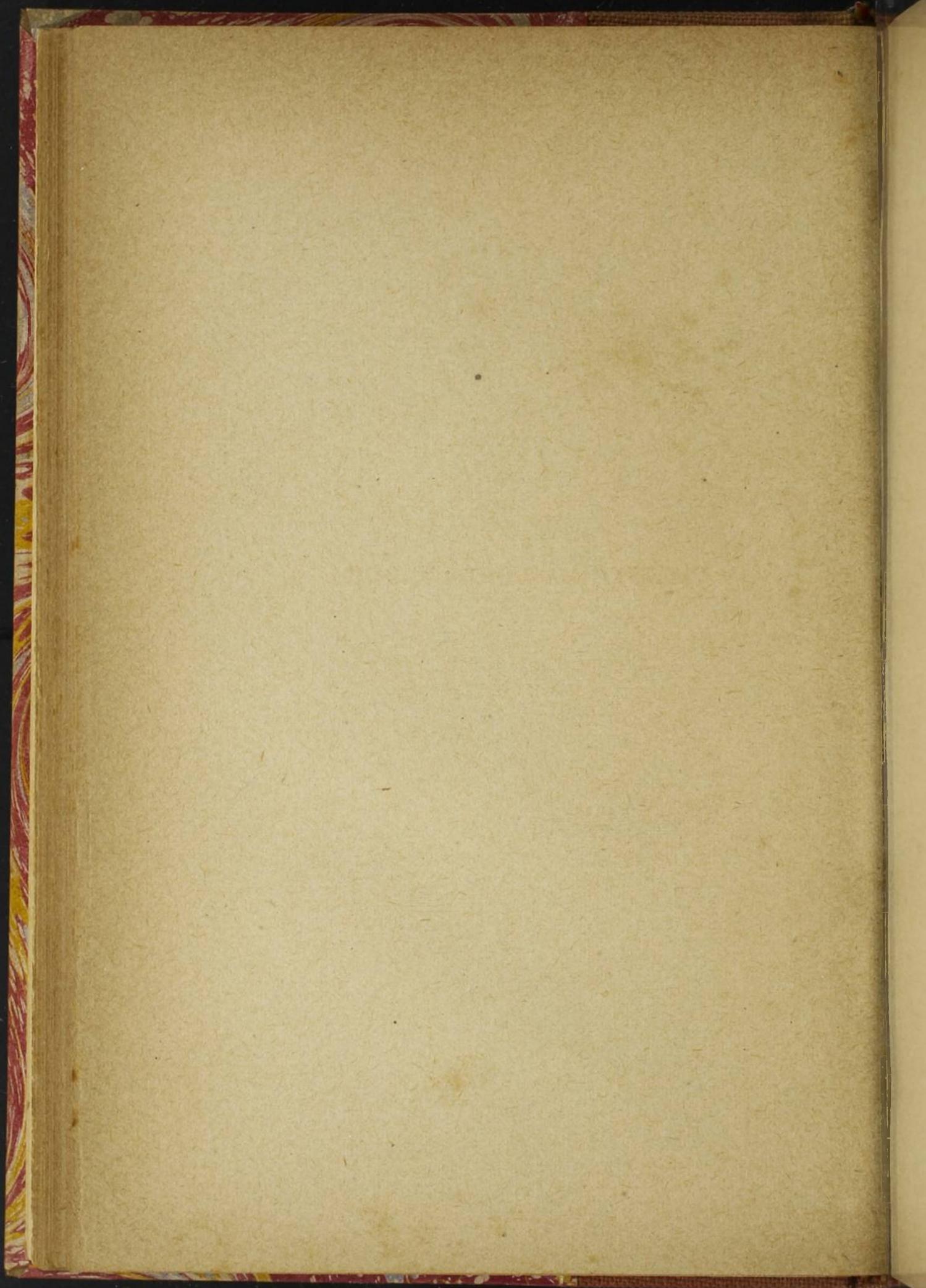
Aonio parte, etc.

Mas oh! saudade cruel!
Por mais que a vista remonte,
Mal diviso no horizonte
Raza nuvem branquejar!

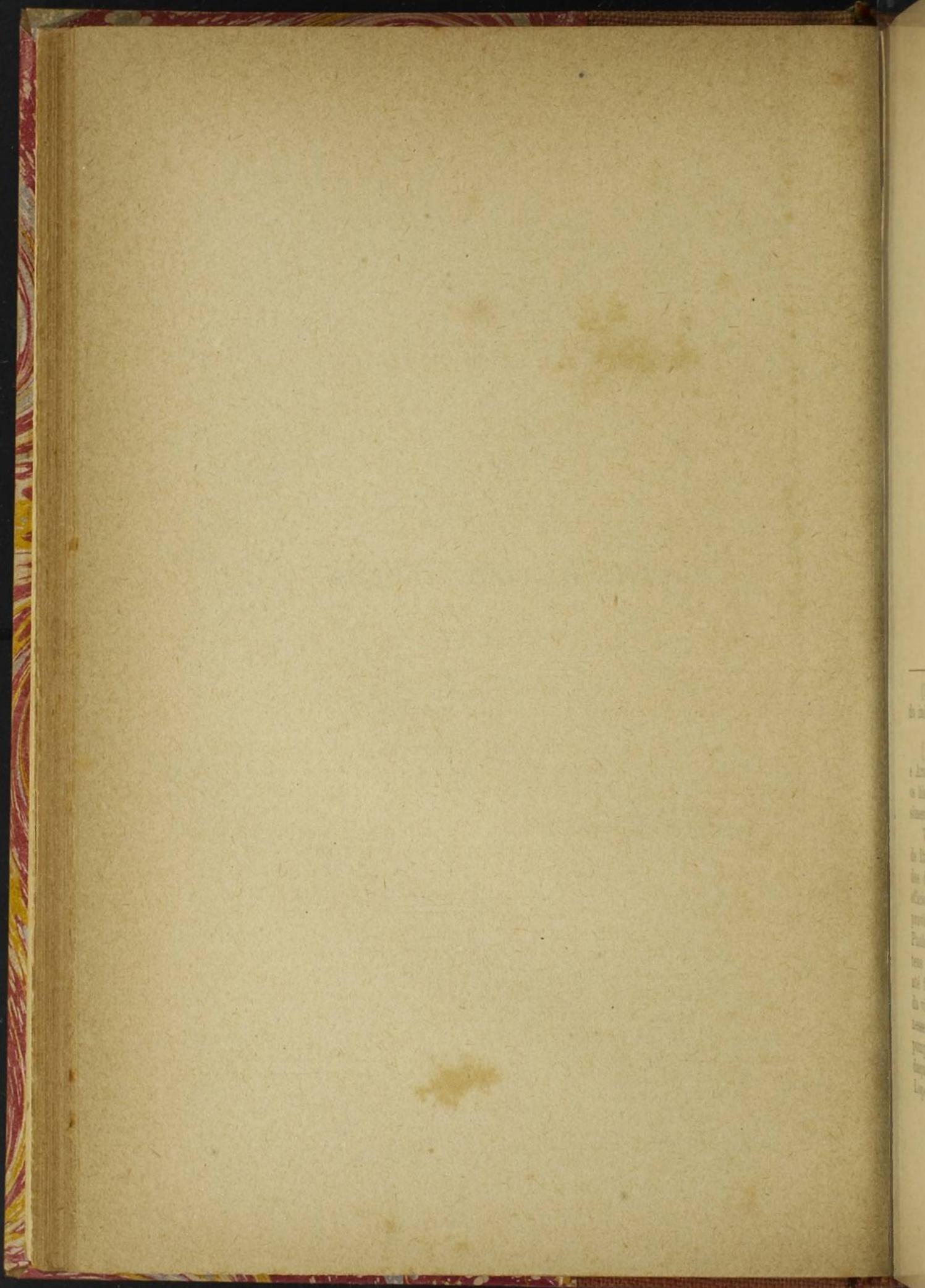
Aonio parte, etc.

Se acaso allivio procuro,
E a novo objecto me encosto,
Não vejo mais que desgosto,
Não vejo mais que pezar.
Adeos, Aonio: saudoso
Josino fica a chorar.

(*) A Bahia.



VICENTE DA COSTA JAQUES



VICENTE DA COSTA JAQUES (1)

*Memento homo qui pulvis est, et in
pulverem reverteris.*

Soneto

Lembra-te, oh homem! que és de pó formado,
Fragil materia a quem destroe o vento;
És homem por effeito de portento,
Sendo homem serás em pó tornado.

(1) Consta que era natural de Itú. Tanto da poesia, como do individuo faltam-nos informações autenticas.

[Vicente da Costa *Jaques*, ou Vicente da Costa *Taques* (Góes e Aranha). Erro de imprensa — *Jaques* por *Taques* — em que os historiadores da Literatura brasileira nunca repararam, e que sòmente agora se revela.

Vicente da Costa *Taques* Góes e Aranha teria nascido na vila de Itu, cerca de 1749, porque, segundo declara, findou seus estudos de Filosofia de idade de vinte anos, e logo foi provido no officio de juiz das medições da vila, por nomeação da Câmara, e provisão do Governador e Capitão-general da capitania de São Paulo Luis Antônio de Sousa Botelho e Mourão, Morgado de Matheus (1765-1775), e exerceu o cargo desde 1769 por cinco anos, até fins de setembro de 1775. Em 1777 serviu de juiz ordinário da vila por eleição de barrete, e em 1778, por eleição de pelouros; nesse ano fez no Itu os funerais do rei D. José I com a maior pompa; em 20 de outubro de 1779 foi promovido a Capitão-mor daquela vila por patente do governador da capitania Martim Lopes Lobo de Saldanha (1775-1782), confirmada em 5 de de-

Séria experiencia te tem já mostrado,
Que deixas de ser homem n'um momento,
Ou já soffrendo de um longo mal violento,
Ou já de um leve sopro dissipado.

zembro de 1780. No exercício dêsse cargo, Vicente da Costa Taques prestou notáveis serviços, entre os quais o principal foi o de fazer capturar um grande quilombo nas estradas que seguiam para a província de Cuiabá, custeando tôdas as despesas da diligência. — (*Documentos biográficos*, Secção de Ms. da Biblioteca Nacional, C. 29 — 11).

Em 1780 casou com D. Alda Brandina de Cerqueira Melo, filha do guarda-mor Calixto do Rego Sousa e Melo e de D. Maria de Cerqueira Páis. — L. G. da Silva Leme, *Genealogia Paulistana*, IV, ps. 66, São Paulo, 1904.

Desse consórcio nasceram quatro filhos e uma filha, esta que veio a casar com o Sargento-mor de Ordenanças João de Almeida Prado; os filhos foram: Martim de Melo Taques Góes e Aranha, capitão de milícias; Bernardo Luis Gonzaga Góes e Aranha, capitão de ordenanças; Manuel Floriano Lara Góes e Aranha, professor de Gramática latina e Francisco Xavier de Lara Góes e Aranha, àquele tempo ainda não estabelecido. — (*Documentos biográficos* citados, C. 47 — 8).

Os dois primeiros eram senhores de engenhos bem principia- dos; os dois outros eram poetas, e suas produções se encontram juntas aos mais papéis de seu pai na Biblioteca Nacional.

Em agosto de 1822 Vicente da Costa Taques apresentou-se em São Paulo ao Príncipe D. Pedro. Afonso d'E. Taunay, *Annaes do Museu Paulista*, III, ps. 361/384, relata a cena do encontro entre os dois, o Príncipe não contendo um frouxo de riso ante o uniforme antiquado e espaventoso do capitão-mor, e este, como no caso de Araribóia com o governador Antônio de Salema, respondendo com dignidade: — "Saiba V. A. R. que com esta mesma farda, durante dezenas de anos, servi aos seus augustos pais, avós e bisavós." E retirou-se altivamente, obrigando D. Pedro, arrependido da grosseria cometida, a mandar pedir-lhe desculpas.

Por uma portaria da Secretaria do Estado dos Negócios do Império, de 11 de junho de 1823, foi recomendado ao Capitão-mor de Itu, de ordem do Imperador, que por todos os meios occultos que estivessem ao seu alcance, procurasse conservar debaixo da maior vigilância ao Padre Diogo Antônio Feijó, ex-deputado pela província de São Paulo às Côrtes de Lisboa, por ser constante a S. M. I., que êle, aos sentimentos anárquicos e sediciosos de que

Que resta, oh! homem, pois? fitar a vista
 No quadro, que te offrece a eternidade
 E o céo só deve ser tua conquista,

Ama a virtude, detesta a impiedade
 Olha que a morte muito pouco dista
 E tens nas cinzas as provas da verdade.

Gloza

Creado o céo por Deus, creada a terra,
 El separada a luz da sombra escura,
 Creado tudo quanto o Globo encerra,
 Em obra mais perfeita Deus se apura,
 Na substancia de elevada serra
 De que Deus organiza a creatura

era revestido, unia a mais refinada dissimulação, da qual sem dúvida resultaria grande perigo à tranquilidade e união dos povos daquela fidelissima comarca, se não se empregassem tôdas as cautelas na sua pernicioso influencia; e outrossim, que informasse pela mesma Secretaria sôbre qualquer resultado que obtivesse de suas investigações. Em cumprimento dessa ordem, o capitão-mor declarou as providências tomadas e a vigilância que tinha exercido em relação à conduta de Diogo Antônio Feijó, morador na vila, alvitando que o govêrno fizesse sair dela o dito Padre, que devia ser chamado à Côrte, onde poderia reformar-se. (*Documentos biográficos citados*).

Afonso d'E. Taunay, no artigo *supra* indicado, transcreve uma interessante carta de Vicente da Costa Taques, datada de Itu, 6 de janeiro de 1812, ao Dr. Estêvão Ribeiro de Resende, o futuro Marquês de Valença, a qual acompanharam umas glosas de sua lavra poética, dedicadas ao nascimento no Rio de Janeiro, a 4 de novembro de 1811, do príncipe D. Sebastião, primogênito e único da Princesa da Beira D. Maria Teresa e do Infante de Espanha D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança.

Em setembro de 1823 Vicente da Costa Taques foi agraciado com o hábito de Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro.

De seu retrato, pintado por Hercules Florence, possuem cópias os Museus Paulista e Histórico Nacional. Vicente da Costa Taques Góes e Aranha faleceu em Itu, a 12 de outubro de 1825.

— R. G.].

De humilde barro foi Adão gerado,
Lembra-te, oh! homem, que és do pó formado.

No sopro, que lhe deu o Omnipotente,
Espirito vitas logo lhe inspira,
O que ha pouco era barro, é agora um ente
Com alma racional que o respira,
Mas seduzida Eva da serpente,
Soberbo, ser igual a Deus aspira
Perdendo a graça fica n'um momento
Fragil materia, a quem destroe o vento.

Esquecido do ser que recebera
Desobedece o homem desgraçado,
Então o bem conhece que perdera
E fica prisioneiro do peccado:
A graça quer tornar que recebera;
Mas é já differente o seu estado.
Lamenta, Adão, o teu esquecimento!
És homem por effeito de portento.

Vês, oh homem! o pae, de quem descendes,
Por causa do seu crime suspirando
Que essa materia em que a alma prendes,
Pouco a pouco se vai aniquilando;
Olha os vicios crueis com que contendes,
Que a victoria feliz vão acclamando:
Attende ao teu destino decretado.
Sendo homem serás em pó tornado.

Da desabrida morte a mão mirrada,
Movendo a incurvada fouce dura,
Ou de sangue real a tem mesclada
Ou de pastor a vida desfigura;
A idade juvenil se vê cortada
Dissipa-se a velhice, que já dura
Que a morte não attende a sexo, e estado
Séria exp'riencia te tem já mostrado.

O sabio, o rico, o ignorante, o pobre
Sujeitos são ás leis da natureza,
Tanto vale o humilde, como o nobre,
Todos são concebidos na fraqueza;
A massa, que nos géra, e que nos cobre
É muito debil, falta de firmeza,
Não te fies na gloria, nem no augmento,
Que deixas de ser homem n'um momento.

D'uma pobre membrana produzido
É neste mundo o ente mais perfeito
Que sendo no peccado concebido
Aos males do peccado está sujeito;
Com pezados cuidados envolvido,
Combatendo perigo peito a peito
Acaba de repente entre o tormento,
Ou já soffrendo de um longo mal violento.

Infeliz condição, infeliz sorte,
A culpa original da especie humana,
Seja debil vergonhea, ou tronco forte,
Seja planta rasteira, ou árvore ufana,
Tudo o tempo consome, assim a morte
Ao homem tira a vida deshumana,
Ou d'antiga molestia extenuado
Ou já de um leve sopro dissipado.

Mil imagens se offerece cada dia,
Que de caduco sêr te desenganam,
Em ti só pôde ser louca mania
Se adoras ainda os idolos que enganam;
Piza aos pés com valor, com energia
Esses objectos vis que se profanam,
Alça os olhos ao ceo, pede te assista,
Que resta aos homens pois? fitar a vista.

Desordem, confusão, horror no inferno
No céu prazer e bemaventurança,
Ali duros tormentos e fogo eterno,
Aqui glória, que só o justo alcança,

Um pai amante, um Deus benigno eterno,
Um demonio que ostenta só vingança
Verás, oh! homem, tanta variedade
No quadro, que te offerece a Eternidade.

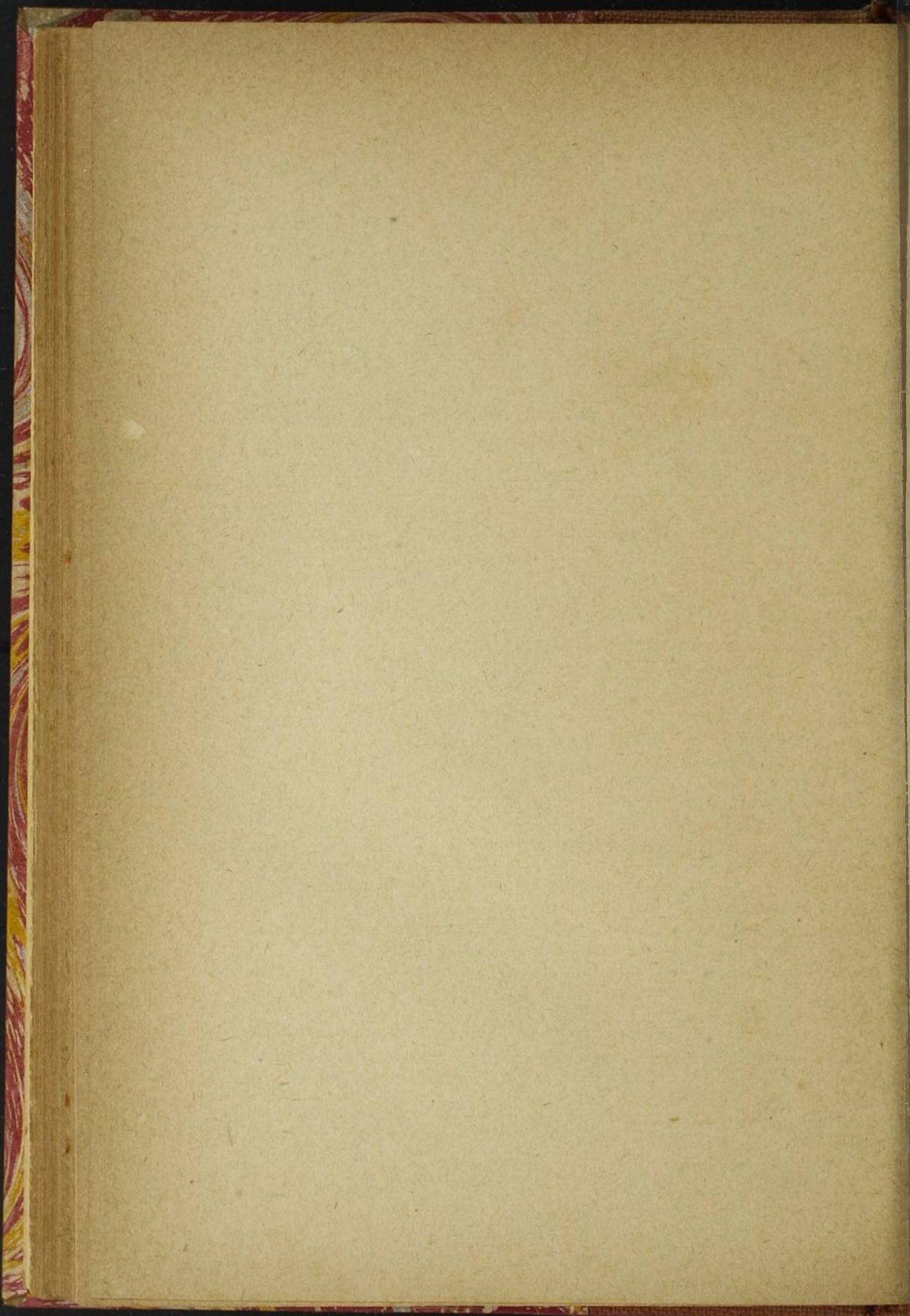
Os prazeres mundanos renunciai
Seus bens caducos, sua pompa e glória,
Os bens que são duraveis apreciái:
E risca o que periga da memoria:
Cresce a virtude em ti de dia em dia
Contra o inferno alcançarás victoria,
Traze os santos preccitos sempre em vista
E o céu só deve ser tua conquista.

Ostenta nos trabalhos paciencia,
Nos perigos constancia e fortaleza,
Observa, com uma cega obediencia,
O bem que inspira o auctor da natureza;
Não te afastes jamais da continencia,
Vê que ser peccador é vil baixeza,
Com ardor exercita a caridade,
Ama a virtude, detesta a impiedade.

Saude, robustez e mocidade
Illudem muitas vezes ao vivente,
E a lembrança feliz da eternidade
Nos mundanos é pouco permanente:
Não te engolfes, oh! homem, na maldade,
Contrico te arrepende; e penitente
Entra de novo a celestial conquista
Olha que a morte muito pouco dista.

O marcial guerreiro que assolára
A ferro e fogo o campo inimigo,
O afouto navegante, que buscára
Diversas regiões por mil perigos;
O philosopho sabio, que ostentára
Os systemas dictar a seus amigos
Acabaráo. Mortal! é curta a idade
E tens nas cinzas as provas da verdade.

Fr. FRANCISCO DE PAULA SANTA GERTRUDES
MAGNA



Fr. FRAS

Fr. FRAS
Fr. FRAS
Fr. FRAS
Fr. FRAS
Fr. FRAS
Fr. FRAS

JO
trabes M
con qu
Portugal
bi
terras p
nada q
armas
van de
Elblater
C
nim, co
venha
J
p
propriet

Fr. FRANCISCO DE PAULA SANTA GERTRUDES
MAGNA

Encomio poetico ao conde dos Arcos

Quu sonoro clamor, que som jucundo
Será este, que atroa e espanta o mundo?
Que aligeira matrona tão formoza
É esta que diviso magestosa?
Sobre os eucros voando accelerada,
De auríferas perpetuas coroada?
Da linda côr do céo toda vestida,
Com brancas, niveas azas guarneçada?

[O Padre-mestre Frei Francisco de Paula de Santa Gertrudes Magna era português, natural do Pôrto (não da Bahia, como geralmente se acredita). Monge beneditino da Província de Portugal, foi pregador e mestre de Retórica no mosteiro de Tibães, de sua ordem. Passou a América, deixando os grandes interesses pessoais, que tinha na côrte de Lisboa, para buscar meios mais aptos de socorrer sua mãe viuva e quatro irmãs e tôda a sua numerosa família, que por um terrível revés da fortuna precisavam do seu beneficio (*Documentos biográficos*, Secção de Ms. da Biblioteca Nacional — C. 836 — 16).

Conventual no mosteiro da Bahia, passou para o Rio de Janeiro, cerca de 1813. Faleceu nesta última cidade, em 3 de novembro de 1833. — Conf. *O Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*, ps. 224/225, Rio de Janeiro, 1927.

Sua bibliografia, in Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, III, ps. 83. — R. G.].

O rosto alegre, a roupa fluctuante,
E na dextra o clarim altisonante?
Ah! sim, tu és, oh bella, oh cara fama,
Vinde, povos, correi: ella vos chama:
Escutai os louvores, que publica;
Pois a tuba sonora á boca applica:
Admirai (vos diz ella em tom valente)
O mimo que vos manda o ceo elemente.
O varão a quem deu com primasia
O regimem excelso da Bahia,
É um sabio politico profundo,
Bem capaz de reger, dar leis ao mundo,
Um aulico varão de prohibidade,
Que accitando das mãos da magestade
As redeas dos governos mais honrosos
Se ostentou em mil feitos gloriosos
Integerrimo, heroico, astuto, activo,
De si mesmo senhor, das leis captivo:
Um constante sequaz da recta Astréa,
Em cujo coração arde e se atêa
Do bem publico o zelo abrasador:
Um prudente, efficaz governador,
Que o feio crime pune com prudencia,
Quebra a espada homicida, o impio aterra,
Da calumnia mordaz a boca cerra,
Prende as avidas mãos do latrocinio,
E com altas, sublimes providencias,
As artes estimula, anima as sciencias,
Uteis planos na mente excelsa traça,
Do commercio os canaes desembaraça:
Augmenta as producções da agricultura,
E grangêa ao paiz alta ventura.
É dos povos um terno bemfeitor,
Dos tribunaes fiel moderador,
Que, regrando a leal auctoridade
Pela recta balança da equidade,
Cinge a corôa á virtude, enfrêa o vicio,
Faz a terra ditosa, o ceo propicio.
É o conde illustrissimo dos Arcos
O magnanimo, o inclyto dom Marcos...

Aqui a fama a voz tanto forçou,
Que entre as mãos a trombeta lhe estalou.

Mas que genio, que vate sublimado,
Na castalia corrente inebriado,
Cantar pôde um louvor assáz honroso
A tam sublime heroe, tam glorioso?
Ah! Que não tenha eu a melodia,
Com que o Tracio cantor penhas movia!
As indomitas feras amansava,
Os troncos e montanhas arrastava!
Altos muros, cidades erigia,
E no horrído averno suspendia
A tristeza, o terro, a confusão!
Mas se um simples furor, se a indignação
Promptos versos dictou a um Juvenal;
Não fará hoje em mim effeito igual
O justo amor de um merito sublime,
Que da fama o clarim ao mundo exprime?
Sim, afoito a meu plectro a mão lançando,
E sem timido pejo a voz soltando,
Como echo da fama eu principio
Do grande heroe o debito elogio.

Se um prudente varão, que assim governa,
Se faz digno de glória sempiterna,
E ter deve por seu merecimento
No templo da memória um alto assento,
A paz desses heroes, raios de Marte,
Que por terra, ou por mar, em toda a parte,
Animosos, por entre mil perigos,
Arrostando da patria os inimigos,
Com mavorcio valor os derrotaram,
E com glória o seu nome abrilhantaram:
Se das musas o canto mais pomposo,
E da patria o louvor mais glorioso
Gosar deve um heroe justo e prudente,
Que os povos rege sabia e destramente,
Vós, musas immortaes, estros divinos,

Vinde, vinde inspirar-me excelsos hymnos;
Que engrandeçam, que elevem com espanto
O sublime varão, que eu hoje canto.

E vós, divino Apollo, ardente nume,
Que os vates inflamais no sacro lume:
Vós, auctor da canora poesia
(Arte excelsa, que em metrica harmonia
Com brilhantes, altissimos conceitos
Dos heroes eternisa os grandes feitos,
E co'magico assento dos seus hymnos
Os caducos mortaes torna divinos)
Prestai-me o vosso plectro harmonioso,
Com que possa cantar o nome honroso
Deste chefe exemplar nos seus governos
Que o ceo já destinou para reger-nos.

Mas que scena brilhante se me off'rece!
Que deidade a meus olhos apparece!
Apollo de Camenas rodeado
N'um carro brilhantissimo, tirado
Por valentes frisões, socios de Ethonte,
Lá desce do castalio, excelso monte,
A sacra eburnea lyra temperando:
Sobre o nosso horisonte vem marchando.
Oh como vem tam bello e tam risonho!
Mas que vejo! Que é isto? Será sonho?
Não, não é illusão, não é engano.
Das Camenas o nume soberano,
Chegando a mim, com gesto gracioso,
Sustendo o veloz carro luminoso,
Me entrega o tetracordo temperado;
E deixando Calliope a meu lado,
Ao Pindo se recolhe velozmente,
Seguindo a lactea via refulgente.
Que dita o sacro Apollo me segura!
Calliope a meu lado... Oh que ventura!
Vinde, vinde, pacificos Bahianos
Restos nobres de antigos Lusitanos,

Vinde entoar comigo um novo canto,
Que os dous orbes atroe, encha de espanto.
Eis a lyra celeste, aurea e sonora
Desse Deos immortal, que o Pindo adora:
Ao som de tão melodico instrumento
Cantar o singular merecimento,
Desse conde, exemplar da humanidade,
Do throno arrimo, espelho da equidade,
Da nobresa esplendor, da patria lustre.
Que as virtudes herdou com o sangue illustre
De seus avós preclaros tão famosos,
Dos inclitos Noronhas gloriosos,
Que abrangem por divisa em seus brasões
Arrogantes castellos e leões
Como prole antiquissima e real
Dos monarcas de Hespanha e Portugal,
Stirpe excelsa de heroes recém-laçada
Com a egregia familia celebrada
Nos fastos hespanhoes e portuguezes,
Com a inclyta prole dos Menezes;
Cujo sangue por feitos illustrado,
Nos seculos remotos dimanado
Do alto e regio solio de Leão,
Correndo enlaçado em geração
Com o sangue preclarissimo e real
D'altos reis de Navarra e Portugal,
Ostentou seus influxos poderosos
Nos grandes Marialvas façanhosos,
Como a Hespanha assombrada viu mil vezes
No bravo dom Antonio de Menezes,
Varão inseparavel da victoria.
Que o reino luzo encheu de immensa glória,
Heroe, a cujo nome poderoso
Teme o Hispano inimigo inda medroso;
Pois mil vezes na horrida campanha
A cerviz abateu da altiva Hespanha:
Já, qual raio veloz devastador,
Rompendo as linhas d'Elvas com valor,
E ganhando a campal, feliz victoria
Que seu nome esmaltou de eterna glória:

Já tomando de assalto em duas guerras
A Valença de Alcantra, e varias terras:
Já c'roando seus meritos preclaros
Na victoria alcançada em Montes claros,
Onde a Hespanha orgulhosa em fim vencida,
Suas armas depoz esmorecida.
Mas em vão, musa minha, as azas bates,
Se numerar pretendes os combates,
Em que as palmas colheram da victória
Estes e outros avós de eterna glória,
Que o tempo assolador aos pés calcando,
E da parca inflexivel triunfando,
Sobre as azas do grande e heroico exemplo
Subiram da memoria ao sacro templo.
Deixa, musa, do conde a glória herdada
Da sua alta ascendencia abrilhantada:
Não, não firmes jamais os teus louvores
Nas façanhas de seus progenitores;
Que o illustre brasão das grandes almas
"Não se deve tecer de herdadas palmas";
Nem o nobre esplendor do nascimento
Prestar póde immortal merccimento,
A mesma voz da candida verdade
Altamente nos grita e nos persuade
Que se o nobre por si nada merece,
Quanta mais honra herdou, mais se invilece,
Que sem virtude a egregia fidalguia,
A pezar da vã pompa e da ufanía,
Com que a plebe grosseira e rude assombra,
Tem menos realidade do que a sombra;
Esta ao menos é um nada, que se vê;
Parece alguma coisa e nada é:
Mas a herdada nobreza sem virtude,
Que os esquentados cerebros illude,
É um nada enganoso, hereditario,
Só visivel no mundo imaginario.
Embora exaltem outros a grandeza
Dos soberbos fantasmas de nobreza,
Desses grandes do mundo, semelhantes

Áquelles altos montes arrogantes,
Sempre inuteis, estereis, sem cultura,
Que de grandes só tem a enorme altura:
Rudes massas bem dignas de desprezo,
Que a terra opprimem sempre com seu pezo,
E tornam com a sombra infructuosos
Os seus proximos valles espaçosos.
Eu jamais louvarei os brazões futeis
De algum desses varões á patria inuteis,
Que á sombra de seus troncos elevados,
No regaço da inercia reclinados,
As fronte cingem de vetustos louros,
E da patria desfructam mil thezouros,
Graças, titulos, honras e favores,
Merecidos por seus progenitores.
Durmam pois no profundo esquecimento
Os illustres varões por nascimento,
Que devendo deixar exemplos raros
D'altos feitos, de meritos preclaros,
Que resistam da parca ao duro corte;
Não deixam mais que pó nas mãos da morte.
Eu canto um conde illustre, egregio inteiro,
Nos governos heroe, de heroes herdeiro,
Que se grande saiu por nascimento.
Maior se fez por seu merecimento.
Sólta, musa canora, os teus louvores,
Fala: mas não suspende os teus clamores.
Fale o grande Pará, que inda saudoso
Do seu justo governo precioso,
Inda chora, ou lamenta inconsolavel
A sua infausta perda irreparavel;
Conservando nos gratos corações
Mil bellos monumentos, mil padrões,
Erguidos a tão caro bemfeitor
Pelas mãos do mais grato, ardente amor,
Monumentos mais fortes, mais seguros,
Q'os jaspes, q'os metaes, q'os bronzes duros.
Fale a côrte real americana,
Hoje assento da c'rôa lusitana,

Que ao clarão da lucifera exp'riencia
O viu mover com zelo e com prudencia
A fulminante espada da justiça,
Cortar da horrenda hydra da cubiça
As avidas cabeças pululantes,
Derribar torpes vicios dominantes,
E velar pelo publico socego,
Mostrando-se em tão alto, honrar o emprego
O mais bello exemplar dos vice-reis,
Eficaz zelador das patrias leis.
Cante em fim seu louvor em tom jucundo
A Lysia, o Portugal, o Novo Mundo,
Onde brilhando voa e se derrama
Sobre as aras altisonas da fama
O nome de um heroe tão exemplar,
Que no governo vem resuscitar
As virtudes heroicas, eminentes,
Que ostentaram seus nobres ascendentes:
O quarto, o præclarissimo dom Marcos,
Sexto conde, com titulo dos Arcos,
Varão douto, politico e profundo
Capaz de dirigir os reis do mundo;
E o nobre dom Rodrigo de Menezes,
Honra e glória dos grandes portuguezes,
Varão digno do credito immortal.
Q'inda tem nesta vasta capital,
Onde restam brilhantes monumentos
Da piedade exemplar, zelo e talentos,
Que tanto no governo o distinguiram,
E de esplendida glória o revestiram.
Alegra-te, Bahia, exalta a frente;
Pois verás em teu scio brevemente
Um heroe, que reúne os altos meritos
De tantos ascendentes benemeritos,
Já do trono emanou a escolha justa,
Já o conde osculou a mão augusta.
A Lysia americana o viu saudosa,
Entrar na regia não, que já vaidosa
C'o thesouro riquissimo, que encerra,

O curvo ferro guinda, larga a terra,
E já soltando aos euros todo o panno,
Vem sulcando este tumido Oceano,
Que debaixo da curva e ferrea quilha
Co'pezo deste heroe geme e se humilha.
Mas que ouço? Que salvas estrondozas
Retumbam n'estas margens espaçosas?
Alviçaras, Bahia, que é chegado
O teu governador tão suspirado.
Já na barra se avista a não possante,
E sobre o mastro a flamula volante:
Já os fortes por bocas de canhões
O salvam com belligeros trovões.
Ao crebro trovejar do bronze ardente
Acode alvoroçada a incauta gente.
Que scena já diviso tão vistosa
Nesta vasta metropole famosa!
Exultam com razão seus habitantes;
O prazer resplandece nos semblantes.
Que novo, que geral contentamento!
Tudo vejo em acção, em movimento:
Soam vivas, repiques festivaes,
Ouço caixas, trombetas marciaes,
A cujos valentissimos accentos
Marcham destros, armados regimentos,
Formados em bellissimas fileiras,
Arvorando as belligeras bandeiras.
Já corre o senado com presteza,
O clero, os magistrados, a nobreza
A receber com splendido aparato
O conde excelso em tão plausivel acto.
Já corre o povo á praia furioso
A ver o novo chefe tão famoso,
Que em brilhante escaler já fluctuando
Á ribeira espaçosa vem chegando.
Apenas salta em terra, me parece
Que logo o vicio esqualido estremece;
Que o solido immortal merecimento
Ergue a frente humilhada, cobra alento,
Descobrimdo o Mecenas mais zeloso

Nesse chefe illustrado e poderoso,
Que entrando vem com vivas festivaes
Ao travez das fileiras marciaes.
Que alegre comitiva tão pomposta
Adorna a sua entrada gloriosa!
Apoz delles enpuhando a nua espada
Vem marchando a policia dezejada.
Com ar severo e passo magestoso
Vem Minerva, qual astro radiozo
As luzes da sciencia derramando,
E com vivos fulgores dissipando
Da profunda ignorancia a noite escura,
A seu lado lá vem a agricultura
Coroada com mimosas, lindas flores,
Offertando risonha aos moradores
Doces fructos, que a terra amena cria.
A prudencia, que o conde excelso guia
A palacio já chega: e por cautela,
Qual vigilante astuta sentinella,
As virtudes entrada livre deixa:
Mas com provida mão as portas fecha
Á lisonja, ao suborno, ao despotismo,
Á mole impunidade, ao fanatismo.
A vil adulação vendo-se expulsa,
Logo ardendo em furor, brava e convulsa,
Dos frivolos adornos se despoja,
E por terra iradissima os arroja.
O suborno, ministro da cubiça,
E fatal corruptor da sã justiça,
Á vista de tão recto e justo conde,
Deixando os tribunaes, triste se esconde.
Astréa, que banida se supunha,
Erguendo a fronte airosa, a espada empunha,
Sustentando na mão com segurança
A legal e rectissima balança.
A solícita industria vigorosa,
Pondo a inercia em fugida vergonhosa,
Desvelada correndo por mil partes,
Uteis fabricas ergue, anima as artes,

Como astuta, engenhosa directora:
Ao som da sua voz despertadora,
O ocio inerte, filho da preguiça
E o somno despertando s'espreguiça,
E gemendo se esconde na espessura,
Deixando os ferteis campos sem cultura.
Tudo toma um aspecto mais brilhante
No sublime governo dominante...
Mas aonde por mão archipotente
Me vejo arrebatado incautamente?
Que nympha de immortal, gentil belleza,
Na mão levando a nivea tocha aceza
Por entre pavorosa escuridade,
No templo me introduz da eternidade?
Ah! sim, tu és, linda Almathea,
Sybilla oriental, casta cumea,
Que a meus olhos, rasgando o véu escuro,
Me apresentas no quadro do futuro
A grande soteropole famosa
Gozando a idade d'ouro preciosa,
Cantada por mil vates eminentes
Em seus versos canoros, eloquentes,
Oh que emblemas no quadro edificante
Diviso á luz da tocha cintilante!
Ali vejo Bellona furiosa,
Preza ao carro da paz victoriosa,
E de um lado a policia dominante,
Conduzindo a pompa triunfante
Pela dextra a risonha urbanidade.
Mais ao longe a brutal barbaridade,
Fugindo de temor com passo incerto
A entranhar-se nas brenhas de um deserto,
De outro lado o commercio enriquecido,
De rogaçante purpura vestido,
Entornando com seu robusto braço
Da Bahia no candido regaço
A curva cornucopia de Almathea,
Do mais puro, estimavel oiro cheia.
No centro do painel, que se m'off'rece,

Vejo á vivida luz, que me esclarece,
Os Bahianos polidos já contentes
Engolfados em brincos innocentes,
Desfructando a mais doce liberdade
Entre os braços da amavel sociedade.
Uns à sombra dos troncos mais frondosos,
Comendo bellos fructos saborosos,
E com liquido nectar deleitavel
Mil saudes fazendo ao conde amavel.
Outros juntos nas placidas campinas
Já tecendo-lhe c'roas de boninas,
Já cantando á porfia os seus louvores,
Levando até ás nuvens seus favores,
Sobre as azas sonoras da harmonia
Nos mais vivos transportes de alegria:
Todos abençoando com ternura
O benéfico auctor de tal ventura.
Vejo emfim... Mas que velho venerando
Nos penetraes do templo vem entrando?
Com habitos de cynica pobreza,
E na mão a lanterna traz acceza?
Será este o Diogenes famoso,
O cynico arrogante, que orgulhoso
Aos pés calcava o fausto de Platão?
Sim, é elle, que o palido clarão
Da esqualida lanterna levantando,
Com estoica irrisão vem contemplando
Dos guerreiros heroes mais valerosos
Os celebres triunfos sanguinosos,
Pintados por destrissimos pinceis,
Nesses amplos magnificos paineis,
Que guarnecem de pompa respeitavel
As paredes do templo veneravel.
Já perto vem de mim com ar estoico:
Já vê com reflexão do conde heroico
O regimen benefico, espantoso
No quadro do futuro mist'rioso:
Mas apenas do alto do painel
Vê do conde o retrato mais fiel;

Exclama, em alegria transportado,
"Eis o homem por mim tão procurado!"
E curvando a cabeça reverente
De um sopro a luz apaga de repente.
Aqui tudo a meus olhos se escurece,
Toda a grata visão se desvanece.
Ó bom conde, que bens tão preciosos
Augurais aos Bahianos venturosos!
Oh mil vezes feliz, ditosa gente,
A quem o ceo envia um tal presente!
Tomai pois nessas mãos industriosas
As redeas do governo magestozas.
Não pareis na carreira edificante,
Em que a passos velozes de gigante,
Correis ao sacro templo da memoria
Coberto de brilhante, immensa glória.
Realisai, pr'enchei os grandes planos,
As bellas esperanças dos Bahianos,
Que sensiveis a tantos beneficios
Lá nos tempos vindouros mais propicios
Taes padrões erguerão á vossa glória,
Q'immortal vos farão na lusa historia:
E por bocas de egregios oradores,
Da eloquencia espargindo os resplandores,
Levarão vosso nome á eternidade
Sobre as azas da candida verdade;
E se faltam do Pindo altos cantores,
Que vos possam tecer dignos louvores;
A gratidão fecunda dos Bahianos
Crescerá vates destros, soberanos,
Que nas chamas de Apollo radioso
Accendendo o seu facho luminoso,
Farão patente aos olhos das nações
Das suas brillantissimas acções
O quadro magestoso, e verdadeiro,
Que de espanto encherá o mundo inteiro.
Eu mesmo em refulgentes, gratos hymnos,
Vossos feitos de eterno aplauso dignos,
"Cantando espalharei por toda a parte,
"Se a tanto me ajudar engenho e arte."

A D. Fr. José de Santa Escolastica, bispo de Pernambuco

I

Que nova! que eleição! que regia escolha!
 Transportado em prazer já tomo a lyra:
 Estros, numes, camenas, inspirai-me;
 Fazei que eu hoje destro as cordas fira:
 Descei, vinde ensinar-me um novo canto,
 Que ao mundo inteiro cause assombro, espanto.
 Mas a lyra sem uso em pó envolta
 Não modula, não forma altos accentos:
 Trazei, musas, de Apollo a eburnea cythara,
 Ou essa de Anfion, que enfrêa os ventos,
 Que os troncos arrebatá, eleva muros,
 Que retumbe nos seculos futuros.

Não canto empresas,
 Valor, nem arte
 De heroes valentes,
 Raios de Marte,
 Que até ao Oreo o Cérbero atterraram
 E Caronte de susto affugentaram.
 De Pallas préso
 A sabia mente
 Mais do que a Pallas
 Armipotente.

II

Ah! se correr podesse a Lactea via,
 Dando um salto veloz de'sfera em'sfera,
 Lá desses altos mundos luminosos
 Com a voz do trovão gritar quizera,
 Desta sorte chamando ao orbe attento
 Em favor do mais são merecimento:
 Cegos amantes de pomposos nadas,
 Cessai de honrar fantasmas da grandeza;

Venerai na sciencia e na virtude
A verdadeira, a sólida nobreza.
Que o meu sublime heroe caracteriza
E no templo da glória o eterniza.

Assim dos astros
Bradar quizera,
No orbe inteiro
Soar fizera.

Uma regia eleição, um premio justo,
Que honra a sciencia, a virtude, o throno augusto.
Mas que altos vivas
Sólta Ulissea
Que prazer novo
Se patentea!

III

Ó tu, Porto feliz, honra dos Luzos,
Thesouro immenso de talentos raros,
De Jozinno immortal patria ditoza,
Canta alegre os seus meritos preclaros,
No brilhante esplendor d'excelsos hymnos
Acompanha os varões benedictinos.

Ordem de heroes, jardim, onde nasceram
Mil flores de virtude egregia e santa,
Mina de tantas joias, que luziram
Sobre a c'roa da igreja sacro-santa;
Festeja, exulta, applaude a feliz nova,
Que a tua glória antiga se renova.

Do alto empyreo
O grande Bento
A fronte excelsa
Inclina attento:
Ao 'splendor, que do numen reverbera,
Fitando os olhos na terrena esfera,

Que alegres scenas
 Ali não topa
 Sobre o theatro
 Da vasta Europa.

IV

Lá divisa na Roma um filho, um chefe,
 Qu'ô Eterno escolheu dentro em seus claustros,
 Para reger da igreja a barca mystica
 No furor das tormentas e dos austros:
 Lá vê para outros filhos destinados
 Mitras, baculos, purpuras sagradas.

Vê tambem com prazer no luzo imperio
 Raiar um novo dia luminoso,
 Nascer da glória antiga a bella aurora
 Na eleição de um pastor, d'um filho honroso,
 De quem Bento parece gloriar-se,
 Se a glória, que possue, pode aumentar-se.

Ligeira fama,
 Ah! voa, voa,
 Por boccas cem,
 O mundo atroa.

Retumbe nos dois polos com teu brado
 O louver de um varão tão sublimado,
 A quem premêa
 Com honra justa,
 Cingindo a mitra
 A mão augusta.

V

Eu vejo, eu vejo a fama abrindo as azas,
 Seu rosto alegre, a roupa fluctuante,
 A dourada madeixa aos ventos solta,
 A na dextra o clarim altisonante,

Com veloz rapidez cortando os arcos,
Voando a Pernambuco sobre os mares.

As praias divizando em boca a tuba,
As faces incha, córa, o brado soa,
Retumba nos palacios e cabanas,
Os campos e cidades despvoa,
Todos correm ao som dos seus clamores,
Assombrados escutam os seus louvores.

Ouvi, (diz ella
Com tom valente)
O dom, que baixa
Do ceo elemente.

O pastor, que vos manda a Providencia,
É o modêlo, o prodigio de eloquencia,
Que espanta, enlêa
Tudo arrebatá
A quem nomeam
Lingua de prata (1).

VI

Sua voz, nos effeitos espantosa,
É luz das mentes, freio das paixões,
Grilhão do vicio, germe da virtude,
Iman de affectos, norma das acções,
Torrente impetuosa e sal da terra,
Horrisono trovão, que o impio aterra.

O Minho, a Beira, a Lysia, o Reino inteiro
Louva o sabio pastor que eu hoje canto.
Esse regio orador, gloria dos Bentos,

(1) Assim lhe chamou o serenissimo senhor D. Gaspar, arcebispo primaz, a primeira vez que o ouviu annunciar a divina palavra, e por este mesmo nome foi d'ahi em diante nomeado, e conhecido em toda aquella provincia, e ainda fóra della.

Que jámais desprendeu sem novo espanto
A voz divina, o grito da verdade
Na presença da augusta magestade.

Seu novo emprego
Sua eleição
Foi simples obra
Da rectidão.

Não é, não é mercê, que ao regio ouvido
Dictasse a protecção de algum valido,
Seu proprio merito
Foi o patrono
Que orou por elle
Aos pés do throno.

VII

De egregios mestres foi o mestre egregio,
Que no quadro geral da natureza
As luzes da razão soube indicar-lhes
Da sã philosophia a gentileza.
De ambages escolasticas despida,
E de quimeras vãs desenvolvida.

Sua mente engenhosa, aguda, excelsa,
Qual aguia magestosa aos ceos voando,
Sobre as azas da sacra theologia
No sol de gloria as vistas empregando,
Bebeu no seu 'splendor luzes tão raras,
Que as verdades obscuras tornam claras.

Em vão se cobre
De um véo modesto,
Seus dons transpiram
Seu porte honesto.
Brilha a honra, a candura, a singeleza,
Um sabio sem orgulho e sem fraqueza,
Da ordem lustre,

Da patria amante
 Da igreja cseudo
 Do throno atlante.

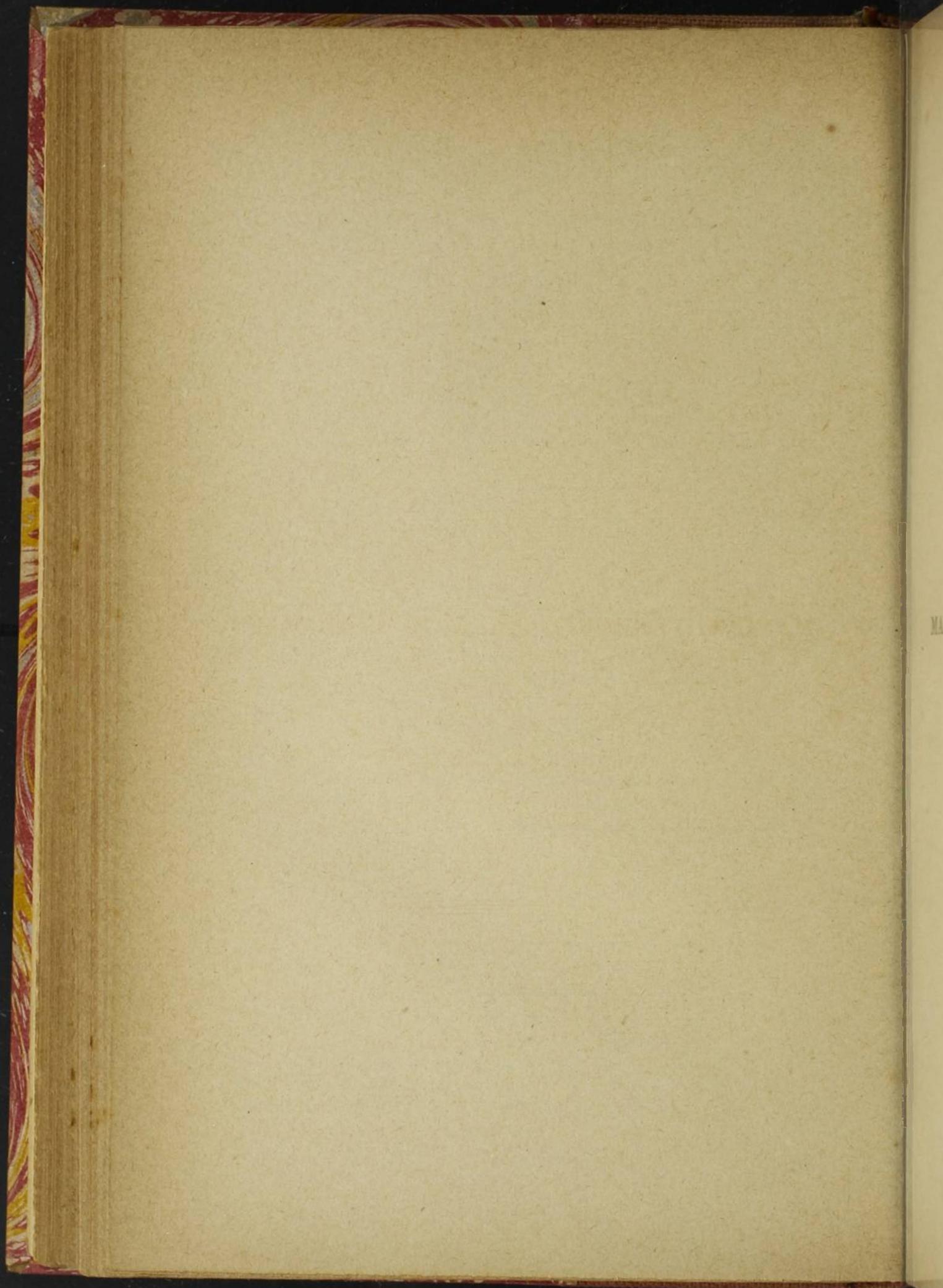
VIII

Um censor, que luctando contra o erro, (1)
 Tem sempre defendido e segurado
 Com um braço o altar, com outro a c'roa,
 Fazendo perecer junto a seu lado
 Aos golpes da censura a má doutrina
 Que sem strondo os ataca e os arruina.
 Tão util com a penna ao regio throno,

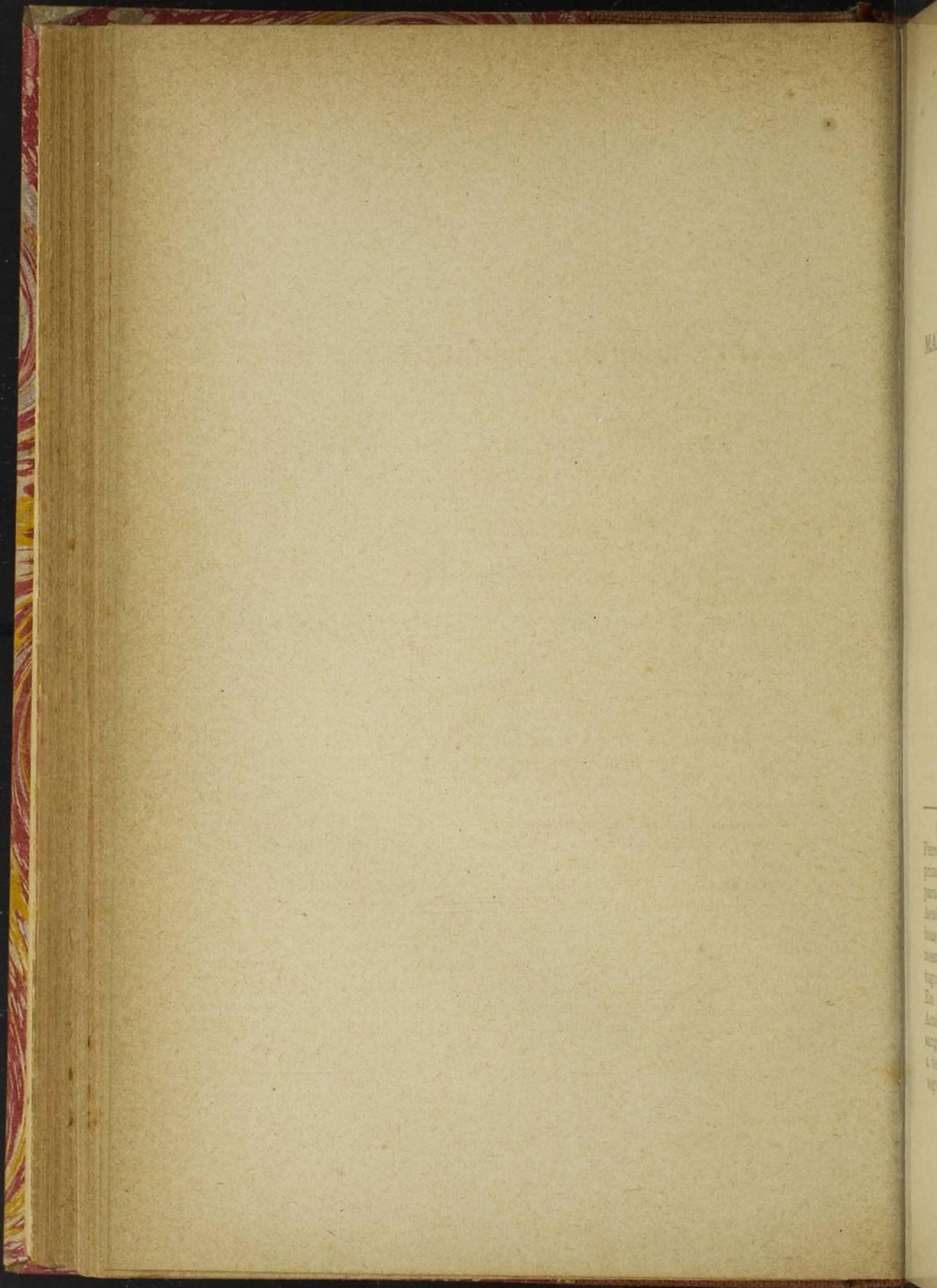
Como o forte guerreiro com a espada
 Da mitra episcopal se fez tão digno,
 Quanto é de cingir a banda honrada
 O bravo capitão, que na campanha
 De esplendido suor as faces banha.

Mais alto emprego,
 Canto mais raro
 Assáz merece
 José preclaro...
 Seu nome proferi... que mais intento?
 Dar não pode o clarim mais alto accento.
 Estalou a tuba
 Com tal clamor,
 Dar-lhe não posso
 Maior louvor.

(1) É incrível o zelo, e disvello, com que se portou no emprego de censor: sacrificando a tão rude trabalho os dias, e as noites com espanto dos companheiros, e não menos utilidade publica.



MANUEL FERREIRA D'ARAÚJO GUIMARÃES



MANUEL FERREIRA D'ARAUJO GUIMARÃES

*À morte de D. Rodrigo de Souza Coutinho,
conde de Linhares*

EPICEDIO

*Non sibi, sed patriæ vixit, regique, suisque,
Quod daret, inde dives; felix numerare beates.*

HORACIO.

Assim aguia veloz, cortando as nuvens
Vai de Phebo libar o lume eterno,
E dos mortaes os olhos assombrados
Seu trilho não rastejam.

[Nasceu na Bahia a 5 de março de 1777, filho de Manuel Ferreira de Araujo e de D. Maria do Coração de Jesus. Fêz os primeiros estudos na cidade natal. Afim de continuá-los seguiu para Lisboa, em 1791, e quatro anos depois matriculava-se na Academia Real da Marinha, cujo curso concluiu em 1801, com tão boas notas que foi imediatamente nomeado lente substituto da mesma Academia, com a patente de 1.º tenente da Armada portuguesa. Voltou ao Brasil em 1808, ficando no Rio de Janeiro. Em 1811 passou a capitão do Corpo de Engenheiros e lente da Academia Militar, sendo promovido no mesmo ano ao posto de sargento-mor graduado, em que foi efetivado em 1813; em 1813, a tenente-coronel graduado e efetivado em 1818, passando no ano seguinte a coronel graduado. Em 1828 foi elevado a brigadeiro

Assim por Boreas bafejado o lenho
 O salso campo de Neptuno lavra,
 E debalde a saudade mesta espreita
 Vestigios de momento.

Maligna inveja, alçando a face horrenda,
 Ora entre os immortaes procura o justo,
 Contra quem despediu com furia brava
 A setta envenenada.

Coutinho sobre as azas da virtude,
 Transpondo os astros, por vereda ignota
 Á sedenta ambição, ao ocio torpe,
 Encara a eternidade.

Com suspiros saudosos Lysia expressa
 Da perda ingente o amargo sentimento,
 E culpa em sua dor o ceo tyranno,
 O ceo que lh'o roubára.

Fatal necessidade! lei soberba,
 Que os perversos e os bons baralha injusta!
 Que não possa esquivar-se á urna ingrata
 O nome de Coutinho!

Levanta o veo, ó musa luctuosa,
 Deixa da sepultura as frias margens,

do Imperial Corpo de Engenheiros, posto em que obteve reforma em 1831.

São vários os empregos e comissões que Manuel Ferreira teve no Rio de Janeiro, dos quais se desempenhou com grande inteligência e brilho. Foi redator da *Gazeta do Rio de Janeiro* e do *Patriota* (1813-1814), deputado da Junta da Tipografia Nacional, etc.; redigiu e publicou muitos trabalhos de sua profissão. Faleceu no Rio de Janeiro a 24 de outubro de 1838.

— Veja sua biografia por Antônio Joaquim Damásio, *Revista do Instituto Histórico*, VI, ps. 370/377.

Sua bibliografia, em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, VI, ps. 72/75. — R. G.].

O heroe que merece os teus louvores
Da parca tu defendes.

Deixa á morte os despojos mentirosos,
E em firme mausoleo que o tempo insulte,
Da tua gratidão grava a lembrança,
E do varão a glória.

Ainda em verdes annos esgotava
Da sciencia os arcanos mais sublimes,
Espantou-se o Mondego dos talentos
Do segundo Bernoulli.

O Pado vê do zelo mais ardente,
E profundo saber nobres ensaios,
Emquanto da nação, da patria amada
Os direitos sustenta.

O Pado e o Doria viram ternos laços
Hymeneo apertar com bons auspicios,
E as chammas que accendeu nos firmes peitos
Jamais se entibiaram.

Já de Lysia feliz ao vasto imperio
Encosta os hombros com valor prestante,
Qual o robusto Atlante o globo immenso
Sustenta denodado.

Caudaloso Amazonas, Indo, Ganges,
Quantos do claro Tejo as leis recebem,
O collo inclinam ao monarcha excelso,
E o ministro respeitam.

Intrepida marinha arrostra os p'rigos,
Debella os inimigos, vence Eolo,
E de João á dextra entregaria
De Neptuno o tridente.

Mas não bastava que de Pitt a estrada
Trilhasse gloriosa: novo Cesar,

Emquanto algum rival vencer lhe falta,
Nenhum vencido julga.

Colbert, Richelieu, fracos modelos
À sua imitação inda prestavam
O amigo de seu rei, mais que ministro,
Sully é seu exemplo.

Em fervidas procellas, entre escolhos,
Por miseros naufragios infamados,
Guia o ufano baixel seguro e forte,
As ondas não recêa.

Nuvem ligeira esconde agora o sabio,
Que brilhava, qual Phebo entre as estrellas,
Aos livros volve, aos livros companheiros
Na muda soledade.

Assim de Roma nos viçosos dias
Pequeno campo cultivava ledô
Illustre senador, que as leis dictára
Ao orbe amedrontado.

No clima que elle preza, clima ingrato,
O amor da patria desenvolve extremo,
Da inteireza escudado e da verdade,
Que o berço lhe embalaram.

As sciencias que fogem de Mavorte
Ao sanguinoso estrepito, se abrigam
Do throno de João sob os auspicios,
No Brazil venturoso.

As vedadas prisões quebra ao commercio,
Salta barreiras que a ambição defende:
Por vez primeira caudalosos rios
Sob a quilha se curvam.

Minerva e Pallas, em abraço eterno,
Juram da glória transportar á estancia

O ministro immortal que o bem do estado,
Não o proprio, desvela.

Mas onde, ó phantasia, onde te engolphas?
Onde da gratidão te eleva o fogo?
Ao pranto volve, ao pranto, que é devido
Às cinzas de Coutinho.

Eu não temo pisar acesas brasas,
Quando á virtude o elogio teço:
Receio, sim, que as vozes da amizade
Suspeitosas pareçam.

Á inveja deixemos triste peso
Da sua confusão, do seu opprobrio,
O rubor que lhe tinge a baça frente,
Louvor é mais seguro.

A ausencia de Armia

O campo viçoso,
De flores juncado,
Em si esmaltado
O riso trazia.
Agora despido
Sem fresca verdura,
Só pinta a amargura,
Retrata a agonia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

O rio engrossava
Em agua abundante,
Soberbo, arrogante,
Das margens sahia.
Agora em segredo
Monfino já corre.

Parce que morre
A sua alegria.
Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

O gado formoso
Alegre brincava,
Ligeiro buscava
A relva macia,
Agora espantado
Nos montes errando,
Tristonho balando
Pavor desafia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

As settas funestas
Lançava Cupido,
Nem Paphos, nem Guido
Mais ledo o não via.
Agora encerrado
Em ermo retiro,
Saudoso suspiro
Aos ares envia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

Ha pouco de um bem,
Que adora constante;
O bello semblante
O gosto infundia.
Agora em tormentos
Exhalando a vida,
A morte convida,
A morte tardia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO

FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO

Epistola

É natura nos seus passos uniforme,
Nem chega ao topo quem não sobe a escada.

A aguia pequenina, quando quebra
Com o debil biquinho a casca do ovo,
Implume se apresenta á mãe cuidosa;

[Francisco Bernardino Ribeiro nasceu no Rio de Janeiro, em 12 de junho de 1815, filho de Francisco das Chagas Ribeiro e de D. Bernardina Rosa Ribeiro, e foi batizado na freguesia da Candelária. Fêz aqui seus estudos preparatórios e em 1830 matriculou-se no Curso Jurídico de São Paulo. Concluido o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais, apresentou-se a defender teses para obter o grau de doutor, que sustentou em 7 de maio de 1835. Em seguida inscreveu-se em concurso para lente substituto, no qual foi unanimemente aprovado, sendo nomeado em 11 de janeiro de 1836. Era tão jovem, que os estudantes lhe chamavam o *Mestrinho*.

Foi o principal fundador da Sociedade Filomática, em 1833, e redator de sua revista, que alcançou alto conceito no mundo das letras, não só em São Paulo, como em todo o Brasil.

Aos vinte e dois anos completos falecia no Rio de Janeiro o Dr. Francisco Bernardino Ribeiro, e era sepultado no Convento de Santo Antônio.

— Veja sua biografia por Moreira de Azevedo, *Revista do Instituto Histórico*, XXXVI, parte 1.^a, ps. 188/196. — J. L. de Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo — Tradições e Reminiscências*, etc., sexta série, ps. 40/48; Spencer Vampré, *Memórias para a História da Academia de São Paulo*, I, ps. 185/188, São Paulo, 1924. — R. G.].

Não se ergue logo ás ingremes alturas
 Do firmamento azul; nem desce á terra,
 Qual raio ardente arrebatat a preza,
 E arrancar-lhe co'as garras a existencia.
 Cria co' o tempo forças, abre as azas,
 Qual rio que correndo engrossa as aguas.
 Desprega os vôos apoucados ora,
 Ora subidos; fita em Phebo as vistas,
 E tenta remontar-se até o Olympo,
 Pois arde Jove ao lado, e arrebatat-lhe
 Um novo Ganimedes: tal o vate
 Agora Albano é, depois Elpinos.

Mas não commeces, Montaury, como usa
 Gente de Lysia: quadras namoradas,
 Insipidas canções, crucis idilios,
 Magro soneto, cortesans bucolicas
 São todo o esmero dos trovistas nossos.
 Imita o Anglo excelso, o Gallo astuto,
 E fitando na glória audazes vistas,
 Canta a nobre virtude, acções preclaras,
 Amor da patria, destemidos feitos;
 Na lyra entôa não ouvidas vozes,
 Sublime inspiração do estro divino.
 Ou se o mundo real, tudo o que existe,
 Te não esperta a mente, inflamma o espirito,
 Da longa fantasia os campos ara;
 Cria dourados palacios, frescas sombras,
 Aprasiveis regatos, verdes campos,
 Jardins amenos, deleitosos bosques;
 Ahi rindo do mundo e das desgraças,
 Que rebentam da terra, a par dos fructos,
 Abre teu coração a novos seres,
 E novas sensações gratas acolhe;
 Zomba de invejas, de ambições, de fastos.
 D'essa alma, que affeições doces formaram,
 Verte rios de gosto, de delicias,
 E de sensibilidade amavel, terna;
 Esmalte o universo das bellezas,

Em que a mente borbulha; não, não percas
O germen que plantára a natureza.

Ahi tens o bello, o encantador Ovidio,
Que te dirija o passo, ahi tens o Ariosto,
Byron, Sterne, Garrett honra dos Lusos;
Segue seus traços, colhe seus exemplos,
São d'aureas ficções mestres peritos,
Oh! como ideiam n'alma mil venturas,
Glórias sem conto, innumeras delicias,
Oh! Como abandonando estes martyrios,
Que no mundo real nos atormentam,
Buscava benignos, placidos prazeres,
A que Urania gentil só nos convida!
— Que ditosos que são os que se entregam
Aos impulsos da mente, oh! quão felizes
Os que em delirio seus desejos passam!
Ri para elles o universo inteiro,
Suave sôpro de perpetuo zephiro
Consola os dias, refrigera os ares,
Limpa de nuvens carregada vida,
Descobre no horisonte sol doirado,
Manto de rosas pelo ceo desdobra.

Ó fantasia, ó doce encanto do homem!
Enlevo d'alma placido e contente!
Quem pudesse gozar quanto nos mostras
Com tuas magas variadas tintas!
Triste realidade da existencia
Quão longe estás de tão amenos sonhos!
Tu nos pintas quaes somos, quaes passamos
Esta vida de angustias e tormentos,
Que com ardentes lagrimas começa,
Que com saudosos prantos se termina!

O Algoz

Eu vi um homem!... Ou me illude a mente!
Que horror que eu sinto!... Homem!... não, era
Tranquillo fraticida,
Como podeste, ó monstro,
Aridos olhos attentar na vietima,
Desfallecida, exangue?

Como podeste impavido roubar-lhe
Miseranda existencia co'os redobres
De angustias repetidas,
Sem o brado ouvires,
Que dentro d'alma rompe e clama — É homem
E homem desgraçado? —

Como o podeste sem arripiar-te
As carnes frio horror? Sem vêr diante
Squalido fantasma
Habitador dos tumulos,
Co'a mirrada mão prender-te os braços,
É teu irmão! — clamar-te?

Que é d'esse coração, que o sêr te alenta?
Inda palpita? Não. Quente de crimes
O sangue infeccionado
Dispara só arrancos,
E cada arranco ordena um attentado.
Deixaste-te de ser homem!

És aborto do inferno, ente perverso!
Nasceste apenas para ser vergonha,
Opprobrio da existencia;
É mais que tu ditoso
Aquelle, que arrojaste á sepultura,
Que suas mãos cavaram.

Esse ostentou furores desastrosos;
Mas não mostrou á face do universo,

Que surdo á natureza,
Já saciado tigre,
Em paz — com as garras meneava a morte
Para extinguir humanos.

As letras

Genio da patria terra,
Ó Musa do Brazil, canções me inspira!
Embebe esta alma em chammas,
A lyra americana me encordôa;
Ouçam meus versos posthumas edades!

Que espectáculo novo
Os confusos sentidos me alvorota!
Correm rios de sangue
Apóz volvendo corpos semi-mortos,
Cadaveres sangrentos arrastando!

A guerra ainda conquista
Para n'ermas terras, palmo a palmo,
Os echos, que ribombam,
São ainda hoje os gemidos da desgraça;
Os barbaros clamores da victória.

Não, que avidos meus olhos
Em vão procuram marciaes phalanges,
Que a morte commandava;
Em vão a fantasia encara horrores,
Que uns aos outros na mente se atropellam.

Diamantino cravo
Fixou o tempo á roda impetuosa
De antigos desvarios;
Sob a campa do olvido ferrollhadas
C'os crimes jazem gerações infames.

Eras d'atra memoria
Nem eu as já distingo; o baço lume
Que protegia o crime,
Ennuviou o sol da liberdade,
A cuja luz pimpolhos tenros brotam.

Eu os vejo, que surgem;
Audazes vistas para a glória erguendo,
Intentam conquista-la,
Despedaçados rucm baluartes,
Rompem d'aqui, d'ali, elle se rende.

Como os louvores ganhados
Em vez de sangue, só respiram honra,
Que lagrymas não custa!
Quão diversos que são tropheos de Apollo
Dos estandartes rotos de Mavorte!

Quando tuba guerreira
Os bellicosos animos incita,
As carnes se arripiam:
Contente folga a natureza, quando
Os sons das lyras ferem as estrellas.

Mas oh! que as palmas fogem,
Que a glória arrebatastes: sem constancia
Perde-la-eis para sempre:
Avante p'ra o combate, não percamos
Os bellos annos que ora desabroxam.

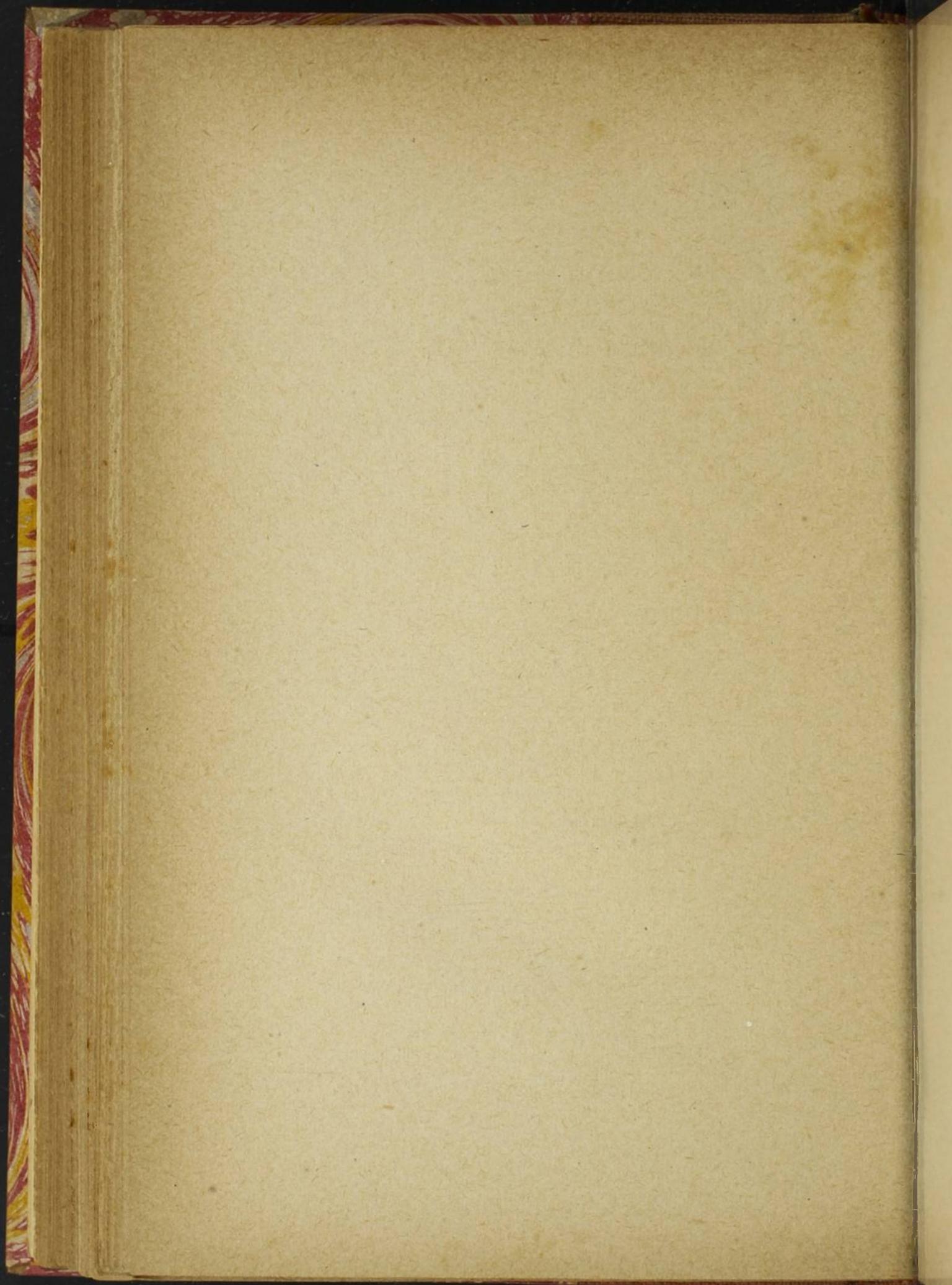
— Constancia — assim clamava
Quando rasgava o pavoroso abysmo
O Genovez ousado;
Quando a morte se erguia do Oceano,
De raio, de procella armado o braço.

Tambem ardor, constancia
Lhe abriu as portas do universo novo
Que d'agua á flôr rebenta,

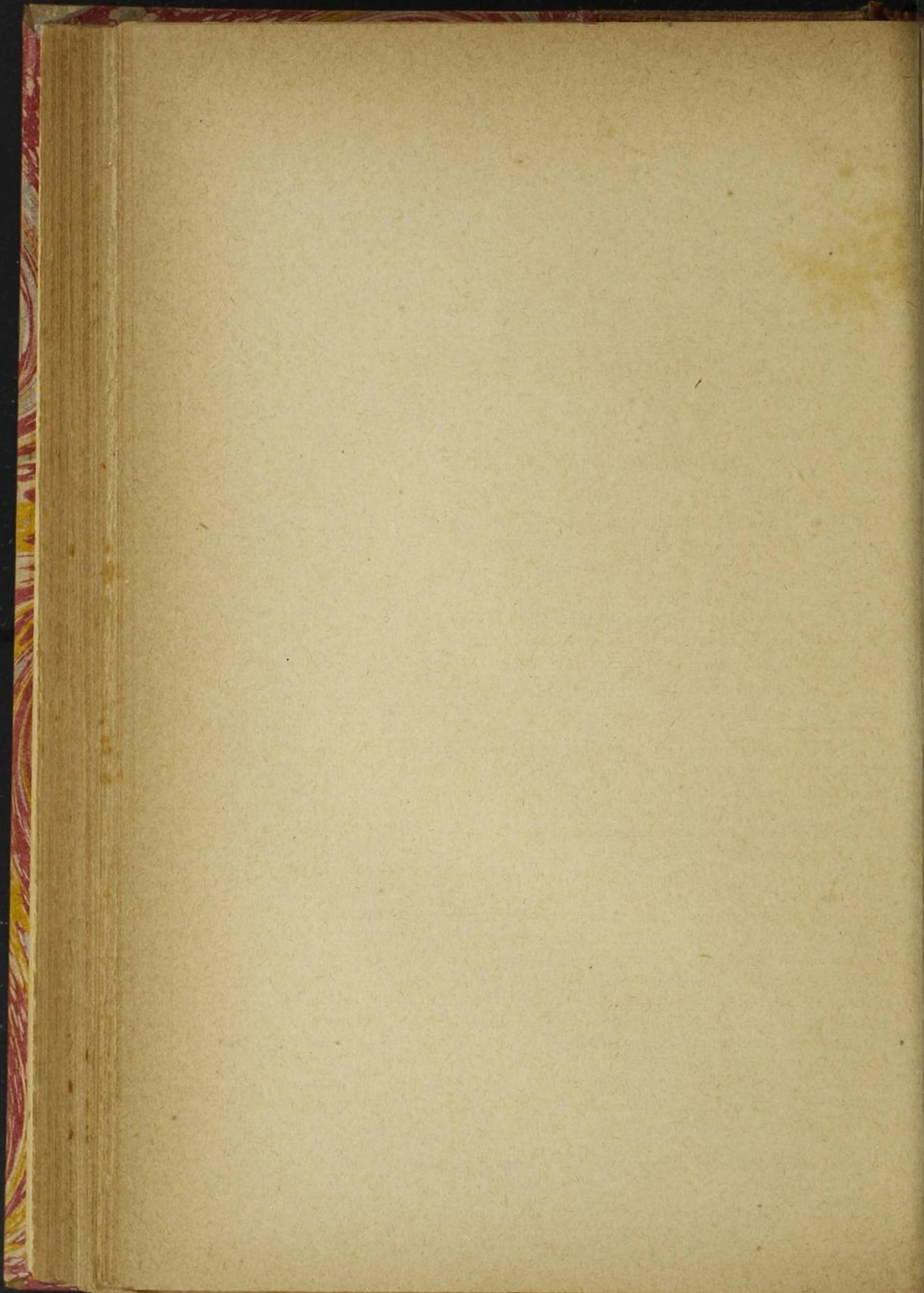
A vaidosa cabeça aos ceos alçando,
A patria nossa, de Colombo a terra.

Sede novos Colombos,
Marcai nos fastos da Brazilia historia
Uma era memoranda;
Abri do immortal templo a porta augusta,
Arcanos descerrai té qui vendados.

Em vão se morda a inveja,
Em vão co'as proprias mãos lascere as visceras
Dispare atroz arranco;
Bafos de peste só corrompem corpos
Onde o veneno gyra pelas veias.



LUIS RODRIGUES FERREIRA



1813. El
Cibola
1814. —
— Fr
En
Jan
de 18
m
p
que
f
seg
p
t
C
q
—
—

LUIS RODRIGUES FERREIRA

Á morte do senhor D. Pedro I

É morto, oh dor! o Duque de Bragança,
O fundador do brasileiro Imperio!
Seu corpo em paz no tumulo descança,
Folga sua alma lá no assento ethereo.
Viveu, em quanto os alicerces lança
Da liberdade em um e outro hemispherio;
Porém duram seus feitos na memória,
Gravados pela propria mão da glória.

[Luis Rodrigues Ferreira nasceu no Rio de Janeiro em 1813, filho de João Rodrigues Ferreira. Bacharel formado em Ciências Jurídicas e Sociais pelo Curso Jurídico de São Paulo, em 1834. — J. L. de Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo — Tradições e Reminiscências*, etc., sexta série, ps. 122.

Era morador e proprietário da Chácara da Saúde, no Rio de Janeiro, e requereu com seus irmãos José e Cândido, em outubro de 1851, a concessão de quatro penas d'água, não só para uso doméstico, como também para seu estabelecimento denominado Trapiche da Saúde, sendo a água derivada do encanamento público que passava pela rua da Saúde. Por despacho de julho de 1852 foi-lhe concedida uma pena. Era advogado, e foi juiz de paz do segundo distrito de Santa Rita, eleitor e vereador na Côrte. Alegando pertencer a uma família nobre e distinta, com bens de fortuna, pediu ao Imperador a graça de o nomear moço da Imperial Câmara, o que lhe foi concedido.— (*Documentos biográficos*, Secção de Ms. da Biblioteca Nacional, C. 777 — 28 e C. 781 — 1).

— Em relação à sua obra poética não há informação.
— R. G.].

Brazileiros! mostrai nos peitos vossos
 Humanos corações e não ferinos;
 Choraes quem vos quebrou os grilhões grossos,
 E buscou melhorar vossos destinos.
 Pagaes assim a seus illustres ossos
 Tributos de respeito d'elle dinos,
 Já que a Lysia tocou, que os guarda e acata,
 A honra de os cobrir de terra grata.

Quem é que assim tão generoso abdica
 Duas corôas da ambição na idade!
 Só elle! a quem sobrava a que lhe fica,
 Glória de dar aos povos liberdade:
 Mas na morte alcançou outra mais rica,
 Porque tanta virtude e heroicidade,
 A devia ter só no ceo sublime,
 E não na terra, habitação do crime.

Oh alma illustre! pois tantos cuidados
 Cá na vida estes povos te deveram,
 Roga a Deos, que remova os negros fados
 Que os aguardam, depois que te perderam:
 A fim de que vejamos conservados
 Os dous thronos irmãos, nos quaes imperam
 Tuas leis, para glória dos dois mundos
 Com Pedro e com Maria, ambos segundos.

GLOZA

A Saudade

Solatium miseris socios habere.....

VIRG.

Que é isto Portugal! envolto em pranto!
 Errante moves titubiantes passos!
 Hirsuta a barba! e as cans soltas em tanto
 Fluctuando nos tristes hombros lassos!

Tu, coberto de luto! e com espanto
Cruzados sobre o peito os froxos braços!
Ah! já sei a razão desta mudança:
* É morto, oh dor! o Duque de Bragança.

Oh vós tagides tristes! vós camenas,
Que prezidis ás nébias luctuosas;
Vós, que provais o fel das rudes penas,
Vós que em Lysia contestes (1) dessas scenas
De dor, e d'afflicções nunca extremozas;
Ajuda-me a chorar neste hemispherio
* O fundador do brasileiro imperio.

Patria minha, oh Brasil; chora comigo
Esta perda fatal! sim, Pedro é morto!
Perdemos n'elle um pai, um terno amigo,
Orfãos todos estamos, sem conforto,
Em quanto o mundo inteiro um firme abrigo
Da Liberdade, n'elle encara absorto,
Sua alma arfando em glória aos ceos avança,
* Seu corpo em paz no tumulo descança.

Cessem quantas acções e nobres feitos,
Praticaram varões, que aponta a historia.
Quem rapido ganhou milhões de peitos
Por milhares de acções de fama e glória,
É mais digno por certo dos respeitos,
Que nos deve inspirar sua memoria.
Seu nome vence cá da morte o imperio:
* Folga sua alma lá no assento ethéreo.

Talhado pela mão da Providencia,
Para feitos de glória nunca ouvida,
Na breve, que gozou, curta existencia,
Fez quanto se faria em longa vida.
Deu-nos leis, fóros, patria, independencia,
Ainda mais, constituição subida;

(1) Sic.

E, da luza e brazilia segurança,
 * Viveu, em quanto os alicerces lança.

Neto de tantos reis famigerados,
 Nem o deslumbra o solio, nem grandeza:
 Só anhela por modos combinados
 Os fóros vindicar da natureza.
 Mas querendo entre povos illustrados
 Os desvios conter da realeza,
 Eis que o pendão arvora com criterio
 * Da Liberdade em um e outro hemispherio.

Confessa, pois, Brazil, quantos cuidados
 A seu peito de veste generoso,
 Quando frustra esses planos negregados,
 Que Portugal te urdia caviloso.
 Satisfeito com teus futuros fados,
 Em seus braços te aperta carinhozo:
 Isto só bastaria á sua glória:
 * Porém duram seus feitos na memória.

Nos campos do Ipiranga a voz atrôa,
 Que altiva brada — Independência ou Morte; —
 E o ribombo da voz ingente sôa,
 Desde os angulos do sul té os do norte.
 Então de boca em boca o nome vôa
 De Pedro e Liberdade com transporte,
 E mil nobres transumptos colhe a historia,
 * Gravados pela própria mão da glória.

“Eis aqui, Brasileiros! o momento
 “De vossa liberdade, então exclama,
 “É tempo de expirar o aviltamento
 “Que ha tres sec'los garboso vos infama.
 “Que se extinga um tão longo soffrimento
 “A razão e justiça hoje reclama:
 “Mas de firme constancia são esforços,
 * “Brasileiros, mostrai nos peitos vossos.

“Do luzitano sólio inda que herdeiro,
“Por vós eu o desprezo de bom grado:
“Prézo mais ser aqui Pedro primeiro,
“Que ser em Portugal quarto aclamado.
“Mostrar quero á Europa e ao mundo inteiro
“Que o Brazil deve ser emancipado;
“E que tendes por lei d’altos destinos
* “Humanos corações e não ferinos.

“Mesmo impavido irei á vossa frente
“Debellar as phalanges bellicozas,
“Que temerárias venham hostilmente
“Insultar nossas praias venturozas.
“Morra embora; porém vendo contente
“As liberdades patrias gloriosas:
“Se na luta expirar, entre os destróços
* “Chorai quem vos quebrou os grillhões grossos.

“Só aspiro, por premio das fadigas,
“A que me vou expôr por vossa glória,
“Que vos não lacereis com vis intrigas,
“Que seja em tudo grande a vossa história,
“Eu só quero que um dia oh Brazil! digas:
“— Ditosos filhos meus! tende em memoria,
“Que é Pedro quem vos fez da patria dinos,
* “E buscou melhorar vossos destinos. —

“Fôra ingrato e meus filhos deshumanos,”
Lhe tornou o Brazil dando um suspiro,
“Se taes bens e favores soberanos
“Olvidar nos fizesse o tempo diro.
“Magoados soluços, ais insanos
“Te daremos no teu final retiro:
“E a justiça dirá com pranto aos nossos
* “— Pagai assim a seus illustres ossos. —

“Mas lagrimas que são a quem fez tanto!
“A quem tocou da glória a méta extrema!
“A quem com braço herculeo e por encanto
“Os ellos nos, rompeu da ferrea algema;

"A quem nos resgatou do vil quebranto,
 "Fundando o liberal, doce systema,
 "Não só sabem humanos, mas divinos
 * "Tributos de respeito, d'elle dinos.

"Se as cinzas dos heroes que pugnárão
 "Em defeza das patrias liberdades,
 "Assellam nos paizes que as guardaram
 "Eternos monumentos de saudades;
 "Se estes restos mortaes perpetuaram
 "Ali honra e valor e heroicidades;
 "Vanglorie-se Lysia altiva e grata,
 * "Já que a Lysia tocou que os guarda e acata.

"Inda ufanos, senhor, no paiz d'ouro
 "Teus venerandos ossos guardaremos:
 "Mas teu nome e teus feitos sem desdouro
 "Gravados em nossa alma encerraremos.
 "Ah! se o ceo nos privar deste thezouro,
 "Feliz aquelle sólo (nós o cremos)
 "Que tiver com vanglória, a mais sensata,
 * "A honra de os cobrir de terra grata."

Já da torpe discordia a voz se escuta,
 Ressurgida dos antros lá do averno,
 Que interrompe com manha arteira e bruta
 Do Brazil o discurso amigo e terno.
 "Assim te entregas, diz-lhe, á mão astuta,
 "Que te prepara um outro jugo eterno?!
 "Tanto zelo... e bondade... pois, que indica?
 * "Quem é que assim tão generoso abdica?"

Com soberba razão hoje pasmando,
 Ficaria de certo o mundo inteiro,
 Se houvesse tal blasfemia vomitado
 A discordia no sólo brasileiro;
 Pois que estava sómente rezervado
 Ao grande, ao immortal Pedro primeiro,
 Desprezar, por amor da Liberdade,
 * "Duas coroas da ambição na idade.

Eu de novo te invoco, oh Musa!
Tu me aponta se acaso houve na historia
Heroe que iguale a este, ou quem produza
Deslumbre inda o menor a tanta glória!
Dezistir da brazilia e c'roa luza,
Como se fôra cousa transitoria,
Só Pedro, cuja glória em vão se explica:
* "Só elle a quem sobrava a que lhe fica.

Na verde primavera de seus annos,
Quando infrene paixão nos predomina,
A ser grandes, do mundo os soberanos,
Com prodigios de assombro então ensina,
Todos quantos forjados, negros planos,
Naquelle e neste pólo, contramina:
Deixando a saciar sua vaidade,
* Glória de dar aos povos liberdade.

Eis com negra ambição, damnada intriga,
Com nefanda artimanha, insolentes,
Transvertem, como acção, da patria imiga,
Suas puras acções mais innocentes.
Mas Pedro, que não quer que mais prosiga
Essa horrivel facção d'ineautas gentes,
Larga a c'roa, que em vida o mortifica,
* Mas na morte alcançou outra mais rica.

Cercado de amarguras neste ensejo,
Deixa o Brazil, a patria que adoptara;
Mas receando ver a extremo arquejo
Esta plaga infeliz que tanto amára,
Lhe entrega os filhos seus, pois seu dezejo
É ver salva a nação que libertara.
Como pois combinar tanta bondade!?
* Porque tanta virtude e heroicidade!?

Ao pezo enorme da britania quilha,
Já se curvam longinquos, crespos mares,
Quando junto á consorte e cara filha,
Grandes planos revolve salutaes.

Mas em quanto a anarquia esmaga e trilha
 Das leis e bons costumes os altares,
 Foge-lhe a paz; porque na dôr que o opprime,
 * A devia ter só no ceo sublime.

“Ficai em paz, exclama, oh insensato
 “Que assim vos conspirais contra um amigo!
 “Embora requinteis vossos maos tratos,
 “Que eu não mudo do norte em que prosigo:
 “Bem tarde sabereis os sceleratos...
 “Que vos promettem dar paterno abrigo,
 “Pois só viso no ceo premio que anime,
 * E não na terra, habitação do crime.”

Já na Gallia e Britania se apresenta,
 D’ambos povos bemquisto e bem acceito:
 E qualquer dos monarcas mais se ostenta
 Nos meios de lhe dar maior respeito.
 Então o grande plano se fomenta,
 Que deve em Portugal ter pleno effeito;
 Eis a c’roa de teus propicios fados,
 * Oh alma illustre! pois tantos cuidados!...

Á testa de seus bravos companheiros
 Vem juntar á Tereceira os mais soldados:
 E já com nacionaes, já estrangeiros,
 Do Porto affronta os portos destinados.
 Salta: e logo os rebeldes, que primeiros
 Ao encontro lhe saem, são derrotados.
 Salvou-se o Porto: e os louros que colheram
 * Cá na vida estes povos te deveram.

Com força escassa ataca a força immensa,
 Que em favor de Miguel resiste forte;
 Provincia já não ha breve ou extensa,
 Que a victoria não custe estrago e morte.
 Salvou-se Lysia alfim, quando não pensa
 Tão depressa mudar de estado e sorte;
 Pedro exulta: e dos povos desgraçados,
 * Roga a Deos que remova os negros fados.

Desassombrada Lysia, e o monstro expulso,
Dias etesios para os Lusos nascem:
Maria empunha um sceptro, inda convulso,
Que suas mãos talvez nunca empunhassem.
Sem ti, Pedro immortal, sem teu impulso,
Talvez que inda os povos arrastassem.
Esses férreos grilhões que já soffreram,
* Que os agoardam, depois que te perderam.

Mal se firmava ainda a liberdade,
Quando approuve ao supremo archipotente
Premiar ao heroe da nossa idade
Com a palma immortal da glória ingente.
Mas Pedro, que ao vigor da enfermidade
Seu corpo fallecer de todo sente,
Fixa um bello porvir a seus estados,
* A fim de que vejamos conservados.

Lutando já co'as dores, já co'a morte,
Se despede de todos seus amigos;
Ora abraçava a filha, ora a consorte,
Pedindo até perdão a seus inimigos.
Eis sua alma abandona o peito forte:
Seu corpo resta nos lethaes jazigos:
As leis tremem de horror, e estremeeceram
* Os dous thronos irmãos, nos quaes imperam.

Já marcha de Queluz p'ra São Vicente
A pompa funeral: ceos! que tristeza!!
O pranto corre em jorro, e se não sente
Mais do que ais e soluços por fineza!!
Aqui o orfão geme amargamente,
Ali o ancião e a viuveza:
Mas adoram-te, oh Deos! na dôr profundos,
* Tuas leis para glória dos dous mundos.

Em paz descança, oh alma gloriosa!
A par de um ser, que a tudo é sobranceiro,
Que eterna gratidão vai pressurosa
Gravar em tua campa este letreiro:

Aqui jaz quem fez Lysia venturoza:
 "Quem fez livre o Brazil, Pedro primeiro:
 "Quem a glória firmou d'ambos os mundos
 * "Com Pedro e com Maria, ambos segundos." (1)

Deu-se para glosar o seguinte

MOTE

Heroe na vida, mais que heroe na morte.

GLOSAS

I

Languida voz, no peito reprimida,
 N'um peito de mil penas escoltado,
 Mal pôde articular em som magoado
 De Pedro o nome e fama tão subida.

Este heroe que com glória nunca ouvida
 Dous sceptros desprezára de bom grado,
 Em prol da liberdade ora immolada,
 Acaba de exhalar a doce vida.

Manes de Jefferson; de Penn ditoso;
 Manes de Lafayette sempre forte;
 De Washington e Franklin saudoso;

Surgi das frias campas lá do Norte;
 E admirai em Pedro, o mais famoso
Heroe na vida, mais que heroe na morte.

(1) Não desconhecemos que algumas destas estancias teem pouco merito, e que ha nellas versos prosaicos e até incorrectos. Como porem esta composição é hoje rara, preferimos reproduzil-a por inteiro.

II

Aqui da estancia amêna aonde habito,
Eu te saúdo, oh Lysia venturosa!
Lysia, patria d'heroes, hoje saudosa,
Teu nome com respeito aqui repito.

Tu, que ao maior heroe do orbe inclito
De haveres dado o ser eras vaidosa,
Hoje triste lhe encerras, mais ditosa,
As cinzas no materno seio afflicto.

Cesse a vanglória pois de Grecia e Roma,
De Sparta e Macedonia o vão transporte,
Que nova direcção a história toma.

Enxuga o pranto, oh Lysia! e exulta forte:
Pois dentre os filhos teus Pedro te assoma,
Heroe na vida, mais que heroe na morte.

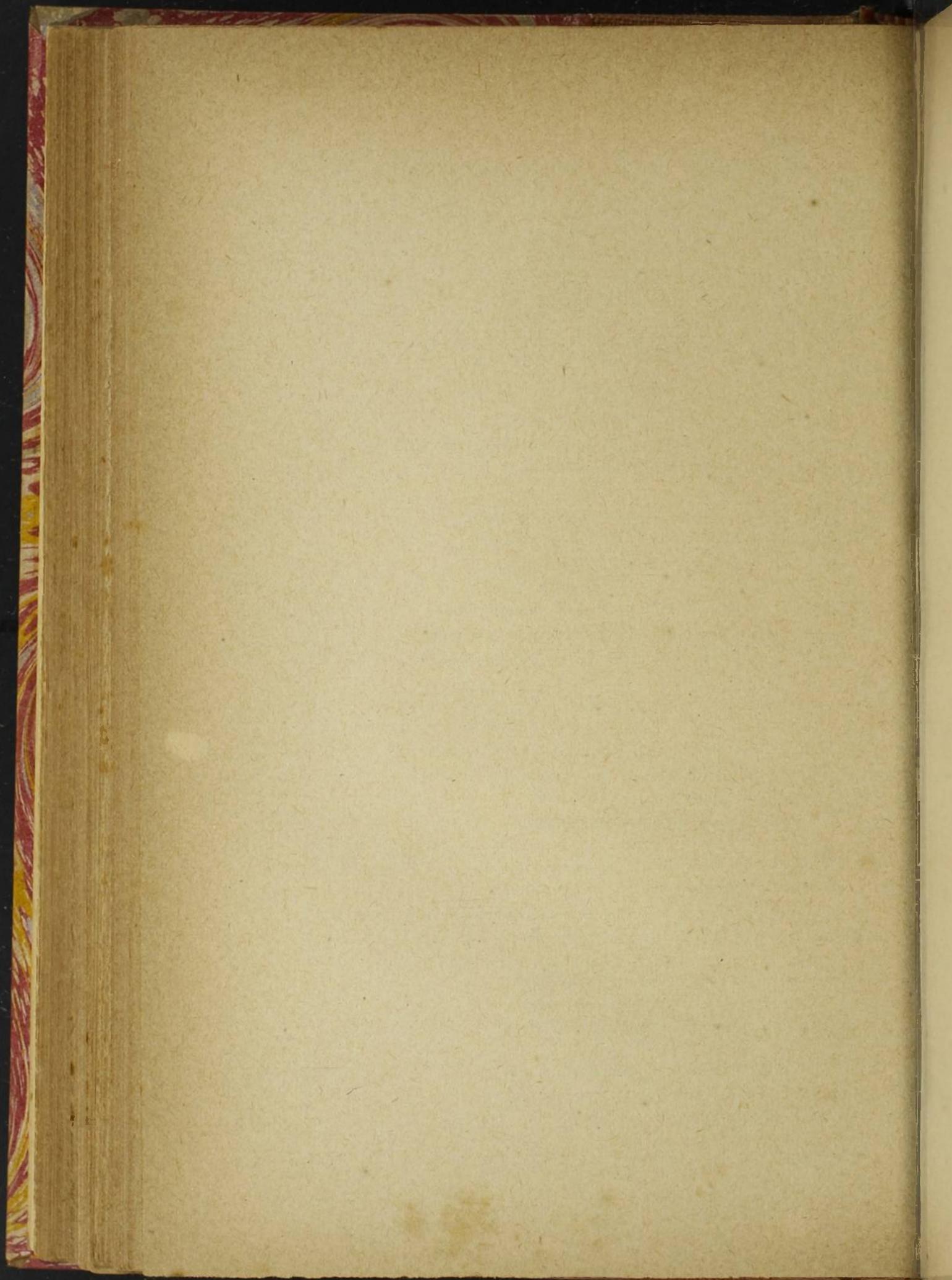
III

Se um Tito ainda hoje é apontado,
Qual modello dos reis e dos humanos;
Se fizeram a glória dos Romanos
Antonino, e um Trajano decantado:

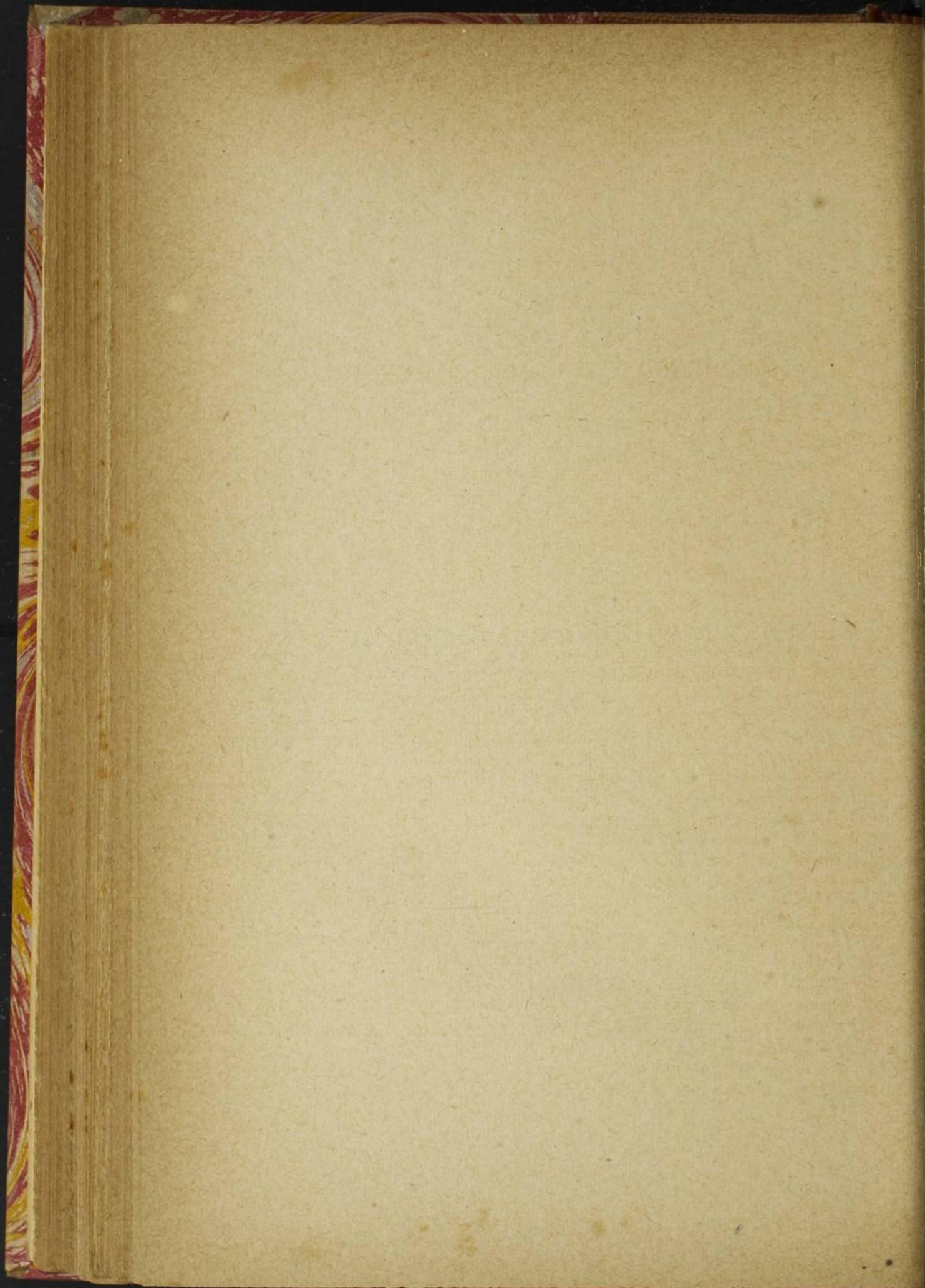
Se um Frederico foi de Prussia olhado
Capaz de dirigir os mais sob'ranos;
Se um Pedro, o grão Czar dos russianos
Tem renome na historia sublimado:

Esse, que ao povo luzo e brasileiro
Deu patria, e liberdade d'alto porte,
Nos fastos das nações será cimeiro.

Pois da Parca não soffre o duro corte,
Quem é como qual foi Pedro primeiro,
Heroe na vida, mais que heroe na morte.



FRANCISCO FERREIRA BARRETO



adri de l
de Mem
cisme m
fin Ep
Assembl
Assembl
fin imp
ves de B
dus de l
Colum de
telle m
ma m
Assembl
O V
de 1851
- T
de sign
II. p. 1
de son p
son
propri

FRANCISCO FERREIRA BARRETO

O primeiro homem

Depois de mil mundos
De immensa grandeza,
Que falta? Inda resta
A maior empreza.

[Francisco Ferreira Barreto nasceu no Recife, em 5 de abril de 1790; filho de Vicente Ferreira Barreto e de D. Adriana de Messias Barbosa. Seus estudos primários e secundários foram feitos na cidade natal; em 1813 ordenou-se presbítero no Seminário Episcopal de Olinda. Foi eleito deputado suplente à primeira Assembléa Constituinte, em que tomou assento; dissolvida essa Assembléa em 10 de novembro de 1823, regressou à província e foi despachado vigário da freguesia de São Frei Pedro Gonçalves do Recife, em que se colou; foi em seguida nomeado pregador da Imperial Capela e condecorado com gráu de Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro. Daí por diante foi apenas o Vigário Barreto, todo entregue às obrigações pastorais de sua freguesia, nem mesmo interrompidas quando, em uma legislatura, foi deputado à Assembléa Legislativa Provincial.

O Vigário Barreto faleceu no Recife em 25 de fevereiro de 1851.

— Veja sua biografia por Antônio José de Mello, *Biografias de alguns poetas e homens illustres da Província de Pernambuco*, II, ps. 19/107, Recife, 1858, — onde se encontra a maior parte de sua produção poética.

Sua bibliografia, em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, II, ps. 443/445. — R. G.]

Silencio!... Silencio!...
Ceos! ouvidos dai!
Cahos! eternidade
Abysmos! pasmai!

Deus em suas mãos
A argilla tomou:
Argilla! o que és tu?
“O homem já sou”.

Homem! quem seria,
Que assim te formou?
“Aquelle que os astros
“E a argilla creou.”

Eis a nossa origem,
O que somos nós.
Plantas! escutai-o,
Tem vida, tem voz.

Meio-barro ainda,
Entrou a agitar-se:
Existe!... mas como?
Não sabe explicar-se.

Um suor ligeiro
Então lhe apparece:
Tem vida, elle sente,
Respira, conhece.

Inda mal seguro,
A custo surgiu:
Um pé vacillante
Na terra imprimiu.

Attonito, os olhos
Nos céos embebeu,
E aos campos, aos montes,
Depois os volveu.

Olhando-se então,
Reflecte, imagina;
Seu ser, o seu todo,
Contempla, examina:

Excita-se e logo
As forças prepara:
Caminha umas vezes,
Outras vezes pára.

“Quem sou existindo!
(Suspenso bradava):
“E antes de ter vida,
“Quem era? onde estava?

“Meus olhos se abriram...
“A luz me cercou...
“Seres! ensinai-me,
“Dizei-me: quem sou?

“Quem pode, dizei-me,
“Dar ao nada essencia?
“Como é, que passei
“Do nada á existencia?

“Ouve, Natureza!
“Escuta este ser
“Que achou-se em teu seio,
“Sem nunca o prever!

“Eu não me recordo
“De ter vida outrora,
“Mas eu estou certo
“De que vivo agora.

“Palpita-me o peito:
“Oh! não, não deliro!
“Não sei dizer como;
“Mas sei que respiro.

“Eu sinto e conheço...
“Como se fez isto?
“Se conheço, penso;
“Se penso, eu existo.

“De que modo pude
“Pensar e sentir?
“Quem foi que me disse
“O que era existir?

“Palpita-me o peito
“Oh! não, não deliro!
“Não sei dizer como,
“Mas sei que respiro.

“Meus olhos se abriram
“A luz me cercou...
“Seres! ensinai-me,
“Dizei-me: onde estou?

“Da razão a chamma,
“Fulgurando, lavra,
“E ao meu pensamento
“Liga-se a palavra.

“Discorro e alcanço,
“Combino e prevejo,
“Mil sons articulo,
“Dou nome ao que vejo.

“Mil sons articulo!
“Que prodigio immenso!
“Como póde a lingua
“Dizer o que eu penso?

“Quero: o meu querer
“Traz-me a liberdade:
“Como esta depende
“Da minha vontade?

“Meus olhos se abriram,
“A luz me cercou...
“Seres! ensinai-me,
“Dizei-me: quem sou?

“Se intento mover-me,
“Basta o meu intento;
“Subito da inercia
“Passo ao movimento.

“Eu movo-me, e logo
“Dezejo parar;
“Depressa me sinto
“immoavel ficar.

“Oh! nuvens! oh! astros!
“Oh! céos! oh! fulgores!
“Oh! montes! oh! rios!
“Oh! campos! oh! flores!

“Meus olhos se abriram
“A luz me cercou...
“Falai — instrui-me,
“Dizei-me: onde estou?

“Vejo-me abysmado
“Nas trevas, na luz,
“Traz o dia a noite,
“A noite o conduz.

“Falai, arvoredos!
“(Eu nunca vos vi)
“Falai, instrui-me:
“Quem me trouxe aqui?

“Quem pode crear-me?
“Respondei-me quem?
“Ninguem me responde,
“Não ouço ninguem.

“Busco a minha origem,
“Indago o meu fim,
“Ninguem me responde,
“Não sei donde vim.

“Meus olhos se abriram,
“A luz me cercou...
“Seres! ensinai-me,
“Dizei-me quem sou?

“Prodigios que eu vejo,
“Sois vós illusão?
“Existis acaso?
“Ou mente a visão?

“Eu fecho meus olhos,
“Tudo se esvaece:
“Eu abro, e logo
“Tudo me apparece.

“Fecho-os outra vez,
“Tenho tudo ausente;
“Se de novo os abro,
“É tudo presente.

“Prodigios que eu vejo,
“Sois vós illusão!
“Existis acaso?
“Ou mente a visão?

“Na escalla dos seres
“Tudo tem seu par,
“Serei solitario?
“Serei singular?

“Entes mil povoam
“A terra, e os ares,
“Voltejam os peixes
“No seio dos mares.

“O fulvo leão
“De garbo se arreia,
“Ao lado da socia,
“Rugindo, campeia.

“A zebra listrada,
“E o gamo veloz,
“Tem seus semelhantes,
“Não existem sós.

“No campo os soffreos (1)
“Canções vão tecendo,
“E as rolas no bosque
“Respondem gemendo.

“Dois melros gorgeiam,
“Dois pombinhos rulam,
“Lá marcham dois tigres;
“Dois cordeiros pulam.

“Suaves accentos,
“E graves ruidos,
“Ligeiros penetram
“Meus fracos ouvidos.

“As flores de dia
“Matizam os campos,
“De noite os esmaltam
“Subtis perilampos.

“Vi todos os seres
“Não vejo o meu par,
“Serei solitario?
“Serei singular?

(1) O soffreio é um lindo passaro, vestido de preto lustro-
zissimo, com amarello muito acceso, e as azas matizadas de bran-
co, que exprime em seu canto a palavra *soffreu*.

[*Sofrê*, *Corrupião*, *Concriz* ou *João Pinto*, é o *Xanthornus*
(*Icterus*) *jamacai*, pássaro da família dos Icterideos].

“Nem vive nos vales
“Nem vive nos montes,
“Nos mares não vive,
“Não vive nas fontes.

“Na escalla dos entes
“Tudo tem seu par:
“Eu sou solitario,
“Eu sou singular.

“Prodigios, que observo,
“Não sois illusão!
“Vós sois existentes,
“Não mente a visão.

“Portentos tão grandes
“Quem obra? quem faz?
“Oh! causa! oh! principio!
“Quem és?... onde estás?

“Origem! luz! força!
“Norma! vida! ser!
“Ordem! graça! termo!...
“Que posso eu dizer?

“Quem és?... Se me animo
“A romper teus véos,
“Na terra te vejo,
“Descubro nos céos.

“Tens a natureza
“Prostrada aos teus pés,
“Conheço que existes;
“Não sei quem tu és.

“Quem és?... E de novo
Os céos contemplou:
Perdido no espaço,
De assombro parou.

Quem és?...” (disse ainda)
O Empyreo se abriu,
E a face do Eterno
Clarões espargiu.

Humilhai-vos, montes,
Ao summo Adonai!
Tocados de espanto,
Mares! recuai!

Recebe-o nas azas
Veloz cherubim,
E vence de um vôo
Espaços sem fim.

Regiões immensas,
De ardentes faróes,
Com elle atravessa,
Boiando entre sóes.

Do Genio a plumagem,
Que enleio produz!
Fuzilam nos ares
As tranças de luz.

O ser infinito,
No transito seu,
De globos fulgentes
Os ares encheu.

Da face dos olhos,
(Fontes d'esplendor)
Cahiam-lhe estrellas,
Tudo era fulgor.

Librado nas pennas
Do Genio velóz,
Nos campos do Eden
Soltou sua voz.

Abatei-vos, montes!
Ouvindo Adonai!
Florestas! curvai-vos!
Mares, recuai!

“Os céos (diz ao homem)
“Do nada criei,
“A terra do nada,
“Do pó te formei.

“Eu sou do que existe,
“Primeiro motor:
“Não ha outra origem,
“Nem outro senhor.”

Disse: de improviso
Foi tudo tremor,
E os ares respondem
“Origem!... Senhor!...”

As penhas retumbam:
(Que horrivel fragor!)
“Origem...” repetem,
Repetem... “Senhor!”

Do Tartaro as portas
Rangeram de horror;
Bradaram... “Origem!...”
Bradaram... “Senhor!...”

Soltando estes eccos,
Dobrou-se o terror,
E ainda tres vezes
“Origem!... Senhor!...”

Das trevas o Archanjo
No abysmo tremeu,
E Deus entre os astros,
O Rosto escondeu.

Os montes escutam
Tudo o que elle diz,
E ondeiam medrosos,
Na vasta raiz.

Abatei-vos, montes!
Á voz de Adonai!
Florestas! curvai-vos!
Mares! recuai!

Attonito o homem,
Assim que o ouviu,
Co'a face por terra
Submisso cahiu.

Reflecte em silencio
Na vóz do Immortal;
E adora dos seres
O ponto vital.

Montes! abatei-vos
Ao summo Adonai!
É tudo obra d'elle,
Mares! recuai!

Primeira mulher

Não acha o homem
Seu par no mundo;
Traz-lhe o desgosto
Somno profundo.

Deus que o penetra,
Triste o não quer:
E do homem fórma
Logo a mulher.

Já se arredonda
Celeste rosto...
Que alto desenho!
Novo composto!

Mimos e graças,
Do céu resumo,
Pulam ao toque
Do dedo summo.

Que maravilha,
Da mão suprema!
E eis a primeira
Belleza extrema!

Quantos prodigios!
Mas que importava!
Tudo sem vida,
Sem côr estava.

Então o sangue
Se revolvendo,
No peito, em ondas,
Corre, fervendo.

Ao forte impulso
O coração
Recebe e soffre,
Grave impressão.

Já se comprime,
(Pasmoso effeito!)
Já se dilata
Dentro do peito.

Fraço ao principio,
Lento palpita,
Depois mais forte
Bate e se agita.

Do sangue ao gyro
Surge o vigor,
Tudo tem vida,
Tudo tem côr.

O corpo treme,
Ligeiramente;
E pouco a pouco
Se anima, e sente.

Ligeiros n'alma
(Quantos portentos!)
Fervem e pulam
Os pensamentos.

Logo os cabellos
Se desenleiam,
Negros se tornam,
Crespos ondeiam:

Cobrem avaros
A neve pura
Do peito, aonde
Vive a ternura.

Longos, espessos,
Brilhando avultam,
E as outras fórmãs
Assim occultam.

Brunida testa
Vai branquejando,
E as sobrancelhas
Negras ficando.

O azul suave
Que os céos ornou,
Nos meigos olhos
Vivo brilhou.

A claridade
Veiu feri-los,
Ella fechou-os,
Mal poude abri-los.

Faces de neve
Se avermelharam.
Rosas purpureas
Então ficaram.

Então os labios,
Calor tomando,
Rubins ardentes
Se vão tornando.

Sostem altivo
Belleza tanta
Collo de jaspe
Que a vista encanta.

Intactas ficam
Mil outras graças:
Basta, paremos,
Tintas escassas!

Jamais profane
Sombra grosseira
Castas delicias
Da mãe primeira.

Longe, bem longe,
Lasciva côr
Da obra prima
Do Creador.

Sublime esforço
Das mãos de Deus!
Mancham-te os mimos
Os pinceis meus.

Homem! desperta
Do somno amargo,
Recobra as forças,
Deixa o lethargo.

Ah! porque dormes!...
Tibio! desperta!
Estende os braços,
A esposa aperta.

Ah! porque dormes!...
Ei-la a teu lado:
Elle abre os olhos,
Como assombrado.

Subito a encontra,
Cheia de vida,
Sobre a viçosa
Relva florida.

Julga verdade...
Julga illusão...
Timido, incerto,
Lhe estende a mão.

A face, o peito,
Brando palpou:
Ella existia,
Não se enganou.

Então absortô,
Sem movimento,
Na esposa engolfa
Seu pensamento.

Na que é de graças
Vivo modello,
Viu outro elle,
Porém mais bello.

Contempla as faces,
Meigo suspira;
Attende aos labios,
Quasi delira.

Olhos... cabellos...
Nada perdôa:
Co'a idéa errante
Ligeiro vôa.

Cheio de assombro,
Tudo regista:
Não sabe aonde
Repouse a vista.

Com taes encantos,
Tal perfeição,
De gosto arfava
Seu coração.

Reflecte ainda
Suspiros sólta,
Vai-se um instante,
Rapido volta.

Seu par formoso
Tornando a ver,
De vê-lo sente
Novo prazer.

Jámais o pejo
Seu rosto opprime,
Pois que a vergonha
Nasceu do crime.

Era de graça,
De luz ornado!
Quem tem remorso,
Sem ter peccado?

Simpleza é todo,
Todo é candura:
Não é mais virgem
A flor mais pura.

Não era a culpa
Contra o pudor:
Era a innocencia
Sentindo amor.

Não o delicto
Junto á belleza
Tu, simpathia!
Tu, natureza!

Viu-a, e amou-a,
Deu ternos ais:
Sabe só isto,
Não sabe mais.

— “Já solitário
“(Diz-lhe) eu não vivo:
“Tu me pertences,
“Doce attractivo!

Os froxos lumes,
Eis que o ouviu,
Fitou no esposo,
Terna sorriu.

Co'a voz a idéa
Procura unir
E ella forceja
Por se exprimir.

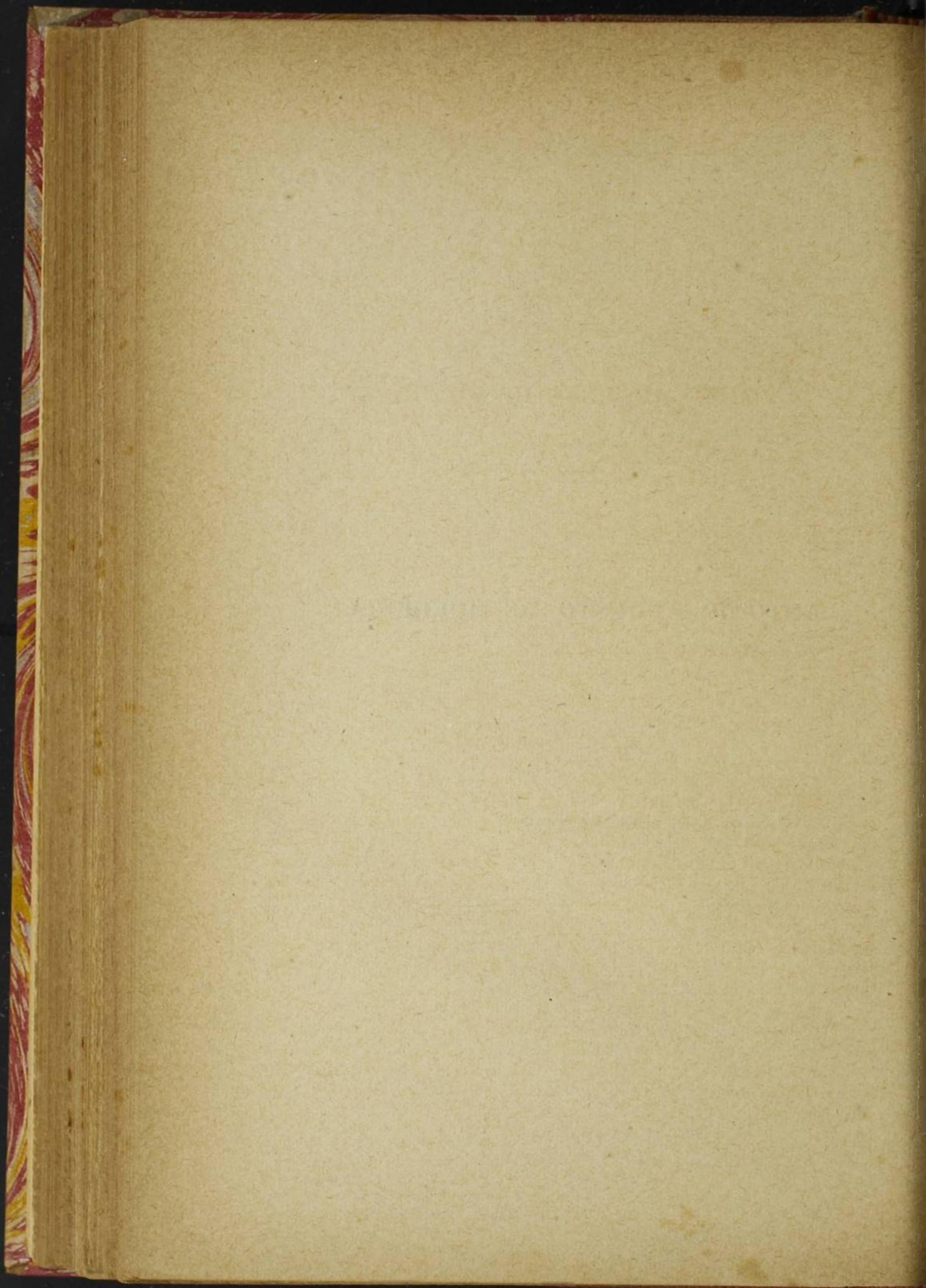
Logo os seus labios
Vão murmurando
Um tom macio,
Confuso e brando.

Quando de todo
Desprende a fala,
Grato perfume
De dentro exhala.

“Se te pertenco,
“Tambem és meu”
Disse. Elle torna:
“Sim, eu sou teu.

“Não nos separe
“Momento algum:
“De dous que somos,
“Sejamos um.”.

ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA



[unclear]
de Princes
marino J
Sio Paul
en Chica
seguida
Paul -
Qua
luntia
Nela de
Gloria, L.I
Anima
- Sa
Siva, m
Siva de
miller de
cupo apu

ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA

Lyra

Tudo é silencio no bosque!
Que solitaria mansão!
Sabiá, cantando amores,
Só povôa a solidão,
Em debil ramo, saudoso
Descanta, geme e suspira.

Ah! Junta, cantor plumoso,
Junta aos sons da minha lyra
'Teu canto melodioso...

[Antônio Augusto de Queiroga nasceu em 1811, na vila do Príncipe, hoje cidade do Serro, Minas Gerais, filho de Bernardino José de Queiroga. Matriculou-se no Curso Jurídico de São Paulo em 1829, aos dezoito anos de idade, e ali se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais em 1833, colando o gráu no ano seguinte. — J. L. de Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo — Tradições e Reminiscências*, etc., sexta série, ps. 8/12.

Quando estudante foi um dos fundadores da Sociedade Filomática de São Paulo e um dos redatores de sua revista. — Nelson de Senna, *Serranos Illustres*, in *Revista do Instituto Histórico*, LXV, parte 2.^a, ps. 361/363.

Antônio Augusto de Queiroga faleceu em 1855, no Serro.

— Sua obra poética, em parte, recolheu J. M. Pereira da Silva, no *Parnaso Brasileiro*. É louvada por Silvio Romero, *História da Literatura Brasileira*, II, ps. 52 (3.^a edição), como o melhor documento da estesia do poeta a sua *Lira do sabiá*, que aqui aparece. — R. G.]

Tua musica suave
É doce como a lembrança
Que em desabrida tormenta
Forma o nauta da bonança:
Dize, tu cantas zeloso?
Ou feliz amor te inspira?
Ah! Junta etc.

Livrem-te os céos do ciume,
Meu querido passarinho;
E que a tua amante ingrata
Te menospreze o carinho.
Mas tu não cantas queixoso,
Amor teus versos inspira.
Ah! Junta etc.

Que accento que escuto agora!
Repete-o por piedade,
Alenta meu peito amante,
Mitiga minha saudade;
Esse nome harmonioso
De novo estes ares fira!
Ah! Junta etc.

Dize-o agora — oh! — não me occultes
Quem meus amores te ensina,
Cantaste a belleza, as graças,
Pronunciaste Oscarlina;
Viste-lhe o rosto formoso,
Onde risonho amor gira!
Ah! Junta etc.

Ou viste-lhe o seu retrato
Na aurora purpurea e bella?
Na rosa as faces mimosas,
Os olhos n'alguma estrella?
Se a já viste, és desditoso,
Comigo em zelos delira!
Ah! Junta etc.

Mas ai! A linda Ocarlina...
— Porque seu nome disseste? —
Não me attende, e a funda chaga
Abrir de novo quizeste!
Vi seu rosto gracioso...
E oh! nunca o rosto eu lhe vira!...
 Ah! cessa cantor plumoso,
 Discorda os sons da lyra
 Teu canto melodioso!

Se estimas o teu descanso,
Não lhe repitas o nome;
Teme o fogo do ciume,
Que este meu peito consome!
Vive em paz, d'ella te esquece,
Mas lembrem-te estes meus ais,
E chora os desgostos meus...
 Ah! basta, não cantes mais,
 Adeus, passarinho, adeus!

ODE

O Carrasco

Eia, Musa, desçamos
A ensopar o pincel na côr do Inferno!
 O coração que é d'homem
Fuja de ouvir-me, trema d'escutar-me...
São puro horror meus versos denegridos.

Ao som da surda grita,
Por entre a multidão espavorida
 Vinha o réo ao patibulo!
Cumpra-se a lei! — que fez —
.....

Que transportes que eu sinto!!
Tumultua-me o sangue pelas veias:
Meus olhos cubiçosos,
Anhelando o espectáculo nefando,
Empanam-se, medrosos de encontra-lo!

Ei-lo que move os passos,
Um por um que o coração lh'os veda!
No seu rosto convulso
Pintada a morte com visagens feias
Aggrava mais e mais o horror do transe.

Que montão de fantasmas
Se ergue por toda parte ao desgraçado!
No funebre ataúde
Negreja a imagem do futuro ignoto,
Que no escuro dos tumulos se aplaina.

Um só momento apenas
Da eternidade lhe separa o tempo!
No cimo do patibulo
De atropellar-lhe a vida d'um momento
Sentada a morte está sorrindo anciosa!...

Mas que força violenta
Do cadafalso me retira os olhos?
Que mais horrores faltam
Que nova atrocidade para o quadro?
— Não vês! lá tens o horrído carraseo!

Descae mão de segure
Sobresaltada de vapor á morte!
Precipita-se em terra,
E de longe volvendo o rosto esqualido,
Encara o monstro e pasma d'avistal-o!

Eu o vi sem turbar-se
Da victima infeliz galgando os hombros,
Com frenesi não visto,

Aridos olhos, o semblante alegre,
Contar suspiros, numerar-lhe as ancias!...

És monstro máis que um tigre,
Que a natureza não produz carrascos —
Esse peito de bronze
Essas ferrenhas, asperas entranhas
Ai! só póde formar a mão dos homens!

A musa horrorisada
Não póde proseguir, — das mãos me arranca
A criminosa lyra:
E fazendo-a pedaços, foge e brada
Que finde aqui com lagrimas meu canto.

CANTATA

O retrato

Debalde o jasmim no valle,
E o mimo da natureza
Abre o rociado seio,
Mostra as graças e a belleza,

Debalde viçosos nascem
O lirio, o cravo e a assucena,
Ao choro da linda aurora
Em madrugada serena.

Para retratar as faces
Do meu bem, dos meus amores,
Não valem as rosas, não valem
Os jasmins e as outras flores.

A brilhante estrella d'alva
Os olhos mal lhe retrata,
A redonda lisa testa
Excede a brunida prata.

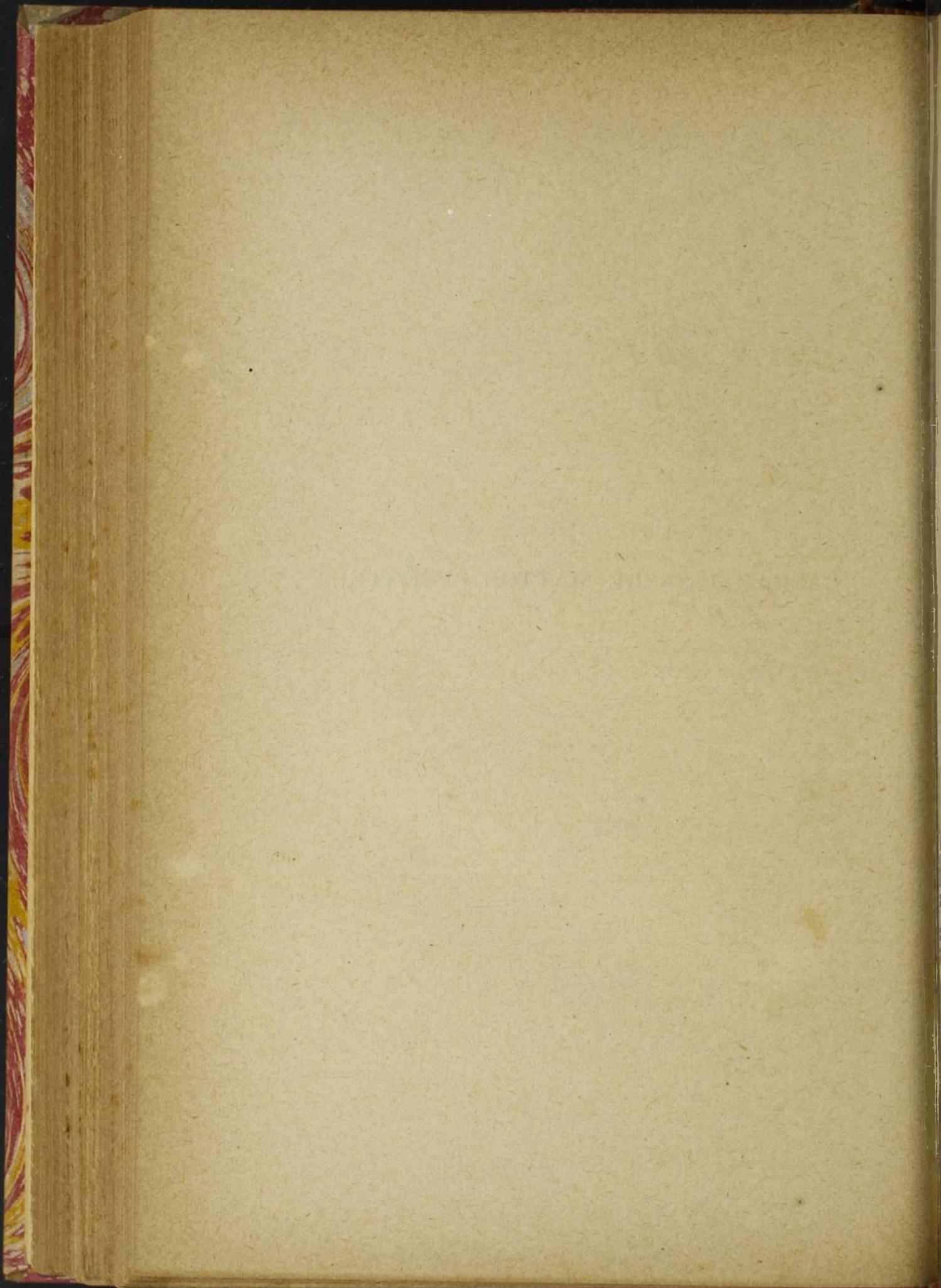
Os labios, os roseos labios,
Por onde fala a candura,
Não pintam a romã partida
No meio de neve pura?

D'estas aureas fontes, lindo
Pistillo da formosura,
Pendentes mil cupidinhos
Lhe estão chupando a doçura.

Se te visse o mesmo Jove
Encantado te adorára,
E gozos do Paraiso
No teu semblante lográra.

Então que muito, ó Marilia,
Que eu de amores gema e chore?
E que dentro do meu peito
Te crijá um templo e te adore?

GASPAR JOSÉ DE MATTOS PIMENTEL



GASPAR JOSÉ DE MATTOS PIMENTEL

Cantico ao 7 de Setembro

É p'rigozo soltar meu estro ousado,
Quando a patria nação off'rece ao globo
Novos quadros, que a lei reprova e risca;
Nem soffre que o poder, com dextra armada,
No seu vasto recinto, irado toque;
Compete em temporal ao rijo nauta,
Os mares affrontar, salvando a vida,
Em noite de pavôr, que raios vibra,
Sossobre a nação pendente, entregue aos ventos.

[Pouco se sabe desse poeta. — Em dezembro de 1839, em requerimento ao governo da Regência, declarou que, tendo feito alguns reparos e festejado o Senhor Bom Jesús dos Perdões na igreja do Colégio dos Jesuitas, sita no Morro do Castelo, por essa ocasião obtivera dados sobre haverem subterrâneos naquele local; por não haver quem se prestasse a fazer as despesas necessárias, e como era de utilidade geral se descobrirem tais subterrâneos, onde se poderiam encontrar monumentos da antiguidade, e talvez mesmo alguns objetos de valia, — propunha-se a fazer à sua custa todo o dispêndio necessário para se levarem a efeito as explorações nos lugares mais apropriados, que forem tendentes ao descobrimento dos subterrâneos, ficando pertencendo à Nação todos os objetos, em cujo caso se lhe pagarão as despesas feitas, nunca excedendo à quantia de um conto de réis, e uma gratificação que o governo entendesse justa. Essa concessão fôra antes dada a João Waterhouse. — (*Documentos biográficos*, Secção de Ms. da Bibliotheca Nacional, C. 870, 43).

Da obra poética de Matos Pimentel só é conhecida a parte que o Autor aqui publica. — R. G.].

Eis-me em meio do crime e da virtude,
Encarando o terror da atroz calúnia;
E vendo a sam virtude atropellada,
N'este horrivel painel de negras côres;
Vejo o monstro infernal, d'aspecto horrendo,
Colhendo d'entre horror do escuro averno,
Somente adulator, perjuro, infame.

A patria, que offuscou de Roma o brilho,
Só curte, em desprazer, tristonhos dias,
Que a discordia brutal está traçando,
Para o mando empolgar na patria minha!!!
Já de Bueno não vejo a sombra amiga;
Nem encontro o fulgor do phebeo nume
Que dourava a extensão de um povo livre:
Tudo marcha o fatal, horrendo monstro,
Que só folga em traições, em crime folga.

Serenas virações, soprando espalham,
Negros vapores que enlutavam Iris
Oh! que campo immortal Jove apresenta,
Tendo em alto padrão gravado o dia
De Setembro sete p'ra a patria honrozo;
Em vinte dois segura astro brilhante,
Que a luz encrava no Piranga ameno;
E para confusão de horriveis monstros,
Erga-se o pano e seus contrarios olhem.

Lá vejo preparada esquadra immensa,
Arrostrando o furor da luza força!
E tendo a bordo seu mavorcios peitos,
Que Cokrane animava em altos brados;
Sabendo com valor mandar ao Lethes
O monstro, que insultava a independencia!

Já sobre o Maranhão tremula ovante
Bandeira que firmou a liberdade!
Militares heróes á patria deram
Exemplos de heroismo ao mundo inteiro!

Marchava de laureis na fronte sua
Labatut immortal que igual a Jove
As furias sepultou no cahos infando!

Adoptivos varões, tambem fizeram,
A prol da independencia, bons serviços,
Offertando á nação baixel (1) soberbo!

Não me esqueço dos Limas, que souberam
Ás luzas legiões mandar os tiros!

Nem tão pouco heróe, famoso Taylor,
Que soube defender brasilio povo!

Se Nobrega morreu, na patria vive
Seu nome escripto, em corações gravado!

.—.

Eis em meio do povo o velho honrado,
Que faz ver ás nações da antiga Europa,
Que seu patrio paiz manda e não serve!
O grande, o sabio, o magestoso Andrada,
Que soube o imperio unir n'um só momento;
E a independencia alçar segura e firme,
Que a caterva brutal rangendo o dente
Não poude com punhaes inda arranea-la
Dos ternos corações que a patria adoram.
Póde inveja feroz, ardendo em ira,
Póde ingrato infiel roubar-lhe a vida,
Mas não póde roubar-lhe a fama e honra,
Porque Jove bradou a fama dice
Abri, verdade, abri teu aureo cofre
No seio ponto, que illusões não soffrer.

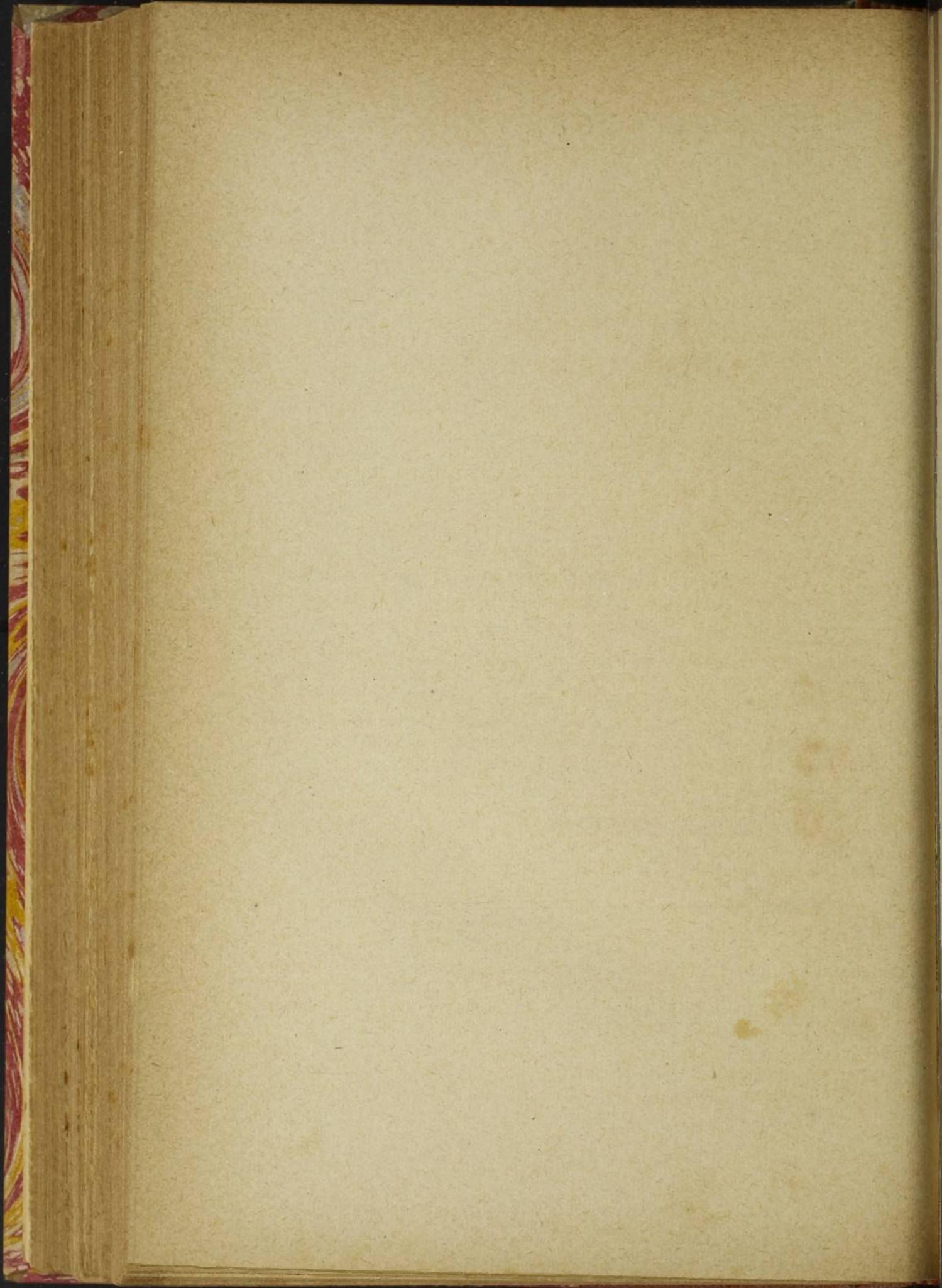
(1) Alguns brasileiros adoptivos, negociantes do Rio de Janeiro, offereceram uma fragata para sustentar a independência do Brazil.

O Brazil contra a discordia (1)

Nunca, monstro cruel, teu throno infame
N'este ingente paiz verás firmado!
Obstaculos sem fim, que tu traçaste,
Estorvando a carreira magestoza
De nossas sacras leis, que um Deos affaga,
Que vigora, abrilhanta, e apaga o faxo
Da discordia infernal, que em crimes folga,
Onde impera o feróz Plutão horrendo
Em throno acêzo de terriveis fogos,
Ao lado tendo a tetrica consorte,
De negro manto recamada, e cheia
De feias côres, de medonho aspecto,
Promulgando a brutal, horrenda furia,
Que vá roubar a glória, os mil thezouros
Que os povos do Brazil no throno assentam:
Escuta as santas lei, que Jove escuda
Em ferros vivirás, malvado monstro!
Se Lyzia quebra do Hespanhol soberbo
Um jugo infame que lhe aponta a historia,
Se do norte o torrão livre se aclama
Do Britano poder no golfo immenso;
Minhas vozes soar ouve perversa,
E vê de Jove a justiceira dextra!

(1) Scena quarta do *Drama Allegorico* ao dia 7 de Setembro.

MANUEL ALVES BRANCO



(1) M
deste p
ze e o
concre
concl
mo-
seu
prime
com
deidm
com

[M
D. J
Eipe, B
dade de
gado);
1818. F
Gostes B
De v
1818 G
tador q

MANUEL ALVES BRANCO

Á Liberdade (1)

(Em 1820)

Genio das solidões, em quanto curvo,
Calçado aos pés do fero despotismo,
Geme o Universo, no teu sacro asylo,

(1) No momento em que colligimos as duas seguintes odes deste poeta, bem como todas as composições do seguinte, vivem um e outro para a patria e para o mundo; e pedimos a Deus os conserve por largos annos. Como porem não pertencem elles, na condição de poetas, á epocha actual (da qual contamos occuparmo-nos em outro volume), e como ambos, segundo nos afirmam seus amigos, já se despediram de todo das musas, e por conseguinte não é natural que reformem as poesias que publicamos, e como, finalmente, nos abstemos de julgar seu merito por agora, decidimo-nos a incluir aqui essas composições, certos de prestar com isso um serviço aos amadores da boa poesia.

[Manuel Alves Branco, filho de João Alves Branco e de D. Joana Joaquina de São Silvestre Branco, nasceu em Maragogipe, Bahia, em 7 de junho de 1797. Matriculou-se na Universidade de Coimbra: Matemática, a 21 de outubro de 1815 (obrigado); Filosofia, a 10 de novembro de 1817 (obrigado); Direito, 1818. Formou-se em Direito em 8 de julho de 1823. — *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra*, n. 647.

De volta a Bahia, em 1824, ali exerceu cargos de justiça. Em 1832 foi chamado ao Rio de Janeiro para ocupar o lugar de contador geral do Tesouro. Foi ministro da Fazenda na regência

Venho ampliar minha alma;
 O monstro aqui não temo,
 Nem os seus vis satellites bifrontes:
 Só nos rodeiam n'estas soledades
 Os Arabes errantes,
 Do homem primitivo o só modêlo...
 O deserto é seu templo, ao Sêr Supremo
 D'onde oblações enviam.
 N'estes aridos plainos sem limites,
 N'estes combros de areias movediças,
 N'este, de horrores estendido abysmo
 Habita a foragida liberdade.

Ei-la doirando
 D'este ermo as trevas
 Com seus influxos:
 Arma-lhe a dextra uma afiada espada,
 Punição de tyrannos;
 Á sinistra a balança,
 Penhor do sancto dogma da igualdade,
 Tem a seu lado a rigida virtude,
 A cujo seio desce
 Dos ceos cadeia d'ago sempiterna.
 O primeiro fuzil Zenão sustenta,
 E Lycurgo severo;
 Na branca simples veste a deusa enxuga
 O sangue, que dimana das feridas
 Do intrepido Catão, Seneca illustre,
 De Traséas, de Peto venerandas.

Feijó, e ainda desta pasta e de outras em vários ministérios. Teve o título de Visconde de Caravelas (2.º), foi senador pela província da Bahia e conselheiro de Estado.

Faleceu em Niterói em 13 de julho de 1855.

— Veja seu elogio histórico por Manuel de Araujo Porto Alegre, *Revista do Instituto Histórico*, XVIII, ps. 474/475 e 529/537 (2.ª edição).

Sua bibliografia, em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, VI, ps. 8/9. — R. G.].

Martyres da virtude, eu vos saúdo!
Eu vos adoro, divinaes portentos!
Por vosso honrado sangue, e pelo ferro
Que essas veias rasgou, dai que rebentem
Na amada patria emulos da glória,
Emulos vossos, que atro despotismo
Nas furnas infernaes sedento ruja,
E o mundo, que accurvou, console Themis.

Como é da deusa o solitario asylo
Magnifico na sua singeleza!
Dos bronzes, nem dos marmores o orgulho
 Este aleçar profano
 Seus atrios não respiram.
Do Oriente, a molleza affeminada,
Sob o relento, sob o ceo patente
 Ouve as queixas do probo,
Do oppressôr envenena os passatempos,
Pune a avareza do juiz iniquo!...
 Lá me acena, e me aponta
Para o quaáro dos tempos resgatados
Das mãos do esquecimento; lá me abrem
Seus thesouros, e os seculos aventam
Pela dada sahida atropellados.

 Lá se levantam
 Em tensas turmas
 Leões do Caucaso!...
Ennoitecem os ceos pulvereas nuvens,
 Descora Marathona!
 Tisiphone anciosa,
Precursora ãa morte, batte as azas,
E faminta de estrago, abrindo a bocca,
 Crespos dragões vomita.
Misera Grecia, lá se despedaçam
As columnas da tua independencia!
 Mas que heroe d'ali se ergue?...
Do elmo fuzilam vividos coriscos,
É Pallas, se demove os igneos olhos;

É Coriolano fumegando em ira;
É Reinaldo no arrojo impetuoso!...

Genio sublime, impavido Milciades,
A pinha das cohortes inimigas,
Precedido de horrores, arremettes.
Eis descosidos batalhões serrados;
A floresta de lanças cáe por terra,
Embotadas no escudo d' aço fino.
Triumphá; e sobre a ruina dos tyrannos
Hasteia os teus pendões, ó liberdade!

O destino com cravos de diamante
Fixará infausto aresto inexoravel:
A Pythia o lêra na convulsa tripode.

“— Novo Theseu valente

“— Co'os perigos se affronta,

“— Novos monstros ao duro braço rende.

“— Mas que pranto, que ululado se ouve,

“— Se alonga em toda a Grecia?

“— Vergonhosa auricidia os pulsos lhe ata! —”

Ah! Completou-se o oraculo tremendo.

Tu foste, ó liberdade,

Demandar outras plagas mais amigas.
Onde plantasses os salvados garfos,
A cuja sombra acolhem-se as virtudes,
Cujos frutos são sólida ventura.

Eis o terreno

De semi-deuses

E monstros berço,

Onde extremada a natureza humana

Elevou-se até Bruto,

Abateu-se até Nero.

Remontando de novo ao grande Aurelio,

Não vês este horizonte endeusado

Que em derredor o cinge?

Não vês aquela cupola soberba?

D'ali flexando os vôos possantes aguias

Quaes aligeros Euros,
Ou quaes o pensamento o espaço tragam,
As tyrannas cabeças ameaçam.
D'ali dos Scipiões a voz rompia,
Nas azas da victoria aos polos ambos.
Ó Roma, alta Princeza das cidades,
Dormitas? Onde os teus antigos brios?
Eia, accorda, eia, arranca denodada
A mascara fagueira d'essas hydras,
Que famulentas, em teu sangue illustre
Anhellam saciar perfidas garras.
Não tens a liberdade em teu amparo?
Ah! que á cobiça franqueaste o peito!

Contemplai, póvos livres, no cadaver
Da soberana de um milhão de imperios...
Chorai sobre estas ruinas magestosas!...

Aqui foi Roma, ó Povos!
A mudez dos sepulcherhos,
Onde o Veto troou, tremendo impera,
Será que mais horror a terra opprime?
Que lugubre alarido
Nos antarticos gelos longo echôa?
O ar se entenebrece, arqueja a terra,
Ensanguentam-se os astros:
Redobrados trovões estalam!
Travam combate horrisono co'as penhas
Enfurecidos mares; ronca rouco
Da tempestade o genio pavoroso!

Por amplo hiato
Feias harpias
O inferno aborta
Entre ondas de espessissimos vapores.
Tantos grãos não revolve
No seu bojo o Oceano!
Co'as estridentes, rebatidas azas
Vem sulcando cahoticos negrumes!
Tu as sentiste, Europa!

Tu gemeste nas trevas enredada.
 A santa liberdade espavorida
 Desampara teu gremio;
 Arvora o ferreo sceptro a tyrannia!...
 Ai de ti! miseranda, quantos seculos
 Pendem de horrores!... Ai que a tocha eterna
 Da razão tenta embalde alumiar-te!

Por aqui, por alli crepusculavam
 De espaço a espaço dias milagrosos
 Abafados em sangue mal nascidos!...
 Já quasi fenecia o sancto lume,
 Eis que avulta em vigor e aclara os orbes.
 É fama que de lobrega espelunca
 Troou pesada voz — Somos vencidos!
 Fugi ó filhos; o homem conheceu-se.

Genio que transvoaste destemido
 O pego tenebroso das edades,
 Apressa-te em heber no arco sonóro
 A setta mais estreme,
 E pello véo que enlucta
 Do globo a maior parte darda os fócios
 Onde a luz concentrou-se portentosa.
 Olha o genio da America,
 Açaimados no Norte os negros monstros,
 Como pelo Occidente ao Sul discorre!...
 Olha a soberba Hisperia,
 C'roada de triumphos mauritanos,
 Persequindo-os na trepida fugida!...
 Olha d'heroicas cinzas renascendo
 A Italia, e braço a braço co'elles trava!...

Mas d'onde assoma
 Novo luzeiro,
 Que ressumbrando
 Vem das espessas trevas fugitivas?
 Enlevado o contempla,
 Em extasis profundo,

Um mortal antes nume, alçando a fronte
Gotejante de um rio caudaloso.

Tremei, filhos do Averno,
Tremei que Lysia accorda do lethargo
Inerte em que jazia, e em brado iroso
Já proclama os mysterios
Gravados co' o cinzel da eternidade
Na natureza do sacrario augusto.
Livres e eguaes nascestes, lusitanos!

Lei, bem commum; decepe-se o que damna
Quão rapido no peito humano se ergue
A natureza ao grito da verdade!...
Quão rapido baqueia a prepotência,
Que tem por base lagrymas e sangue!
Manes de Freire, venturosos manes,
Cantai, cantai victoria; ley tremenda
Não póde a natureza revogal-a.
Vos condemna ao sepulchro — mas vencestes!

Cuidava o monstro suffocar em cinzas
Os sentimentos do homem, reduzil-os
Aos de indignos escravos, que o cortejam,
Ufanos de beijarem
O pó, em que elle pisa!
Cego não via da razão o braço
Estalar-lhe os degráus do altivo throno,
Preparar-lhe alta queda!
Cega não via sua luz divina,
Que já nos horizontes scintillava,
Ameaçando raios!...
Ó luzos! parabens! No vosso seio
De novo alça a razão seu templo augusto.
Eia! Vamos beber na fonte pura
Dos seus archivos preciosos dogmas!

*Ao dia dois de Julho**(da provincia da Bahia)*

*Vereis o amor da patria não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.*

CAMÕES.

I

Genio, que no verdor da mocidade
A mente me ascendeste,
E me guiaste ao templo
Do venerando nunem
Que ennobrecera o coração de Péto,
De Catão, de Trazéas;
Oh Genio! oh meu querido!...
A patria, a cara patria
Ha muito, que ferir as aureas cordas
Da Lyra não me ouviu, em que soberbo
O hymno sonoro
Cantei da liberdade.

Á patria, oh genio, á patria!...
Antes que a fria idade
De todo me regele a fervorosa
Veia desse estro audaz, que acções preclaras
Alvorçar soham:
Vamos gravar nos corações bahianos
Co' o buril sempiterno da poesia
As memorias da patria; embriagal-os
No favo delicioso de sua glória.
Quem mais que a patria vos merece oh genio?!
Que assumpto mais brilhante
No dia venturoso
Do seu grande triumpho?!

À patria, oh genio, á patria!!!
Ai! Longe della não me é dado agora
Assistir ao festim da independencia!!...
Mas eu a vejo!!... O coração a sente!!
Eil-a perante mim! Eil-a vestida
De riquissimas gallas!!
Mil vivas triumphaes os ares rompem!...
Salve, oh cidade da montanha, salve
Rainha das cidades:
Salve, oh Bahia, salve oh minha patria,
Oh sol, oh mar, oh terra hospitaleira
De preclaros varões progenitora,
Do patriotismo e do saber morada.

II

Que vasto golfão!! Mil baixeis povoam-no...
Das fluctuantes flamulas
O ar traja mil cores!!...
Aqui do nobre Tâmisia,
E do Sena guerreiro, e das planicies
Que os dois volcões abraçam
Com diluvios de fogo:
Aqui de todo o mundo
As variadas produções affluem!...
Oh maravilha!! Os homens se irmanaram;
Leis barbaras cahiram
Á tua voz, Commercio!...

Eis do vosso trabalho
O triumpho, oh bahianos!...
Guarda Ceres aqui thesouro immenso,
O arado venerai. Nos primitivos
Tempos da especie humana
O arado foi de reis honroso emprego;
E romanos heroes d'alta nomeada
Depois de manejarem do governo
O pesado timão; de aos pés calcarem
Da guerra vezes mil as tempestades

Suas mãos vencedoras
Lavrando os patrios campos,
No arado, descansaram.

Toma azas, oh minha alma;
Por toda a parte vòa; estanca a sêde
De vida na fragrancia do ar da patria;
No aljofar de suas praias, na frescura,
Na sombra e na esmeralda de seus bosques.

Olha que céo tão puro
De orientaes recamado, donde chovem
Sorrisos d'alegria sobre os mares,
Que um sol d'oiro povoa
De buliçosos, nitidos brilhantes.
Olha o bello archipelago, entre todas
As ilhas que o povoam, como avulta
A ilha do valor — Itaparica!!... —

III

Ouve a voz da alegria nas palmeiras
Do sitio dos prodigios
Encanto das bahianas!!
Ouve a voz da saudade
Do romeiro da ermida solitaria
Naquella ponta erguida,
Quando em chuva de prata
As vagas arrebatam
Sobre a cavada, verdeneira penha;
Ou como que do eterno movimento
Cansadas se espreguiçam
Sobre lençoes de perola!...

Eis o primeiro templo
Do Tropico em ruinas!!...
Eis o palacio, a cujo audaz accno
Todo o Brazil tremendo ajoelhava
No tempo dos tyrannos
Que a patria soube repellir. Oh glória!!...

Foi dado a nossos paes romper arcanos
Que a fantazia apenas viu de longe
Na illusão do desejo; a nós foi dado
Quebrar do despotismo o ferreo sceptro
 E segurar aos netos
 Venturoso futuro
 De paz e liberdade.

Vês aquelle arrecife,
Que do pelago immenso as furias quebra?
Aqui fez-se em pedaços o madeiro
Que nestas praias nunca dantes vistas
A tempestade arremessou primeiro!...
 Aqui Diogo intrepido
 Viu tragados os membros palpitantes
 Dos companheiros seus; aqui tremendo
 Do disparado raio
O anthropophago fero as mãos lhe entrega;
Aqui Paraguassú se arroja às vagas
Após o caro esposo; o último alento
Aqui soltaram as rivaes que a seguem.

IV

Foi neste sitio, que a primeira pedra
 Se lançou da cidade!!
 Usurpada a Diogo
 Pelo infame Coitinho
A ti, grande Thomé, cabe esta glória!...
 A tua voz rendidos
 Os guerreiros das brenhas
 A lei de paz recebem;
Pendem da boca do divino Nobrega!!...
A tua voz na e'roa da montanha
 Lá se eleva a risonha
 Mão do imperio do Tropico?

Feliz, feliz mil vezes
 Quem tuas praias, patria,

Jámais perdeu de vista, e alheios ares
 Nem um só dia respirou. Cortadas
 São d'amargura as horas do desterro
 Inda na mór ventura!!...

Ah! Se eu pudera repousar agora
 Sob o docel purpureo das mangueiras
 Ou do sombrio laranjal nas brizas
 Frescas beber oceanos de fragrancia,
 Quaes me figura a fantazia; a morte,
 A mesma morte, oh patria,
 Eu não sentira... Alegre
 Ao tunulo descera.

Região de delicias

Sêde sempre feliz. Jamais a guerra
 Esse aborto dos crimes d'anarchia,
 Essa furia que folga, e se deleita
 Em devorar imperios te inquiete!!...
 Sei que a guerra não temes;
 Mas sem a paz da Independencia o tronco,
 De amiga liberdade a tenra planta,
 Definhará sem fructo!!...
 Sobeja-vos a glória dos combates;
 Se ella te é grata, basta recorda-la,
 E nas paginas d'oiro do passado
 Ver mil vezes gravado o vosso nome.

V

Sobre o alcantil da rocha, onde continuo
 As ondas se embravecem;
 Em balde ergues o forte
 De Coligny soberbo,
 Audaz Villegaignon; por mãos bahianas
 Lá mesmo as sacras quinas
 Tu verás arvoradas!!...
 Na visinha planicie
 Entre estes morros tem de ser fundada
 Do novo imperio a capital. Oh patria!...

A opulenta cidade
É sangue de teus filhos.

Aymurés e Tamoios
As armas depuzeram.
De teus canhões á vista espavorido
Foge o corsario atroz, que a rica presa
De antemão devorava!!...
O Maranhão te deve a liberdade,
Sucumbiu Rivardiêre. A Gallia altiva
Senhora da victoria desanima!
Ella pasma de ver seus estandartes
Derribados, e os loiros
Que os seus heroes cingiram
Murchos, despedaçados.

Olha para o horisonte,
Onde pousada aquella nuvem triste
Abafa a luz do sol, e as ondas beija!...
Não vês em baixo aquelles pontos negros
Que ora se escondem, ora no ar se elevam
Ao baloiço das vagas?!...
Elles avançam para nós, e crescem!!...
Será que dos abismos se arrojaram
Novos monstros ao mundo?
Não, não. Sessenta velas prenes d'armas,
E da flor dos guerreiros, que ao tyranno
Philippe o cruel sceptro espedaçaram
Trazem cadeias para nossos pulsos...

VI

Armas! Armas! Os guardas da cidade!
Armas! Armas! mancebos,
Correi, cubri os muros!
Mas onde muros e armas?
Os descuidos da paz tudo destruíram!
Mendonça, os teus descuidos!...
Desgraçado Mendonça,

Desagrava tua fama,
 Salva a cidade, ou morre. Já nos ares
 A claridade pallida,
 O estampido das bombas
 O horror da morte espalham!...

Já dois postos occupam!...
 Ei-los abandonados...
 Os inimigos fogem, precipitam-se!!...
 O campo emmudeceu; farta de sangue
 Tezifore adormece!!...
 Mas que ouço, oh ceos?! Que lugubre ululado
 Nas azas se ergue desta noite horrivel?...
 "Ai temerarios!! Que fazeis sem armas?"
 Clamam as mãis, as filhas, as esposas!!
 Pousou na face do Anjo da victória
 Melancolica nuvem;
 Irado ci-lo que brada
 "Ao Reconcavo, filhos."

Entra a cidade Will'kens;
 Entra Shoutens, Vandort; entra João Kyfe;
 Deserto é tudo; aqui só ha cadaveres.
 Mas o dia da colera não tarda,
 O dia da vingança!... do oceano
 Traz sons de guerra a briza!!...
 Ceos! Que nuvem de pó se eleva ao longe?
 Armas brilham!!... Legião cerrada avança!...
 Ei-los, ei-los que voltam...
 Ei-los da patria aos martyres off'recem
 Vasta hecatombe... Os manes seus exultam!...
 Patrid, Nassau, Lichtard, Valduino, em balde
 O cahido estandarte hasteiar intentas.

VII

A Marcos, a Padilha eterna gloria!!...
 Aquelle com a palavra

Divina aos combatentes
Deu vigor, deu esforço:
Este co'a espada bahiano raio
A Vandort derriba,
As falanges devora!...
Mas porque me arrebatas,
Musa, a tempos remotos? Crês acaso
Que em nossos dias nada pôde a patria
Apontar de glorioso
As gerações vindouras?...

Eu vi sobre a cidade
Um monstro pavoroso
Mover milhares de cabeças horridas!!...
Selva de lanças eram seus cabellos,
Incendios os seus olhos...
Cadaveres tragando os duros ossos
Nos dentes lhe estalavam, sangue em ondas
Das fauces lhe corria; não despenhá
Tanta agua a cataracta do Niagara!!...
Eu vi tremerem vales e montanhas
Traz volverem os rios
Aos roucos e medonhos
Sons, que em furia soltava...

Amargura de morte
Bebeu meu coração! irmãos ingratos
Prepararam punhaes; irmãos, que ha pouco
Nos promettiam paz!... Ai! desgraçado
De quem a voz ouviu da boca hipocrita!!...
Os tribunaes cerrados
Rôtas as leis, manchado o sanctuario
Canta o infame triumpho o lusitano!!
Pallida a face arreda
E se cobre de lucto a liberdade!!...
Que trevas no ar! Que gelo sobre a terra!!
Só continuo rengir de linguas ouço...
D'homens está despovoada a patria?

VIII

Pela primeira vez desanimados
 Eu vejo os seus guerreiros!...
 Mas que!... reinarão sempre
 Tredos filhos das trevas
 Parto de crimes, parto de anarchia?!...
 Não, não. Á tempestade
 Succede manhã clara;
 E ao longe já começa
 A argenteiar-se o Oriente. Á flor da vaga
 Que vai surgir da geração que passa
 Tem de ser elevada
 A candida virtude.

Que varão venerando
 Habita no retiro
 Tranquillo que este albor feriu primeiro?!...
 Crava-lhe o peito a angustia, mas na face
 Pousa a serenidade
 Brilha d'uma alma pura a confiança...
 De guerreiros um circulo o rodea!
 Elle lhes fala: "Quem! Quem póde, amigos
 "Arrancar-vos das mãos a invicta espada
 "Na agonia da patria? Ella nos mostra
 "As feridas e os lividos
 "Ou morrer ou vingal-a!..."

Pires, Brandão e Castro .
 Guerra juraram; guerra tudo atroa!...
 Que gente é essa, que das brenhas surgem?
 Povo sem armas, quasi nú se arrostra
 Co' inimigo coberto d'aço e ferro?!...
 Cantará minha lingua
 Prodigios de valor? Ceos!!... Que surpresa!...
 Perdeu-se tudo? Fogem? Não. Lá param.
 Um heroe os reanima!...

Sobre os canhões a sua voz troveja
Avante! Avante!... Lá se precipitam
As falanges!... Lá cahe ferido Jacome!...
Lá proclamam victória — A quem? — Á patria?

IX

Este dia é sagrado ao teu triumpho,
Bulcão é obra tua...
E porque não assistes
Ao festim da tua glória
Oh patriota, oh cidadão magnanimo?
Aqui receberias
A aureola, que a patria
Por minhas mãos tecera
Para ornar-te a cabeça radiante...
Depois te delatara os attentados
De perversos que a patria
Destruir tentam de novo.

Grande varão, se ouviras
Que o saber, que a virtude
São calcadas aos pés; que ao louco orgulho
Dos monarchas, succede a hypocrisia;
Que a baixeza entumece;
Que a impudencia alardeia; e pela fama
Nobre premio d'heroes só o oiro adoram!!...
Que pelo pó quasi em pedaços roda
A c'roa imperial, e ensanguentada
Curva a nação a frente soberana.
Como indignado os monstros
Commigo não votaras
Á execração dos seculos!!...

Ai... Tu já não existes,
Tu, columna da patria. Oh, dor! Oh magoa!
Sobre os despojos teus fechou a morte

Suas portas de bronze, e em cima dellas
Está assentada a eternidade, a glória!!...

Mas que vejo? Um sepulcro.

A lapida lá cahe; gemem fantasmas!!...

Lá se levanta a imagem veneranda.

“Bahianos, sede unidos.”

“Guarda este dia no futuro grande.”

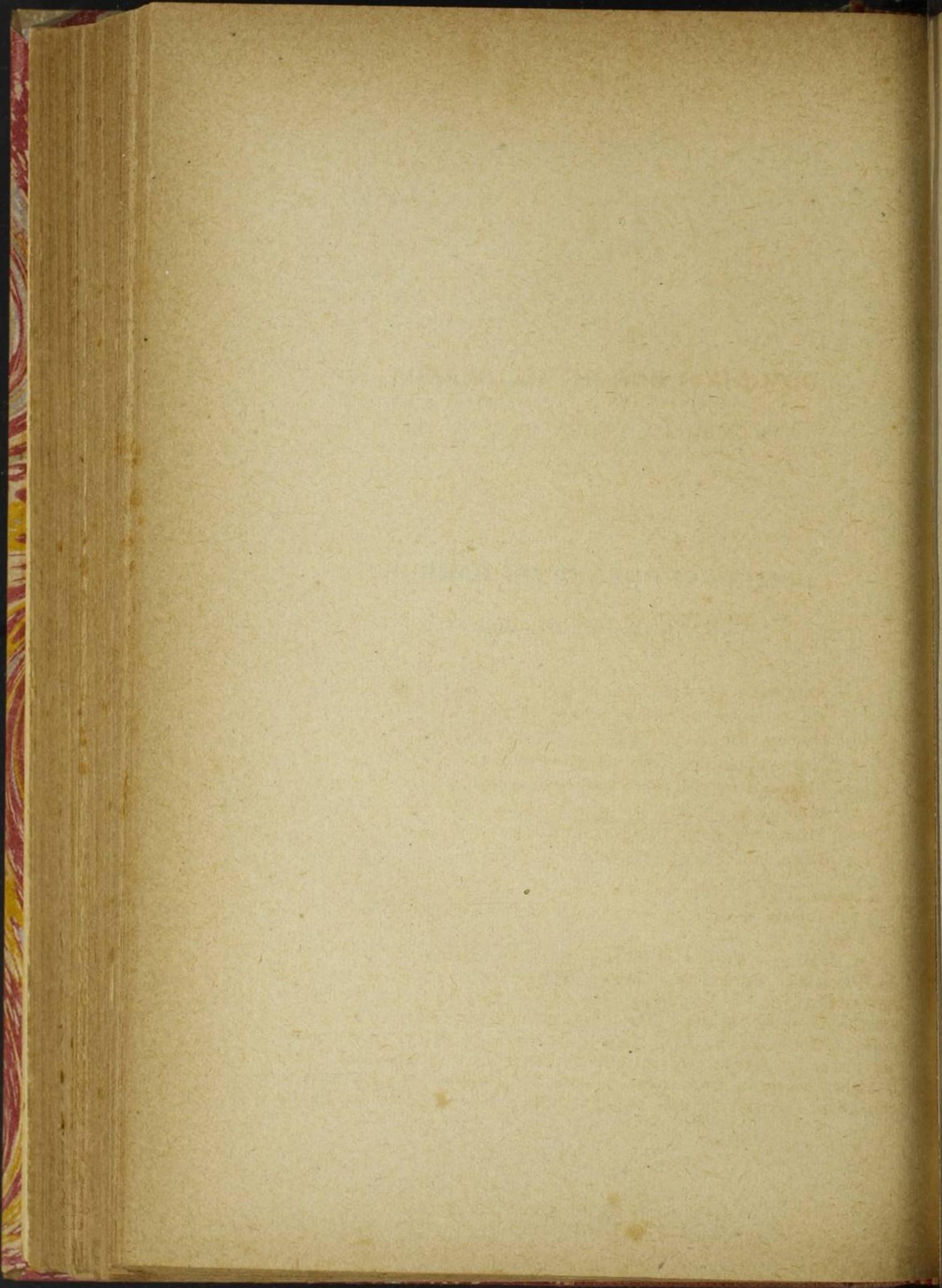
“Segredo e grande bem.” Disse, e furtou-se

Aos braços meus, que o procuravam como

Sombra de nuvem que nos campos passa.

DOMINGOS BORGES DE BARROS,

VISCONDE DA PEDRA BRANCA



DOM
T

V
De
Que
No
C
C
M
D

(1) V

[Dom
de Franc
de Quim
en 21 de
de Co
en Para
quando
con para

DOMINGOS BORGES DE BARROS,

VISCONDE DA PEDRA BRANCA (1)

EPISTOLAS

I

A Paulo José de Mello

Venturoso o mortal que longe vive
Do tumulto enfadonho das cidades,
Que de Flora e de Ceres dado ao culto,
Nos campesinos bens delicia encontra:
Claros, tranquillos os seus dias correm,
Como a limpida linfa que o sacia.
Mimos de prole, afagos da consorte
Doce lhe tornarão da idade o pezo.

(1) Veja a nota da pag. 151.

[Domingos Borges de Barros nasceu na Bahia em 1780, filho de Francisco Borges de Barros. Matriculou-se na Universidade de Coimbra em 3 de outubro de 1800 e formou-se em Filosofia em 26 de julho de 1804. — *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra*, n. 512. Depois de formado esteve na França; em Paris foi retido pela invasão francesa em Portugal, até 1810, quando conseguiu fugir para os Estados Unidos, de onde embarcou para o Brasil no ano seguinte. Chegando ao pôrto da Bahia

Sem a opressão que o espirito aniquila,
 É no teu seio que do genio as molas,
 Mostram quanto vigor lhes deu natura.
 As leis que a illustre Roma fez ditosa,
 Foi no teu seio que estudou Pompilio.
 Vós campos Mantuanos inspirastes,
 Ao sublime cantor sublimes versos;
 Nas margens do Mondego, ou nas do Ganges,
 Foi que Apollo baixou a ter contigo
 Camões, grande Camões, genio divino.
 Murcham na frente dos heroes os loiros,
 Os monarchas baqueam do alto solio,
 Esbroam raics empinadas torres,
 Grandezas, houras, titulos acabam;

foi preso por suspeitas de ser agente da França contra Portugal, e mandado ao Rio de Janeiro para apuração da culpa que lhe era imputada; aqui chegando foi imediatamente restituído à liberdade. No Rio de Janeiro foi constante colaborador do *Patriota* (1813-1814), onde os artigos assinados B*** são de sua lavra. Publicou então: *O merecimento das mulheres*, poema de Mr. G. Le Gouvé, do Instituto de França. Traduzido do francês por B***, Rio de Janeiro, na Impressão Regia, 1813, in-8.º.

Em 1821 foi eleito deputado às Cortes de Lisboa. Retirando-se para a França (1823), foi ali investido das funções de ministro do Brasil junto ao governo de Luis XVIII (1826). Foi em seguida feito Barão e Visconde da Pedra Branca. Em 1829 ajudaria prestimosamente as negociações para o casamento de D. Pedro I com a princesa D. Amélia de Leutschenberg. Em 1826 havia sido escolhido senador por sua província, mas só veio tomar posse de sua cadeira sete anos depois, chegando ao Rio de Janeiro em 18 de julho de 1833, a bordo do paquete inglês *Reynald*, conforme notícia da *Aurora Fluminense*, de 26 daquele mês e ano.

Tornou a Europa, vindo depois para a Bahia, onde em 1855 falecia nas terras de seu engenho.

Pedro Branca foi poeta ao gôsto da época e desde 1825 publicou versos à moda romântica, sobretudo um poema, *Os Túmulos*, reeditado pela Academia Brasileira de Letras, em 1945, com erudito e brilhante estudo de Afrânio Peixoto, que o considera com razão precursor do nosso romantismo.

Patrono da cadeira n. 13 dos membros correspondentes da Academia Brasileira. — R. G.].

Mas teu nome Camões transcende o olvido,
Qual as eras eterno, é sempre novo.
A morte destruir não póde o genio,
Porção sagrada qu'emanou do Eterno.
Gostosa solidão da paz morada!
Geram, arreigam n'alma tuas auras,
Virtuosos altivos sentimentos.
Provêm da tyrannia os vicios todos,
E tu da liberdade o estadio off'reces.

De momento em momento um quadro novo,
Mandas risonho captivar os olhos.
E que de vós privado sorte adversa!...
Homens que só de humano a forma tendes,
Entes qu'ensovalhaes a natureza,
Dos fados apezar, hei de fugir-vos.

Foge ó Paulo d'estranhos climas, foge!
Vai no lindo Maré gosar da vida.
São vistas as demais, vista uma corte.
Por cá verias quanto lá tens visto
D'afidalgados Mydas a cohorte,
Expressões só dos labios, falso rizo.
São tão raros os bons por toda parte
Como por toda parte os máos abundam.

O velho habitador do velho mundo,
Prazeres naturaes tendo esgotado,
Acomode a seus vicios seus prazeres:
Mas quem n'um mundo novo origem teve,
Vá no seu mundo ter prazeres novos,
Viçosa natureza nos circunda,
E velhos hemos ser onde ella é moça?
Afasta ó sabia mestra! ó mãe dos entes!
De mãos ingratas teus perennes mimos;
Arem filhos ingratos terra ingrata.
Inda bem que os deixaste, e o Mundo Novo
O teu querido é, com nosco habita!

Paulo, consulta, lê, medita, estuda,
O livro que ante os olhos tens patente.
Arando as terras examina os sulcos,
Semêa; e da semente segue o curso,
Como rebenta o germen, como cresce,
Que tempo, que terreno mais lhe quadra,
Se o fundo ou flor da terra mais dezeja;
Se linfa te pedir busca regal-a,
Se o sol lhe cresta a face dá-lhe sombra.
Ou da poda, ou do enxerto espreita a quadra,
Do tronco a consistencia e o parentesco,
Quando a flor desabroxa, e em botão fexa.
Consulta da semente a madureza
Antes que da colheita a lida encetes.

Dos novilhos escolhe o mais formoso
O cordeiro o mais forte, e da progenie
O curral povoar pertença a estes.
Como os fructos melhores torna o enxerto,
Amelhora-se a grei cruzando as raças.
Limpeza nos rediz jamais faleça,
Onde abrigados os rebanhos durmam.
De plantas nutritivas farta os pastos,
E cuidadoso das más busca expurga-los.
Na tosquia a tesoura a pelle evite.
Dos bois o pasto separado seja,
Do pasto em que outra grei tira o sustento,
Ou primeiro que os mais, o boi só pasce.
Males próprios ao clima, à especie proprios
Devem ser estudados junto ao enfermo;
É do cultor o gado a grão riqueza.
Na pratica verás mais que nos livros.
O velho lavrador consulta attento,
"Pois ainda que em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe."
As cortes desdenhando, e seus fantasmas,
Na patria herdade assim tranquillo vive,
Quem de cuidados taes prehenche os dias.

Ver novas gerações, melhores outras
Pelos desvelos seus, quem mais cubiça?
De casal em casal seu nome passa,
Com elle correm as idéas suas,
Enriquecendo a patria, a si, aos outros,
Deixa nos corações grata saudade.
Povoação, commércio, artes, sciencias,
Mudam, mudando de cultura a terra.
Dos imperios a sorte está no arado,
Não consiste na lança a força d'elles.
Lagrimas banham da victória o carro,
O triumpho em segredo o heróe prantea,
Luto succede da victória aos vivos.
Essa arte deixa que natura en luta,
Abraça a outra que natura adorna:
Glória, prazeres, paz, ventura encontra.
Quem das cortes fugindo, o arado abraça.

Parte para Maré; e seja um dia
A Ilha de Maré de Venus ilha,
Da virtuosa esposa os mimos goza,
A velhice da mãe suave torna.
Espera o Borges que saudoso fica,
E a mão do pai beijar, do amigo as faces,
Em breve tempo correrá contente,
E das cortes mofando, e seus enganos,
No patrio ninho que adoramos ambos,
Dos pais e d'amizade no regaço,
Dias felizes passará contigo,
Uma vez da ventura o rosto vendo.

Paris, 1806.

II

Ao Dr. Francisco Elias Rodrigues da Silveira

Olhos vendados, e bordão na dextra
Co'as doenças jogando a cabra cega,
Certo mordaz pintava a medicina.
Era o empirismo, e o nome confundia.
Como co'a natureza conversava
Hipocrates outr'ora, e Elias hoje,
Se o soubesse, do quadro córaria.

Manes de Boherhave se insultados
Fostes por charlataens, corre a vingar-vos
O profundo Silveira. Em debandada
Perdido o passo grave, ei-los a trote,
O embrulhado vasconso deslindado
A mascara cahiu, ei-los por terra.

Graças Silveira recipes cordatos,
Tristes doentes livraram da tumba;
Gatos-pingados hão de ter susto,
E os sinos mudos penderão das torres.
Mas leva o teu saber á patria nossa,
Onde a luz recebeste, augmenta as luzes,
A natureza virgem mil segredos
Tem que dizer-te, quer falar contigo.
Cuidadosa semeou com mão prudente
O antidoto efficaz junto ao veneno:
Contem cada paiz quanto lhe cumpre,
Remedios proprios tem, se males proprios,
É do medico sabio o pesquisal-os.
Distila, rala, piza, queima, infunde
Combina, simplifica; não descances,
Por abrolhos se vai da glória ao templo.
Campo ás experiencias tens fecundo;
Da natureza em flôr doces primicias
Terás, com que teu nome eternizando

D'Epidauro a sciencia enriquecendo,
A vida curta alongarás ao homem.
No Mundo-Novo, novos bens espalha.
Parte, das bellas não te empessa o pranto:
Perder de vista uns olhos feiticeros,
Um sorrizo que o peito queima, custa;...
Mas da fama o clarim alto ressoa
Nas almas, quaes a tua, virtuosas
O patriotismo abafa as paixões todas.
De Gameiro, de Paulo d'Oliveira,
E aos d'esses poucos mais fidos amigos.
Juntem-se exforços nossos; e da patria
Vamos bem merecer, morrer por ella.

Paris, 1806.

III

A Filinto

Veio-me co'a razão o amor da patria,
Aquella enobrecendo, este incitando
O estudo, vereda encontrar busco
Qu'a prol da patria os passos me encaminhe.
Nas plagas de Cabral, meu patrio ninho
Tão louçan, quanto inculta a natureza
Admiro absorto. Aqui longevos bosques,
Com verde espesso manto, insultam, quebram
Do sol os raios, e os erguidos cimos
Vão topetar co'as nuvens: aprumados
As curvas praias ornam, os pés dando
Aos abraços de Thetis, hospedosos
Ferteis coqueiros, que no fructo off'recem
Ao lasso navegante o licor doce,
A saborosa polpa, o azeite, o prato,
E nas fibras do tronco a forte amarra.
Qual Cibeles mamifera entre as Deosas,
É matrona dos bosques a Jaqueira.

Por entre as luteas flores, verdes rama
Do patente casulo pende a felpa
Do niveo algodão; bem quaes d'Odino
Nas plagas, os carambanos alvejam.
Os jambeiros Favonio embalsamando,
No matizado prado ergue a corôa
O cheiroso ananaz, o rei dos frutos.
A quente especiaria não falece
Nem balsamos e aromas, e a casca amiga
Da existência do homem. Mais brilhantes
Sorteadas cores patentea Flora,
De mais gostosos, mais brincados dotes
Pomona aqui se arrea: aqui de Ceres
São prodigos os dons. Mais longe encaro
O Gigante das aguas dominando
Despota sobre os mares; n'estes climas
Em tudo farta a mão da Natureza,
Té nos horrores seus, grande, arreбата.

Porque junto a tão solidas riquezas
As fontes d'esse ouro insultuoso
D'esse empeço da industria, esse que incita
As sordidas paixões, deslumbra estados
Natura poz? Por elle o homem muda
O curso aos rios, desmorona serras;
Por elle de insultada a madre terra,
Mostra na esteril face a injuria sua.

Vingar de Ceres pretendi a afronta,
Deixando os patrios, em alheios climas
Vim luzes grangear: e quando o estudo
Refocilar da lida permittia,
Deleitavam-me as musas. Li teus versos,
E Horacio em luso metro ler cuidando,
Á mente, ao coração juntos falaram.
Ah! quantas vezes pranteci teus fados?
Quantas depois aos meus hei dado graças
Porque deram que eu visse o luso vate?

O poetico estadio tu me abriste,
Se um dia em branco ocio, verso digno
Correr da penna minha, a glória é tua.

Sem o incentivo teu, sem teus conselhos,
Como versejarei de ti distante?
Teus versos estudar, louvar teu nome
Em baixa escura proza, eis quanto posso.
Do fraudulento oceano os perigos
Vou de novo arrostar. Vou ver o berço
De Washington, de Franklin... Ficas Filinto,
E eu parto!... Porque o mar divide as terras?
Qual prende as almas d'amizade o laço,
Porque ligar tambem não pode os corpos?
Tal quer a natureza, e tal nos dicta
Na saudade, atracção que o peito arrasta,
Para ao do amigo qu'está longe unir-se.

Se os céos derem que um dia a cara patria
O mui querido pai e amigo veja,
Com nosco vivirás Filinto amigo.
No certame poetico teus versos
Nosso farol serão. O Luso idioma
Hemos de aprender nelles, e contigo
Relendo-os vezes mil, conversaremos.
E quando junto no amical banquete,
Nos copos espumar festivo Bacho
O primeiro tinir será teu brinde.

Em tanto qual vai ser a sorte minha?
Alheas terras deixo, alheas busco!...
Quando verei os bosques onde infante,
Dei os tenrinhos passos mal seguros?
Quando... Filinto, adeos, lembre-te as vezes
O mui saudoso, grato amigo Borges.

IV

*A Manuel Rodrigues Gameiro, Visconde
de Itabayana*

Respira coração! Eis os logares
Qu'em vão buscavas por estranhos climas,
Eis a ventura! Eram arremedos
Quanto longe d'aqui prazer julgavas.
Foi n'estes montes, n'estas matas virgens
Que modelado foste: a vida houveste
D'estas limpidas aguas, d'estas auras.

Sitios amenos, que me deste vida,
Salve! queridos! beijo a patria terra!
Dos meus primeiros jogos companheiro,
Tu, por quem acender-se d'amizade
O fogo começou, no infantil peito,
Recebe os versos meus despidos d'arte,
Filhos da simples Musa que os inspira,
Do meu Jacuipé nas agrestes margens.
Das dilicias. Gameiro, escuta as vozes.

Aqui jamais ardeu d'amor o archote,
Nem tanta força tem brandindo o arco,
Qu'estes outeiros seus farpões alcancem.
Os ais primeiros qu'estes ares ouvem,
Echo as primeiras queixas que repete
Balbuciando mal, são minhas queixas.
Nunca o Jacuipé viu nas suas aguas
Misturarem-se lagrimas e nunca
Nas suas margens suspirar a avena.
Os enganos d'amor eu só lamento.

O implumado cantor d'estas florestas,
Da cithara e da frauta ouvindo accentsos,
Fingir procura, gorgeando o canto.

Do suspiroso bosque, o inquieto sopro
De Favonio, tranquilla deixa a folha.
O tronco anrcoo o ancião do bosque,
Para saudarvos os velhos ramos curva:
Á sombra sua foi que os mal seguros
Primeiros passos ensaei na infancia...
Dizei-me oh: brenhas, arvores frondosas,
Dos meus primeiros gostos que fizestes?
Aqui da curta vida não parecem
Longos os dias, nem se estudam modos
De matar tempo, quando o tempo é tudo.
Não constrange as feições fingindo rizo.
Aqui, de accrdo o coração e os labios,
Pedir não usam expressões ao engano;
Mudo o artificio, fala a natureza.
Aqui não vem quebrar da guerra os rufos;
A victoria não traz de sangue a sede
Que os laços sociais desata e piza;
Dos idolos mortaes que a tumba some,
A vil adulação aqui não chega.

Desafogado o espirito medita
De Deus nas obras que admira e adora.
A razão dos sophismas escarnece:
Nem se illude a virtude ao pé do crime
Quando diz seu veneno assucarando:
"Quem mais goza no mundo é mais ditoso,
Para o gozo alcançar licito é tudo."
E as leis de céo, da terra vilipendiando,
Vazio acazo supre ao Autor dos mundos.

Ai! que restará ao justo, ao desgraçado,
Gostoso meio de tratar co'o Eterno?
Deixa que sobre o tumulto do amigo
Goste o amigo do pranto; dá que o filho
Espere unir se ao pae, a esposa ao esposo.

N'esta calada gruta, vem Gameiro,
Beber a paz nas aguas do Jacuipe;

Respirar liberdade n'estas auras.
Mimo das musas, generoso Paulo,
Vem, que palacios de Maré se avistam.
Vinde ver como em lidas proveitozas
Serenos passos o tempo, como o homem
Util a si, aos outros prestar pôde.

Do mesquinho captivo a sorte illudo,
E de cuidados, de atenções em premio,
Do captiveiro disfarçando o tedio,
O homem que comprei, ha de querer-me:
D'elle amado hei de ser, se ha qual nos nossos,
A gratidão no coração do escravo.
Tenho afeição do pae, se o filho afago,
Tenho a do inferno que aligeiro as dores
A justiça o respeito me grangêa,
E já como em familia vivo entr'elles.
A terra que jamais seus dons recusa
A quem suor lhe dá, promette franca
D'arvore que plantei sapidos fructos.
Como a roza de Zephiro beijada
A cultura, sorrindo, me agradece!
Como o cabrito afoito insulta o p'rigo
Da ponta do penhasco pendurado!
Como no prado curvetea o potro!
Como farto o rebanho cabriola..!
Sitios amigos, porque imigos fados
De vós por tanto tempo me afastaram?

Mas lá chega o colono venerando!...
Porque de nós fugistes, me pergunta?
Não vos matou a saudade? e a memória
Não vos era afflictiva companhia?
Qual estrangeiro sois aos filhos nossos;
Lá que foste buscar? e o amigo certo
Com quem na verde idade meditavas
Quaes os caminhos de salvar a patria,
Do ferreo jugo que nos poz a Europa,
Onde eras? que fazeis? a patria geme!

Que foste lá buscar? terras d'Europa
De vícios cento, de sobejos damnos,
N'estas agrestes innocentes plagas,
Pelas que nos separam vastas aguas,
Já não vos cança que chegar vejamos,
Carregados navios arrojarem?
Que mais nos querem, d'essa Europa as gentes?
Não mais o velho! basta, não me mates.

Pinúm, 1812.

Ao chegar á Bahia

Salve ó berço onde vi a luz primeira!
Risonhos montes, deleitosos ares!
Eu te saúdo ó patria!
Como no peito o coração festeja!
Todo me siato outro: são delicias
Quanto em torno a mim vejo.
Tem outro ar o céu, outro estas arvores!
Por onde adeja Zefiro embalsama!...
Dá que te beije ó terra!
Deste que só tu dás prazer, tres lustros
Privado qual proscrito arrasto a vida
Em forçados erros.
Ó quanto da ventura o ledão aspeito
Das passadas desgraças a lembrança
Nos apresenta viva!
Não houvera prazer se a dôr não fôra;
Perenne fácil gozo, toma a essencia
Da fria indiferença.
Aqui foi que eu nasci, devo a existencia,
Devo tudo o que sou a ti ó patria!
Eis-me: é teu quanto valho.
É nos trabalhos que no peito ferve
O nobre patriotismo: o braço, o sangue
Aqui te entrego ó patria!

1811.

Improviso

Deixei o pai, irmãos, deixei amigos,
 As arvores, os sitios que indeleveis
 Traços no coração gravam na infancia.
 O' cara patria! para dar-te em mimo
 Luzes fui mendigar. Affrontei vagas,
 Outros climas soffri, e alheias manhas.
 Da luza Athenas co'as lições não vastas
 Minerva me apontou a patria illustre
 Do immortal Lavoisier, sabio Olivièr;
 Lá respirei o ar que respiraram;
 Ouvi de seus alumnos seus preceitos.
 Do Batavo incançavel os milagres
 Vi; e lavrada a Belgica por Ceres.
 Do pousado Allemão parei nos campos.
 Os povos visitei que a França habitam,
 Desde o fofo Gascon, ao Breton rude,
 Uns mais qu'outros brincões, crianças, bravos.

Tendo p'rigos, e mares vagueado,
 De Washington, de Franklin visto as plagas
 Gratas á liberdade, aporto ás minhas.
 A seu paiz, seu rei, ó quanto é bello
 Lustros quatro off'recer d'estudo e penas?
 E crível pôde ser!... ó Rei! ó Patria!
 Os ferros oiço qu'annunciam crime.
 Qu'um Paulo, qu'um Gameiro, honrados homens,
 De longe me pranteem de que vale?
 Da tyrannia os ferros nos separam.
 Ó generoso Paulo, a nossa patria,
 Que! dos desvelos meus a terra é esta?...

Dizei dos crimes tenebrosa estancia,
 De quanto vilipendio o patriotismo
 N'estes lugares insultado vistes.
 Dizei... mas o que admiro? por ventura
 Os homens não conheço? o que queria?
 Caricias, premios? Insensato! os premios...

Arrastar poçem a innocencia aos carceres,
Mas de constancia armado o varão justo,
Co' pezo de seus ferros não se curva,
Se ao crime opprimem, a virtude adornam.

Bahia (estando prêso) em 1811.

Aos amigos

Qual entre açores vive exposta a pomba,
Em risco o homem bom vive entre os homens.
São mãos os homens, mãos os seus costumes.
Porque a misantropia reprehendemos?
Ella deve ser do prudente a guia.

Lá nos estranhos climas os trabalhos
Soffria, por mentiras de esperanças
De mimos (que talvez me dava a patria),
Doces mimos d'amor, não da fortuna.
Do vencedor da Europa affronto a sanha,
Illudo os Argos seus, desdenho offertas,
Entrego a vida a congelados mares...
Nenhum carinho para a patria é longo,
A quem a patria adora nada atterra.
Honra, constancia, e vós ó patriotismo!
Sois vans chimeras?... quanto m'enganastes!

A familia dispersa, os bens perdidos,
Perdida a caia mãe! resta-me a patria
Essa de meus desvelos digno objecto,
Ao ve-la disse, sem fitar, a ingrata
Ferros lança nos braços que lhe estendo,
Seu regaço é prizão, seu mimo insultos!...
Mas foi a patria? não, que a patria geme...
Quando o feliz refluxo d'essas ondas,
Que a nossas praias arrojaram crimes...

Quando?... Fugi meu pai, Gameiro, Paulo,
 Pois libertar a patria não podemos,
 Qu'ao menos longe della nossos olhos
 Não firam quadros, que dão mate ao brio.
 Pois que em nós d'amizade os bens sentimos,
 Gozemos esses bens: eia fujaamos;
 Não venha da verdade a mão terrivel
 Qual o outro, este véo despedaçar-nos.
 Se tal partido não julgaes acerto,
 Se fugir duvidaes, irá comigo
 Um desengaro mais! Adeus, amigos.

1811.

Aos Bahianos

No dia da abertura do seu novo theatro

Alteram-se as nações cahindo as eras,
 Esta dos vicios solapada expira,
 Est'outra crime de seu pezo esmaga.
 D'Asia ao mando curvou outr'ora o mundo,
 Mas hoje apenas no-lo conta a historia.
 Quem hoje habita o Egypto, quem Athenas?
 Das cinzas de Carthago surge Roma,
 Roma dos reis terror, do mundo espanto,
 Patria de Fabios, de Catão, de Bruto,
 Ao jugo aventureiro a cerviz dobra.
 Anime o patriotismo o rei prudente,
 Da victoria o não cegue fugaz brilho:
 Segue o fausto á victoria, ao fausto a queda.
 Dos insultos dos paes os filhos gemem,
 E a historia leva aos seculos vindoiros,
 Enxovalhado nome e a pár os crimes.

Despotico vulcão na Europa estoira,
 No ar esvoaçando; guerra brama,

E aos roncões sons no ar braveja guerra!
Do bronze aos roncões, ao tenir das armas.
Foragidos d'Europa as artes querem
De Ptolomeu poupar cazo funesto.
Mata a sciencia o halito despotico...
Porém debalde o vandalismo tenta
Fazer retrogradar do espr'ito o curso,
Co'a imprensa Coster segurou-lhe o passo.
Mimosas filhas do celeste Pindo,
Céo mais ameno que o de Grecia ou Roma,
Carinhoso Brazil vos offerece.
Qual a flôr em terreno mais benigno,
Mais viçosa surri ao dia abrindo,
Taes em seu seio brotareis mais lindas.

Um do vosso Diniz ditoso neto,
O caminho vos mostra, eia segui-o,
Do Genio os voos despregai afoitas.

Já de Neptuno a sánha, e a furia insultam
Altivas quilhas tremulando as quinas.
Não dos raios da guerra a dextra armada,
O principe demanda alheios climas.
O que as esferas rege, e os reis domina,
Um novo imperio levantar-lhe ordena.
Quer que nos corações as bazes firme,
Que ao lado da pacifica oliveira,
Estreitadas em doce, eterno abraço,
Embelezem o throno artes, sciencias.

Do Amazonas ao Prata a natureza
A nobre pompa sua patentea,
Todas as regiões aqui se enleam,
Esta do globo magestosa plaga,
Uniu Cabral do rei a magestade.
Dos que do mar os terminos quebraram,
Os netos são que as portas lhes defendem;
O mesmo brio, e sangue, hoje os anima,

E ao aceno do rei vereis ó povos!
 Novos Gamas surgir, surgirem Castros.

Foste a primeira que no Mundo-Novo
 Viste, ó Bahia! d'um monarcha o rosto.
 Se te deixou, com elle vai saudade.
 E d'esse que cuidar de teus direitos,
 Mandou, na escolha seu amor conhece.

.....

O som de sua voz hoje ó Bahianos!
 Dos costumes a eschola as portas abre.
 Castigue os vicios aterraudo, ou rindo.
 Gostem as mãis de Merope os extremos,
 E de Medéa ao aspeito os olhos voltem.
 Ao ver Atréc do horror o irmão se errice,
 Do amigo as faces Pilades alegre.
 Amor chore d'Ignez o cazo triste.
 Manchando o filho em sangue parecida,
 Mafoma cubra d'asco o fanatismo,
 Do ciume o furor Fayel corrija.

Que o rizo mofador opprima e corra
 A hypocrisia, a sordida avareza,
 De baixos corações rasteiros vicios.
 O gesto, as vozes, a poesia adornem,
 Que d'armonia os sons o ouvido encantem.
 Que magico pincel a vista illuda.

Em ar bisonho e acanhados modos,
 No máo pejo a decencia não consiste;
 Quadra rosto sombrio ao criminoso,
 O refalsado gesto a hypocrisia,
 Desenvoltura é marca de licença,
 É grave, é lhana de descencia a face.

Nunca do honesto se transcenda a meta;
 Que offendido decoro affronte o pelo.

A punição do crime o criminoso,
E da virtude o premio o justo vejam.
Veja a innocencia da maldade as tramas.

Da boa sociedade o trato afavel,
Costumes espinhosos amaciem;
Patrios feitos na scena, affetos novos
O patriotismo, o coração convidam.

Nua do som didactico a virtude
Melhor ao coração no exemplo fale,
E a mente deleitando, a scena deve
As normas da moral gravar nos peitos.

A uns cabellos

Bahia, 1813.

Acuzaes lindos cabellos
Linda mão que vos cortou,
E de vossos companheiros
Para sempre vos privou.

Elles, Marilia enfeitando,
Tem mais dita, mais belleza,
Mas vós escolhidos fostes
Como penhor de fineza.

D'aquella com quem me vistes
Ser tão feliz, tão ditoso,
Só vós me restaes: de nós
Qual é menos venturoso?

De Marilia a fronte ornastes
Pouzaes no meu coração,
Se perdestes na ventura,
Ganhastes n'adoração.

Sobre o meu peito assim juntos,
Junto a Marilia andareis,
E em quanto o peito existir,
Sobr'elle repousareis.

Mas eu... formosos cabellos!
Como vivo, e então vivi!...
Lembrai-vos que testemunhas
Vós sois do bem que perdi.

A Marilia

Bahia, 1814.

Debalde, ó roza pudica,
Desabrochas no botão,
Debalde teu cheiro entornas
N'esta morna solidão.

Ternos cantores dos bosques
Debalde as vozes trinaes,
Não ha prazer que me agrade;
Eu só gosto de meus ais.

Sereno claro Jacuipe,
Teu murmurio me importuna,
Se d'elle gostava outr'ora,
Outr'era a minha fortuna.

Nem mais me apraz ver contigo
Minhas lagrimas correr,
Tu leva-las já não podes
Onde ellas devem ir ter.

Salgueiro! a tua linguagem
Qu'outrora eu tanto entendia,

Hoje é muda, não entendo:
Tua conversa enfastia.

Eia! Respondei-me todos
Meus prazeres onde estão?
Dos meus gostos que fizestes,
Onde está meu coração?

Minha Marília, onde está?
Respondei-me, ó rio! ó flores!
Se eu sou d'ella, e ella é minha,
Quem me rouba os meus amores?

Céo! se um rival em seu peito!...
Não, não temas coração,
Outros labios mentir podem,
Porem os seus labios não.

Elles disseram-me, eu te amo!
E seus olhos mais disseram,
O meu coração, bem sabes
A impressão que em nós fizeram.

Soffre alguns momentos mais
A saudade, a auzencia, a dor,
Coração, mas não recees,
Tal receio insulta amor.

O juramento que guardas
Formaram os olhos seus:
Não juram como os da terra,
Os olhos que são dos ceos.

Oh! meu bem, apressa o instante
Em que d'Hymenéo nos laços
Subamos ao ceo d'amor
Eu nos teus, tu nos meus braços.

O Adeus

Chegou do adeus o instante:
Minha Marília, adeus!...
Ai! que viver é morte
Longe dos mimos teus.

Meu coração! ai! triste!
Mais gosto não terás,
E tu, de mim, quem sabe,
Se mais te lembrarás.

Lá por agrestes selvas
Saudosos passos dando,
Irei por ti, Marília,
Aos montes perguntando:

Um dia e outro dia
Irei passando assim,
E quem sabe se tu
Te lembrarás de mim!

Verei, meu bem, mil vezes
Aquelle sitio amigo,
Aonde, ó minha vida!
Fui tão feliz contigo.

Lembranças cento, a cento,
Hão-de matar-me em fim;
E tu n'alguns instantes
Te lembrarás de mim?

Às margens do Jacuipé
Meus pés me hão-de arrastar,
Por mais que fugir queira,
Sei que lá hei-de ir dar.

Com suas mansas aguas
Como hei-de conversar?

Por ti, qu'hei de dizer-lhe,
Quando elle perguntar?

Sítio onde amor juramos
No mais ditozo abraço,
Onde o primeiro beijo
Firmou d'amor o laço,

Teu coração te explique
Seu doce palpar,
E como bem me lembro,
Bem se ha-de elle lembrar.

Ah! lembrem-te os momentos
Queridos dos amores,
Lembrem-te... tu bem sabes...
Lembrem-te os seus favores.

De ti já não duvido
Sim, tu me amas, sim,
E qual de ti me lembro
Te lembrarás de mim.

Ao rio Jacuipe

Cançoneta

Manso Jacuipe
Rio saudoso,
Ouve os queixumes
D'um desditoso.

Viste-me alegre
Ve-me choroso.

Tinha jurado
De Amor zombar,
E nova jura
Venho hoje dar;

Quem viu Marilia
Jura de amar.

Antes de vê-la
O gosto ou dor,
Qu'em mim sentia
Não era amor.

Hoje arde o peito
Sou todo ardor.

Hoje é que sinto
Essa ternura
Que só Marilia
Tem na candura.

Mimo dos céos,
Dom d'alma pura.

Já lhe fiz dote,
Do coração:
É seu: quer ella
Aceite ou não.

Embora chamem
Erro ou razão.

Morro se d'ella
For desprezado,
Jacuipe amigo
Ahi tens meu fado,

Ahi tens a sorte
D'um desgraçado.

Perdendo a vida
Cessa o penar:
Porem Marilia
Onde ha-de achar

Quem como eu amo
A saiba amar?

O nome e a jura
Qu'eu a ti digo,
Só a Marilia
Ó rio amigo!

Dize, se um dia
Falar contigo.

E vós Favonios
Que assim brincaes,
Quando ao pé d'ella
Brando adejaes,

Dizei-lhe ao ouvido
Que sois meus ais.

Placida limfa
Que lá vás ter,
No teu murmurio
Convida-a a ver.

Lgrimas que ella
Me faz verter.

*Ao Tabaco**Quintilhas*

*Nulla salutifero se comparet herba tabaco
Viribus hac omnes ex superat reliquas.*

J. P. Germarchemius.

Odorifero tabaco
Minha homenagem recebe;
Cante aos louvores de Bacho,
Cante amor, quem não concebe
Como alivias o caco.

Se em vez de manhas danhozas
Quaes o amor, o jogo, o vinho,
As vossas ventas ranhosas
Enchesses (gado domninho)
De pitadas saborozas.

De tal uso assoberbados
Os dedos desprezariam
Garrafas tocar e dados
E inda menos tocariam
Em objectos vedados.

Quanto appetite culpado
Tentasse vos assaltar,
Com a pitada occupado,
Ousa-la-hias largar,
Ó tabaquista arreigado?

Nariguda confraria
Séria gente tabaqueira,
Da caixa, sem ironia,
Confessai, de quanta asneira
Vos livrou a companhia?

Naturalista profundo,
Pesquisando a Natureza,
Altos segredos do mundo,
Quando vistes com clareza,
Vistes a caixa no fundo.

Quantas pitadas não sorves,
Mathematico incansavel,
Quando abaixo e acima volves
Teimoso incommensuravel,
Que sem caixa não resolves.

Quando remexendo a bola
Eusca fugitiva rima
O poeta que se esfolta,
Se uma pitada sublima,
Traz-lhe o termo, e o consola.

Não é digno de viver
Quem o tabaco despreza,
Molière ousou dizer;
E do contrario a defesa
Quem ha que possa empregar?

Foi o maior tabaquento
Da Prussia o maior monarcha,
Em armas, letras portento,
P'ra dar de tabaco um arca
Cada anno ao nariz e ao vento.

D'outra guiza preparado
Tambem o tabaco exalta,
Quando miudo picado,
Pela gente baixa ou alta,
É no cachimbo fumado.

Não vai afrontar os mares
O marujo sem cigarro,
E fumando os militares

Seguem da victória o carro,
Co'o fumo toldando os ares.

Quando lá de Portugal
À França Nicot o trouxe
Admiração cauzou tal,
Que Medicis dignou-se
Dar-lhe o seu nome real.

De Jean Nicot vem-lhe o nome
Tambem de Nicociana;
E o de Santa Cruz obteve
Da Curia sacra de Roma,
Que ao Tejo igualmente deve.

Porque, teme elle o pomposo
Grande nome de Herva Santa?
Porque, em virtudes famoso,
Tem força medical tanta
Que passa a miraculoso.

De cardeal legatario
Mão sagrada cultivado,
Que planta do campo o herbario
Que vegetal tão honrado,
Foi já n'esse reino vário?

Com metade da honraria
Qu'essa planta mereceu,
Outra qualquer quereria
Ir a nobre, de plebeu,
A patria desprezaria.

Mas elle o nome conserva
Do caro silvestre ninho,
Só fazer bem se reserva;
Qual arbusto campesinho
Vive, ou qual ignota herva.

Sem ti planta preciosa
De que servira o nariz?
Desta vida trabalhosa,
Para consolo te quiz
Dar-nos, mão de nós piedosa.

Quando á pitaria unido
Vai-se o teu cheiro espalhando,
Como sabe do sentido
Ir as magoas afastando,
Dar o socego perdido!

E como, quando o prazer
Do coração nos transborda,
Sabes das ventas correr,
Tocar da milicia a corda,
E o gozo melhor fazer!

Deixar a caixa querida,
Da morte é bem máo signal,
Porém apenas a vida
Volta, e nos livra do mal,
A caixa é logo pedida.

Minha fiel companheira
Jamais te abandonarei:
E na hora derradeira,
Juro que te guardarei
Junto á minha cabeceira.

E se inda tabaquear
Podemos alem da morte,
Se essa ventura ha sem pár,
Praza aos ceos que eu tenha a sorte
De minha caixa levar.

Cantigas improvisadas

No mar, indo preso da Bahia para o Rio de Janeiro.

Ingrata patria,
Cruel querida,
Quero deixar-te
Deixo-te a vida.

Ficam parentes,
Fica o amigo,
Só a saudade
Trago comigo.

Em terras d'outrem
Soffrendo damnos,
Foram meus dias
Magoados annos.

Tinha a esperança
Por companhia,
Tudo era pouco,
Por ti soffria.

Hoje sem ella
Que mais me resta?
Vida assim triste,
De nada presta.

A paz buscava
Nos patrios lares,
Achei por mimos,
Ferros, pezares,

Ingrata patria
Sempre querida,
Quero deixar-te
Deixo-te a vida.

A uma menina

No dia em que fazia 15 annos.

Fugiu de ti hoje a infancia,
E rebenta a flor da idade,
Co'a infancia fugir não deixes
A meiga simplicidade.

Seus modos dão mais realce
Aos dotes da gentileza,
Não ha bello verdadeiro
Quando falta a natureza.

De tua mãe carinhosa
O conselho, o exemplo aceita
Que te protesto, Climene,
Que sempre serás perfeita.

ODES

I

Dia 12 de outubro, 1823

No incauto povo os crimes embebia
Por labios embusteiros enfeitados,
Maculando a fagueira Liberdade,
Demagogia astuta.

As mimosas feições, as lindas formas
Do viçoso Brazil, já se afeavam,
Sob as sanguentas garras com que ancioza
A anarchia o empolgava.

As mães choravam já, tremia o espozo,
Os degraos do patibulo a virtude
Contava já, e aos urros da revolta
Jubilava o perverso.

Lá cahe o Imperio de aluidas bases!...
No ameno vale, na floresta virgem,
Lá se estende o ribombo surdo e rouco
Do mugido do crime.

Rasgado o coração!... ai! Pedro! Pedro!
Morre, se tardas, o Brazil, acode!
Defendel-o juraste, o voto cumpre,
Se não, aos ceos insultas.

Onde os punhaes? e o halito empestado,
Que em negra nuvem sobre nós pezava?
Eis o ceo azulado, o ar suave
Que dá vida ás delicias.

Salve! querido brasileiro dia?...
Tu, que em dote ao Brazil seu Pedro deste
No circulo dos evos perguizozo
Volve puro e risonho.

II

Dia 22 de janeiro, 1825

Da gloria enlevo não subira a tanto,
Sem a doce esperança dos sagrados
Da fagueira belleza.

Sem os carinhos da adorada espoza,
Suportaveis não foram penas lidas,
De que se a vida mina.

Além da tumba que emportará a fama
Se na prole (inda um mimo da consorte),
 Não continuasse o homem?

Sexo querido, da virtude imagem,
A delicia é contigo; se não foras,
 Fora o mundo um deserto.

Se na chcupana estás, lá estão deleites;
E se ao lado do heróe o throno occupas,
 Abrillantas o throno.

Dado fôra sem ti vestir a purpura
A justiça, o valor, mas não vestira
 As graças, a clemencia.

Heróe sem Leopoldina Pedro fôra,
Mas o Brazil o heróe deificando,
 Gemera em orfandade.

Da Santa Cruz imperio não tivera
Sem Leopoldina, as prendas preciosas,
 Que lhe asseguram seculos.

Nossas teurinhas flores brazileiras,
Guardai ó Deus!... sómente um pai conhece!
 Mas que sagrada aurora!!!

Dando a filha dos Czares ao mundo,
Á realeza meio-mundo deste,
 Dia grato aos monarchas!

Lá do Danubio as ninfas te saudavam,
Quando as ninfas bahianas o seu Pedro
 A vez primeira viram.

Como lhe envesga os olhos a anarchia!...
Io! de Leopoldina a prole augusta
 De Pedro a obra firma!

Io! dia sem par! são obra d'outros
Trophéos e independencia tuas graças,
E a duração do Imperio.

Os tumulos

CANTO I

Longe risonhos engraçados sitios,
Frescos ribeiros, auras perfumadas.
Esfriou nos meus labios o sorriso,
Nos meus olhos as lagrimas secaram.
Foi-se até de chorar triste consolo.
Gravosa idéa e espirito acobarda.
Quebra-me as forças; já não vivo, existo;
No futuro morri, morrendo o filho.
E mansão minha o olvido, que vingado
Via em virtudes, que no filho abriam.
Meiga filhinha, virtuosa esposa,
Orfans comigo, iguaes na desventura
Vinde um adeus dizer ao irmão, ao filho.
Á noite cede o sol a etherea via;
Longe de vãos prazeres, vamos juntos,
Por entre sepulturas vagueando,
Amargoso consolo vem, saudade!

Palida fria luz derrama, ó Phebo!
Sentidas queixas, triste gorgeando,
Desate suspirosa philomela.
Mirtos, ornai amantes venturosos,
Em torno a mim cyprestes mil negregem.

Um ai alheio o misero consola,
Ninguem um ai me dá, ninguem me escuta!...
E compaixão procuro?... anhele a morte:

A morte é refrigerio da desgraça,
E para o justo a noite d'um bom dia,
A morte espanta só quando pensada,
A morte é nada, a eternidade é tudo.

Cercado estou de tumulos... abri-vos
Reino da morte, abrigo do infortunio!
De chimeras caducas desengano.
Erguei-vos mestas, pavorozas lousas!
Ossos mirrados, lividos despegam,
Fetidas carnes. podres ligamentos.
Que impuros vermes em silencio passem;
Ascosos restos de formosas fórmas.
Eis os profundos admirados sabios,
Os reis altivos, grandes e temidos!
Nem teus visos belleza aqui se estreñam.
Igual poeira dão, cajado, sceptro,
Os farrapos do pobre, e a regia purp'ra;
Na sepultura tudo se confunde;
Tudo assim passa, a morte acaba tudo.
Da humana vida aurora e o ocaseo tocam.
É como a luz a vida, apaga-a um sopro.
Sabemos vida ter porque sentimos,
Vem de fóra o sentir, a vida é nada.

Após honras serpeai rasteiros entes,
Esse raio apagai que vence a morte,
A virtude: e depois notai os tumulos!

De inconsolavel mãe ouço os queixumes!...
Sombra querida, do querido filho!
"Meu amor, meus desvelos, nada pôde!...
"Meu Deus, tanta oração, tão puros votos
"Tudo baldado foi!... Mais não augmenta
"Um esp'rito celeste a glória tua,
"E perdi no meu filho a glória minha.

"Se mais era que humana a prenda amada,
"Porque o fizeste assim, para roubar-m'o?

“Para todos tão bom, és máo comigo?
“Que mal te fiz meu Deus?... Porém que vejo!
“Oh! quanta luz diviso! vejo as fontes
“Do eterno incomprehensivel!... eis meu filho!...
“Filho adorado vem, corre a meus braços!
“Olha o seio infeliz de que nasceste,
“Olha estes peitos que te deram leite,
“Conhece aquella voz que os sons primeiros,
“A formar te ensinou, que te chamava
“Para teus jogos; tua mãe conhece:
“Dos teus primeiros gostos companheira,
“Companheira fiel nas tuas dores.
“Quem te beijava quando ao pobre davas,
“Quem te beijava quando o amor da patria,
“Vinha do coração no infantil fogo.
“Quem esquecendo o alimento, o somno,
“Junto ao leito da dôr constante viste
“Quem pela vida tua dera a vida.

“A cada passo um nobre monumento
“Do que serias, filho, vem matar-me;
“Ó Brazil! ó Bahia! ó patria nossa!
“Chorai meu filho, que um heróe perdestes!
“Nem o materno amor me cega: digam
“Quantos o viram, qual a nossa perda.

“Dias de angustia assim porque fugistes?
“Vinde outra vez trazei minha esperança,
“Trabalhos mil com ella embora venham.
“Deus, ou dai-me o meu filho, ou dai-me a morte.
D’um pai nenhum trabalho as forças quebra
Quando se vê na prole continuado.
A filha move sentimentos brandos,
O filho eleva para a glória o brio.
O filho é outro elle, além da tumba
Vê remoçarem as fadigas suas:
Do filho no esplendor, no porvir goza.
Lá vai seu nome de laurêa ornado.
O movel principal de humanos feitos,
O amor proprio, se dilata e farta.

Ah! como foges mentirosa esperança!
O doirado futuro como embaça
O halito da morte! Vãos projectos!
Já da verdade o espelho formidavel,
Mostra o que são da terra os bens caducos.
Que mais aspira o pai, que mais deseja?
No futuro morreu, morrendo o filho!...
Hymeneo que de flores coroado
Sua dita fazia, e seu tormento:
A dôr lhe dobra da consorte as dores.
Fita a querida lamentosa esposa,
Vê do filho as feições, não vê seu filho.

Ali brincava, aqui lia comigo;
Este desenho é seu, eis sua letra!
Cobrem a meza insulsas iguarias.
Junto a mim se sentava... onde! onde!
Ai! como do consorcio o tecto amado,
Cobrindo o casto amor, afflige agora!
Ai! quanto fujo de mirar a esposa!
Leio em seus olhos o que n'alma sinto,
E sei que os meus lhe estão dizendo o mesmo.
Nem eu, nem ella pronunciar ousamos,
Partem do peito os ais, dos olhos pranto.
São ambos desditosos, mas se querem,
E porque muito ama, temem-se ambos:
A saudade os separa, amor os chama.

Tu meu thesouro, filha suspirada,
Da vida alento, que tremendo adoro;
Que transcendes no esp'rito tanto a idade,
Qual teu irmão, precoce!... vai-te idéa!...
Como no frio, no forçado rizo
Com que para alegrar-me, o mal disfarças,
Minha alma pungen, com doçura amarga!
Constranjo o rosto a desmentir o peito.
Esse terno cuidado que desvia,
De nossos olhos, do irmão perdido
Os móveis favoritos, os brinquedos,

A custosa attenção com que o não chamas!...
Teu doce agrado me envenena a vida.
Oh! alma, de minha alma, ó minha filha,
Vem a meus braços, vem, chora comigo;
Não temas de irmão dizer o nome;
Eia, de pranto nossa dôr fartemos.
Ainda a vida em flor, innocentinha,
Ignoras o prazer, e a dôr conheces?
Ahi a tens, guardai-a, ó Providencia!
Porque sem ella suportára a vida!
A filha existe... a vida te agradeço;
Agradeço o meu mal, é bem da filha.
Sacrificios humanos não te bastam!
Ahi tens meu filho morto: tenra planta
Longe do clima seu, medrar não pôde.
Patria, longe de ti, por ti soffria,
Balança o amor da patria, o amor paterno;
Que mais querem de mim? mais soffrer posso!
Quebradas forças, animo abatido
S'inda podem prestar-te, anciada patria,
Qual meu vigor te dei, dar-te-hei o resto:
Com que ufania te legava o filho!
Ó quanta nelle tu perdeste glória?
Ouve-lhe a voz extrema e extrâmos votos;
Elles quebraram junto do meu peito.
"Vinde a mim charos paes, nada de pranto,
"Pouco tenho de vida, ó paes! beijai-me...
"Minha irmã onde está? quero abraçal-a.
"Pois que ao Brazil servir me não foi dado,
"Ao menos saiba que por elle morro.
"O que o Brazil me deu, o Brazil tenha:
"Não, não deixem meu corpo em terra estranha
"Entreguem-me ao Brazil... ultima graça...
"Eu fui bom filho. Adeus!" e um ai! meu filho!
Sombra adorada, assim ó heróe, o justo
No fim de longa vida o mundo admira:
Pia resignação, corage heroica,
Serenidade sempre inabalavel
No soffrimento, e mesmo até desprezo.

Assim que da affeição via os indícios,
Voava a gratidão sempre em seus labios.
Porqu'outrem não soffr'esse, impunha ás dores;
Com suas proprias mãos curava as chagas!
As bemfazejas mãos qu'inda estou vendo
Erguidas para o céu, a Deus orando.
Inda me sôa n'alma a voz quebrada,
"É baldado pedir, o céu me chama."
Inda o que disse seu retrato vendo:
"Perdeis o original, guardais a cópia."
Inda... e é religião soffrer?... não posso.
Quantas vezes os gemidos suffocando,
Sobre o chagado corpo quantas vezes,
O meu corpo estreitando, a mão convulsa
Desfallecida já, secou meu pranto;
E com frio sorriso procurava
Um consolo me dar, forçando a angustia?
Com a patria sonhava: e quando a febre
Abalava pungia o assento d'alma,
Era para exaltar o amor da patria,
A saudade dos seus, o amor paterno.
Se ao Brazil não serviu, morreu por elle.
Nem ao menos ó céu! lhe deste o gôsto,
De ver, morrendo, a patria libertada!
Da Divindade arcano impenetravel,
Inda na infancia; e já virtude tanta!...
Tinha dez annos!... Religião, conforto.

Sagrada habitação d'alma celeste
Lamentoso penhor, tristes rel'quias!
Não, não sercis entregue á terra estranha.
Vivo com nosco tu peregrinaste,
Morto acompanharás nossos errores.

Ó tu que encerras, urna respeitosa,
O puro coração do infante puro,
Para tanta virtude estreito estadio:
Aquelle coração tão compassivo
Tão bom, tão sancto, além da idade sua...

Urna que encerras da bondade o templo,
 Do desditoso pai te banhe o pranto.
 Dá que te abraçe em quanto a alma ao corpo.
 "A seus paes, e ao Brazil" doce verdade,
 Que me lascera o peito, ai!... já não sente,
 Immoavel, frio!... nunca mais? oh! filho! filho!
 O halito de Deus, alma divina,
 A Deus voltou, no mundo não cabia.

CANTO II

Memória, o que és tu? bem, ou tormento?
 Porque lembras a dôr, sem dar-lhe allivio,
 E o prazer porque se mais não torna?
 Rodage intellectual o pensamento,
 A despeito de nós, ou marcha ou pára;
 Dá-lhe impulso, invisivel movimento.
 Potencia d'alma, é no teu erepuseulo
 Onde antigas lembranças vão perder-se.
 Eu peço ao coração minhas lembranças,
 E vivo tabernaculo que guarda
 Os nobres, os felizes sentimentos;
 Não mente o coração, falha a memória:
 Tende a meméria á obscuridade, ao nada,
 O coração á luz; tendo a Deus mesmo.
 Lembrança, tu por quem revive o homem
 Na passada existencia; espelho magico
 Que reflectindo os casos, os objectos
 Emprestas essa vaga poesia
 Dos vislumbres suaves da existencia:
 O longe, a ausencia, geram esperança,
 Que sem ella o porvir fôra martyrio.

Sombra querida do querido filho,
 O amor de teus pais cumpriu teus votos,
 E satisfez o nobre teu desejo;
 Elle um dever sagrado nos impunha;
 Teu corpo não consome terra estranha,
 Está na terra de que foi formado,

Entregue ás auras que lhe deram vida:
Essa terra, essas auras, teus encantos.
A luz que te animava, e ver cuidasae
Do Brasileiro sol na hora extrema,
Quando a ultima voz que nos chamava
Repetiu balbucando "Deus e patria"
"D'outro sol, d'outra terra nada quero,
"De meu paiz té gosto dos defeitos;
"Estrangeira pronuncia imitem outros,
"Meu assento bahiano guardei sempre,
"E lembrança dos sons da minha infancia:
"Não, não deixem meu corpo em terras d'outros.
Da fallaz illusão em seus enganos
Cuido abraçando o ar, tocar sua alma.
Do orbe o espaço attrahe o pensamento,
Qual o abysmo ao que n'elle mette a vista.
Como os corpos, o espirito procura
De seu ninho as caricias, os costumes.
Quer a côr de seu céu, quer os seus astros.
Dos Tropicos a planta se estiola,
Morre abafada de pezadas nuvens,
Que de seu claro sol os raios furtam.
Qual filante meteóro, fiseando
Na etherea via seu phosphorio lume,
Assim foi seu espirito entranhar-se
N'abobada azulada em facho d'oiro,
E largar uma lagrima suave
Que infiltra o coração, e a dôr adoça.

Lá do fóco da luz, centro das fôrças,
Em derredor das quaes os mundos giram,
Lá na mansão do justo e da innocencia,
Ao Todo-Poderoso o filho leva
A nossa, a tua fervorosa prece,
Pelo nosso Brazil, por nossa gente,
Quanto aos olhos do pai o filho agrada!
Quantos viram o meu, bençãos lhe deram.

Homem de bronze manda o filho á morte,
E se parceiros tens, heróe te chamem,

Se da vida cortando o fio a morte
 Nos matasse a saudade, esse agro-doce,
 Esse laço que prende o vivo aos mortos,
 Como vivera o pai, morrendo o filho?
 O filho que seu pai leva ao futuro;
 Continuação do pai, do nome e feitos,
 O passado, o porvir, tudo está n'elle.
 Arrancando de nós parte da essencia,
 E a viver obrigando-nos, oh! fôra
 Decreto horrivel do poder tremendo!...
 Onde me arrasta a dôr? perdão! piedade!
 Dôr que blasphema, não é dôr, é raiva.

Seja qual fôr a mão, qual a barreira
 Que de meu charo filho me separa,
 Hei de torna!-e a vêr, a alma não morre,
 Sopro de Deus, é como Deus eterna.
 Só o que é falso e máo é impossivel.
 Revelações ás vezes tem nossa alma
 Do que ha de acontecer, nós não só vemos
 Pelos olhos do corpo; mysteriosos
 Mais penetrantes são d'alma os sentidos,
 Quando a fim prematuro declinamos.
 Quantas vezes erguendo as mãos e os olhos
 Para a imagem da immaculada Virgem,
 Seu angelico aspecto, me enlevava!
 Punha seu ecração em sua préce.

Da pia contrição necessidade
 A préce é, a préce é o perfume
 Que só deve incensar de Deus os passos.
 Devota relação de Deus com o homem,
 Meio glorioso de tratar com o Eterno,
 Cadeia que suspende o pensamento
 Dos mundos, e que os prende á Divindade:
 Delicia, allivio d'existencia afflicta,
 Privilegio sem par com que podemos
 Em lampejo de luz, a furto a vista
 Pôr no horizonte de futura vida;

Vida sem fim, e não essa que marca
Oscillações do pendulo, e que passa
Como a roda do carro, que rodando
Encurta o espaço; e nem como da nave
A prôa que após si as vagas deixa;
Gôso do coração, gôso da mente;
Eu sinto a préce elevar-me ao Empireo
Qual das flores o aroma, qual das aves
A maviosa voz que o bosque alegre:
O fresco orvalho qu'em neblina sobe,
Da madrugada as roupas branqueando,
De fino aljofar enfeitando Flora.
Macia viração, do quasi dia
Do sol inda furtiva claridade,
No sombrio do templo magestoso, —
Madrugada gentil e'os teus encantos
Acorda a devoção nos entes todos:
E toda natureza a Deus festeja,
Respeitozo hclocausto offerecendo
Em carinhoso aveludado sopro,
Em suaves aromas, puros cantos
Que são da préce o som que sahe do peito.
As funestas idéas se esvaeem
Com a noite que foge, despertando
A mimoza da vida, a esperança.
De sublimes prodigios enlevado
Scintilantes espiritos divinos
Em religioze arrobo o pensamento,
Entrar por todo eu, sinto devoto,
E creio absorto na immortalidade.
Quanto empenho incred'lo porque obtenhas
D'um rei, e d'um ministro uma audiencia!
Com que anhelos o colloquio de uma bella?
A préce é colloquio, a audiencia
Do Senhor dos ministros, reis e bellas.

E tu impio o que vês em tanta glória?
Em tanta luz, em tanta maravilha!
Se teus olhos se offuscam, miseravel!

Tua fraca razão o que te mostra?
 Olhos que Deus não veem, vendo o universo!
 Recorre na afflicção ao teu acaso:
 Tu que da préce o lenitivo arredas.
 Lá vem do desengano a fatal hora,
 Vem o remorso, roubo do socego,
 Rasgar-te o peito co'viperio dente.
 Traz ante os olhos o supplicio sempre,
 Aquelle que so supplicio sobrevive,
 Furta-lhe a consciencia a sombra d'elle.
 Atheo, dize em que pões tua ventura,
 Patria, amigos, familia que te importam?
 Sem religião o que é sociedade?
 Que nexo pôde haver que ligue os homens?
 Se a virtude co'vicio se confunde
 Se o bem premio não tem, castigo o crime?
 Tanta filaucia em si, é insolencia
 Que insulta a natureza, inverte a ordem.
 Porque ha-le trabalhar quem nada espera?
 Para quem nada espera, tudo é nada:
 Quem um fite não tem sabe ser homem,
 Sabe amor o que é, sabe o que é patria?
 A coração de lama do que valem
 Carinhos do hymeneo, mimos da prole;
 Esse tecto que cobre respeitozo
 Casto conchego, paz, amor, delicias?
 Que é tão deserto quando falta o filho!
 Imperio quem te formou? foi teu acaso,
 Teu acaso que é? palavra ôca,
 Refugio d'ignorante soberbia.

Dizes que nãc ha Deus, e existe o acaso!
 Ha obra sem author! eia responde!
 Eu adoro o meu Deus, tu o que adoras!
 Tão nobre sentimento não conheces
 Infeliz! que te pões a par dos brutos:
 Seremos furo que se vai nos ares?
 Um fantasma será essa potencia
 Que inventa, que compõe? O que é o homem?

Quem fez a luz qu'oriente inunda,
E estende esse horizonte immensuravel?
Foi para em um momento confundir-nos
Quem alçou esses picos que o sol doira?
Desdobrou esse immenso espaço de aguas?
Quem ordenou que o coração batesse,
Sem que se explique o espirito pensasse?
Amizade e amor são meros ditos?
São meros ditos, honra, patriotismo?
Teu Deus são algarismos e phenomenos,
Tua revelação a natureza,
Teu Evangelho, tua biblia o instineto?
Se crês no instineto, e crês na natureza,
Porque não crês em Deus, se Deus é tudo?

Eia mostra o que sabes, das sciencias
Cuidas subir os grãos, e nunca chegas
Ao ultimo que toca a Divindade.
No ronco do trovão que a terra aballa,
E no rouco ribombo o ar estruge
No fuzil do relampago que silva,
No raio que crepita, offusca e estala,
No mugido do mar, rolando irado,
No vento que sibila, zune e açoita,
Um poder sobr'humano não descobres?
D'onde, aos astros vem o brilho, e o curso,
D'onde do mar o fluxo e o refluxo?
Vez nas sementes arvores e fructas,
E raças d'animaes da terra, na serenidade.
Não vês a imagem da risonha noite
D'essa eterna verdade de que os homens
Turbar não podem a divina fonte?

Tu que só crês nos corpos, porque os tocas,
E que negas do espirito a existencia,
Vem ao albor d'aurora ver os campos;
Ollar quanta alegria o sol difunde,
Sentir da flôr no aroma, de Favonio
Affaveis beijos que fugaz espalha;

Tocas a luz, os cheiros, a alegria?
E negarás seus mimos deleitosos?
Se os sentidos falhando, a crença é erro,
E se engana a razão, feliz engano,
Que faz mirar ao longe uma ventura.
A mundana fortuna transitoria
Outra melhor fortuna não promete?
Qual a terra no orbe fragmento
Attesta, e aos olhos apresenta os mundos?
O desejo constante que nos segue
É de feliz futuro uma promessa:
Felicidade, dom não é da terra,
Tem origem no céo, e não se perde:
Ha um eterno amor cuja faisca
O nosso é, e vai lá confundir-se
Nos profundos arcanos d'onde veio.
Da eternidade no fiel depósito
Tudo está, dores, lagrimas, prazeres,
Acha-se tudo qu'existiu e existe.
Quem medir pôde a orbita grandiosa
Da sublime divina intelligencia,
De que nós somos minima parcella?
Sem attingir, sentindo o infinito,
Absorto perante a magestade,
Em tal apreensão vendo o que vales,
Ajoelhado adora pede espera —
Seu presente, o desejo não preenche,
É que o porvir o quer — que seja occulta!
O thesouro de Deus guarda o futuro;
E o que espera tem d'elle alguma graça?
O thesouro de Deus guarda o futuro;
E o que espera tem d'elle alguma graça?
De feliz a expressão gostosa é “Hoje”,
Como o frio “Amanhã” pertence ao triste;
Amar é quando o coração admira,
Admirar é quando o espirito ama;
Quando é completo o amor é paciente
É absoluto, e julga-se perpetuo.

Progresso e fim reprodução demonstram,
Nada é perfeito, tudo é transitório,
Tudo acaba e revive, o homem mesmo
Que ufano cuida ser de Deus imagem,
Seria eterno se perfeito fôra.

Deus é mysterio, adoração, grandeza,
Omnipotencia, amor, justiça, glória,
Termo não ha qu'exprime o inexplicavel.
Tentem sophismo, pedantismo embora,
'Trocando uns termos, inventando outros,
Explicar o que a mente não alcança.
Ente rasteiro pára em tua esfera.
É de tua razão curto o limite,
D'essa razão além, tudo é delirio.

Ente dos entes quem negar-te ousa?
Para em mim contemplar-te, eu fecho os olhos.
Sentindo humilde a fraca humanidade,
N'um enlevo de luz, curvado adoro
E beijo a madre terra que nos nutre.

Apezar dos esforços da impostura,
E futeis devaneios de filauca,
Em nossos corações conserva a crença,
O sentimento religioso ainda
Nos habitos, nos usos, nos costumes,
Nas tradições que a fé tem consagrado,
A sempre-viva flôr inda se colhê;
Inda viva essa pia reverencia
Qu'ao aspecte da cruz curva os joelhos.
Desvairados espiritos nutridos
De ficções mentirosas da demencia
Riscar da consciencia em vão pretendem
A convicção de um Deus, refugio amigo
De quem, soffrendo, pega-se á esperanza.
E a fé, a esperanza realizada,
A fé sustenta, a esperanza anima,
A caridade une consolando.

Vanglorioso sofista não arrosta
Do seu talvez tremendo a hora horrivel;
Não; um talvez não é a vida eterna.
Sem fé e sem esperança a existencia
De desesperação fôra o martyrio,
E a suspeita seus olhos envesgando
Oihára de través o juramento,
O laços de familia, os d'amisade;
Respeito ás leis, dever, direitos de homem,
Promessas, coavencões, palavra de honra,
Foram ludibrios em falaces termos:
De seu chefe o soldado duvidoso
Ao rufo do tambor largára as armas,
Nem fiando no medico o docente
Tocára a taça que a saude encerra:
O duvidoso estado a paz espanca
Nem ha satisfação quando ha suspeita:
Sem fé, sem crença, o animo franquea,
Sem caridade o coração resfria,
Apaga-se esse fogo sacrosanto
Que no seu bemfazer a Deus imita:
Murcha da vida a flôr, per Deus plantada —
Vós que mães deshumanas engeitaram,
Negando-vos um seio amaldiçoado,
D'onde o materno amor fugiu de pejo,
E vós qu'a morte deixa em orfandade,
E vós pela doença acabrunhados,
Vós honradas ruinas mutiladas
Pela ira do ferro e das bombardas,
Victimas da miseria e do abandono,
Erguei ao cêo as mãos esperançosas.
Nas filhas d'esse heróe da caridade;
Firmes na fé obstaculos não conhecem
Deixando paes, irmãos, amigos, patria;
A sua patria é lá onde outros soffrem.
Dos mares desdenhando as tempestades,
De zelo caridoso apoderadas,
Vem amimar o filho abandonado,
Dar meiguices de mãe ao orfãozinho,

Ac que chora, uma lagrimas sentida;
De conforto um sorrizo ao moribundo
N'essa muda espessão, n'esse segredo
Que a mulher só conhece, e a dôr percebe,
Da paciencia, de bondade imagem,
Vós que dos corações sabeis os trilhos,
Vós virtude em ação, mulheres santas,
Vinde, da caridade irmãs benignas,
Por vós espera o desvalido, o pobre,
O soffrimento, a dôr, doença e fome:
Vinde, o Brazil vos chama abrindo os braços,
Vinde, aceitai do pobre a hospedagem,
Ella é do pobre o simples agazalho.
A dôr mais que a ventura as almas liga,
Melhor do que gosar, é zoffrer juntos.
A paz e a esperiencia da velhice
São os adornos que lhe ganha estima,
Dão-lhe respeito as cans, sciencia o estudo
É a velhice junto á juventude,
Sombra de tarde na manhã viçosa.

Da influencia do clima, e seus productos
Tão ricos n'este prodigo hemisferio,
Quanto d'estrellas é o céo, que o cerca,
Pedi ao ancião lições proficuas,
Mil segredos á analyse inda occultos,
"Pois inda que em sciencias muito cabe,
"Mais em particular o experto sabe."

Tu dos impios terror, glória dos justos,
Ó morte! porque em flor e tão mimosa
E tanto azinha me roubaste o filho?
Avarenta dos bons, mais alguns dias
Porque não déste ao pai, para mirar-se
Gosando o melancolico reflexo
D'esse olhar que diz mais do que a palavra
D'esse olhar que calara no meu peito?
D'esse sereno aspecto, essas mãos juntas
Por seu paiz orando, aos céos erguidas?

Nem vacilaste ouvindo os ais pungentes
Do pai, da mãe, e a supplica innocente
Da tenra irmã chorando o amor fraterno?
Porque a foice, ó Brasil, não desviaste
D'um digno filho que esperava a fama?
Não sabias que joia te furtava?

Uma porção de mim, de mim sumiu-se,
So metade da vida me acompanha,
Como é vazio o mundo sem meu filho!
Minam meus dias afflicção, saudade;
A dôr do coração agrava tudo.
Fôra um deserto o Eden, quando fosse
N'elle a separação dos que se amaram.
A demora entre a perda e a esperança
Grato intermedio é que nos foi dado,
Para enganar o mal, bem como aos olhos
No golpe do machado, e o som que o segue:
Assim tendo perdido quem amamos
Dura a prolongação d'essa miragem,
Como quando do sol fitando o occaso
O astro já sumido no horizonte,
Sentem-se ainda seus raios que esclarecem,
E cuida-se inda vê-lo radiando
Longo tempo depois dentro da idéa,
E só depois que pouco a pouco apaga
É que julgamos ter em fim morrido:
E a morte o que é? Sumiço, olvido.
Mas do filho a lembrança acaba nunca?
O filho é outro eu, em mim reside
Fôra esquecer-me, esquecendo o filho.
Deixas da morte, restos preciosos,
Reliquias de saudade, eu vos respeito!
Esta é sua lettra, sua pena
O coração guiava amor dictando:
Estes eram seus moveis favoritos:
Seus jogos tinham sempre em patrio fito,
Que desse a seu paiz prol e renome,
Testemunhas fieis são seus desenhos,

Seu coração, seus nobres sentimentos,
Tudo era Brazil: como o vi bello
Ante a estatua do nobre mutilado
Terror de Trafalgar, d'Albion glória,
Mentiroso porvir ancho aspirando,
Persativo exelamar: "sim eu te juro
"Meu modelo serás, hei de imitar-te!!!"
Aqui brincava, ali... leito de angustias
Quanta resignação, quanta ternura!
Do justo a impavidez, a paz do santo.
Quando o espirito do corpo se desprende
Livre soltando da materia os laços,
Fulguram n'elle assomos de divino:
"Debalde procuraes guardar-me a vida
"Não deparastes de meu mal com a séde;
"Ahi está da morte o espectro, d'olhos fitos,
"C'ò frio dedo aponta a eternidade."

Saudade esperançoza que disfarças
Os pezares d'auzencia, e a morte illudes,
Que fingida doçura dás ás lagrimas,
Que n'um ai, n'um suspiro dás alivio,
Que desenhás aos olhos da memória
Meigos abraços, sitios deliciosos,
Onde tranquilles bonançosos dias,
Passavam como o limpido Jacuipe,
Sitios amigos que comigo choram
Tão alegres então, hoje tão tristes,
Sitios que o nascimento aformoseam,
Arvores que plantamos, esperando
Cosar de vossa sombra, vossos fructos
Tão frondosos estaes, e onde está elle?
Vós sitios que prodigios celebraram,
E que em nossos errores visitamos,
E que a fici lembrança entregue á fama,
Lembrando os genios que lhes deram nome,
Mais um moaraca a brasileira terra
Se a morte... Vai-te embora afflicta idéa,
Saudade, triste enlevo da ternura,

Deixa correr meu pranto, não me roubes
Fagueiras illusões, deixa-as comigo,
Não as tires de mim, são meu sustento;
Ralam-me o coração, e eu gosto d'ellas.
Dão-me frio prazer, mais não se apagam
Consome-se a memoria dos sentidos,
Mas para a d'alma não existe o tempo,
Esse poder esquecedor de tudo.
Menos da gratidão, patria, amizade.
Vem magia da vida, vem saudade
Co' teu segredo de animar chorando.

O amor que o dever creou no peito,
Que razão e virtude confirmaram
Um elemento faz de nossa essencia,
Que anciosos buscamos; se o encontramos
A vida é, e se nos foge, é morte:
Dentro do coração existe um molde
Qu'a sympathia preencher procura;
O meu perdeu-se na esposa, e onde?...
No tumulto ella jaz em terra estranha!
Onde esse sitio tão sanctificado?
De meus ais, meus suspiros testemunha,
Essa lousa banhada de meu pranto,
E do pranto da filha, quando juntos
Ajoelhados, muços e convulsos
Em religioso paternal abraço,
Nossa devota préce ao céo subia?
Se longe vos deixei, sagrados restos,
Foi porque lá ficou comvosco a filha,
Penhor de puro amor, penhor querido
Que tu casto hymeneo me confiaste;
Oh! lá não ficareis, eu vou buscar-vos,
Vosso jazigo é junto ao nosso filho;
E se em vida a fortuna nos foi falsa,
Em nossa terra junte-nos a morte.
Se do destino o quero inextricavel
Inda uma vez levar-vos, cara filha,
Ao sitio onde perdi esposa e filho,

Ide ao lugar tristonho onde ajoelhados
Confundiamos lagrimas e préces;
Lá onde juntos tanto recorreremos
Com respeitoso pé da morte o estadio.
Da virtuosa mãe faze que os ossos
Aos do pai e do irmão venham juntar-se:
Não, não fique um de nós em terra estranha:
Ella que a seu Brasil idolatrava,
De patrio fanatismo glorioza,
Ella!... Deos do piedade socorrei-me;
Resignação, conforto no abandono,
Tu coragem da dôr, do justo amiga,
Companheira fiel na desventura
Dá que a miseria cobre, que repelles
A desesperação, blasfemias, crimes,
Acode-me co'teu celeste influxo.
Do velho pai e do viuvo esposo
O frio adeus perfume de esperança.
Se ao do pai o amor supre o da patria,
Ó minha patria! supre a esposa e o filho.
Venturosos esposos, pais feizes
Alegre descuidada mocidade,
Deixai da morte o merencorio estadio:
Festiva gala fuja ao mesto luto
O riso d'alegria insulta ao triste,
Mansão da morte, augusto cemiterio
Tu mostras que são dôr, miseria, angustias
O sustento amargoso da existencia,
Ai! quanto observo em ti, sinto em meu peito:
Não sei que força invicta a ti me arrasta:
A dôr convida á dôr, o pranto ao pranto.
No impassivel silencio dos tumulos
Aute mirrados ossos, fria cinza,
N'essa muda eloquencia do sepulchro,
É que o seu nada reconhece o homem.
As graças, prendas que a belleza enfeitam
As bellas formas qu'encantavam hontem,
O que são hoje? Abri-vos sepulturas.
A vida dos sentidos dura um dia,

As iluzões no feretro se apagam
E da imaginação as vãs mentiras
Ao clarão da verdade se esvaecem:
O desengano o coração resfria.
Viver, é esperar que a morte chegue.

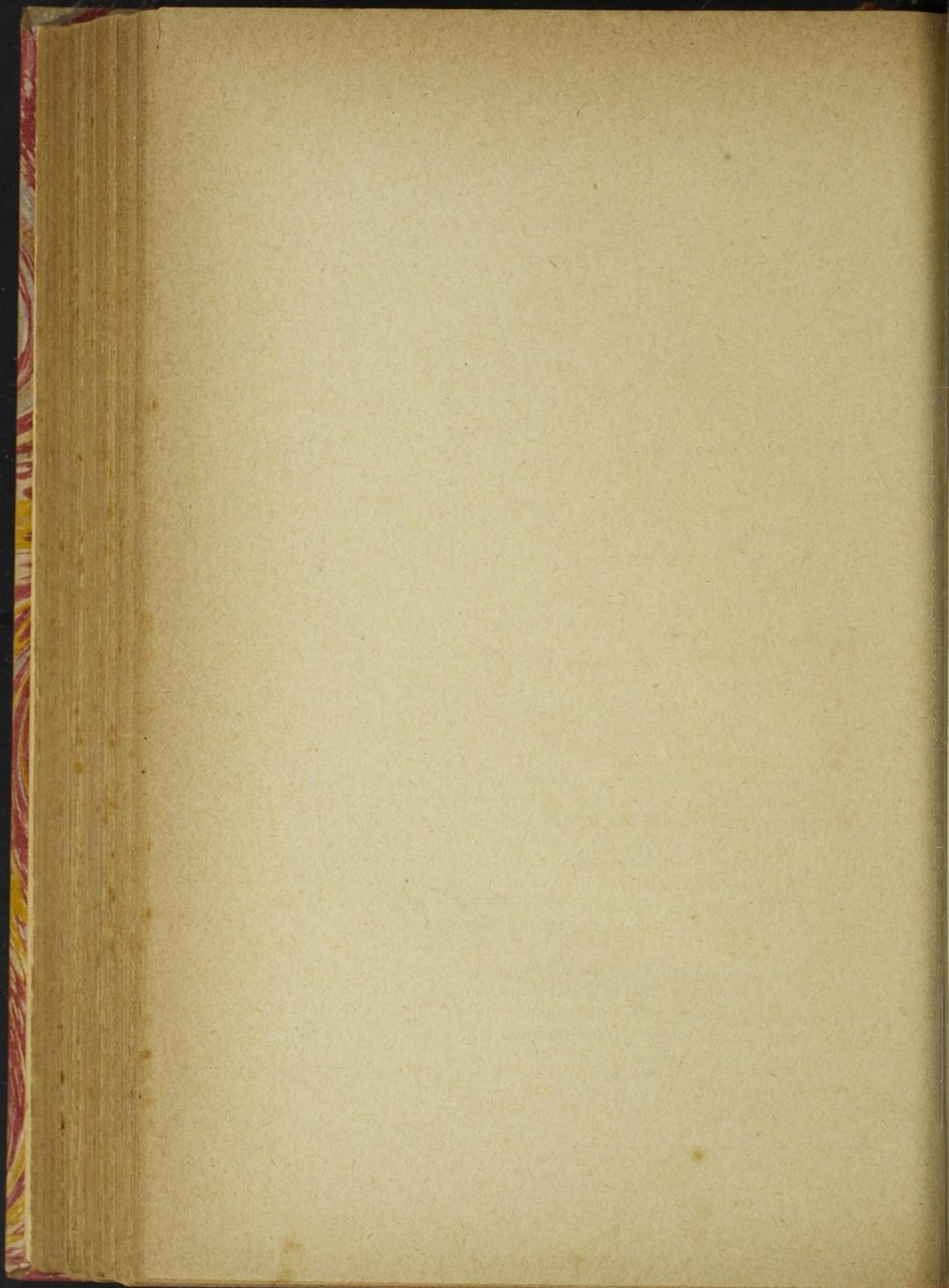
(1) No
despacho
uma vez
sempre
luz de
pal, ali
conservar
posição, a
[O
ano, 1858,
com tiragem
uma vez
se tiragem
Trabalho
da Academia
1700 m

* * * (1)

(1) Não pensavamos cair na debilidade de apresentar producção nossa a figurar no Florilegio. Havendo porém sido mais de uma vez interrogado acerca da forma que havíamos adoptado no assumpto do Caramurú, a que nos referimos a pag. 382 do 2.º volume desta obra vemo-nos obrigados a incluir esta producção, na qual, além da rima aturada, como usavam os antigos, procuramos conservar a naturalidade, attributo especial deste genero de composições, a que hoje em Portugal chamam *xácaras*.

[O romance-histórico *Caramuru* teve nova edição, Rio de Janeiro, 1859, de formato liliputiano, impresso em tinta dourada, com tiragem limitada a reduzido número de exemplares, hoje de suma raridade. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui esse cimélio, graças à generosidade de Afrânio Peixoto.

Francisco Adolfo de Varnhagen é patrono da Cadeira n. 39 da Academia Brasileira. — R. G.].



O matrimonio de um Bisavô

ou

O Caramurú

(Romance historico brasileiro)

INTRODUÇÃO

Oh tu que conheces
A linda Bahia
De Todos os Santos,
Q'ostenta á porfia

Co'as plantas, co'as aves,
Na terra baldia,
Co's peixes sab'rosos
Do mar e da ria, (1)

C'os montes, c'os valles,
Que tempos havia
O Indio por caça
A pé percorria: —

Consente que eu conte,
Que o sei todavia,

(1) Ria é o nome verdadeiramente portuguez para designar o que n'alguns pontos da nossa costa se diz mar pequeno, ou aguas salgadas sem onda. Em Portugal dizem a *Ria d'Aveiro*.

Um conto d'amores
Que li n'outro dia.

I

A DESERÇÃO

Dez annos passados
Depois que á Bahia
A gente d'Europa
Aportado havia,

Uma caravella
Ali discorria,
Em busca do lenho
Da tinturaria:

Surgindo no porto,
De bordo fugia
Um pobre grunete
P'ra terra bravia.

— Que fazeis Diog'Alvares?
Com essa ousadia
Deixardes os vossos...
É quasi heresia.

“Soffrer antes quero
Qualquer tyrannia
Que o vil contramestre
Que a mim me zurzia.”

Mas outro motivo
Por certo existia:
Leitor! imagina
Qual elle seria...

Atinas por certo
Que nisso andaria

D'alguma moçoila
A feiticaria...

E como era guapa,
Toda galhardia,
A tal que a fugir
Assim o movia!...

II

A ASSALTADA

E já terra dentro
Diogo se ia;
Nem vê os perigos
De tal tropelia.

Descuidado passa
A veiga sombria;
Não attende ás plantas
Nem á monteria.

Nem prova um só fructo
De tantos que via;
Tão pouco dos passaros
Ouve a melodia:

Só leva occupada
Triste a fantezia
Na que ardentemente
Amava e queria.

Eis que de improviso
A turba gentia
Assalta em magote
Com gran roncaria.

Vede o pobre amante
Se não soffreria

Com a tão inhospita,
Hostil correria!

E bem que o "pagé"
(Feitiço ou espia)
Revela os intentos
Qu' o estranho trazia.

Maldito o gentio,
Com aleivosia,
Não tarda a marcar
O festivo dia

Em que esse infeliz
Tragado seria:
E para o matar
Os gumes afia.

III

ORATORIO E AMOR

E para ceval-o
P'ra carniceria,
Lh'offerece manjares
Com grã bizarria.

E dão-lhe agasalho
N'uma rancharia;
Tambem o distrahem
Da melancolia;

Pois que lhe consentem
(Que galanteria!)
Que escolha uma noiva
De tantas que via.

Dar gosos á victima
Por mais barbaria

Tal é o braço
Da anthropophagia.

A bella escolhida,
Que tal companhia
Ao pobre captivo
Agora fazia,

Podeis afigurar-vos
Que a mesma seria
Que tanto o presava
E ali o seguia;

De Paraguaçu
Sobrenome havia;
É filha mimada
Do valente Uivia,

Principal da terra,
Que á filha queria
Mais que ás suas armas
E toda a iguaria;

Mais que á sua glória
E supremacia;
Mais que aos outros filhos
E quanto haveria.

Por não desgostal-a
O que não faria!
Matará quem fira
Da filha a cutia!...

IV

A MANIFESTAÇÃO

Mas chega a final
O mercado dia:

Os vinhos são feitos
E tudo é folia!

E Paraguaçu
Ao pae descobria
Que com o captivo
Fugir-se queria;

Que o ama de veras;
Que não viveria
Mesquinha sua alma
Se o noivo morria:

Que estava com elle
Em tal harmonia,
Que ella era a só causa
Porque elle soffria...

E mais lhe revela
Que parir devia
Que o céo mandaria.
Um filho de Diogo,

E qu'ô coração
Lhe não consentia,
Por ser de captivo,
Lhe matem a cria.

"Não sejas tontinha"
O pai respondia;
"Dos usos antigos
"Respeita a valia:

"Sem bailes, sem festas
"A vida enfastia:
"Sem vinho e moquem
"Não ha cortezia." —

V

O SUPPLICIO

E atado a uma corda
O noivo trazia;
E a turba o saudava,
Com grã vozeria.

Entre dois moirões
O triste prendia
Alguem por escarneo
Uma arma lhe fia.

Então se avançava
E galas vestia,
Com plumas e contas
De mais louçania,

O fero carrasco
De cara judia,
Que se proposerá
P'ra tal barbaria;

E o seu "tangapé"
(Que assim se dizia
A espada que empunha)
A cair já ia,

Quando preso o braço
Subito sentia;
E soltar o golpe
Por si não podia.

Qual era o novo anjo
Que assim suspendia
Um golpe fatal,
Quem não desconfia?

Um anjo da terra
É, sem poesia,
A filha do forte,
Do valente Uivia.

Quando este tal viu...
Bem s'enfurecia,
Por ter uma filha
Que assim o confundia!

E ella ao captivo
Ai! toda s'unia;
C'os proprios cabellos
Seu corpo cubria.

"Que morram os dois!"
A turba dizia,
Outra nova turba
O voto applaudia.

VI

VINGANÇA!

"Não!" grita offendido
O valente Uivia:
E salta ao terceiro
E arengas tecia:

Logo ao matador
De morte feria:
E a filha liberta,
E o que ella queria,

Já tem por si parte
De tal mouraria;
Punir querem outros
Tanta rebeldia:

Eis travam peleja
Con gran gritaria;
E mal dos amantes,
Se não vence Uivia!...

A um e a outro
Ninguem resistia;
Qual mais s'esforçava
Causando avaria...

Té que, Deus louvado,
Já tudo fugia...
E livre o captivo
Abraça a gentia.

D'então em diante
Os seus socorria,
Que a sorte ou o intento
Ahi conduzia... —

VII

O MOSQUETE DO NAUFRAGIO

Mas quando Coutinho
Que á capitania
De parte d'el-rei
Tem desta Bahia,

Por velho e sem forças,
Nem sabedoria,
Fugir-se aos "Ilheos"
Inerme entendia,

Julgou Diog'Alvares
E a raça d'Uivia,

Valer ao bom velho
Que afficto se via.

Com Alv'res, Coutinho
E mais fidalguia
Então regressavam
À linda Bahia.

Rebramava o norte;
A onda crescia;
Aguava o baixel;
A enxarcia rompia.

Amaina!... Orça!... Ferra!
Fatal gritaria!...
Ninguem já sentendo,
E o barco s'abria...

Salvos, ai! os tristes
Daquella agonia,
Nas praias da Ilha
Contraria aos d'Uivia,

Em mãos caem presas
Da cafila impia;
E que fim tão triste
Diogo teria... —

Se Paraguaçu,
Que ali tambem ia,
Lhe não dá socorro;
Com soberania,

Mostrando o mosquete,
(Que salvado havia
Com polvora e balla
O noivo), dizia:

“Que ao homem do raio
O céu protegia

E ali o mandára
Provar valentia..."

"O raio que vêdes"
(Então proseguia)
"A morte com fogo
Ao contrario envia." —

Pum!... Oh que estampido
Nos ares zunia!...
No chão um "guará"
Ferido cahia;

E o bruto gentio,
Co' susto fugia;
De longe é qu'olhava
P'ra tal arma esguia.

E "Caramurú",
(Que em sua aravia
Quer como dizer
Tremelga ou enguia)

Nomeia o mosquete
E quem a ousadia
De o disparar teve
Quando elle descria.

VIII

O CASAMENTO

Presou Diogo o nome,
Que rima fazia,
C'o da guapa noiva
P'ra quem só vivia. —

Com ella ha quem diga
Que á França se ia:
O conto nem nega
Que fosse á Turquia;

Mas era christã
A tal monarchia:
Que o conto nos diz
Que a nossa gentia

O sancto baptismo
Ahi recebia:
E foi Catherina
O nome da pia. —

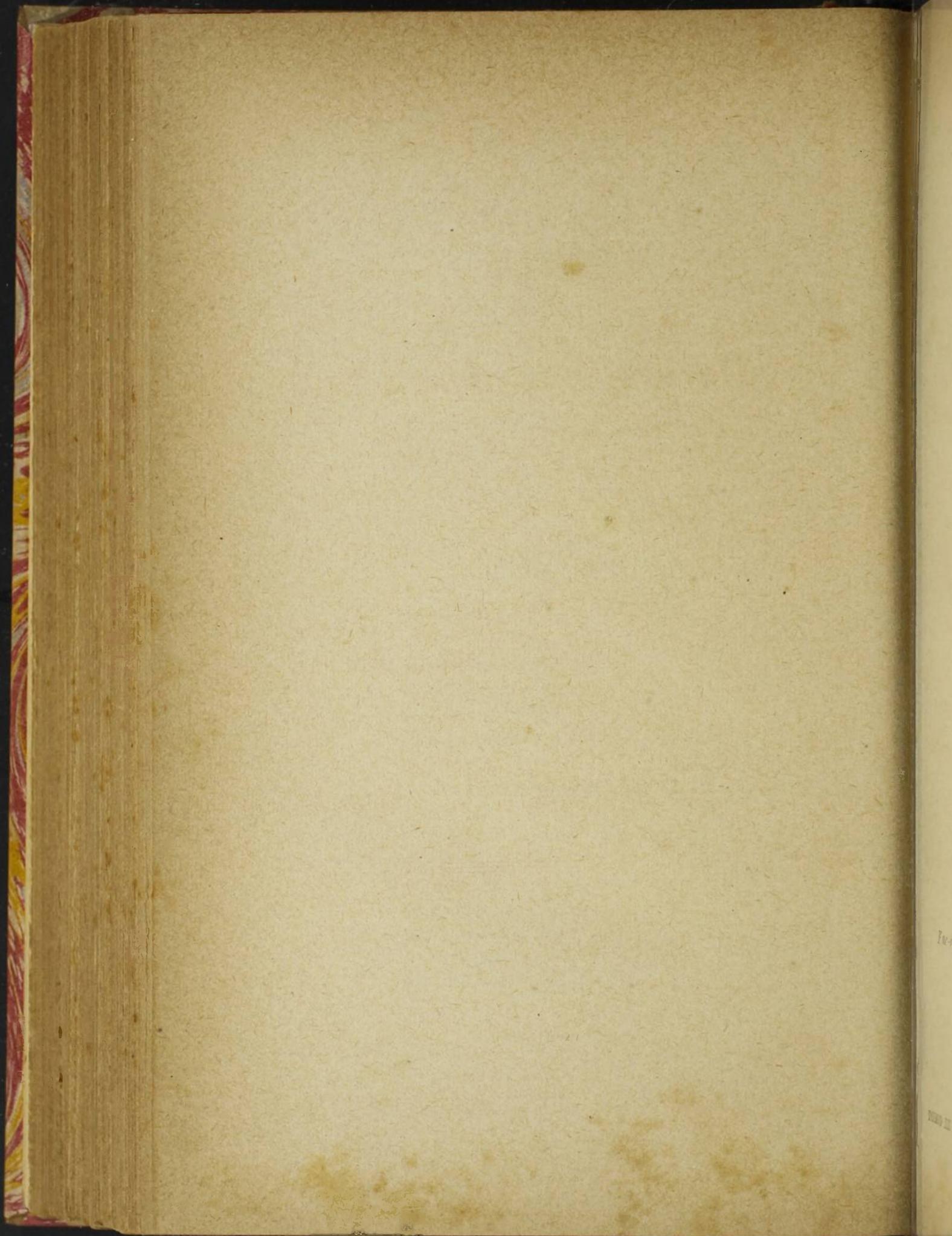
Tambem diz o conto
Que em certa abbadia
Tomára primeiro
A Eucharistia: —

E que, ambos devotos,
Á virgem Maria
Fizeram promessa
D'uma romaria —

E que já bisnetos
Nosso par havia
Quando em lei da graça
A estola os unia. —

Segundo o que reza
(Se o sei todavia)
O conto de amores
Que eu li n'outro dia. —

APPENDICE



FLORILEGIO

DA

Poesia Brasileira,

CONTENDO, UM NOVO SUPPLEMENTO, COM PRO-
DUCCOES DE VINTE E QUATRO POETAS AINDA
NAO CONTEMPLADOS.

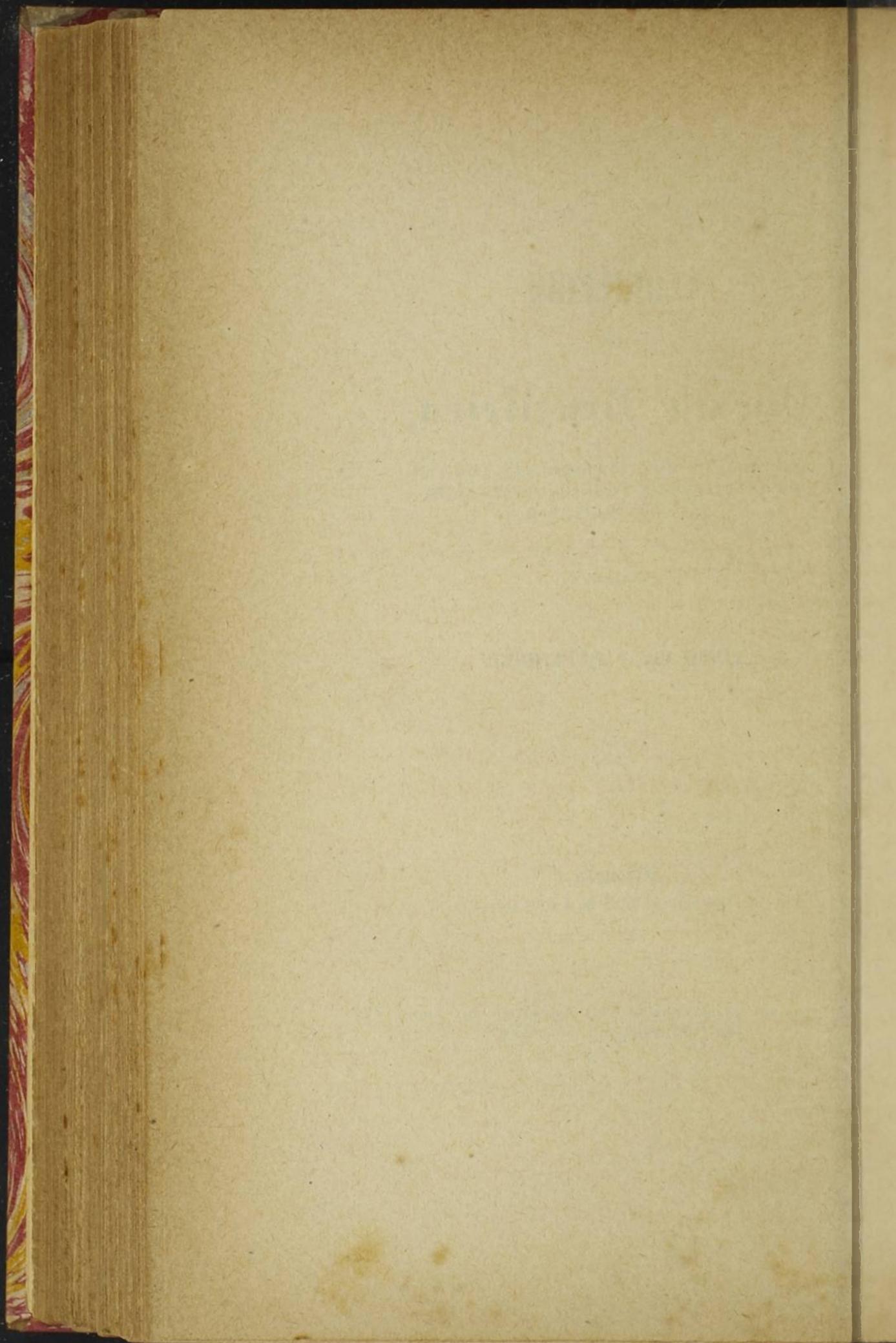
TOMO III. — APPENDICE.



VIENNA.

Typographia do filho de Carlos Gerold.
1872.

*Fac-simile do frontespício do Apêndice ao tomo III
do "Florilégio" — 1872*



S A T I S F A Ç Ã O

Publicamos estas poucas paginas, mais por descargo de consciencia que na persuasão de que ellas possam vir a ser mui lidas e apreciadas. Mas uma vez que chegámos a ter destas composições noticia, pareceu-nos que ficavamos como em divida, não só com a memória de seus autores, como tambem com os possuidores do nosso pequeno *Florilegio*, não as publicando. Se não incluimos nenhuma do P. João de Mello, nem de Manuel J. Cheren, é porque as não conseguimos obter; pelo que só nos resta emprazar a quem as possua a dar dellas alguma noticia. — Quanto ás poesias de varios Pernambucanos, dadas a conhecer pelo Sr. Commendador Mello, dispensamo-nos de contemplal-as aqui por varios motivos.

Não nos deteremos rectificando alguns erros commettidos no *Florilegio*, principalmente no que respeita ás biographias de muitos poetas, especialmente dos que tiveram parte na conspiração mineira ou do Tiradentes.

Muitas dessas rectificações, em virtude da leitura do processo, acham-se publicadas por nós mesmos, nas Revistas do Instituto, onde se poderão encontrar. Devemos aqui acrescentar que a 2.^a edição de Gonzaga (ainda sem a 2.^a parte) foi feita em 1792, na Typographia "Nunesiana" em um vol. de 118 pag. in 8.^o, em papel forte, de que possuímos um exemplar.

É hoje sabido que Gonzaga, bem que oriundo do Brazil e ahi creado, nascera no Porto, que Manuel Joaquim Ribeiro era filho de Sanhoane em Portugal; e julgamos haver, por mui fortes inducções, mostrado (*) como as *Cartas Chilenas* (aliás *Mineiras*) devem ser consideradas producção de Claudio Manuel da Costa.

Em todo caso, declaramos que nunca suppuzemos Caldas Barboza autor de taes cartas, como o julga o amigo Sr. Innocencio na pag. 186 do 2.º vol. do seu *Diccionario*. O primeiro serviço que fizemos foi reconhecer que a crítica se referia a Minas, e não podia ser obra de Gonzaga. Quanto ao mesmo Caldas já dissemos (pags. 125/126) que desde 1855 possuímos a *Descripção de Bellas, a Vingança da Cigana*, a 1.ª ed. da *Doença* (com as *iniciais D. C. B.*), a 3.ª (1819) da *Historia Sagrada*, e um exemplar (unico de que ha noticia) da composição intitulada "*Nas felicissimas Núpcias*" etc. que reproduzimos nas pags. 126/130.

Os versos que damos de Bento Teixeira Pinto, o mais antigo dos poetas brasileiros, são copiados do unico exemplar, que talvez exista, da sua *Prosopopéa*, edição de 1601, o qual se guarda na Bibliotheca Publica de Lisboa. (1) Acha-se o dito poema annexo á 2ª edição da relação da viagem da não Santo-Antonio, em 1565; relação

(*) Veja-se a nossa "*Carta ao Sr. dr. L. F. da Veiga acerca do autor das Cartas chilenas*" — Rio de Janeiro, 1867.

(1) [Ao mesmo tempo (1872) em que Varnhagen descobria na Bibliotheca de Lisboa um exemplar da *Prosopopéa*, da edição de 1601, Ramiz Galvão encontrava outro na Coleção Barbosa Machado, da Bibliotheca do Rio de Janeiro, do qual tirou a edição de 1873. — Conf. *Revista do Instituto Histórico*, XXXV, parte 2.ª, ps. 591, 613/614. — A *Prosopopéa* teve outra edição, por Afrânio Peixoto, nas Publicações da Academia Brasileira, Rio de Janeiro, 1923. — R. G.].

não escripta pelo mesmo Bento Teixeira, que não vinha a bordo, e seria então criança. O poema é composto já no reinado de Philippe 2.º.

Dos versos mysticos do Pernambucano (natural do Recife) Salvador das Neves, possuímos um exemplar, unico que temos visto, da edição de Serva, Bahia, 1816.

Na primeira quadra deste seculo, publicou, em França, Ed. Corbière umas poesias, com o nome de *Brésiliennes*. — Apezar deste nome, e da insistencia do poeta a querel-as fazer passar por apenas traduzidas por elle ao francez, são-lhe geralmente attribuidas.

Assim pois com as composições que ora offerecemos ao publico damos por concluida a tarefa que ha perto de trinta annos emprendemos, e que começámos a imprimir em 1846, enviando, desde logo, para o Rio de Janeiro as biographias que iam promptando, e que não deixaram de ser aproveitadas... Tanto a nossa collecção, como o esboço de historia litteraria que a precede, foram então recebidos com bastante favor no Imperio e fóra d'elle, e uma e outro serviram de muito para o academico austriaco Fernando Wolf escrever a sua chamada *Historia da Litteratura Brasileira*. No Imperio a nossa publicação, com certa unidade, se não contribuiu para a fraternidade de algumas de nossas provincias entre si, tinha aspirado a taes miras, e, se não recrutou proselytos da politica para a litteratura, não foi por que deixasse de prégar essa nova cruzada.

Devemos aqui acrescentar que das composições de Gregorio de Mattos possuímos hoje dois differentes manuscritos, um de excellente lettra em quatro tomos, que já possuíamos ao publicar o primeiro volume de *Florilegio*; e outro de lettra contemporanea, muito mettida, e em um só volume, bastante grosso, encadernado tosca-

mente, porventura na propria Bahia, ha mais de seculo e meio. Um e outro serão postos á disposição de quem, offerecendo as necessarias garantias, quizer emprehen-der uma edição separada das obras do satyrico bahiano.

Concluimos declarando que este "Segundo Supple-mento" deverá entrar no tomo III.

Vienna d'Austria,
Outubro de 1872.

B. de Porto-Seguro.

NOTA

Um fólio solto — pela redação, da autoria de Varnhagen, mas escrito à máquina parecendo copia de original autografo, ditraído, reza:

ADVERTENCIA

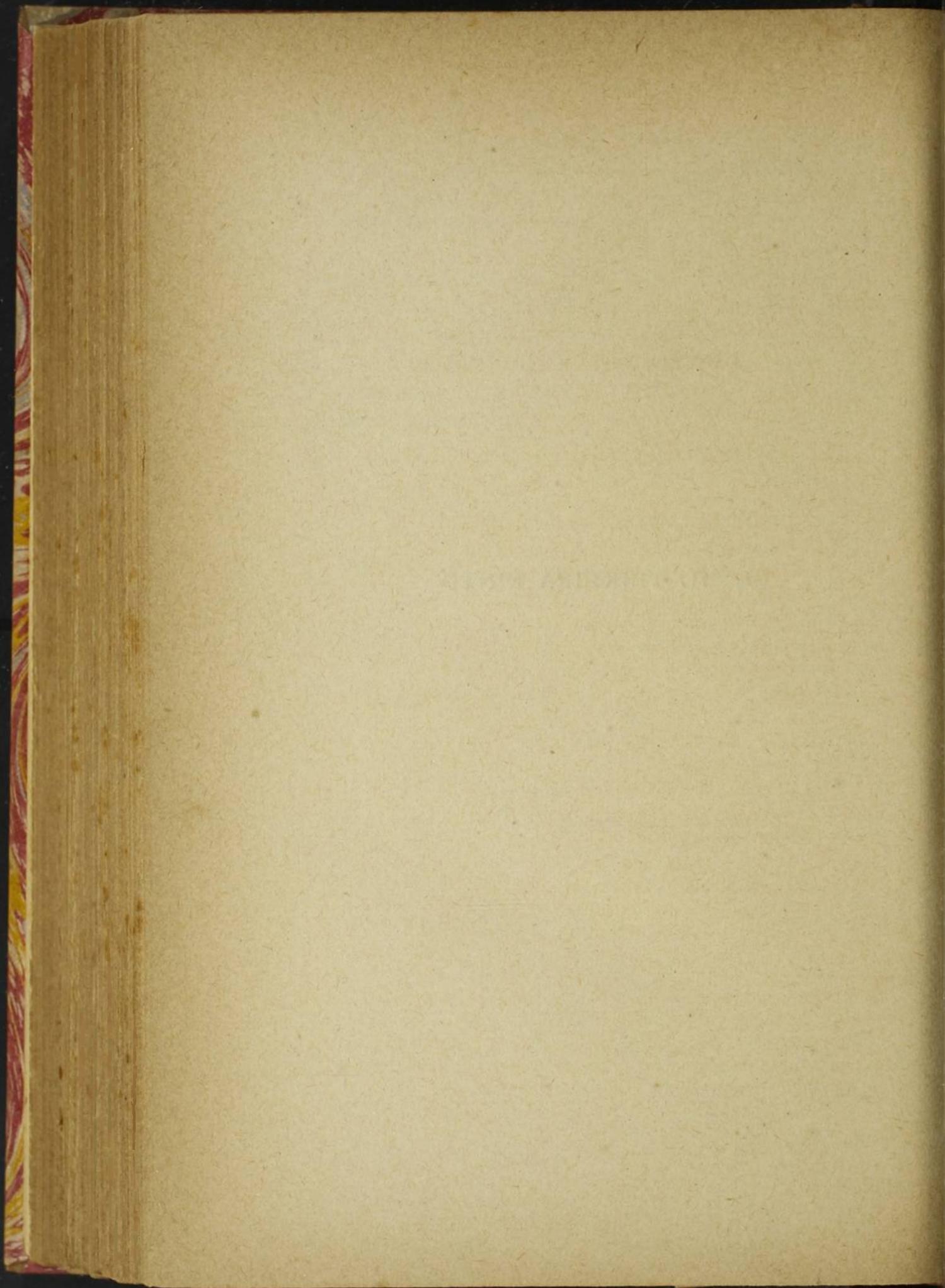
O supplemento segundo que devia comprehender as composições dos poetas antigos, não contemplados no texto dos primeiros volumes, não sae por ora a publico, por nos não haver sido confiado, como esperavamos, o texto, donde podessemos copiar as poesias, aliás impressas, do P. João de Mello, de Manoel José Cherem e de José Pires de Carvalho. — Algumas poesias mais modernas, v. gr. de Pedro José da Costa Barros e José Pedro Fernandes (Rio. — 1830 typ. de Gueffier) e de Paulo José de Mello (Rio, 1841), não pedem reimpressão; e uma ode do Conego Cão d'Alboim (Lisboa — 1801), bem como varias das poesias contidas na "Relação dos Festejos, etc." (Rio de Janeiro 1818) não nos pareceram poder de modo algum interessar aos amantes das lettras. Registando porém a notícia dellas, pedimos que se nos não taxe de omissão o que foi accordo intencional. Quem venha a possuir as obras dos tres autores citados, ou ao menos copia de alguma composição de cada um delles, prestaria serviço ao paiz reimprimindo-os, ou confiando-as para este fim ao editor desta colleção, para as unir no segundo supplemento a algumas

contidas no vol. das composições da "Academia dos Selectos", erigida no Rio de Janeiro em 1752, e que em 1754 publicou em Lisboa Manoel Tavares de Sequeira."

Segundo conjecturamos êste fôlio evidentemente escrito por Varnhagen, era nota autografa apensa e solta ao volume da "coleção do autor". Admirador que manuseou o volume não resistiu ao desejo de um escrito do grande escritor e, à maquina, trasladou a nota, que acabamos de transcrever.

A. P.

BENTO TEIXEIRA PINTO



[S]
P
O
d
r

BENTO TEIXEIRA PINTO

Descripção do Recife de Paranambuco

Pera a parte do sul, onde a pequena
Ursa se vê de guardas rodeada,
Onde o Cco luminoso mais serena
Tem sua influção, e temperada,
Junto da Nova Lusitania, ordena
A natureza, mais bem atentada,
Um porto tam quieto e tam seguro,
Que pera as curvas náos serve de muro.

É este porto tal, por estar posta
Ua cinta de pedra inculta e viva,
Ao longo da soberba e larga costa
Onde quebra Neptuno a furia esquiva.
Antre a praia e pedra descomposta,
O estanhado elemento se diriva,
Com tanta mansidão, que ùa fateixa,
Bast'a ter a fatal Argos anneixa.

[Sôbre Bento Teixeira, veja a *Nota preliminar* de Afrânio Peixoto, no tomo I do *Florilégio*.

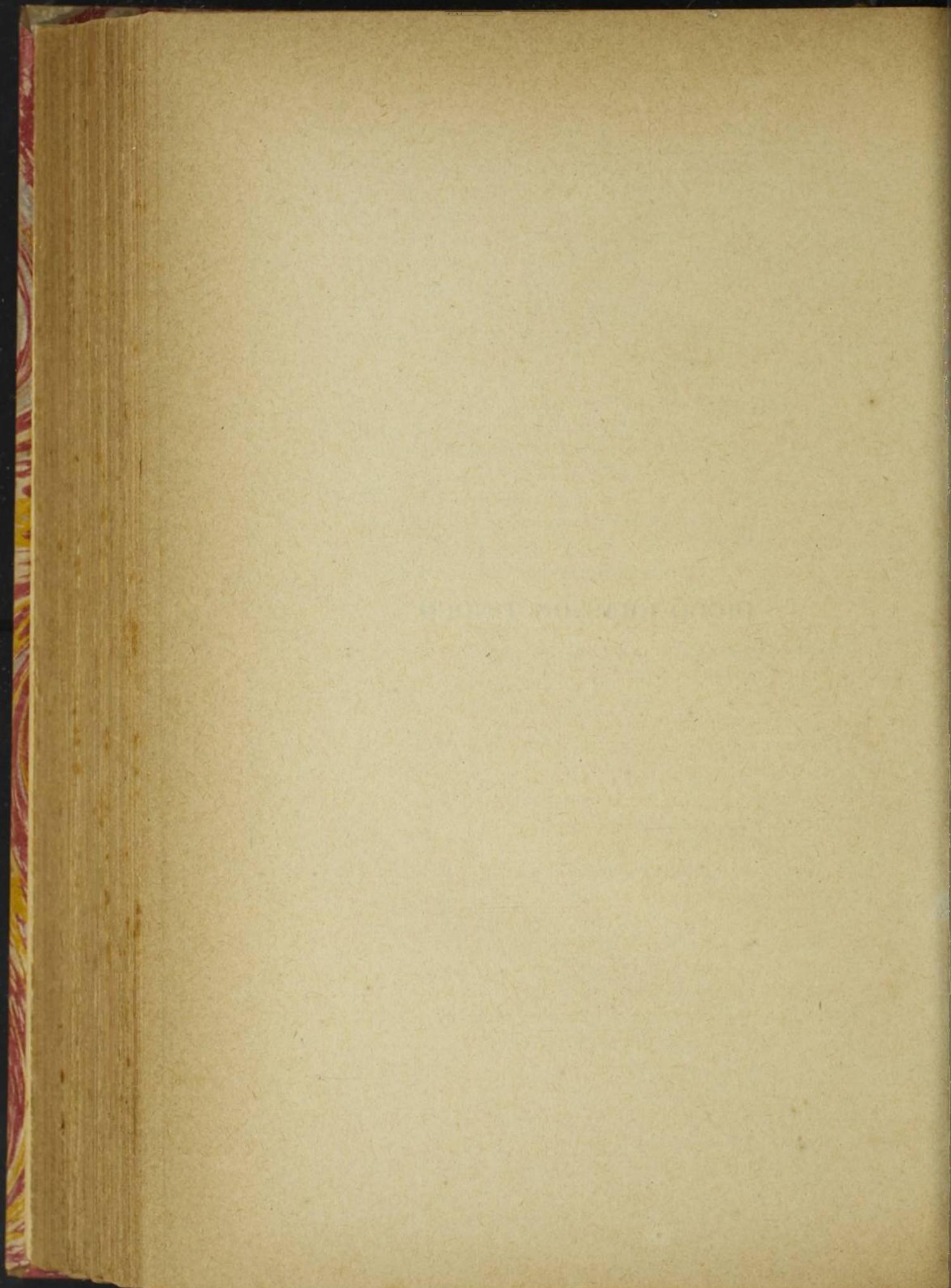
O anotador excusa-se de repetir os argumentos já explanados, deduzidos de documento formal, segundo os quais o considerou portuguez, natural do Pôrto, etc. — R. G.]

Em o meio desta obra alpestre e dura,
Ua boca rompeo o mar inchado,
Que na lingua dos barbaros escura,
Paranambuco, de todos, é chamado:
De *Para-ná*, que é mar, *Puca*, rotura,
Feita com furia desse mar salgado,
Que, sem no dirivar commetter mingua,
Cova do mar se chama em nossa lingua.

Per a entrada da barra, á parte esquerda,
Está ãa lagem grande e espaçosa,
Que de piratas fôra total perda,
Se ãa torre tivera sumptuosa.
Mas quem por seus serviços bens não herda
Desgosta de fazer cousa lustrosa,
Que a condição do rei que não é franco,
O vassallo faz ser nas obras manco.

(Do Poema *Prosopopéa*, ed. de 1601).

DIOGO GRASSON TINOCO



Estacion

Pa
De
Co
En
Se
Pa

En
Co
Pa
En
Co
De

[Veja

DIOGO GRASSON TINOCO

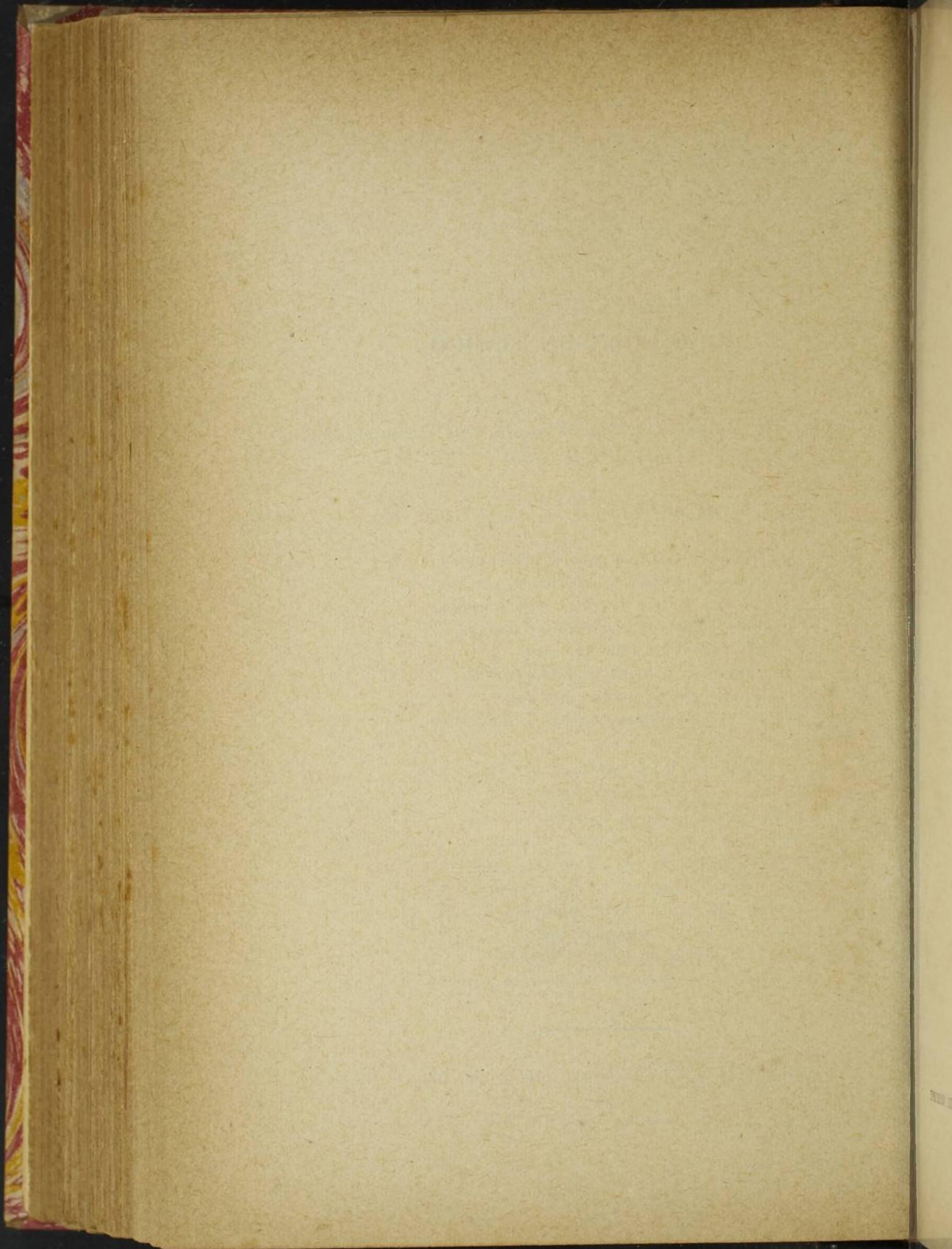
*Estancias do poema "Descobrimento das Esmeraldas",
escripto em 1689*

Partida de Fernão Dias Paes. (Est. 35).

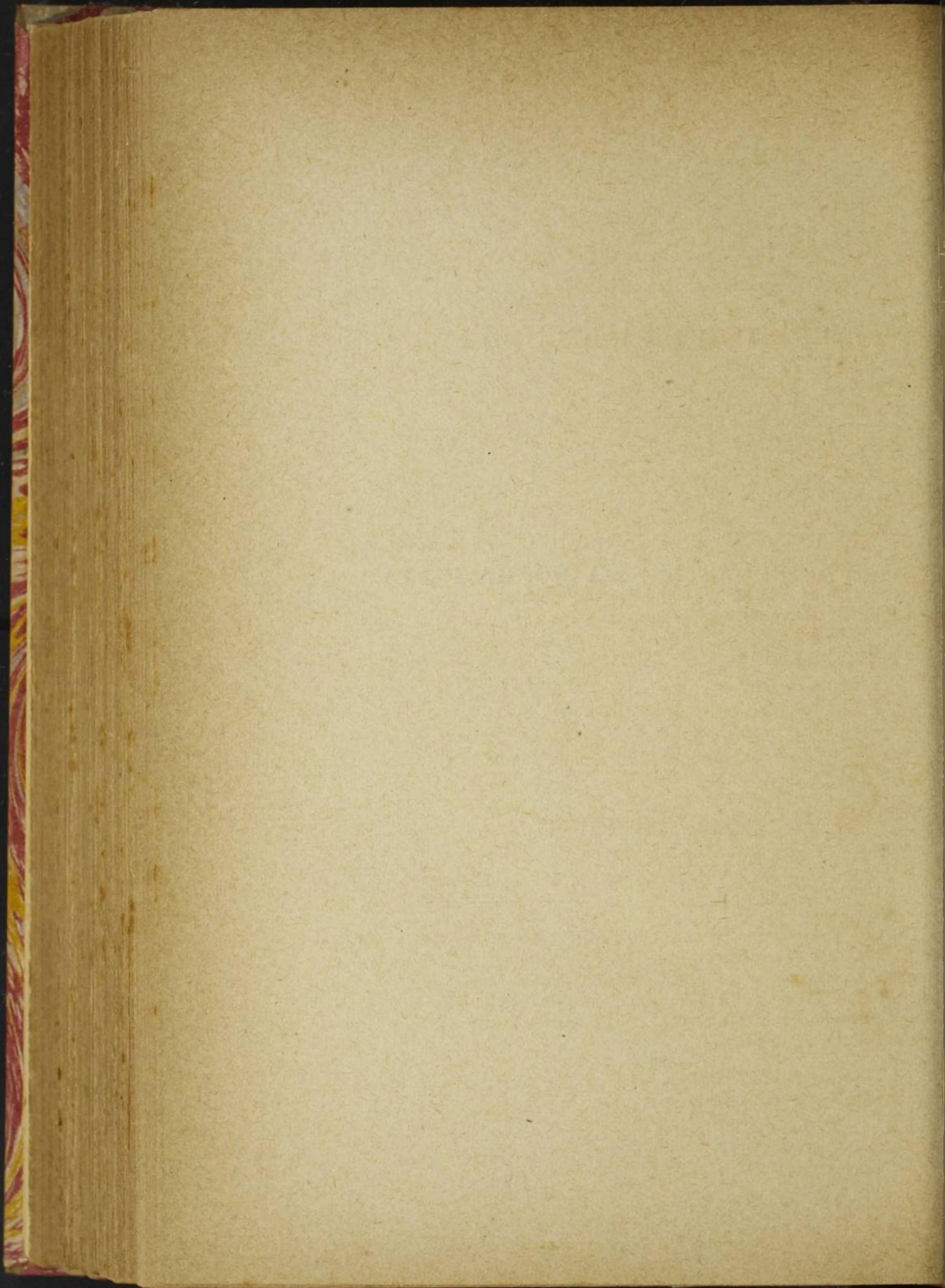
Parte emfim para os serros pertendidos,
Deixando a patria transformada em fontes,
Por termos nunca uzados, nem sabidos,
Cortando mattos, e arrasando montes,
Os rios vadeando mais temidos
Em jangadas, canoas, balsas, pontes,
Soffrendo calmas, padecendo frios
Por montes, campos, serras, valles, rios.

Indio do lago Vupabussú. (Est. 61.^a)

Era o silvestre moço valeroso,
Sobre nervudo, de perfidia alheio,
O gesto respirava um ar brioso,
Que nunca conhecera o vão receio:
Pintado de urucú vinha pomposo,
E o labio baixo rôto pelo meio,
Com tres penas de arara laureado,
De fléchas, de arco e de garrote armado.



SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA



SE
A
E
C
A
Q
C
E
E
P
(*) Tam
de seu compo
nidas de r
rio Bahia P
deve Comp
que Cidada
[Veja
- B. G.]

SEBASTIAO DA ROCHA PITTA (*)

SONETOS

1.º

Ao tumulto do rei Pedro IIº na Bahia

Este horroroso Alcacer da saudade
Da magoa soberbíssimo aposento,
Onde mora a lembrança por tormento,
Onde vive por culto a Magestade:

Altar ao melhor Rei da nossa idade,
Que logra em firme e duplicado assento,
Como humano na terra, monumento,
E cadeira no Ceo, como deidade:

E memoria, que ao seu segundo Marte
Pedro eterniza em magoas a Bahia,
Que competem dor, grandeza e arte:

(*) Tanto estas poesias do historiographo bahiano, como as de seu compatriota o licenciado Gonçalo Soares da Franca são tomadas do rarissimo folheto (que possuímos) impresso pelo proprio Rocha Pitta em Lisboa, no anno de 1709, com o titulo de *Breve Compendio e Narraçam do funebre spectaculo que na insigne Cidade da Bahia etc.*

[Veja nota XXVIII à *Introdução* do tomo I, ps. 57.
— R. G.].

Mostrando nesta grande fantasia,
Que lhe tocou do amor a maior parte,
Como parte maior da Monarquia.

2.º

*Á imagem da Morte, sobre o Tumulo, coroada, e tendo
n'uma das mãos a fama e n'outra a eternidade*

Oh tu, que do poder fazes vaidade,
Quando ao sceptro de Pedro não perdoas,
E mostras que no fragil das Coroas
De ser mortal não livra o ser deidade.

Se chegas a prostar-lhe a Magestade;
Como tanto as virtudes lhe apregoas,
Que dellas o clamor na Fama entoas,
E a memoria lhe poens na Eternidade?

Se sempre dos teus golpes foi effeito
Pôr ao applauso fim, como a esperança;
Que amor é este agora? Que respeito?

Mas é, que o ser de Pedro tanto alcança;
Que, se chega a acabar quanto ao preceito
Não se póde extinguir quanto à lembrança.

3.º

Á morte do mencionado rei

Oh Rei, por cujo amparo o Luso clama
Com pranto, com horror, e com tristeza
Morto per pena, vivo por fineza:
Cinza fria, mas sempre ardente chama.

Se contra tanto resplendor se inflamma
A morte: só vos tira nesta empreza;
A vida, que vos deu a Natureza;
Mas não a vida, que vos deu a Fama.

A Morte pertendeu nesta victoria
Triunfar de Vós: porém com dor interna
Ella despojo foi da vossa gloria.

Porque o grande Motor, que nos governa,
Porque fosses Trofeo só da memoria,
Vos deu vida mortal, mas fama eterna.

ROMANCE

(Em Castelhana)

Ao mausoleo

Compendio de luz y sombra:
Cielo de Estrellas y horrores:
Para las Esferas gala,
Y luto para los Orbes.

En el resplendor, que vistes,
De que nube te compones
Con multitud de tinieblas
En tanta copia de Soles?

El traje, de que te aliñas,
Es todo contradiciones:
Y no conoces tu mismo,
Sie eres dia, ò si eres noche.

Que Planeta en ti se ostenta
Con deliquios y candores,
En el Oriente ufano,
Y triste en el Orizonte?

Que Astro pues en ti se mueve
Sin curso, pero con orden;
Y parece al mismo tiempo
Sol que nace, y que se pone?

Si eres Emisferio en rayos,
Nublada Esfera en colores;
Como enbueeltas con las glorias
Puedes juntar las pasiones?

Di: que mysterios son estos,
En que publicas, y escondes
Mucho para los discursos,
Tanto para los dolores?

No hagas del silencio alarde;
Que arder, y callar se oponen:
No se callan los gemidos,
Quando los pechos se rompen.

Si eres Volumen de Amor
Con Estrellas por renglones;
En ti las quexas se escrivan,
O' las memorias se borren.

Si eres carcel, donde estan
Nuestros afectos conformes;
O' nos suelta los suspiros,
O' nos quita las prisiones.

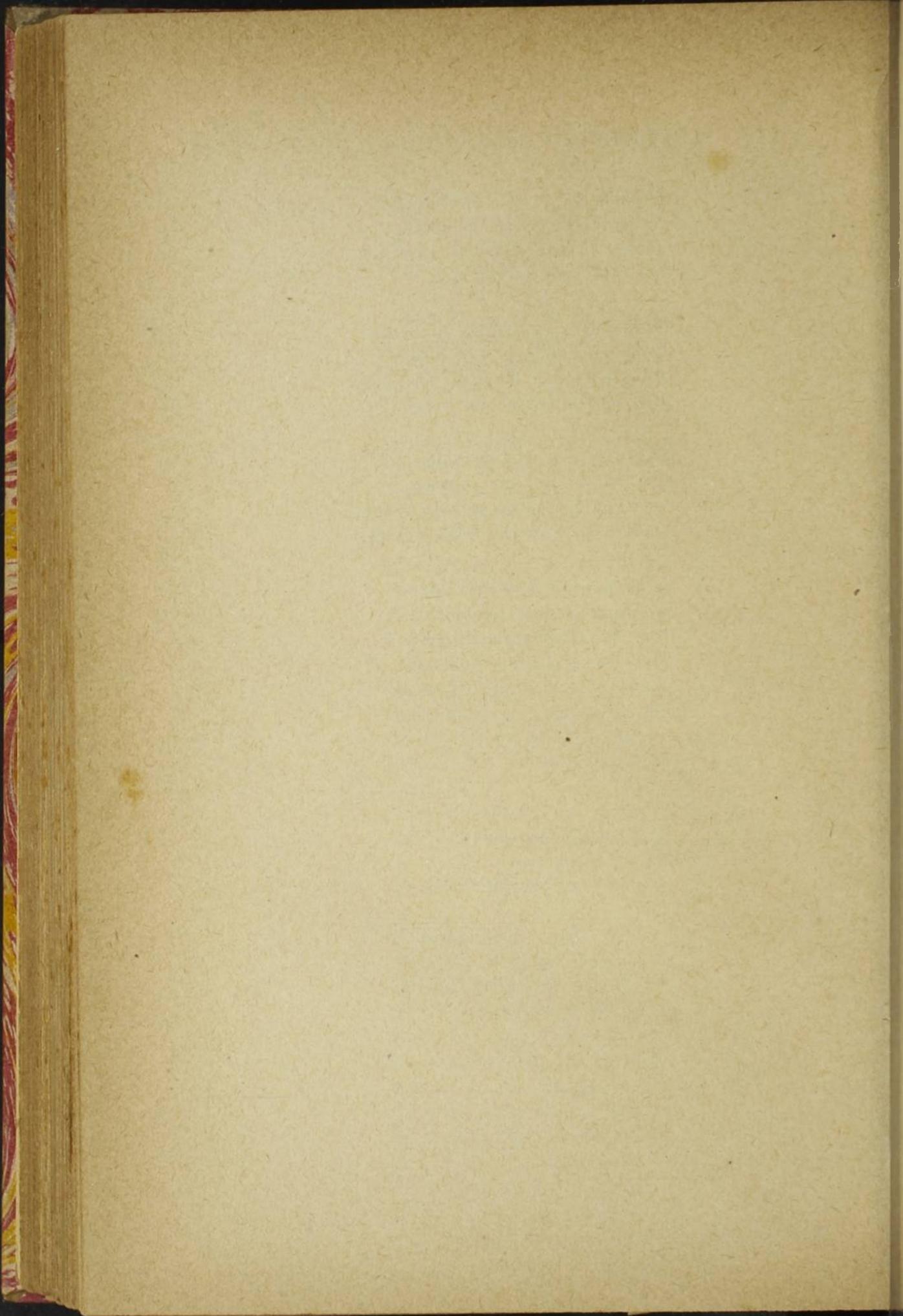
Si eres Sepulcro de un Rey
Mayor, que ha tenido el Orbe;
No solo en incendios pagues,
Quanto en Magestad recojes.

Publica en tu voz tu empeño:
Y harán luego tus clamores
(Pues la grandeza te ensalça)
Que los ecos te coronen.

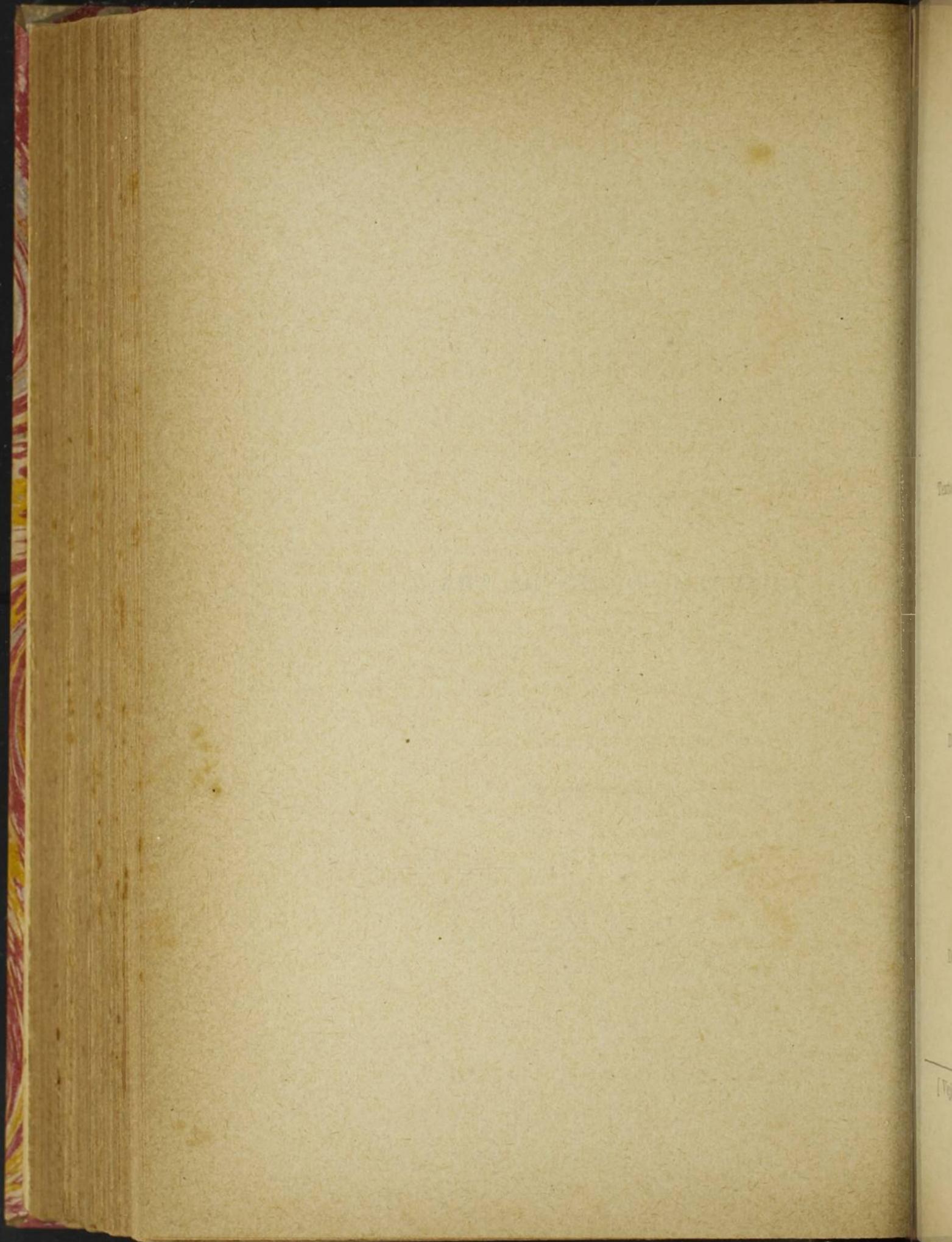
Pero harto en brillar lo dizes:
Todo en arder lo propones;
Porque en las lenguas del fuego,
Los movimientos son voces.

Palabras son tus centellas,
Tus incendios son razones,
Que con las luzes se han hecho,
Quanto màs claras, màs nobles.

Arde pues, y a Pedro ofrece
Apurada en tus crisoles
En ese Templo de Amor
Toda la fé de los hombres.



GONÇALO SOARES DA FRANCA



GONÇALO SOARES DA FRANCA

Na morte do rei Pedro Segundo

Texto de Camoens.

Cant. 4, Oit. 50.

*Não consentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tam ditoso se lograsse
Portugal; mas os Côros soberanos
Do Céu supremo quiz que povoasse.
Mas para defensivo dos Lusitanos,
Deixou quem o levou quem governasse,
E aumentasse a terra mais que de antes,
Incllyta geração, altos Infantes.*

Depois que a Monarquia Lusitana
As redeas applicou Pedro o Segundo;
Abatida na guerra a furia hispana,
Na paz o Reino foi assombro ao Mundo:
Inveja porém, cega, e tiranna,
Deste de Portugal bem tam fecundo,
Que lograsses tal bem, sem ver taes damnos,
Não consentio a morte tantos annos.

Doze lustros, ainda não compridos,
(Esfera curta a Sol tam luminoso)
Tinha do Luso o Sol; quando vencidos
Vio seus raios de eclipse tenebroso.

[Veja nota XV à *Introdução* do tomo I, ps. 55 — R. G.].

Decretos são do Ceo não comprehendidos.
Que dando a Portugal Rei tam famoso,
Não quiz mais, porque mais triste o chorasse,
Que de Heroe tam ditoso se lograsse.

Ou foi de nossas culpas digna pena,
Ou de meritos seus foi premio digno;
Que a mesma dor. que a magoa nos condena,
A Pedro sobe ao solio cristallino.
Oh como justamente o Céu ordena
A sua gloria, o nosso desatino!
Não inereciam, não, dons mais que humanos
Portugal; mas os Córos soberanos.

Foram deste Monarca relevante
Tantas as prendas, tal a virtude era;
Que inda a menor virtude, Astro brilhante,
Da terra a esfera pouca transcendêra.
Novo Alexandre pois, seu peito ovante,
Porque mais Mundo o Mundo lhe não dera;
O Reino, que era bem só suspirasse,
Do Ceo supremo quiz que povoasse.

Justo foi, que assim viva sublimado;
Mas não que o Reino assim fique abatido:
Porque ser entre os Anjos collocado;
O não livra entre os homens de esquecido.
Não foste, ó grande Rei, Rei só creado
Para o Ceo; para nós tambem nacido:
Não só para troncar vicios profanos,
Mas para defensão dos Lusitanos.

Consente a nossa queixa; se consente
Atenção esse Trono, onde subiste:
Que quando a queixa é justa, a dor vehemente,
Rompe o foro ao respeito um peito triste.
Mas já vejo, que fallo cegamente;
Pois bem que Portugal sem Pedro existe,

Portugal (quando Pedro se apartasse)
Deixou quem o levou quem governasse.

Não podia a suprema Providencia
A' palavra faltar sempre observada,
Que nunca ao scetro nosso descendencia
Na prole ha de faltar attenuada.
Não temo a successão, temo a potencia;
Que a tanto Heroe é pouco o Mundo, é nada:
Só, se estendesse termos mais distantes,
E aumentasse a terra mais que de antes.

Se sómento ao primeiro, que hoje é Quinto,
(Herdeiro digo) vem o Orbe inteiro
Estreito Mappa, Epilogo succinto;
Que Mundo ha de bastar ao derradeiro?
Eterno a Portugal de agora sinto:
Faltam Reinos, não falta ao Reino Herdeiro;
Pois hoje nos seguram relevantes
Inclyta geração, altos Infantes.

SONETO

Epitafio em versos dos Luziadas

Ouvi o nome engrandecido
Do justo, e duro Pedro nace (*) o brando,
De Nações diferentes triunfando,
Com vulto alegre, qual do Ceo subido.

Pois contra o Castelhana tão temido
Os fortes portuguezes incitando;

(*) Nasceu entre triunfos.

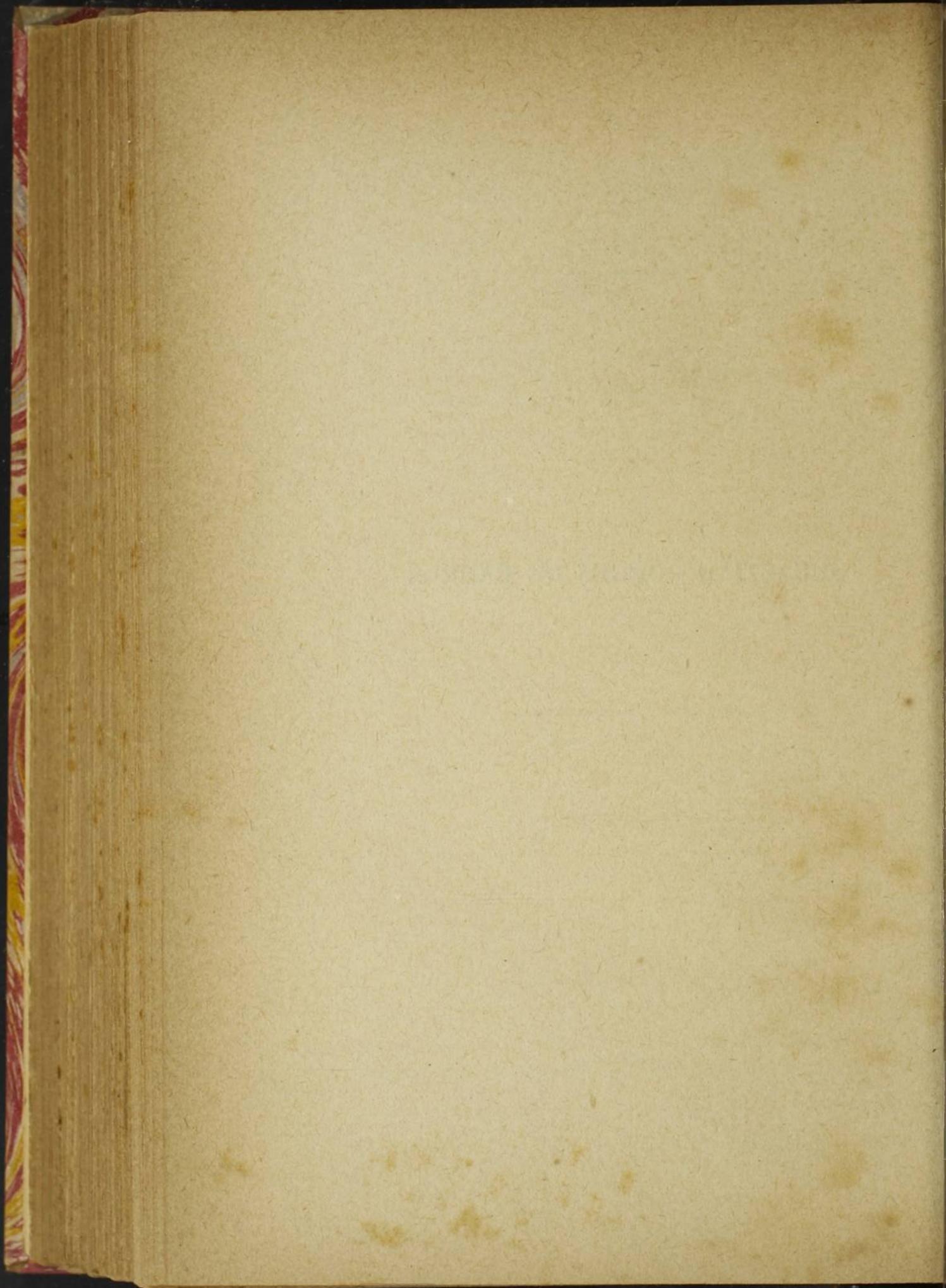
Contra vontade sua, e não rogando,
Pazes (*) cometer manda arrependido.

Mas entre tantas palmas, salteado
Da temerosa morte; fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado:

Que nenhum dizer póde que é primeiro
De um Rei, que temos, alto e sublinado,
Outro Joanne, invicto Cavalleiro.

(*) Alude á paz de Castella, solicitada pelos mesmos Hespanhoes.

SEBASTIÃO BORGES DE BARROS



(As was)

En
D
S
C
E
E

(C) The
Dr. John B
[Seal]
presented to
State
Library
TUCSON

SEBASTIÃO BORGES DE BARROS

SONETOS (*)

(*Ao mausoléu do abbade Manuel de Mattos Botelho
irmão do arcebispo da Bahia*)

1.º

Esse tumulo egregio, esse aposento
Dos affectos do Emporio Americano,
Se horroroso theatro ao desengano,
Obelisco mayor do sentimento:

Se é compendio de sombras, se instrumento
Da saudade, da dor, mais deshumano,
Como em lutos cõtenta soberano
Essa luz, esse lustre, esse ardimento?

(*) Transcriptos da *Relação Summaria* etc., publicada pelo Dr. João Borges de Barros, em Lisboa no anno de 1745, in 4º.

[Sebastião Borges de Barros, natural da Bahia, aí viveu pela primeira metade do século transato.

Suas produções poéticas resume Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, VII, ps. 204. — R. G.].

Parece, que no horror a luz se inflama,
Na vaidade o respeito pervertido,
Quando em mágoa cruel o Mundo inflamma;

Mas oh, que os rayos são, que esclarecido
O Sol de Manoel hoje derrama,
De entre as sombras da morte renascido!

2.º

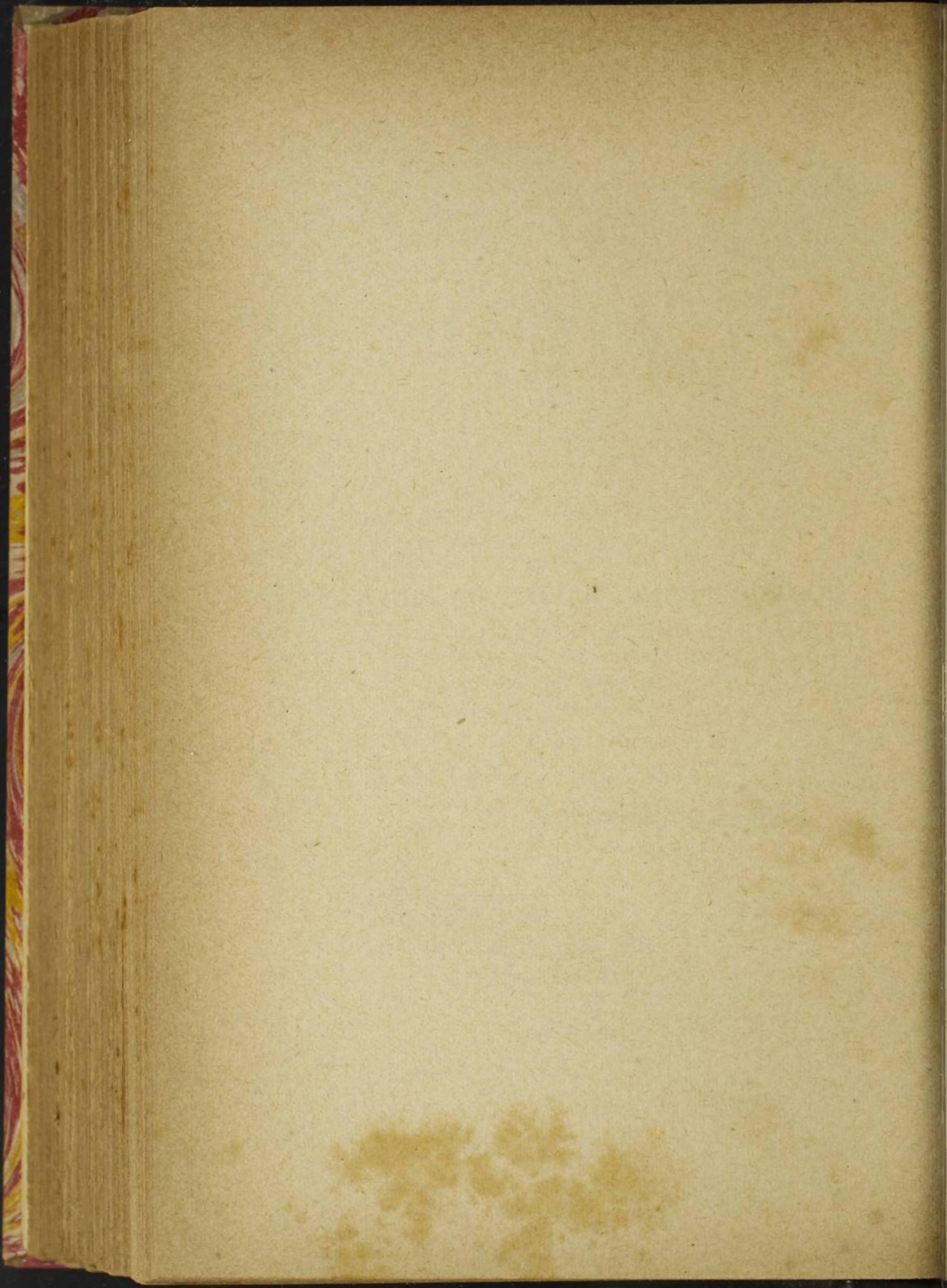
Essa de assombros, fabrica sublime,
Que entre o palido horror a luz desata,
Promulgando nos lutos, que retrata,
Os Sabéos odoriferos, que exprime:

É de um Fenix a pyra, que se exime
Da ley fatal, que tudo desbarata,
Porque se mais nas cinzas se recata,
A melhores incendios se sublime.

Alumno, e genitor de si, procura
Do Divino Ponchayo o ardor fragrante,
Por ter a um tempo o berço e sepultura:

Assim pois do caduco respirante,
Desde o horroroso pó da morte escura
Renasce á eterna vida triunfante.

CONEGO FRANC. XAVIER DA SILVA



CON

(*)
ais de G
restan
ria, qu
de cas
ais p
sup.

[E
Freg
finde
gata
gal, de
solim
de Tr
to, 185
Sua
graph

CONEGO FRANC. XAVIER DA SILVA (*)

1748

SONETO

Maranhão e Mariana são dous mares,
Que por mar cada um delles prinncipia:
Mariana mar de gosto, de alegria;
Maranhão mar de dores, de pezares.
De um e outra paixão, como exemplares,
Cada qual no seu nome traz a guia:

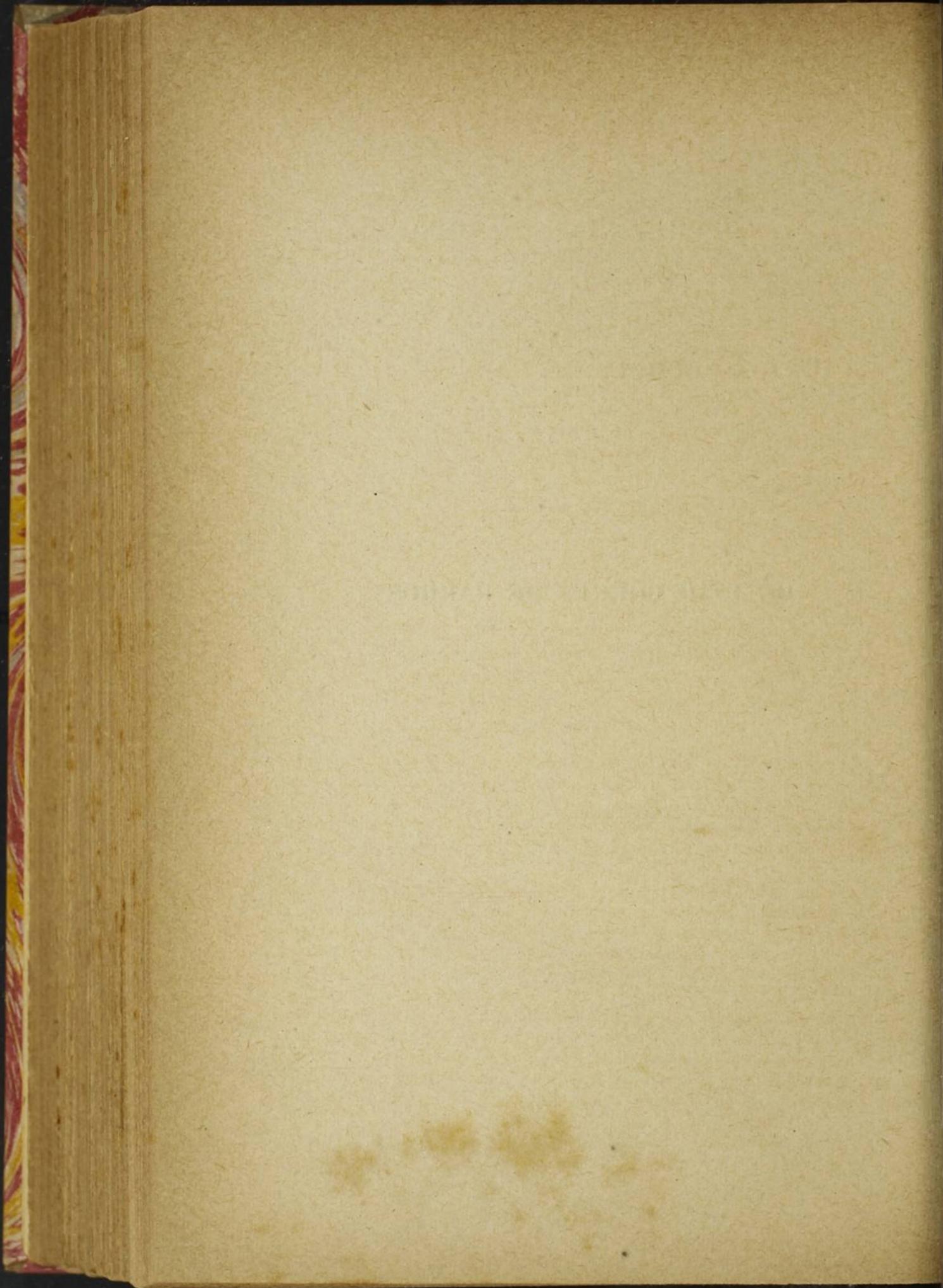
(*) Publicamos o seguinte soneto como amostra das poesias de diferentes autores sem duvida brasileiros alguns, que se recitaram por ocasião da posse, em 1748, do 1.º bispo de Mariana, que acabava de ser bispo do Maranhão; por isso que o tema de quasi todos é o que consta deste soneto; amargura do Maranhão pela ausencia do bispo, e alegria de Marianna pela sua presença.

[Francisco Xavier da Silva foi cônego da Sé de Mariana. Pregador de nomeada, fêz na cathedral daquele bispado a oração fúnebre de D. João V, que causou sensação e lhe atribuiu simpatias da Côrte. Em certa época foi remetido preso para Portugal, de onde voltou com ordens para que lhe fôsse restituída sua cadeira e pagas as cóngruas vencidas. — Conf. Cônego Raymundo Trindade, *Archidiocese de Marianna*, II, ps| 598, S. Paulo, 1929.

Sua bibliografia, em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, III, ps. 146. — R. G.]

Elle a Mara passando, ella a Maria,
No amargor, na doçura singulares.
A inteireza do I figura é clara
Do insigne Bago do Pastor de Jetro,
Quando assiste em Mariana e deixa a Mara.
E sem Bago, ou com elle, soa o metro,
No Maranhão de pena Lyra amara,
Em Mariana de gloria doce plectro.

Dr. JOÃO BORGES DE BARROS



(1) T
ques e m
p. 245 a 2
filia "Rob
Boko" etc

(O
rta de Pr
filha de m
Araxj de
passou dep
lado de O
amerino
Ehla, e m
Brazil e q
Genio Bra
em manuse

Dr. JOÃO BORGES DE BARROS (*)

SONETOS

À morte de D. João V

1.º

Do Luso Salamão, monarca invicto,
Todo o Universo a perda infausta sente;
Porque a quanto illumina o Sol ardente,
Chega do Imperio seu o amplo districto.

(*) Tanto as poesias deste autor, como as dos tres que seguem e as de Itaparica, contidas no *Supplemento Primeiro* de p. 247 a 251, foram impressas em 1753, em Lisboa, no livro in-folio "*Relação Panegyrica das honras funebres que consagrou a Bahia*" etc. pelo proprio Dr. João Borges de Barros.

[O Dr. João Borges de Barros nasceu em Traripe, termo da vila de Purificação, arcebispado da Bahia, em 16 de abril de 1706, filho do coronel Domingos Borges de Barros e de D. Maria de Araujo de Azevêdo. Estudou no Colégio dos Jesuitas da Bahia, passou depois a Portugal e formou-se em Cânones na Universidade de Coimbra. De volta a Bahia, foi primeiro desembargador numerário da Relação Eclesiástica, tesoureiro-mor da Cathedral da Bahia, e repetidas vêzes visitador dessa cidade e arcebispado do Brasil e governador do mesmo. Foi acadêmico de número da Academia Brasílica dos Renascidos, publicou duas Relações e deixou em manuscrito, de que não há notícia, um panegírico do Conde

Da immensa dor o circular conflictio
 Ao Setimo Trião, ao Austro ingente,
 Ao Berço Eóo, à Plaga do Occidente,
 Verte igualmente o pranto, forma o grito.

E inda a Circulos novos se estendera
 De affectos immortaes fineza rara,
 Em fé de quanto amára o que perdêra.

Não cabe em fim no mundo a dor amara;
 Novos orbes suspira, nova esféra;
 Pois se mais mundo houvera, lá chegára.

2.º

Foi Salamão no dote da sciencia,
 Do regio throno singular ornato:
 Da riqueza, com maximo apparato,
 Teve, qual Salamão, toda a affluencia.

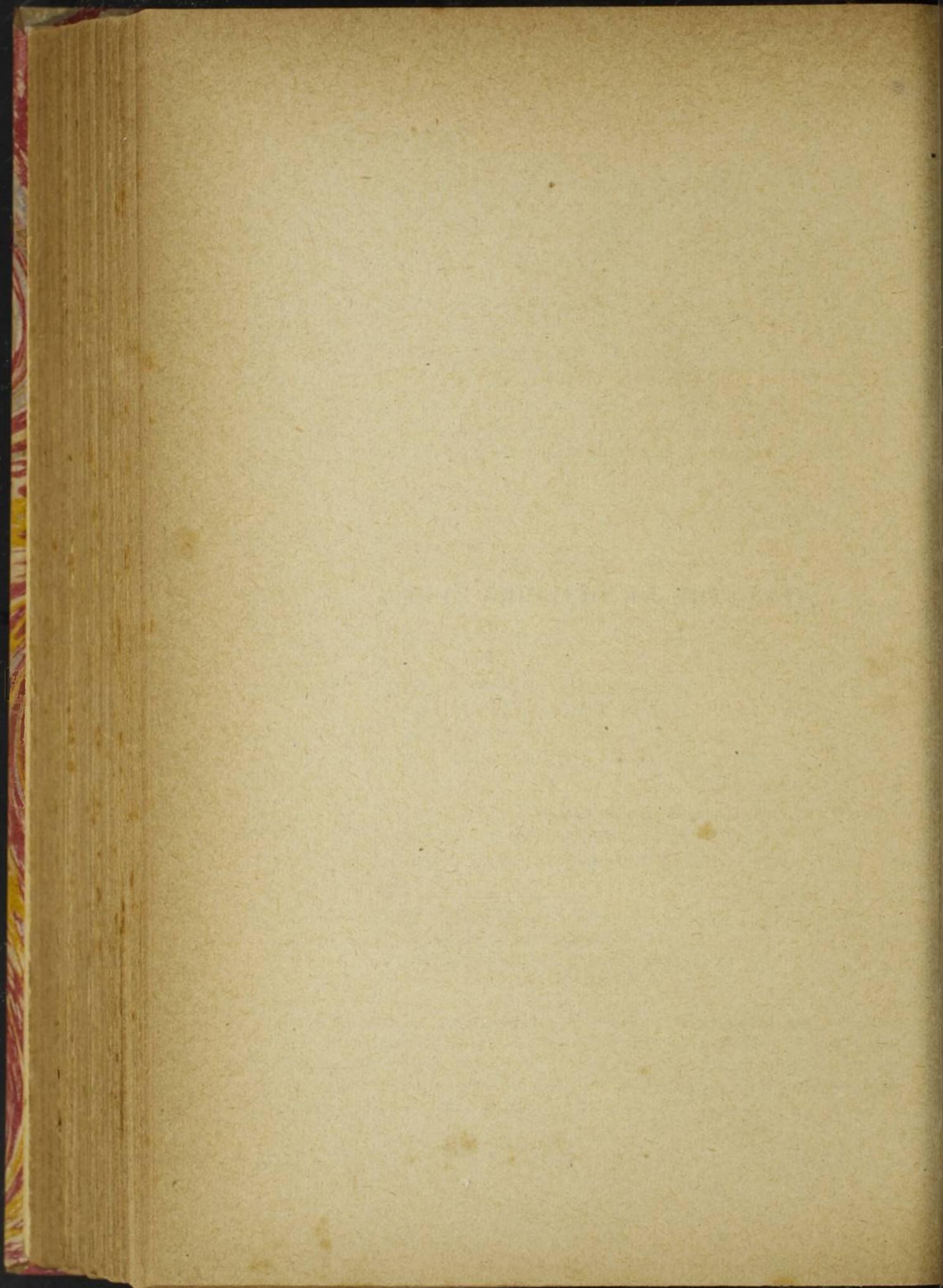
Ao culto sacro prodiga assistencia,
 Qual Salamão, prestou sempre a Deos grato;
 De Salamão na paz foi o retrato,
 Com dócil coração, branda clemencia.

Foi gentil, justo e pio; e em fins notoria
 Semelhança lhe fez, sem menor falta,
 Dando assumpto immortal a nova historia:

Mas sobre Salamão tanto se esmalta
 Do egregio successor na illustre gloria,
 Quanto Joseph a Roboão se exalta.

de Sabugosa, e várias poesias. — Conf. Alberto Lamego, *A Academia dos Renascidos — Sua fundação e trabalhos inéditos*, ps. 33/34, Bruxelles, L'Édition d'Art Gaudio, 1923, — onde aparecem dois sonetos desse poeta. — Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 338, nota. — R. G.]

SILVESTRE DE OLIVEIRA SERPA



[Sobre
cód. XVII
Caracra e
do José de
informação
Brasil
cód. de
20/20, De
sua
Academia

SILVESTRE DE OLIVEIRA SERPA

Canção

O Monarca das luzes proeminente,
Que dá com seu esplendor glorias ao dia,
Pompa da Esféra, em que todo o vivente
De olhos a pezar tem alegria:
No zenith quando alarde
Faz das brilhantes luzes,
Arrasta sobre a tarde
Os funcbres capuzes,
E acha no mar, que as luzes lhe retrata,
Mausoléo de cristal, urna de prata.

O agradável jardim, que tão florido
Se ostenta, na manhã alegre e clara,
Dos ardores da calma combatido,
Murcha de tarde a pompa, que o exaltára:

[Silvestre de Oliveira Serpa nasceu na Bahia por fins do século XVII e princípios do seguinte, filho de Francisco Alvares Carneiro e de D. Arcângela Guedes de Brito. Era irmão do Padre José de Oliveira Serpa, *infra*. Sobre êsse poeta não há mais informações além da que foi acadêmico de número da Academia Brasileira dos Renascidos. — Alberto Lamego, *A Academia Brasileira dos Renascidos — Sua fundação e trabalhos inéditos*, ps. 26/29, Bruxelles, L'Édition d'Art Gaudio, 1923, — publica uma silva métrica de sua lavra poética, lida em uma das sessões da Academia, e até então inédita. — R. G.]

Porque o Sol violento
As folhas desbarata,
Quando a força do vento
As flores lhe arrebatá.
Quem cuidára que tanta bizzarria
Teria a duração menos de um dia!

Ramalhete animado o passarinho,
Que as flores desafia e galantêa,
Brincando alegre em um, e outro raminho,
Com quebro natural solfas gorgêa.
Quando mais descuidado
Do ar goza o indulto,
Se acha prezo e atado
No laço ali occulto.
Avezinha infeliz, que com engano
Entre flores tiveste o mayor damno!

O edificio eminente, a torre erguida,
D'arte primor, escandalo do vento,
Que vendo-se das nuvens competida,
Levanta a grimpa ao alto firmamento.
De repente assaltada
Do furacão vehemente,
A pompa arruinada
Em breve espaço sente,
Dura sorte! que a torre em tanta altura
Sugeita esteja a uma desventura!

Assim o Fidelissimo Monarca,
Da Lusitania Sol resplandecente,
Ao duro golpe de traidora Parca,
A pezar nosso vê-se no Occidente.
Como jardim sem flores,
Qual ave em prizão dura,
Da tuba nos horrores
Em estancia escura;
Não lhe valeu ser torre peregrina,
Para escapar à última ruina.

Nove annos resistiu ao fero assalto
Da doença varias vezes repetido,
Se do seu proprio esforço nunca faltou,
De auxilio superior sempre assistido.
Nessas adversidades
Tinha a sacra Aurora
Que das Necessidades
É divina Senhora,
E do mal contra a furia repetida
De escudos mil foi Torre guarneçada.

De suas forças o braço, que é o direito;
Empenhou a favor da Igreja Santa;
O mal por isso tendo-lhe respeito
Sómente o braço esquerdo lhe quebranta.
Foi alta providencia
Do Senhor soberano,
Se outra vez á pendencia
Tornasse o Otomano,
Que no escudo real das sacras Quinas
Teria o Turco infiel mortaes ruinas.

Esse mesmo feliz e regio braço,
Que com mão liberal, que com grandeza
Para o culto de Deos não foi escaço,
Nem avarento foi para a pobreza;
Sempre incorrupto e forte,
Nos seculos futuros
Gozará contra a morte
Privilegios seguros:
Será de Portugal eterno gozo
A mão provida, o braço officioso.

Tambem livre de tanta violencia
Viu-se a cabeça por mercê divina,
Que da sabedoria e da prudencia
Com grande admiração era officina.
Jaz agora escondida
Em silencio profundo;

Mas ainda temida
Dos Principes do Mundo;
Que as suas normas no geral conceito
Vivas ainda estão para o respeito.

Um Rei tão sabio, um Rei tão poderoso,
Que dos Vassallos seus por maior gloria
Mostrando-se na Europa generoso
Com a paz soube conseguir victoria.
Deixando ao Mundo absorto
Na morte intempestiva,
Inda depois de morto
É preciso que viva;
E em sinal de victoria preeminente
O tumulo escolheu em São Vicente.

Mas, ah! Musa! suspende o entusiasmo,
Que deste Rei o transitio penoso
Sendo para o Universo assombro e pasmo,
Ha de ser para a Historia assumpto honroso:
E ao discurso a razão discreta aponta,
Que a fama o tem tomado á sua conta.

*Já é, Senhora, forçoso,
Que deixeis pezar tão justo;
Vivo em vosso Filho Augusto
Tendes o defunto Esposo.*

Já que vos deixou com vida,
Senhora, a parca cruel,
Quando roubou de um docel
A vossa Prenda querida:
Como Rainha entendida
Suspendei o mal penoso:
Crede, que em eterno goso
Está vosso Esposo vivo,

Vede que este lenitivo
Já é, Senhora, forçoso.

Bem sei que é justo o pezar
De vos veres dividida
De um corpo, em que tinheis vida
Com união singular:
Mas se elle chega a gosar
Vida da morte sem susto;
Perolas de tanto custo
Reprimi no coração,
Que em tanta gloria é razão,
Que deixeis pezar tão justo.

Sei que aquella Magestade,
Sei que aquella gentileza,
Vos ha de causar tristeza,
Vos ha de fazer saudade.
E aqui tambem com verdade
Achais um alivio justo,
Que da verdade sem susto
Dicta o amor e a razão,
Que tendes ao Rei Dom João
Vivo em vosso Filho Augusto.

Vossa memoria applicai
(Quando eu só me maravilho)
Que do Pai a este Filho
Nenhuma distancia vai.
Vivo o Filho, e vivo o Pai
Venera o Reino amoroso:
Trocai pois a pena em goso,
Que a impulsos de amor activo.
Em nossos corações vivo
Tendes o defunto Esposo.

*Para o Brazil mostras dar
Da extensão do seu tormento.
Pede suspiros ao vento
Supplica prantos ao mar.*

O Monarca Lusitano

João o Quinto, sem segundo,
Faleceu, pezar profundo
Sente o Orbe Americano.
Da Parca o golpe tiranno
Vêm-se os bronzes lamentar,
Turbou-se a terra e o mar,
E acalmou em fim o vento,
Inda é pouco sentimento
Para o Brazil mostras dar.

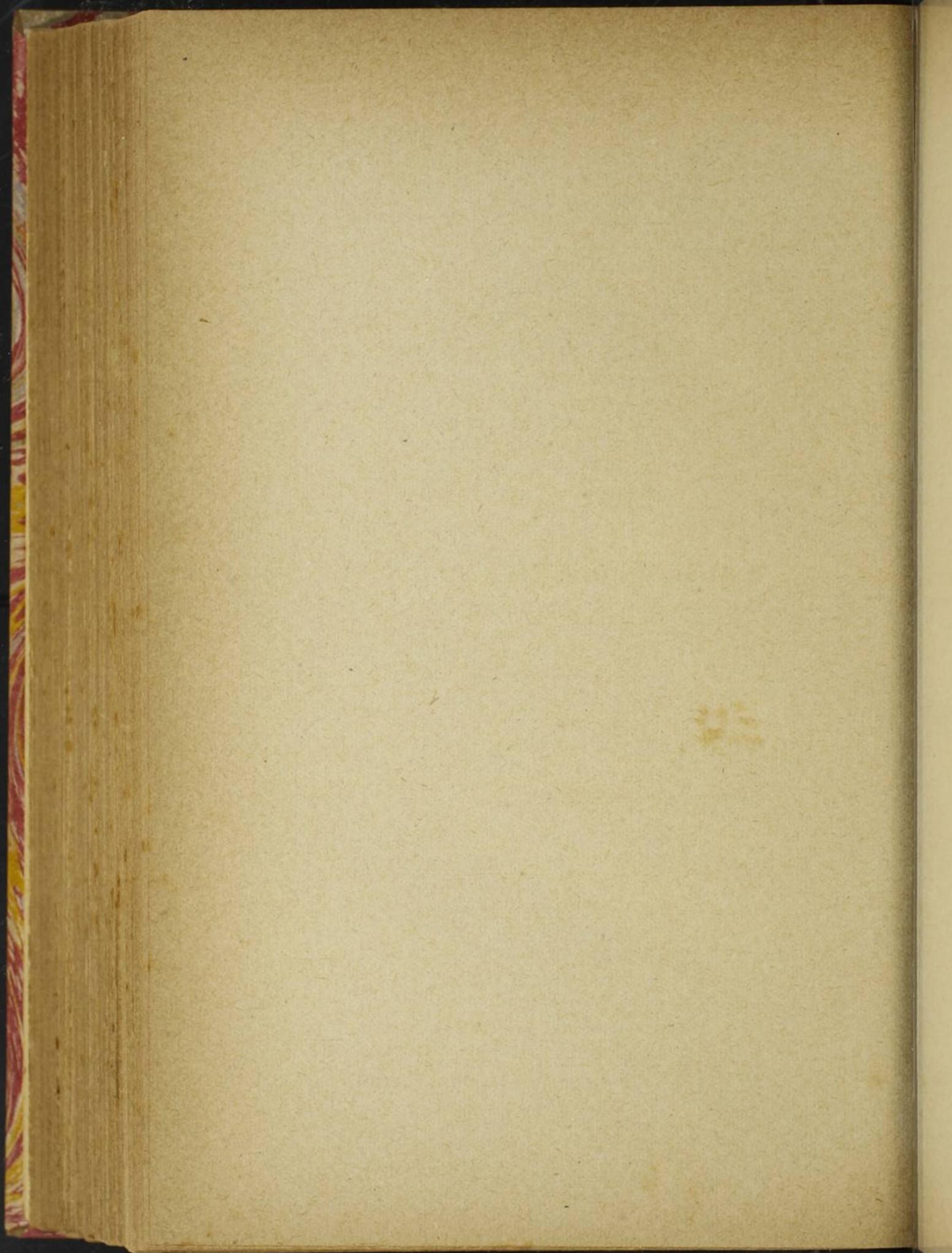
Neste pezar verdadeiro

Quando o Brazil mais se inflamma,
Pede logo á veloz Fama,
Que dê parte ao Mundo inteiro.
E bem que não é primeiro
Em tão justo sentimento;
Com clamores cento a cento
Quer por idéa entendida,
Que o Mundo seja a medida
Da extensão do seu tormento.

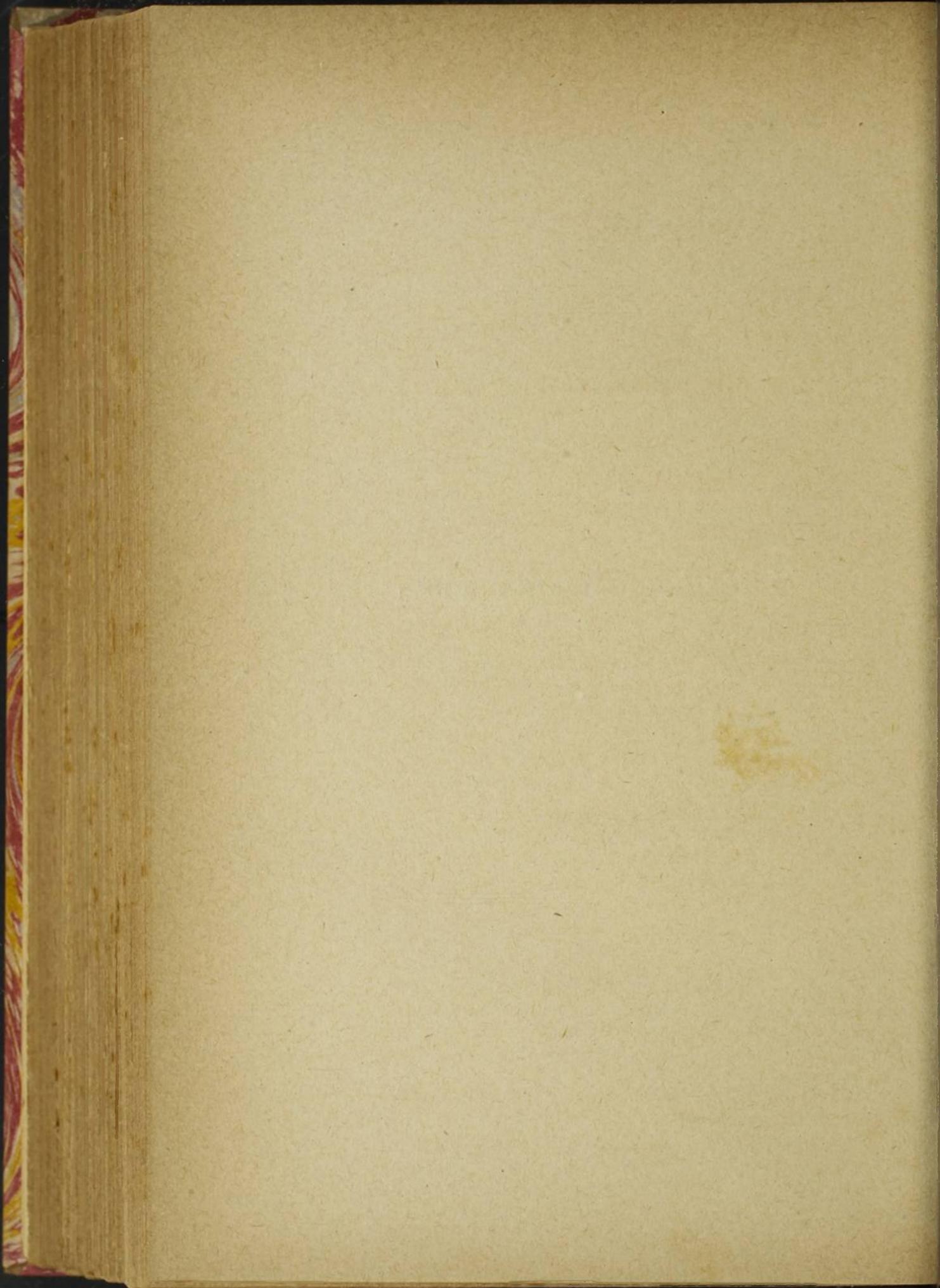
Quando se mostra a afflicção

Em seus pezares crescida,
Causa syncopes á vida,
Desmayos ao coração.
Neste mal, nesta paixão
Tem o Brazil seu tormento;
Pois que faltando-lhe o alento,
Muda a voz, o peito rouco,
Para respirar um pouco
Pede suspiros ao vento.

Da pena e amor na fragoa
Com lagrimas mil a mil
Receya triste o Brazil,
Lhe falte nos olhos agoa:
E por augmentar a mágoa
Sem dar alivio ao pezar,
Para um perpetuo chorar
Da saudade sem desvios,
Pede lagrimas aos rios,
Supplica prantos ao mar.



P. JOSÉ DE OLIVEIRA SERPA



[The
pa. man
X. pa. 67
Brazil
IV, pa. 1
Sta. I
graphy]

P. JOSÉ DE OLIVEIRA SERPA

Glosa ao mote da pag. 36

Do seu Rei, e seu Senhor
Sente o Brasil tanto a morte
Que intenta de alguma sorte
Dar mostras da sua dor.
Deste damno o cruel rigor
Não tem com que comparar:
Toda a terra e todo o mar
Na sua extensão contemplo,
Nem póde haver outro exemplo
Para o Brazil mostrar dar.

Tão extensa é sua dor,
Como é sua causa intensa,
E assim fica a mágoa immensa,
Porque era immenso o amor.
De tantas penas o horror
Mal cabe no pensamento:

lio
[José de Oliveira Serpa, irmão de Silvestre de Oliveira Serpa, nasceu na Bahia em 1696, — *Revista do Instituto Histórico*, X, ps. 537. Foi padre, pregador notável e membro da Academia Brasileira dos Esquecidos. — Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 84, nota.

Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, V, ps. 111/112. — R. G.]

E por mostrar seu intento
Medir a esféra deseja,
Para que retrato seja
Da extensão do seu tormento.

Em suspiros se desata
Da sua saudade offeito,
Mas não desafoga o peito,
Nem pelo alivio se mata.
Do ar nos páramos retrata
O excesso de seu tormento;
E se fraquea o alento
Do peito na ardente fragoa,
Para esforçar sua mágoa
Pede suspiros ao vento.

Correm lagrimas a fios,
Não cessa o continuo pranto.
E com ter chorado tanto,
A mágoa não tem desvios.
Os seus dous mayores Rios
Neste pranto ha de esgotar;
E quando em fim quer chorar
A morte de seu Senhor,
Por credito da sua dor
Supplica prantos ao mar.

DECIMA

Chorava Europa em Lisboa,
A America na Bahia,
Africa em Loanda sentia,
Asia lamentava em Goa.

Por todo Orbe a Fama entoa
Com sentimento profundo,
Que este rei sabio e jucundo,
Da cruel Parca troféo,
Se não fôra para o Ceo,
Puzera em paz todo o Mundo.

SONETO

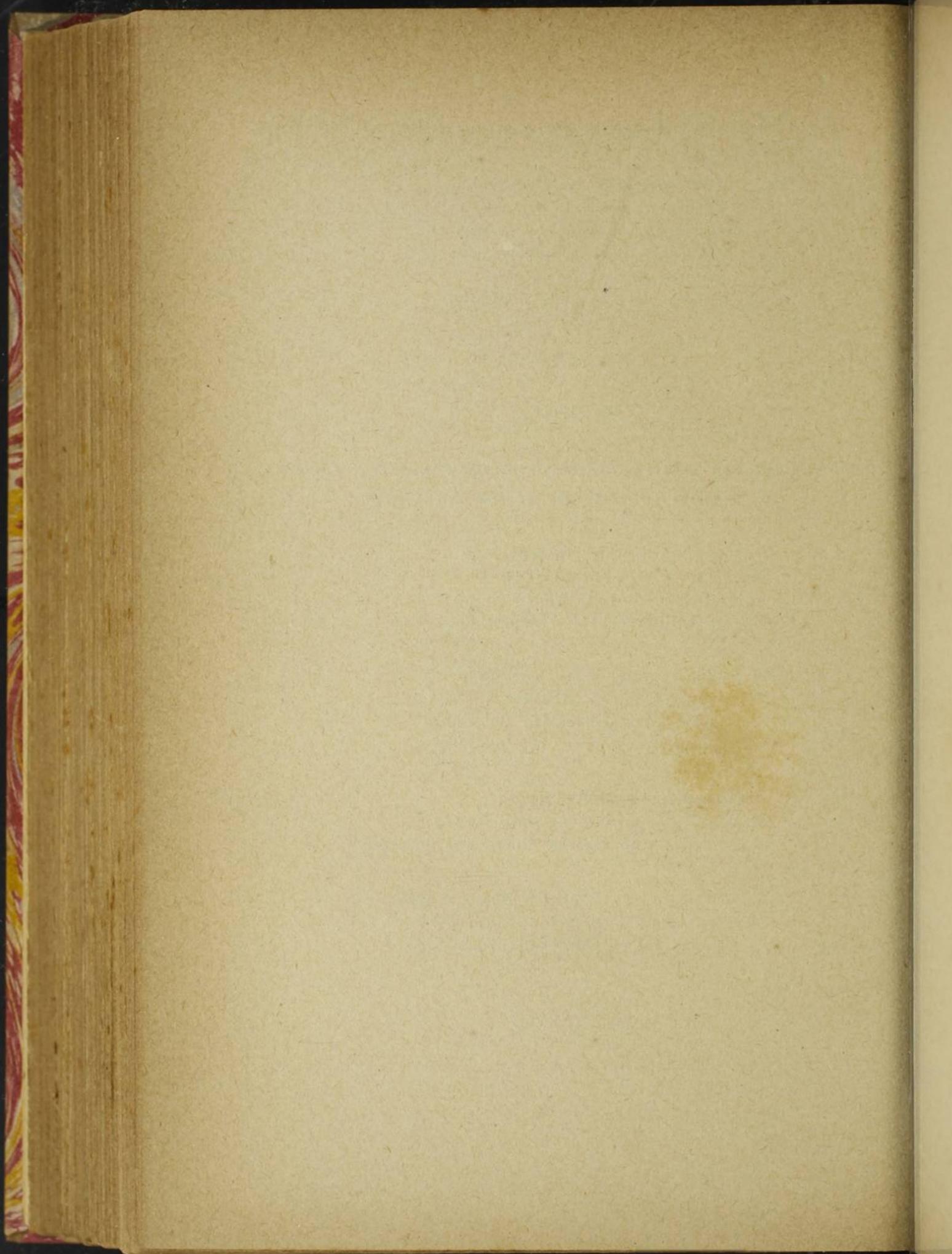
*Á perda, em um naufragio, da primeira remessa a Lisboa
do Manucripto acerca destas Exequias*

De America à Europa transportado
Da Bahia o pezar quando se via,
Ao impulso fatal da morte impia
No crystallino centro é sepultado.

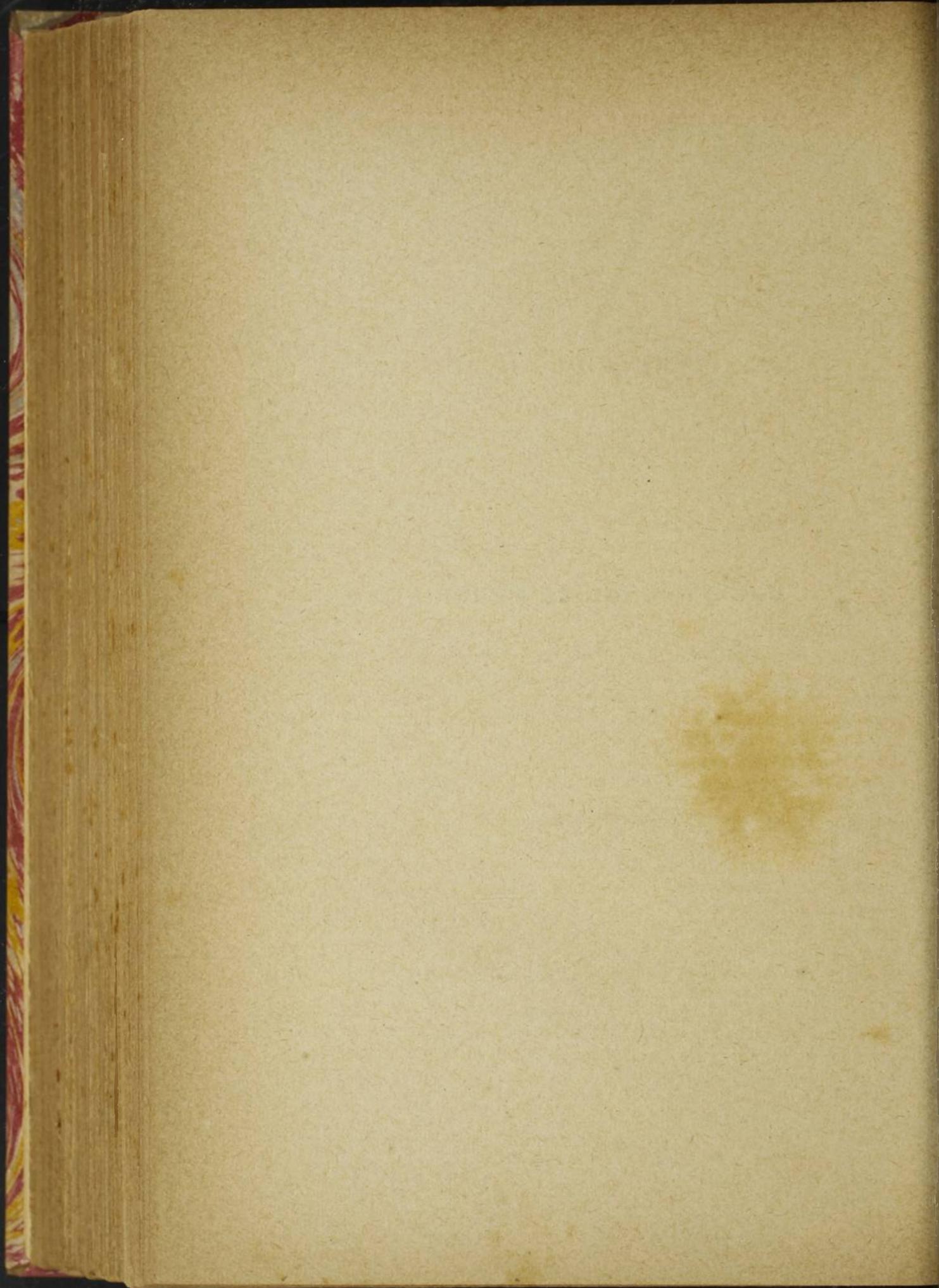
Com violencia das ondas soçobrado
Foi o baixel, que a Historia conduzia:
Sim; porque o sentimento da Bahia
Era grande, era muito, era pezado.

O Bahiense amor ainda accezo
Mostrava no papel a ardente fragoa,
Com que ama ao Rei, da Morte com desprezo.

Tragico fim! mas proprio à nossa mágoa,
Que era fraco o baixel a tanto pezo,
Se a tanto fogo o Mar era pouca agoa.



JERONYMO SODRÉ PEREIRA



[A
mañ), que
novo res
seguido
ria de an
drigo de M
coluna m
güim m
Arleñi T
tando Ba
Sobri P
rosa M
capela de
ise por
e m de
ocorria
no suato
May
em 1700
quepe
de D. J
realpion

JERONYMO SODRÉ PEREIRA

SONETO

É morto o Fidelissimo Monarca,
De Lysia amado Rei! quem tal diria!
É morto; pois já sôa na Bahia
A perda, que nos deu a cruel Parca.

[A genealogia colonial bahiana teve três indivíduos (ou mais), que acudiam ao nome de Jerônimo Sodré Pereira: o primeiro veio de Portugal nos princípios da fundação da cidade; o segundo foi cunhado do Padre Antônio Vieira, casado com D. Maria de Azevêdo. O Padre, participando êsse consórcio a D. Rodrigo de Meneses, em carta de 1 de agosto de 1671, escrevia: "A cabana em que nasci não tem outra esperança de ter sucessor legítimo senão esta..." — J. Lúcio de Azevêdo, *Cartas do Padre Antônio Vieira*, II, ps. 361, Coimbra, 1925. — O irmão, Bernardo Ravasco, somente lhe déra bastardos. O outro Jerônimo Sodré Pereira era filho do alferes José Sodré Pereira e de D. Teresa Maria de Brito; foi batizado em 21 de fevereiro de 1719, na capela de São Pedro do Traripe, e deve ser o poeta contemplado, isso porque, nascido no ano *supra*, estava em condições, aos trinta e um de idade, de poetar, lamentando a morte do rei D. João V, ocorrida "no dia de Santo Inácio", 31 de julho de 1750, como fêz no soneto aqui recolhido.

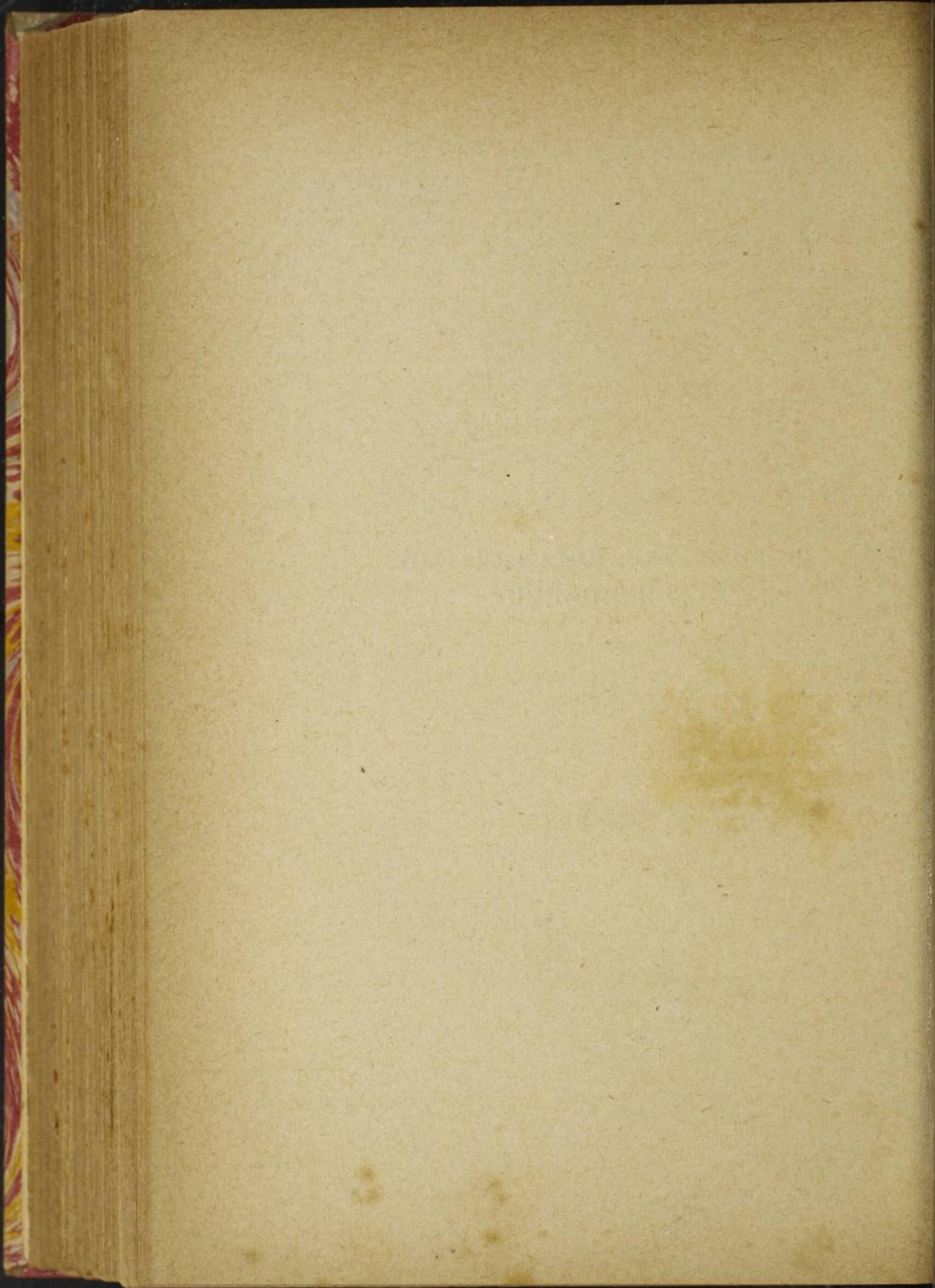
Moço fidalgo da casa real, era mestre de campo de auxiliares em 1769. Foi casado com D. Catarina Maria da Graça de Albuquerque, filha única do sargento-mor João de Couros Carneiro e de D. Jeana de Vasconcelos. — Conf. Jaboatão, *Catálogo Genealógico*, ps. 334/335. — R. G.]

A quanto o Sol rodêa e o mar abarca,
Creyo que a nossa magoa chegaria;
Dos olhos se ausentou; morreu no dia
De Santo Ignacio, o grande Patriarca.

Porém morto o não quer ter a memória,
Por gozar de João a Magestade
A graça nesta vida transitoria:

Pois mostra a fé mais pia com verdade,
Que elle vivo estará na eterna Gloria,
Nós neste Mundo mortos de saudade.

**Dr. JOSÉ PIRES DE CARVALHO
E ALBUQUERQUE**



Do
de mi p
plar da
Cesar de
tancias
XXII —
cias, du
grútes, q

Marquise
ocido. Sa
entra m

[Nome
Inespera
da Casa B
Algo Gen
ambrosia

1840 22

Dr. (*) JOSÉ PIRES DE CARVALHO
E ALBUQUERQUE

Do *Culto Metrico* á Virgem da Conceição, poema de mui pouco merito na verdade, só é conhecido o exemplar da 2.^a edição (Lisboa 1760), que possui o Sr. Jorge Cesar de Figanière. Compreende o 2.^o canto com 119 estancias, que não se continha na 1.^a edição. É um vol. de XXII — 102 paginas de 4.^o. O 1.^o canto contém 89 estancias, das quaes nos limitaremos a transcrever as tres seguintes, que são as 56.^a, 66.^a e 80.^a.

Depois em fim, oh Virgem pura e bella,
Que trouxestes no ventre o Rei da gloria,
Ficais sem corrupção pura donzella,
Tendo-o já dado ao mundo em luz notoria
Fostes divina, scintillante estrella,
Que a luz nos dais melhor para a vitoria:

(*) Em Canones, ex-provedor d'Alemquer, alcaide mór de Maragogipe, Secretario de Estado do Brazil e Censor dos Rena-scidos. Na "Relação Panegyrica", de que fizemos menção, se encontra um soneto deste autor.

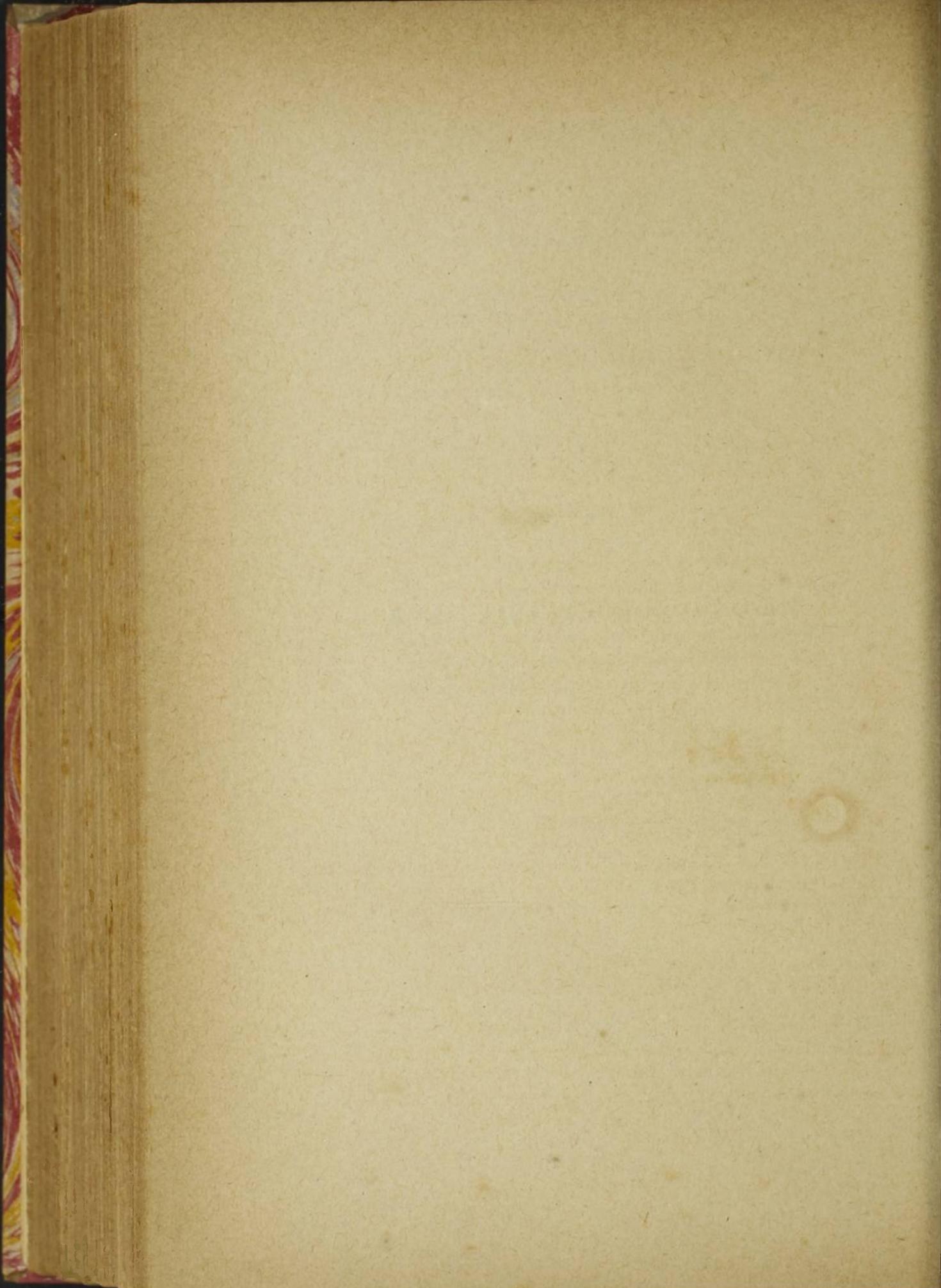
[Nasceu na Bahia, filho de Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e de D. Teresa Cavalcanti e Albuquerque. Era fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo. — Jaboaão, *Catálogo Genealógico*, ps. 68; Borges da Fonseca, *Nobiliarquia Pernambucana*, I, ps. 335. — R. G.].

Mas que muito se o Deos do vencimento
Em vossos braços posto admiro attento.

São vossos braços throno a Deos menino,
É vosso seio o Ceo, em que se adora,
E sendo de justiça Sol benino
O tornais todo amante, alta Senhora:
Porque se em vós achou o Sol Divino
Throno, Sol, Oriente, Esfera, Aurora,
Mitigou tanto em vós o ser ardente,
Que ficou todo brando o Omnipotente.

Recebei esta offerta limitada
Da minha devoção no sacrificio,
Que em tosca lyra menos temperada
Vos dá do meu dezejo humilde indicio:
Bem quizera que fosse sublimada
A musica que entoo em vosso auspicio;
Mas porque nada posso, como vejo,
Aceitae-me os affectos do dezejo.

ANTONIO CORDEIRO DA SILVA



AN
 A
 En
 In
 De
 En
 Ca
 Qu
 Su
 Via
 En
 (*) Ca
 de r
 "J
 T
 [Ant
 de la
 p
 V
 Conf. V
 Su
 propi

ANTONIO CORDEIRO DA SILVA (*)

1752

*Ao Governador Gomes Freire, soccorrendo
a Colonia*

Excelso Freire, em cuja illustre vêa
Inda hoje pulla aquelle sangue Hesperio;
De que tanto se anima e lizongêa
Rausona, irmão de Augusto Desiderio:
Esse, que em Lombardia o sceptro altêa
Com valor tão ousado, altivo imperio,
Que pretende guerreiro e denodado,
Ser do Mundo terror, do Ceo cuidado.

Vós, a quem o clarim desinquieta,
Porquanto rega o Tejo, ara o Pactolo,

(*) Copiamos a composição que damos deste poeta, autor de varias outras, bem como as dos cinco immediatos, do volume "*Jubilos da America*", publicado em Lisboa em 1754 por Manuel Tavares de Sequeira e Sá.

[Antônio Cordeiro da Silva era capitão e esteve presente ao sítio da Colônia do Sacramento, em 1736, que descreveu em uma relação poética de vinte e nove oitavas rimadas, publicada nos *Júbilos da América*, ps. 253/262, e transcrita em seguida. — Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 12, nota.

Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, I, ps. 139. — R. G.]

Aclama valoroso, expõem discreto,
Alma de Marte, coração de Apollo:
Pois tanto deste e aquelle Astro inquieto
A Esfera illuminais, luzis o Polo,
Que vos cede contente, alegre doa,
Quando Marte o bastão, Apollo a eroa.

Vós, cujo nome generoso e claro
Mais estatuas merece e mais louvores,
Que marmores branquea a nivea Paro,
Que Arabia cheiros têm, Campanha flores
Em cujo animo esplendido e preclaro
Tantos se admiram exóticos primores,
Que de não costumada, nas que aclama,
Causam vossas acções assombro á Fama.

Agora me inspirai, com doce agrado,
Um forte influxo, na harmonia fina,
Com que ãa vossa acção, de eterno brado,
Possa ao plectro cantar, que a Musa afina:
Que se eu, de vosso espirito animado,
Beber de Pimpla a copia crystallina,
Farei que a voz, por Vós, com fausto agouro,
Seja um clarim de prata, em bocca de ouro.

Era a estação fructuosa, a idade brava,
Em que o fecundo valle, o celso monte,
Dos pomos, que Pomona sazouava,
Enriquecia o seyo, ornava a frente:
Neste tempo o Pastor de Admeto entrava
No Animal, que mordeu o destro Oriente:
Turvo o ribeiro o campo discerria,
Bramava o vento, o mar se enfurecia.

Quando, ao mar dando susto, á terra medo,
Com o tremendo poder, copia excessiva,
Sobre a Colonia, intrepido Salcedo,
Se psta ufano, com arrogancia altiva:

E como traz no pensamento lédo
A Praça já sujeita á furia esquiva.
Desta posse na doce confiança,
Olhava com desdem para a esperança.

Campos talando, e montes opprimindo,
Vem de Tapis um corpo innumerado,
Que em seu soccorro, rege, conduzindo
Um Peruano atrevido e valoroso:
Os quaes, como costumam, despedindo
De suas vozes o estrondo pavoroso,
Ferir o ceo, e estremecer o vento.
Lograram, com audace atrevimento,

Não tantas érgue o tumido Oceano
Espumas crespas, na campanha errante,
Quando o cruel Harpaetas inurbano
Sobre elle cahe, com impeto bramante:
Não tanto um Terremoto deshumano
Estampido levanta ao ceo rotante
Como os Tapis, com estro enfurecidos
Conduzem gentes, rompem em alaridos.

Chegado em fim o campo armipotente
A pôr a nossa Praça em sitio duro,
Planta o ataque em sitio conveniente,
Bate com o voraz bronze o forte muro;
Mas aturando este a furia ardente,
Zomba da bateria tão seguro,
Como o marino escolho burla immoto
Do mar a sanha, a cólera de Noto.

Ao fremido feroz da artilheria,
Que de ãa, e outra parte laborava,
A terra se queixava, o ar gemia,
Bramava a gruta, a penha retumbava:
De temeroso, ao mar retrocedia
O vasto Paraguay a espuma brava:

E até da linda Clicie o Deos amado
Um pouco a luz perdeu como enfiado.

Torna outra vez tyranno o bronze activo
A atormentar o muro reluctante,
Com força tão cruel, trato excessivo,
Que muros desfizera de diamante:
Mas não se perturbando o muro altivo
A tanto affar ardente e resonante,
Pelas boccas de cobre ignipotente
Responde ao dano, em dano mais vehemente.

Mas, sendo do Inimigo a insistencia
Cada vez mais atroz e mais ignita
Bem que provava dura resistencia,
Com ella mais se aggrava, e mais se irrita:
E assim com pertinace, ardua violencia,
Do canhão tanto as projecções excita,
Que conseguiu, em horrida batalha,
Lançar por terra um lanço da muralha.

Acodem logo os bravos defensores
A reparar do muro a destructura,
Qual costumam os Dédalos voadores
Redimir de suas cellas a rotura:
Alli de Lysia aos emulos mayores
Mostraram com coragem ardente e dura,
Que onde estão Portuguezes valorosos
Frustraneos são os muros alterosos.

E bem que em nós, com animo sanhudo,
Com ousadia furibunda e intensa,
Tão valente é a espada, como o escudo,
Tão forte a offensão, como a defesa:
De Hespanha agora ao capitão membrudo,
E do Tapi arrogante á turba immensa,
Lhes mostrámos, com rápido ardimento,
Que era mais o valor que o soffrimento.

Ao campo saem, de seu peito armados,
Os Lusitanos rigidos e austeros,
E quanto encontram, prostram denodados,
A quantos se lhe oppõem, derrubão féros.
Por toda a parte vibram, de esforçados,
Estocadas crueis, golpes severos:
Quanto aos olhos se expõem, quanto aos ouvidos,
São cabeças truncadas e ais sentidos.

Repetem as sortidas e os rebates,
E em todos foi unanime o successo,
E se houve differença nos debates,
Foi fazer-se o valor reo pelo excesso:
Dam-lhe tão asperissimos combates,
Fazem nas armas tão gentil progresso,
Que parece que Marte, em seu reforço,
Seus peitos arma de seu proprio esforço.

Assim fulminam golpes sanguinarios,
Assim vibram o alfange furibundo,
Como quando com rayos temerarios,
Jove os montes soterra, ameaça o mundo:
Tanto nos choques, nos encontros varios
Seu valor acrisolam indignabundo,
Que Cadmo na seara de seus dentes
Não viu colheita de homens mais valentes.

E como avaliavam por injuria
Da Praça o cerco férvido e tremendo,
Com mais sãgue do que agoa leva o Turia
Determinam lavar o aggravo horrendo:
Não perdoando por isto a raiva, ou furia,
Tantas cidades e estragos vão fazendo,
Que inda que foi immensa a culpa ou reato,
Sobejou a vingança ao desacato.

Não cessou neste tempo o som terrivel
Da Lusitana tuba bellicosa

De incitar ao conflicto atroz e horrivel
A gente mais que todas valorosa:
Nem cessa a Lusa espada irresistivel
De mostrar-se tão crua e sanguinosa,
Que com o sangue, que verte, e que se perde,
Trocou, em mar vermelho, o campo verde.

Querer contar os golpes e as feridas,
Que o braço Portuguez deu duro e forte
Quantas Indas alli, Iberias vidas
Exhalaram o vigor, bebêram a morte;
É numerar as furias dos Atridas,
É supputar as iras de Mavorte:
Não o estranhem os doutos e eruditos,
Pois foram os golpes mais do que infinitos.

Já maldizendo a Coya Peruana,
Já imprecando o capitão da empreza,
A Indica Nação e a Castelhana
Cedem ao valor da gente Portugueza:
Tambem Salcedo a arrogancia ufana
Das nossas armas cede á gentileza:
E um temor concebendo imbelle ou Scythio,
Desceu da opinião, e ergueu o sitio.

Desiste da cruenta e dura guerra,
E da empreza cessando endurecida,
A victoria nos deixa e a terra,
Contente de nos não deixar a vida:
Já por uma, e por outra estancia erra
Com tão fero pesar, dor tão subida,
Que o mal, que o perturba e que o assombra,
Por mais horrivel tem a luz que a sombra.

Alegre, claro, triste e macilento
Para nós, e Hespanhoes foi este dia:
A nós de gosto, a elles de lamento,
A uns de applauso, a outros de agonia:

Declarado por nós o vencimento,
Por elles declarada a sorte impia,
Da Quinta Esfera o Deos croa e reveste
A nós de louro, a elles de cypreste.

Desta luzida e prospera victoria,
Deste tropheo sumptuoso, altivo, eterno,
A quem, se não a vós, se deve a glória,
Quem, se não vós, foi delle o author superno?
Vós, a quem nos archivos da memoria
Ha de guardar o evo sompiterno,
Com valor, que influido a todos salva,
D'aquella Elvas fustes o Marialva.

Vós fizestes, dynasta esclarecido,
Com os esforços da vossa vigilancia,
Que o Salcedo arrogante e atrevido
Não fosse o Scipião dessa Numancia:
A excessos de valor reproduzido,
Para opprimir-lhe a barbara jactancia,
Conseguistes estar, sem cerimonia,
Juntamente no Rio e na Colonia.

Vós sempre aquella praça petrechastes
De munçoens, de viveres, de alentos;
E pelo que antevistes e avizastes,
Viu baldados Salcedo os seus intentos:
Tão prompto nos soccorros vos mostrastes,
Prevenistes tão breve os provimentos,
Que em ãa, o outra, aquella, esta occurrencia,
Vencia ao pensamento a diligencia.

A não ser, Claro FREIRE, o vosso aviso
De tão illustre e superior esfera,
A não ter o valor, que em Vós diviso,
De Marte a condição, que esforços gera;
Fora da sorte o dño tão preciso,
Que a Colonia se entrara ou se perdera:

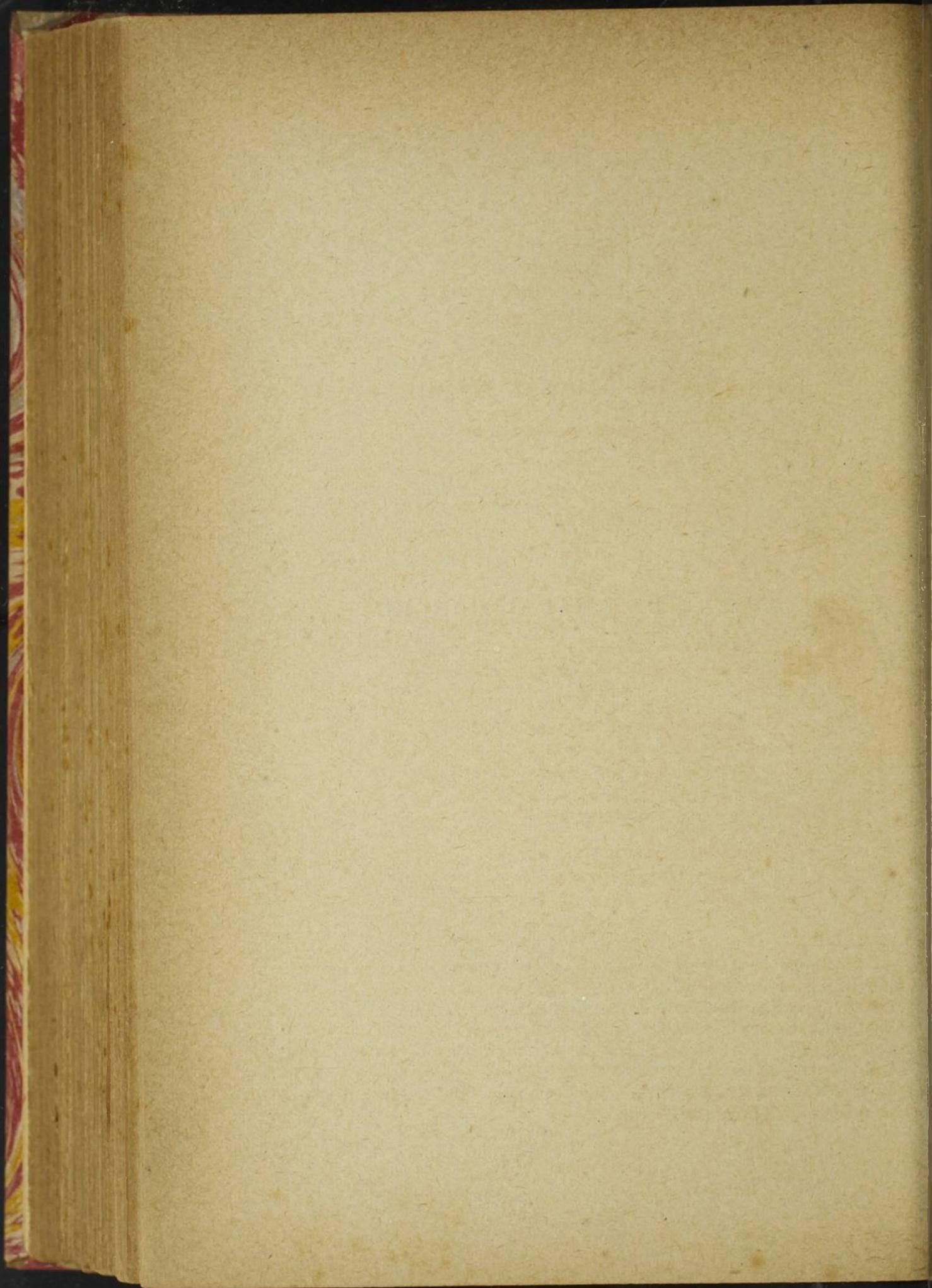
Com que ou fosse valor, aviso, ou traça,
Vós fostes redemptor d'aquella Praça.

Por isso, ó FREIRE generoso e illustre,
Por isso, ó Lusitano excelso Marte,
Desse triumpho, que nunca o tempo frustre,
Comvosco a melhor parte o Ceo reparte:
Que como lhe influistes ser e lustre,
A vós se deve a mais luzida parte:
Qual produção de serra diamantina,
Que mais deve ás estrellas, do que á mina.

Se sois por esta acção gloriosa tanto
Vosso Nome módulo peregrino
Com grosseiro furor, com humilde canto,
Em plectro menos aureo, e menos fino:
As mais acçoens, que são da fama espanto,
Cante engenho mais altivo e divino,
Té que de vosso nome sem segundo
Seja annalista o sol, volume o mundo (*).

(*) Este poeta, bacharel em Cânones, e capitão de Infantaria do Rio de Janeiro, deixou mais um soneto e um romance hendecassyllabo a este assumpto, e outro romance analogo á Conceição da Virgem, que com o titulo de "*Maria Immaculada*" publicou em Lisboa em 1760, em XXXII-68 paginas in 4. Innoc. I, 114.

ANGELA DE AMARAL RANGEL



[A]nglo
novo opus
que fit per
obscura. m
tine expone
et se omni
que deo J
um deus ap

ANGELA DE AMARAL RANGEL

(Cega de nascença)

Soneto

Illustre General, vossa Excellencia
Foi por tantas Virtudes merecida,
Que, sendo já de todos conhecida,
Muito poucos lhe fazem competencia:

Se tudo obrais por alta intelligencia,
De Deos a graça tendes adquirida,
Do Monarcha um affecto sem medida,
E do Povo úa humilde obediencia:

No catholico zelo, e na lealdade
Tendes vossa esperanza bem fundada;
Que na presente e na futura idade,

[Angela do Amaral Rangel nasceu no Rio de Janeiro, no primeiro quartel do século XVIII. Chamavam-lhe a *Ceguinha*, porque foi privada da vista desde o nascimento; filha de família abastada, recebeu educação moral e religiosa aprimorada. Poetisa espontânea, a maior parte de sua produção perdeu-se; dela só se conhecem os *Dois romances líricos*, em castelhano, na coleção dos *Júbilos da América*, e dois sonetos, também ali insertos, um deles aqui transcrito. — R. G.]

Ha de ser a virtude premiada
Na terra com feliz serenidade,
E nos ceos com a gloria eternizada.

Romance lyrico

Fundar casa para Dios
En un desierto pais,
Solo una Illustre Excelencia
Lo pudiera conseguir.

Hazer corte a un desierto
Tan opulenta, e feliz,
Que de octava maravilha
Bien pudiera presumir.

Es esa fabrica hermosa
O ese hermoso pensil
De candidas Asucenas
Un bellissimo jardin.

Corte de la Primavera,
Adó siempre hade asistir
Sin dependencias de Mayo,
Y sin favores de Abril.

Pues corre por vuestra cuenta,
A ese Vergel conducir
Divinas flores que el Alva,
No las pueda competir.

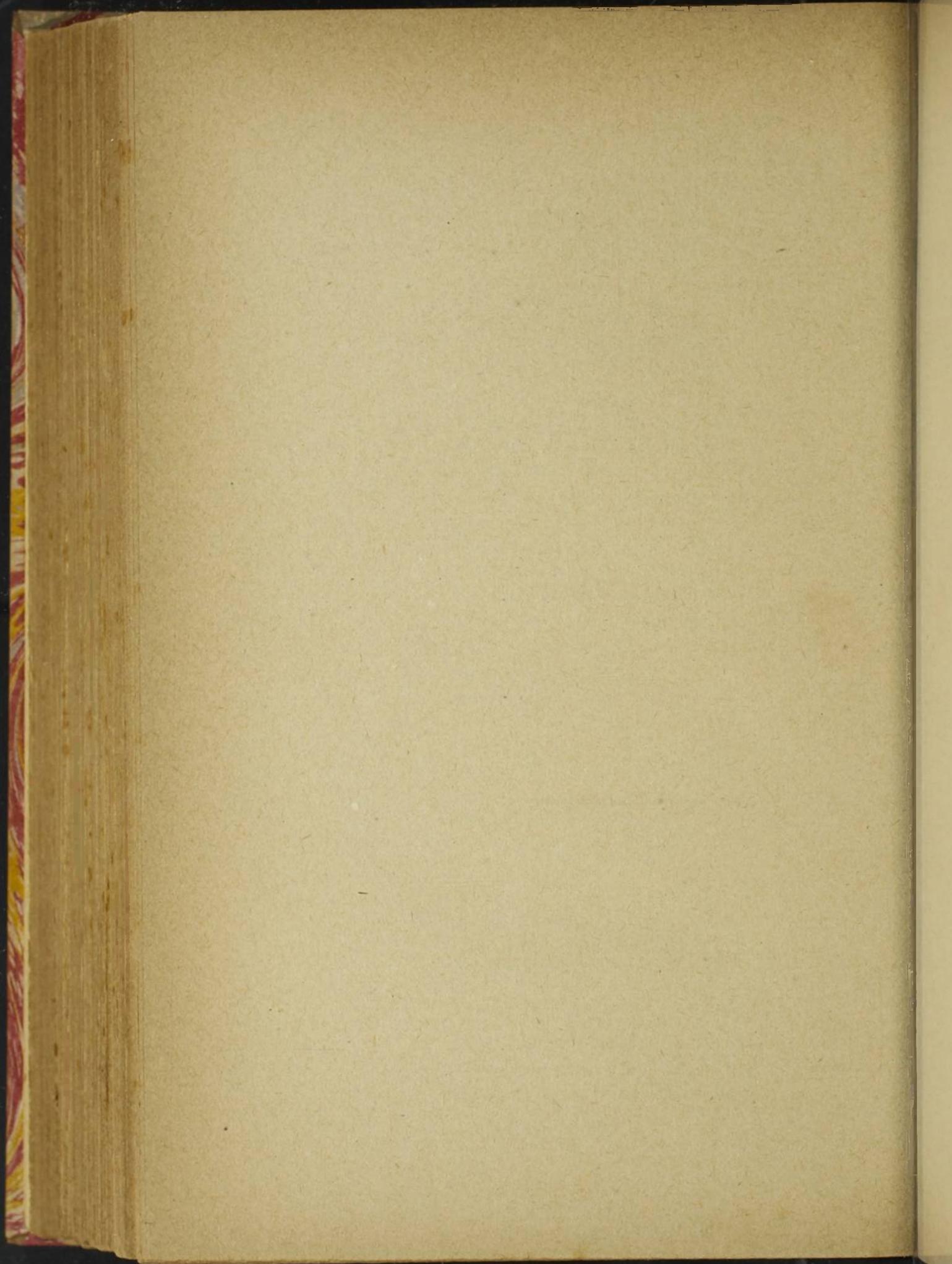
Es un nuevo Paraiso,
Que es cada Theresia un Angel,
Porque se suele dezir,
Cada Monja un Serafin.

Dó, apezar del Inferno,
Hande brillar y luzir
Prodigios de ciento en ciento
Virtudes de mil en mil.

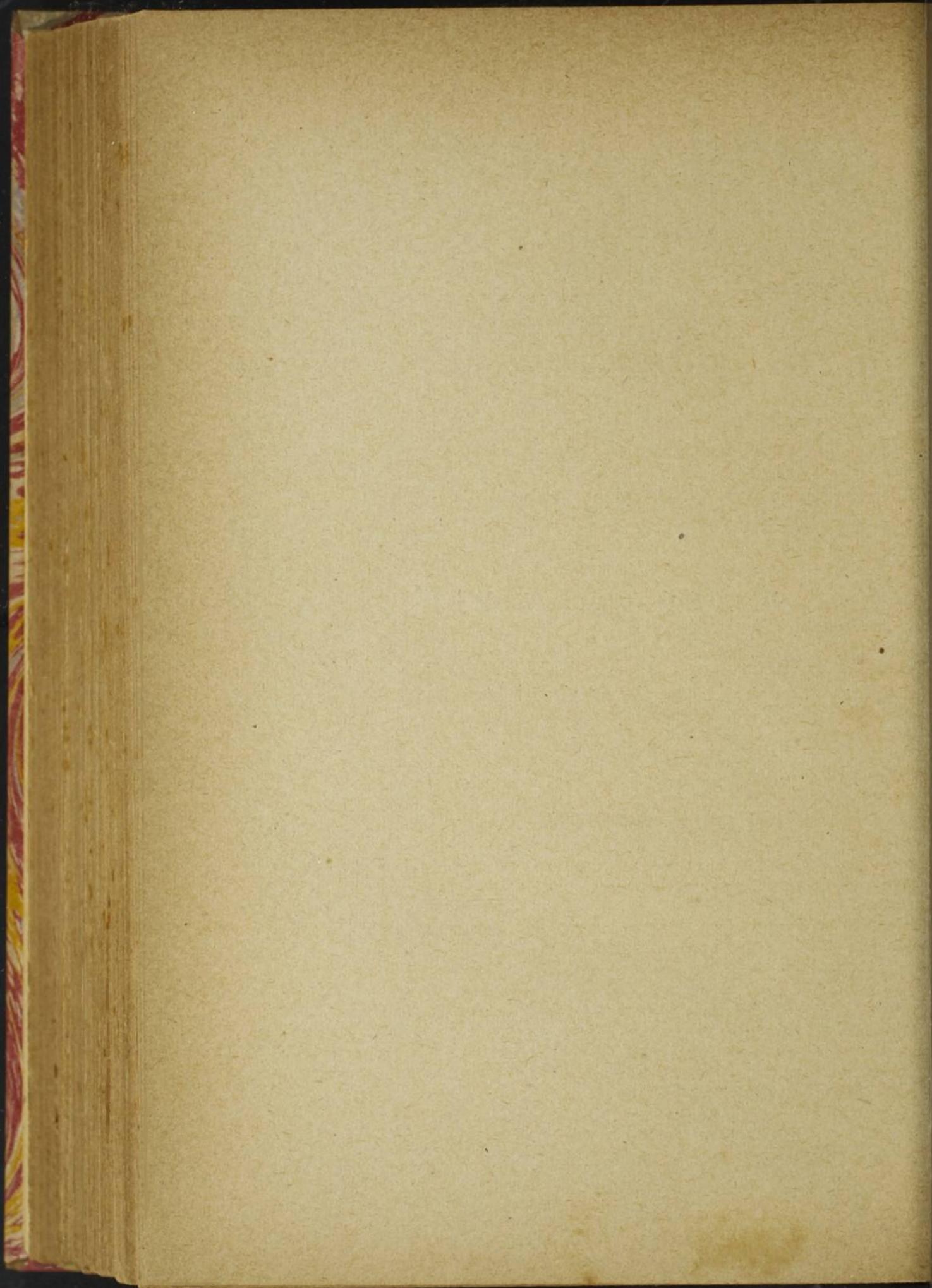
Dese sagrado Palacio
Quiziste el nombre excluir,
Que no quizo la modestia
Tal vanidad consentir.

Diziendo que solo á Dios
Se ha de alabar y servir,
Que solo su nombre santo
Alli se ha de proferir.

Vivid edades Nestorias
Gloria de Vuestro Brasil,
O como el Ave de Arabia,
Que muere para vivir.



Dr. SIMÃO PEREIRA DE SÁ



De
C
F
S
C
J

(*) De
tra compo
scrip, u
ro uero d
Jocou an m

[Escri
do de 1711
era irmã b
do de Cor
para estab
pêdo e
formou-se
então de C
das Capas
Portugal
riva public
erem a p
lho de h
memoria
magistral
tador de

Dr. SIMÃO PEREIRA DE SÁ (*)

Pulse o plectro o Canóro movimento,
Calliope me inspire novo alento,
Ferindo o firmamento o ecco agudo,
Que a Catadúpa intenta fazer mudo;
E animado de força poderosa,
Cantará minha Musa sonoróza.
Já levo á boeca a trompa,

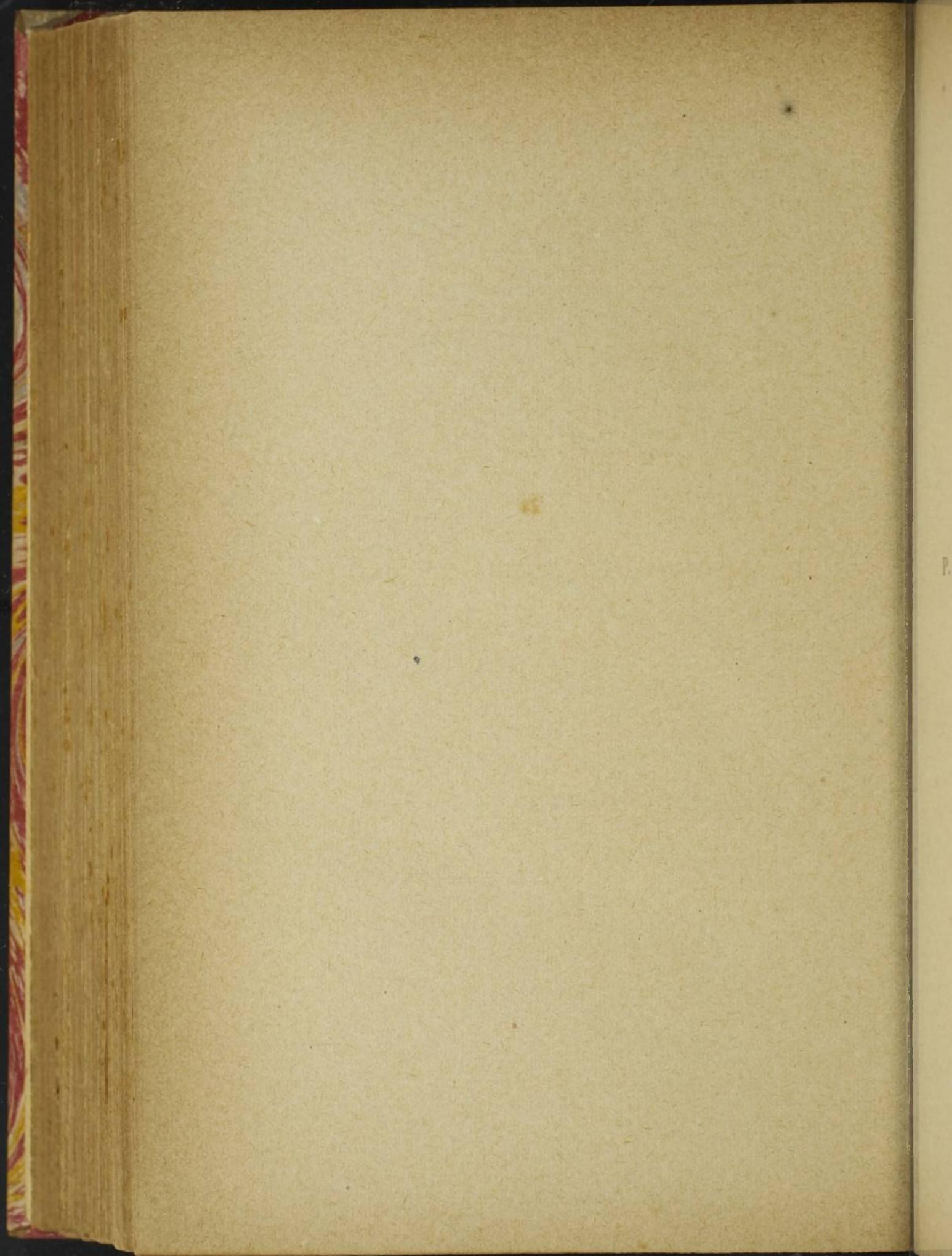
(*) Deste fluminense encontram-se na mesma collecção outras composições mais. Vimos tambem de sua penna, em manuscripto, os *Conceitos jocosos*, em 25 cartas em prosa (a primeira acerca do incendio do convento de S. Bento), e as *Erudições Jocosas* em verso.

[Simão Pereira de Sá nasceu no Rio de Janeiro a 22 de junho de 1701, filho de outro de igual nome e de D. Ana Bocan; era irmão de Frei José Pereira de Santa Ana, autor de uma *Crônica dos Carmelitas*, ordem religiosa a que pertencia. Simão Pereira estudou no Colégio dos Jesuitas do Rio de Janeiro, onde recebeu o grau de mestre em artes; na Universidade de Coimbra formou-se em Cânones a 23 de julho de 1729. Em 1752 era procurador da Corôa e Fazenda e promotor do Juizo da Provedoria das Capelas e Resíduos do Rio de Janeiro.

Participou da Academia dos Seletos, e nos *Júbilos da América* publicou uma carta, um *Romance heróico* e três sonetos. Escreveu a prestimosa *História Topográfica e Bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata*, publicada em 1900, em comemoração do quarto centenário do descobrimento do Brasil, com magistral introdução de J. Capistrano de Abreu, a quem o anotador deve esta notícia. — R. G.]

E os ares tanto rompa,
Que rouca por cantar e emmudecida,
Admirada se fique, ou suspendida.
A clara Aganippe encrespando escumas
Levante de crystal flamantes plumas:
Tambem por primaveras
De purpuras se vistam as esferas.
Que o Principe do dia, e mais das luzes,
Sahindo dessa quarta galeria,
Por Freire illustra a douta Academia.
Estatuas lhe levanta,
Applausos lhe decanta,
Porque, fundando em Deos a mór ventura,
Em templos, seus agrados mais procura:
Virtude sem segunda,
Que só em Deos se funda,
Confessando discreto,
Que quem a Deos dá tudo totalmente
Logra os timbres na terra de prudente,
E lá no sacro Empireo patria eterna,
Os gostos, premios, gloria sempiterna.
Em Maximas Christãs tão singulares,
Que rompendo assombrozas esses ares,
Um heróe, um Antêo o mundo acclama,
Por mil bocças tambem o julga a Fama.
Desse barbaro feroz e arrogante
Sua espada valente e militante,
Será, com feliz sorte,
O que dezate e corte
Outro Gordio mais cego que o valente
Macedonio cortou com mão potente.
Agora mais que aquelle soberano,
Sendo o credito, e o lustre Lusitano,
Alexandre segundo,
A vossos pés rendido todo o mundo,
Vos acclamam sem força, nem violencia,
Primeiro luminar do Luzo Imperio,
Que o sceptro segurais neste hemisferio.
Se na passada idade

Vos conhecêra o seculo dourado,
Alma foreis de Marte celebrado,
Como altiva publica (e ainda diz pouco)
A Marcial consonancia estrondo rouco.
Explendor sem segundo,
Que coraçõens attrahe do novo Mundo,
Sacrificios vos rendo tão devotos
Que ennobrecem os cultos a meus votos,
Pois trazendo á memoria,
Dia tão fausto em repetida gloria,
O silencio será, em bello espanto,
Vegetavel volume do meu Canto.



P. ANTONIO JOSÉ GOMES DA COSTA

P. ANTONIO JOSÉ GOMES DA COSTA

*Ao Secretario da Academia dos Selectos
M. Tavares de Sequeira e Sa*

Dispende, Apollo, desse sacro Coro,
E altivo em tudo, as luzes, que te imploro,
Para meu desempenho,
E lustre, em fim, cabal do meu engenho;
Sendo encomio, que pede, este tão grave,
Nobre Musa, alta voz, lyra suave.

Para assumpto elevado,
Que plectro era melhor, mais sublimado,
Que essa lyra com vozes sempre bellas,
Que pulsa encordoada entre as Estrellas?
Solta pois a corrente
Dessas agoas do Pindo, transparente.

Doce Canto formára:
Mas quem me não notára

[Antônio José Gomes da Costa morava no Rio de Janeiro, e foi presente à Academia dos Seletos, em exaltação a Gomes Freire de Andrada, a quem ofereceu o seu *Applauso métrico*, que vem nos *Júbilos da América*, ps. 347/356. Ao secretário da mesma Academia dedicou um soneto, *ibidem*, ps. 357, e ainda *Epístola* em versos.

Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionnrio Bibliographico*, I, ps. 216/217. — R. G.]

Fazer, com novo espanto,
De assumpto festival nocturno Canto,
Tocando lyra, bem que acôrde toda,
Que só da noite á solfa se accomoda?

A tudo expôr-me quero,
Só porque, em fim, applauda a quem venero.
Apollo me acompanhe,
Porque altivos louvores desentranhe,
Ao compasso da lyra,
Meu peito, que contente hoje respira.

É Tavares o objecto,
A quem louvar pretende o meu affecto,
A elle hoje as minhas vozes
Em fugas se terminam mui velozes;
Pois é de seu talento a galhardia
Brazão de Apollo, lustre de Thalia.

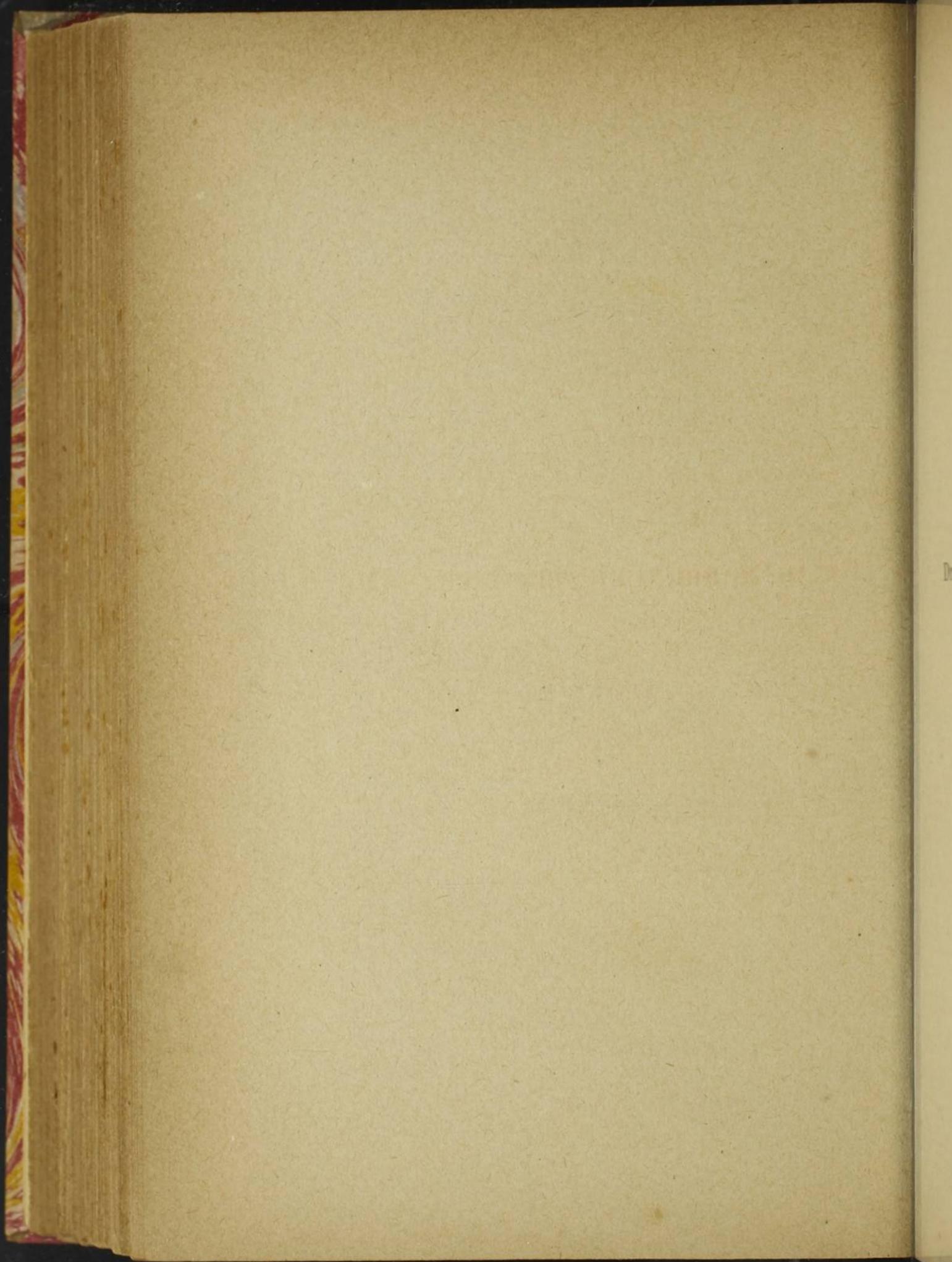
Aqui meu instrumento
Parára obsequiozo o seu concento
Inculto e desabrido;
Se, do seu plectro aos rasgos suspendido,
O não julgasse o mundo, sem engano,
Doce Amphião, discreto Lusitano.

Por isso continúa
Ainda o seu toque a lyra, que gradúa
Feliz a vossa dita,
Com que na Academia se acredita
Vosso Nome immortal, ó generozo
Tavares, de Helion Principe airozo.

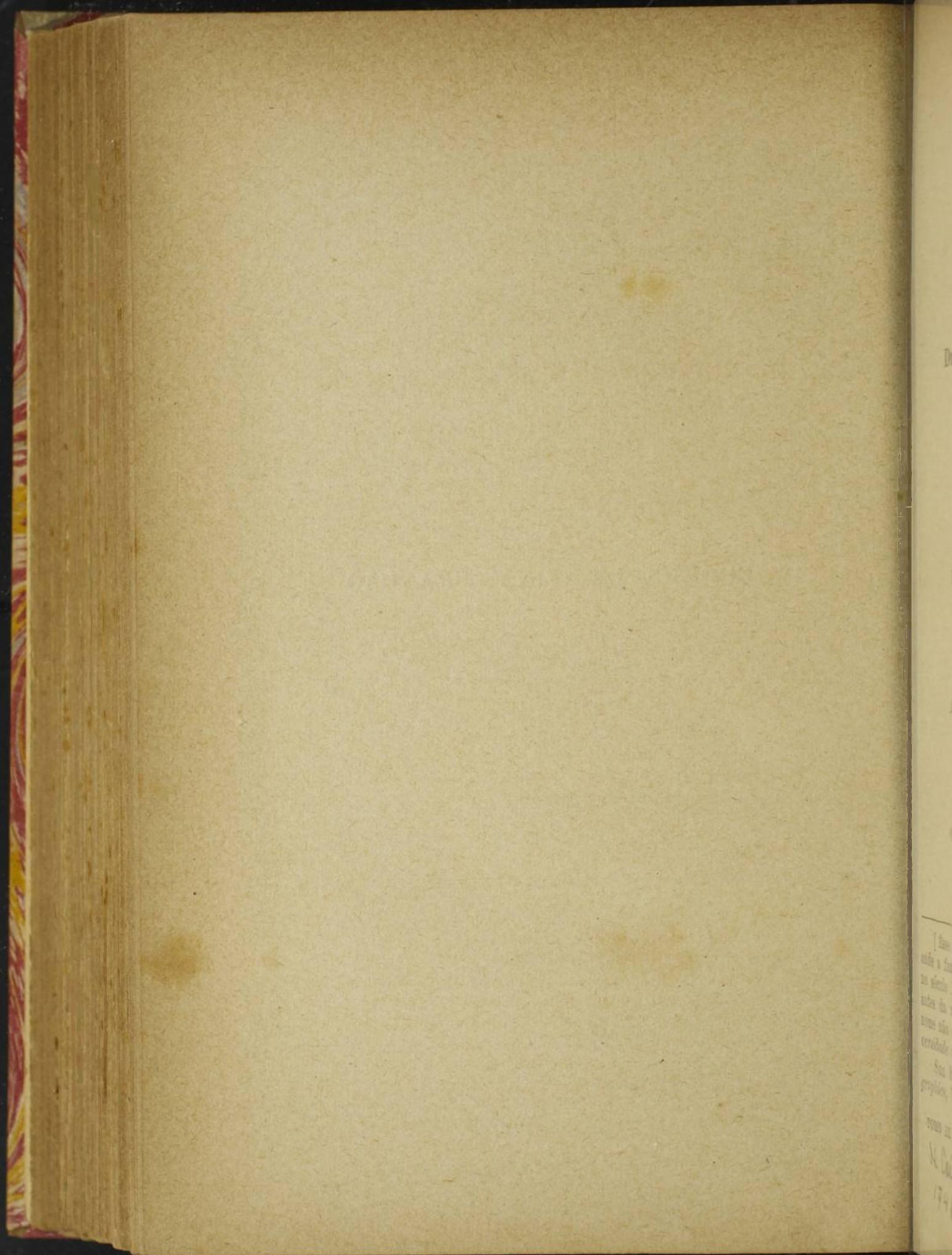
Agora immortaliza
A Fama a vossa penna, que eterniza
A vossa gloria, quando
Da vaga Trompa o brado reforçando,
Qual gigantino dedo, em voz preclara,
Indice faz da corpulencia rara.

Só Vós, douto Tavares,
Que Apollo vos dedique seus altares
Mereceis por exemplo
A Postr'idade, e que em seu nobre templo
Vos colloque por brlo;
Pois o confessa assim todo este Rio.

Nos Annaes celebrados
Esta gloria (porque perpetuados
Fiquem vossos louvores)
Se assente; porque a Fama aos vividores
Applausos vossos, cante, em voz notoria,
Immortal o louvor, eterna a gloria.



Dr. RODRIGO DE SEIXAS BRANDÃO



Dr. RODRIGO DE SEIXAS BRANDÃO

SONETOS

*Jubileus da America
contem estes dois sonetos
e mais muitas poesias*

1.º

Fugir á ostentação, que o mundo estima,
Desprezar o louvor, que o genio abraça,
Não é da terra productiva graça,
É virtude especial, que vem de cima.

Andrada o nome occulta, quando gnima
Um novo Ceo na terra. Há quem tal faça!
Se em qualquer invenção, que o homem traça,
Quer logo que o seu nome se lhe imprima.

Como por Deos na terra o nome occulta,
Melhor o manifesta, sem vaidade,
Pela gloria immortal, que lhe rezulta;

[Esse poeta desconhecido devia ser natural de Minas Gerais, onde a família Seixas Brandão, de Marília de Dirceu, floresceu no século XVIII. Seria formado pela Universidade de Coimbra antes da reforma pombalina, isto é, antes de 1772, porque seu nome não se incluí na relação dos *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra* (1772-1872).

Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, VII, ps. 426. — R. G.]

TOMO III

*André de Barros Brandão. Filho de
de Coimbra em 1735. Formou-se em leis em
1748.*

Porque de animo pela heroicidade,
Com que a expressão do Nome difficulta,
No grande livro o expõem da Eternidade.

2.º

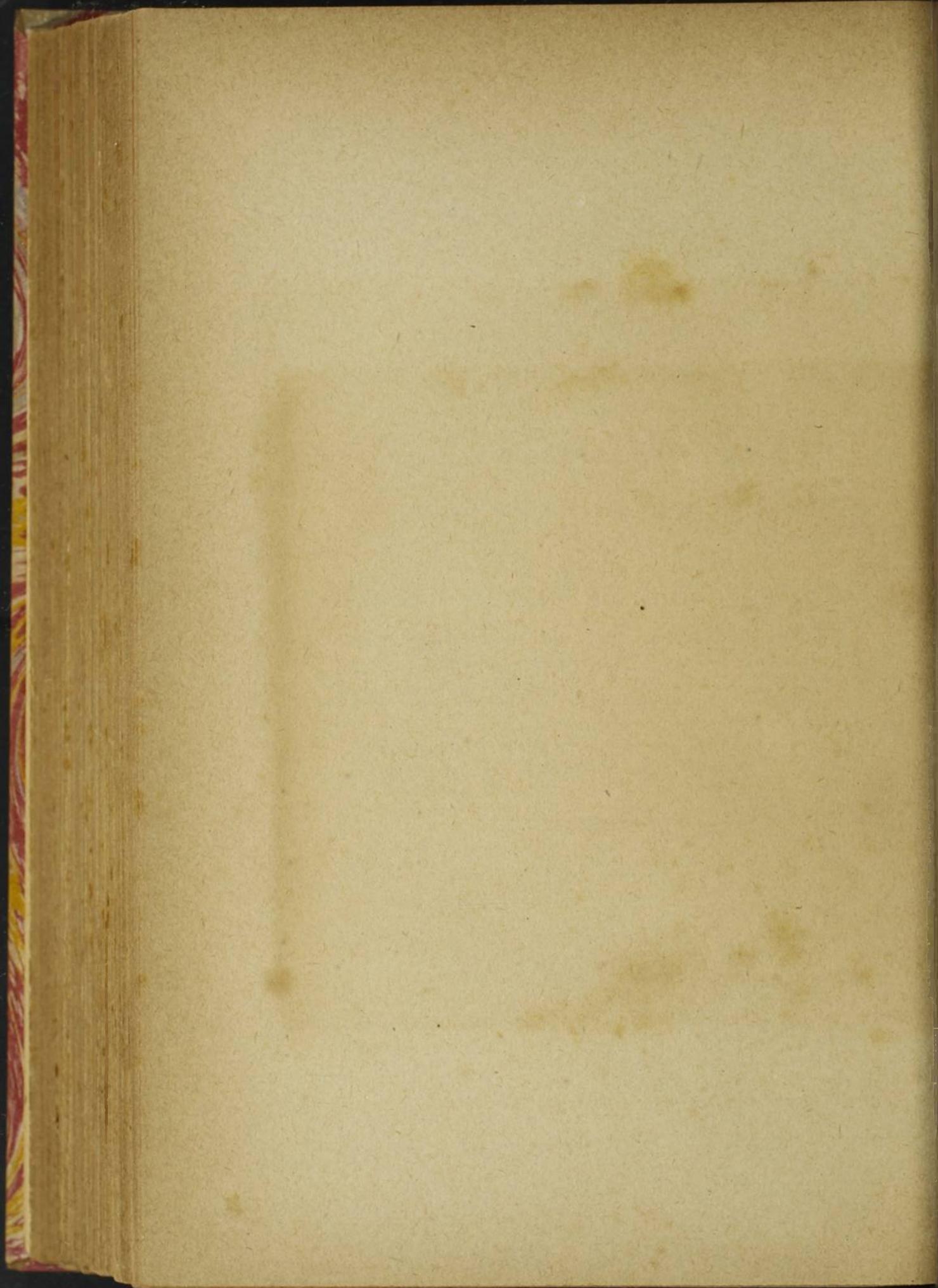
Por armas, cujo sequito excitava
De Gomes Freire o espirito animozo,
As letras repudia, em que famoso
Alumno de Minerva se ostentava:

Ao belligero estrondo o affervorava
De seus antepassados o gloriozo
Nome excelso, que em lance victoriozo
Conseguiram, e Gomes só prezava.

Mas sendo armas, ou letras, geralmente,
As que fazem ao homem conhecido,
Fez-se em letras por armas excellente;

Porque quando dos seus segue o partido,
Quem duvida que então gloriozamente
As armas lhe dão nome de entendido.

Dr. THOMAS RUBY DE BARROS BARRETO



Dr. YBO

[Faint, illegible text visible on the right edge of the page, likely from the adjacent page.]

Dr. THOMAS RUBY DE BARROS BARRETO

SONETOS

1.º

Quebra-se o bronze, a pedra se arruina,
Consome-se o buril na eternidade,
A inscrição, monumento, a antiguidade
Tudo acaba, tem fim, tudo termina.

[Para Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, VII, ps. 297, Tomás Rubi de Barros Barreto, pelos apelidos, teria nascido em Pernambuco, o que Arthur Motta, *História da Literatura Brasileira — Epoca de transformação — Seculo XVIII*, ps. 153, adotou sem qualquer outra prova. Como Jabotão e Borges da Fonseca façam omissão de seu nome entre os das famílias baianas e pernambucanas, de que trataram largamente, a suposição de Blake e a afirmação categórica de Motta, carecem de fundamento, ainda por que tais apelidos tanto se podem ajustar a um pernambucano, como a um baiano, como a um fluminense, como também a um português legítimo, hipótese mais simpática.

Quanto se apura sobre Tomás Rubi é que era formado em Direito e magistrado. Servia cargos de justiça na capitania de Minas Gerais durante o governo de Gomes Freire de Andrada, quando, cerca de 1749, por comissão dêsse governador e em virtude de ordem régia, foi incumbido da divisão de limites entre aquela capitania e a de São Paulo, o que executou, principiando do alto da serra da Mantiqueira, onde estava um marco antigo, e tirando uma linha pelo cume da dita serra até ao morro do Lopo, e dêsse ao morro de Mogiaçu, e dele ao Rio Grande, onde começa

1) Foi nomeado occisor do Rio das Mortes em 21 de Abril de 1747. (cf. Relação dos lugares de Letras que foram provistos por despacho de Sua Magestade de 21 de Abril de 1747 - 1 fl. avulsa s. lugar de impressão, que possuo)

Do que a Deos se tributa e se destina,
 Querer parte, não é de heroicidade,
 Antes sim é vangloria, ou é vaidade,
 Que na infame jactancia predomina.

Dá a Deos este heróe um templo, e hospício;
 É porque das offertas nada tome,
 Até das inscripções faz sacrificio.

a capitania de Goiás, — José João Teixeira, *Instrucção para o Governo da Capitania de Minas Gerais*, in *Revista do Instituto Historico*, XV, ps. 283.

Em 1752 estava no Rio de Janeiro, presente à Academia dos Seletos, celebrada em homenagem a Gomes Freire, como adiante se verá; em companhia do mesmo Gomes Freire e demais membros da comissão de limites da divisão do Sul, em cumprimento do Tratado de 1750, embarcou na nau de guerra *Nossa Senhora da Lampadosa*, a 19 de fevereiro daquele ano, — Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 164, nota.

Em 1759 era desembargador da Relação da Bahia e seu chanceler. Em maio atendia ao convite do Conselheiro de Ultramar José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo para a fundação da Academia dos Renascidos, da qual foi sócio de número, — Alberto Lamago, *A Academia Brasileira dos Renascidos — Sua fundação e trabalhos inéditos*, ps. 13, Bruxelles, L'Édition d'Art Gaudio, 1923.

Em 15 de agosto do mesmo ano de 1759, em carta ao ministro Côrte-Real, informava a respeito do coronel Pedro Leolino: "... o qual merece que S. M. o atenda com algum soldo, com que possa passar o resto da vida, que será pouca, porque já passa dos oitenta anos, toda empregada a maior parte no serviço de S. M..." — Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 159.

Em 8 de julho de 1760 tomou posse do governo interino da capitania por morte de D. Antônio de Almeida Soares Portugal, primeiro Marquês do Lavradio (8.º vice-rei); devia governar em companhia do coronel Gonçalo Xavier de Brito e Alvim e do desembargador José Carvalho de Andrade, mas estes desistiram, e assim governou só até 21 de junho do ano seguinte, — Varnhagen, *História Geral do Brasil*, V, ps. 308.

Em 12 de novembro de 1762 remetia Tomás Rubi para a Côrte a *Narração panegírica das festividades com que a Cidade da Bahia solenizou os felicíssimos desposórios da Princesa Nossa Senhora* [depois Rainha D. Maria I], com o Infante D. Pedro, —

publicada
 nos Anais
 da Bibl. Nac. vol 31 p. 408/424.

Mas julgo, porque as glorias bem lhe some,
Que occultar o seu nome no edificio,
Foi meio de exprimir mais o seu nome.

2.º

De fortes inimigos não se aleança
O triunfo só a estimulos do braço,
Mais faz a diligencia e o cansaço
De um general de próvida ordenança.

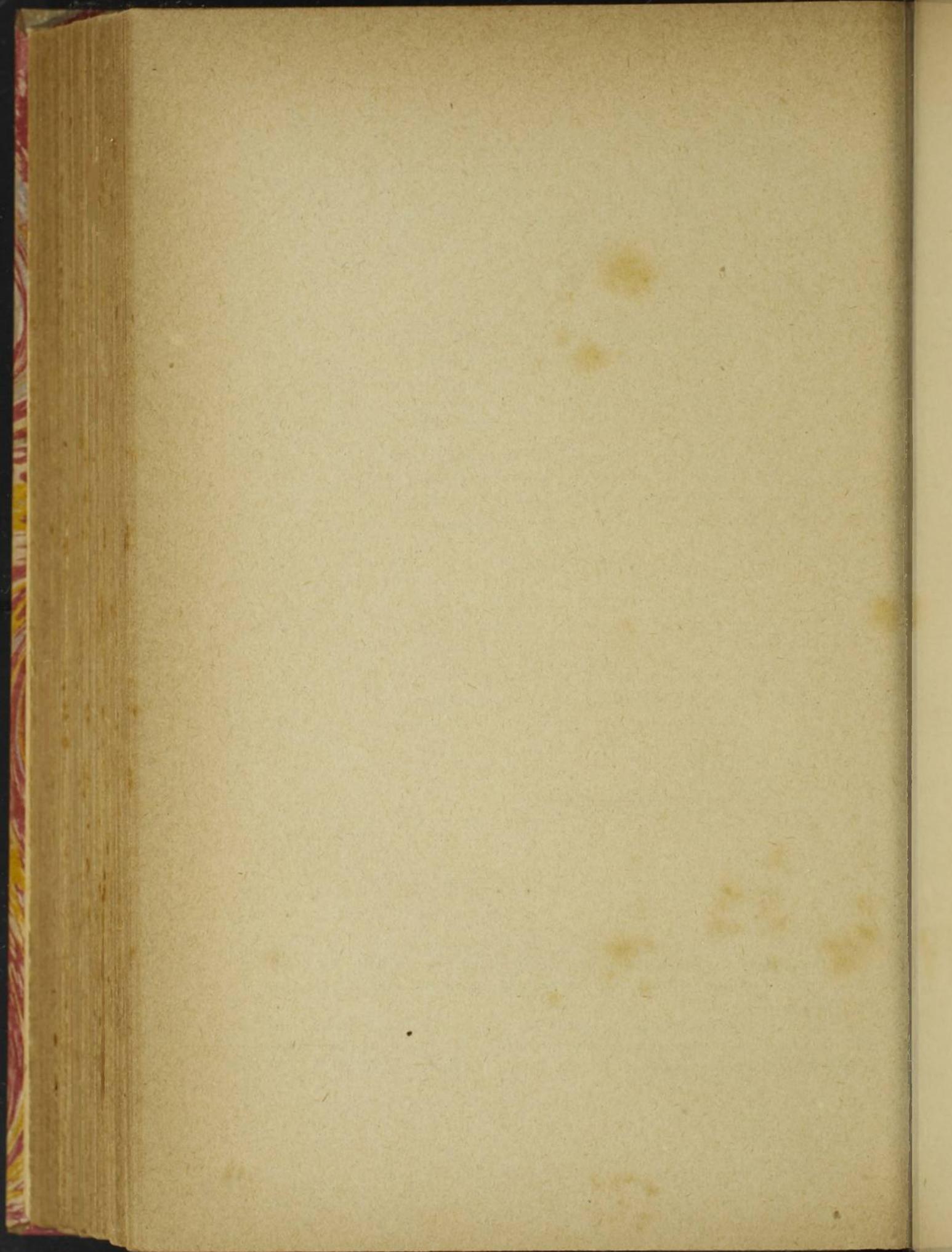
A faltar o conselho, ou ter tardança
Servirá o valor só do embaraço,
Sendo o estrago primeiro, que o ameaço,
E perda, o que até alli era esperança.

Não padeceu tão triste e infausta estrella
A Colonia immortal do Sacramento
Sitiada das Armas de Castella.

Pois teve para o fim do vencimento
Deste heroe diligencias por cautela,
Direcçoens de seu grande entendimento.

festividades que começaram em 23 de setembro de 1762, e duraram três dias, — Varnhagen, *História Geral do Brasil*, IV, ps. 332, nota. Daí por diante não se colhem mais notícias a respeito de Tomás Rubi.

Como se disse, esteve presente à Academia dos Seletos, no Rio de Janeiro, e na coleção dos *Júbilos da América* (ps. 506-520), deixou quinze sonetos de sua lavra poética. — R. G.]



ANTONIO JOSÉ VAZ

ANTONIO JOSÉ VAZ (*)

CANTICO

*Em acção de graças a Deus, no dia anniversario
do natalicio de Principe regente*

(13 de maio 1810)

Causa das Causas Portentoso Ente,
Por Quem reinam os Reis,
E o mais amavel PRINCIPE REGENTE
Numera justas Leis:
Bem como conta venturosos annos,
Porque exultam fieis Americanos.

De Saturno, a cantar-te aspira a Muza,
Passar o anel chumbado,
E sem reccar encontros de Meduza
No vôo arrebatado,

(*) Na propria dedicatoria diz: "que todos os fieis vasallos brazileiros *devemos*" etc.

[Antônio José Vaz nasceu em São Paulo por meados do século XVIII e faleceu em 12 de julho de 1823. Foi coronel de milicias e abastado proprietário na provincia.

Sua obra poetica é mencionada por Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico* I, ps. 232. — R. G.].

Na região, que monstros não reserva,
Vai ver auspícios da melhor Minerva.

Já me sinto elevar sobre as esferas
Desses nadantes mundos.
As orbitas já deixo, as atmosferas,
Desses Globos rotundos;
Já chego ao Ceo das nitidas Estrellas,
Aonde o Astro que invoco as faz mais bellas.

Tu me inspiras, benefica me inflammas,
Aurora Soberana.
Minha Alma toda electrizada em chammas,
Fervida e ufana,
Não teme de trazer fogo do Ceo,
Melhor que Richeman, que Prometheo.

Tu que na lente ustoria da malicia,
Voltar abrazadores,
Da popular prezumes impericia,
Os raios criadores
Da revelada Luz, encaminhante
Da razão sempre fraca e desvairante.

Tu agora mortal; que entorpecido
No orgulho do Atheismo,
Cerrando a vista, ensurdecendo o ouvido,
Segues um scepticismo;
Eu te obtesto, que attendas ao meu Hymno,
Verás nas obras um Author Divino.

Em duplice vertigem se movia
A machina do mundo (*),
E o ar, que a atmosfera lhe cubria
Movia-se segundo
As Leis de atracção e gravidade,
Que o Grande Pai lhe impoz da Eternidade.

(*) Dito por hypotese.

A opaca Lua, Satellite constante,
Os passos lhe seguia;
E á proporção, que ao Sol firme e distante,
Voltava-se, ou fugia,
Ora dias e noites se alternavam,
Ora as estações se transmutavam.

No grande e no pequeno se admirava
A Sabia Providencia;
O insecto, o Elefante, indicios dava
De tanta Omnipotencia,
Que de atomos formára os Elementos,
Principios de tantos mil portentos.

Da antiga noite desse cahos horrendo
Surgira de repente
Um theatro de prodigies estupendo,
Que transportava a mente;
Já toda a Natureza proclamára,
Um Deos Grande, que o plano lhe traçára.

Que linhas bem tiradas a infinito:
Do centro da materia!
Que luzimento aos Astros circumscripito
Na região etheria!
Que pezos graduados, que excellentes
Proporções, aos fins correspondentes!

Que solidos em fluidos nadantes
Opacos e sombrios,
Nos espaços, que Astronomos errantes
Supporiam vazios!
Que voões inflammados, d'onde os raios
Sabindo troam mundos de demaios!

Que depozito immenso e espantoso
De agoas e de neve?
Que alastrado granizo montuoso,
Que se sustenta leve,

Sobre os ares ramosos, d'onde os ventos
Ou resonam, ou surgem violentos!...

Mas, onde vás, o Musa, arrebatada
As nuvens traspassando?
Acazo em mar e terra authenticada,
Não podes ir mostrando
A mesma idéa da GRANDE OMNIPOTENCIA?
Que em tudo fez sellar sua Providencia?...

Abatte um pouco as azas, e observando
A esferoida figura
Da terra a que os mares rodeando,
Lhe formam a estructora.
Olha que admiravel symmetria,
Que engenhosa e sublime Geometria!...

Tu já te remontaste a essas Estrellas,
Agora aos fundos mares
Ah? desce a contemplar coisas tão bellas,
Como viste nos áres,
Olha como da Lua pelo isfluxo,
Bolindo estão as Ondas em refluxo!...

Ai, se ellas dormissem estagnadas,
Que males causariam!
Pelo Sol em vapores exhaladas
Tudo empestariam...
Mas, aqui vem Prometheo todo cansado,
Conduzindo o rebanro de seu gado.

Olha que vasto Imperio numerozo
De mudos differentes?
Ricas perolas, o aljofar precioso,
Corais mais excellentes,
Tudo se cria neste numido Elemento,
Que pasmo, que prodigio, que portento!

Porém que novo encanto me surprende!
Que vistas sobre a terra!

Que nova maravilha que transcende
Quantas Natura enierra?
Um Ente de mais alta dignidade
Eu diviso em quem brilha a Divindade.

Eu o vejo de aspecto magestoso,
Sublime e levantado,
De graças mil compendio volumoso,
Universo abreviado;
Que obra, não por instincto maquinal,
Mas por ordem de uma, Alma racional.

Eu o vejo absoluto Soberano,
Cuja voz dominante
Dispoem dos Astros, Ventos e Oceano,
Vejo que a turba errante
Dos animaes indoceis lhe obedece,
Que tudo aos seus desejos comparece.

Eu vejo em Campo deilicioso
De flores matizado,
Aonde destilla aroma especioso
Um cheiro delicado;
E as abelhas amigas da fragrancia,
Fabricam sempre meliflua abundancia.

Onde Ceres, Pomona, o seu thesoiro
Abrindo lhe offerecem.
E as ricas messes e os pomos de oiro
A um tempo madurecem;
Onde em fim sempre reina a Primavera,
E do Inverno o rigor já mais se espera.

Mas ai, que neste bello Paraizo,
Em fontes cristallino,
Lá tropeça no espelho de Narcizo,
E julga-se Divino:
Lá perde as graças, perde a formosura,
Ri-se a Serpente, e se abre a sepultura.

Plantar podéste em fim, monstro horrorozo,
Do Erebo a semente
No mesmo Coração, que respeitozo
Devêra obediente,
Adorar dentro d'Alma a Divindade;
Insuflando-lhe a tua vaidade.

Viste nelle as bellas excellencias,
Que orgulhosa perdeste,
E ardendo em zelos mil, em displicencias,
De um pomo te valeste,
Para inspirar desejos tenebrosos,
Que impedissem progressos gloriosos...

Porém... que aguarda a Urna dos Decretos
Do Soberano Ente!...
Mal pensaste os Arcanos mais Secretos
Mortifera Serpente...
Teus improbos prestígios, tua maldade,
Lá vão formar um triunfo á humanidade.

Eis, desce um Deos, que vem a humanizar-se
Victima da obediencia:
Eis, sobe o Homem já a divinizar-se
Nos braços da innocencia.
Olha de que esplendor, nova belleza,
Não se reveste a humana natureza!...

Mas que... do negro baratro appareces
De novo te arastrando,
Imperio, honras vãs que lhe offereces
De lá vens cogitando!...
Infando monstro a tanto t catreveste,
A teus DEOS E SENHOR tentar pudéste?...

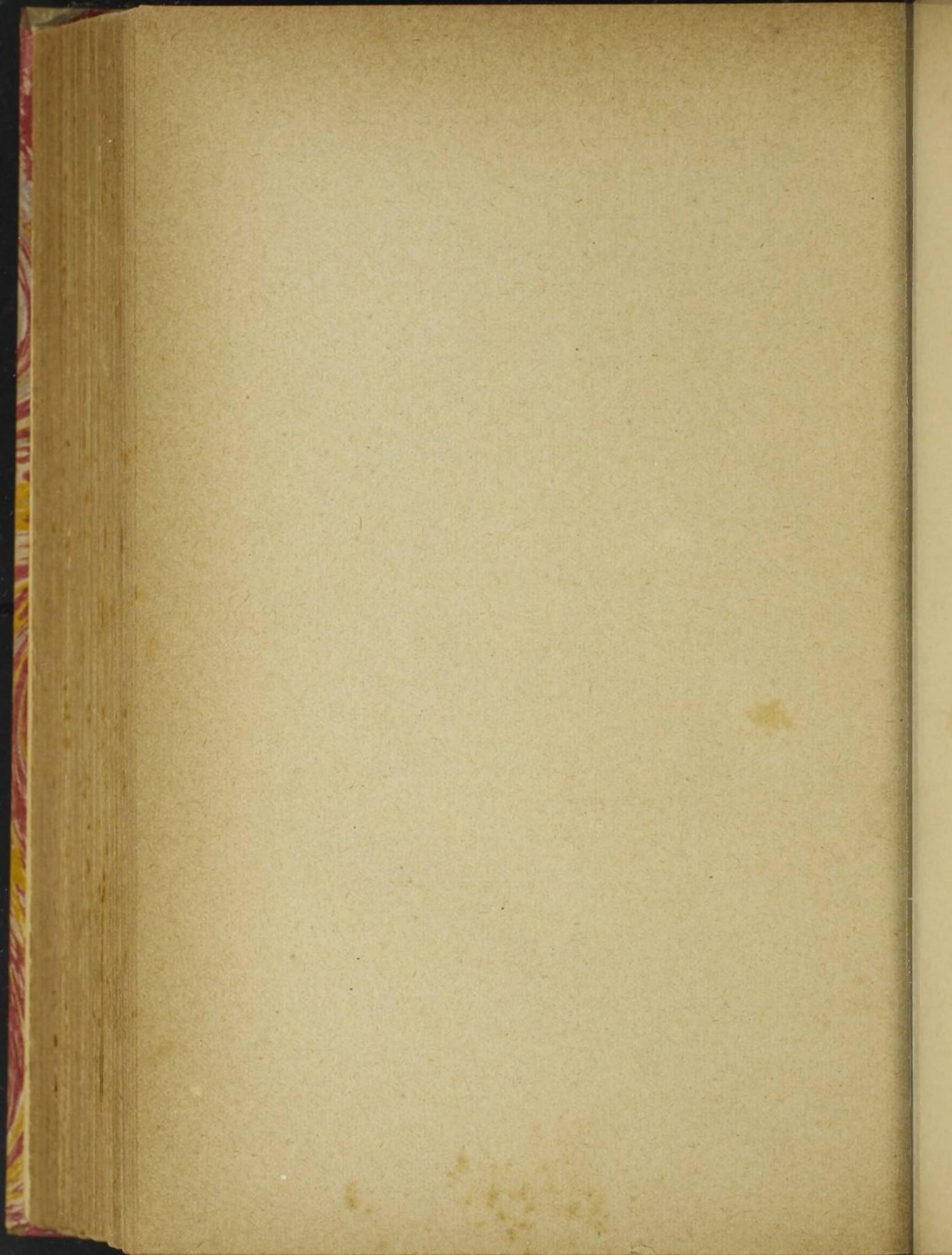
Não vês que em hypostatica Igualdade,
De um DEOS a Natureza,
Se uniu, por confundir-te, á Humanidade?
Vacillas na incerteza?

Ouve a repulsa... espera... não te espantes...
Está escripto em purissimos diamantes...

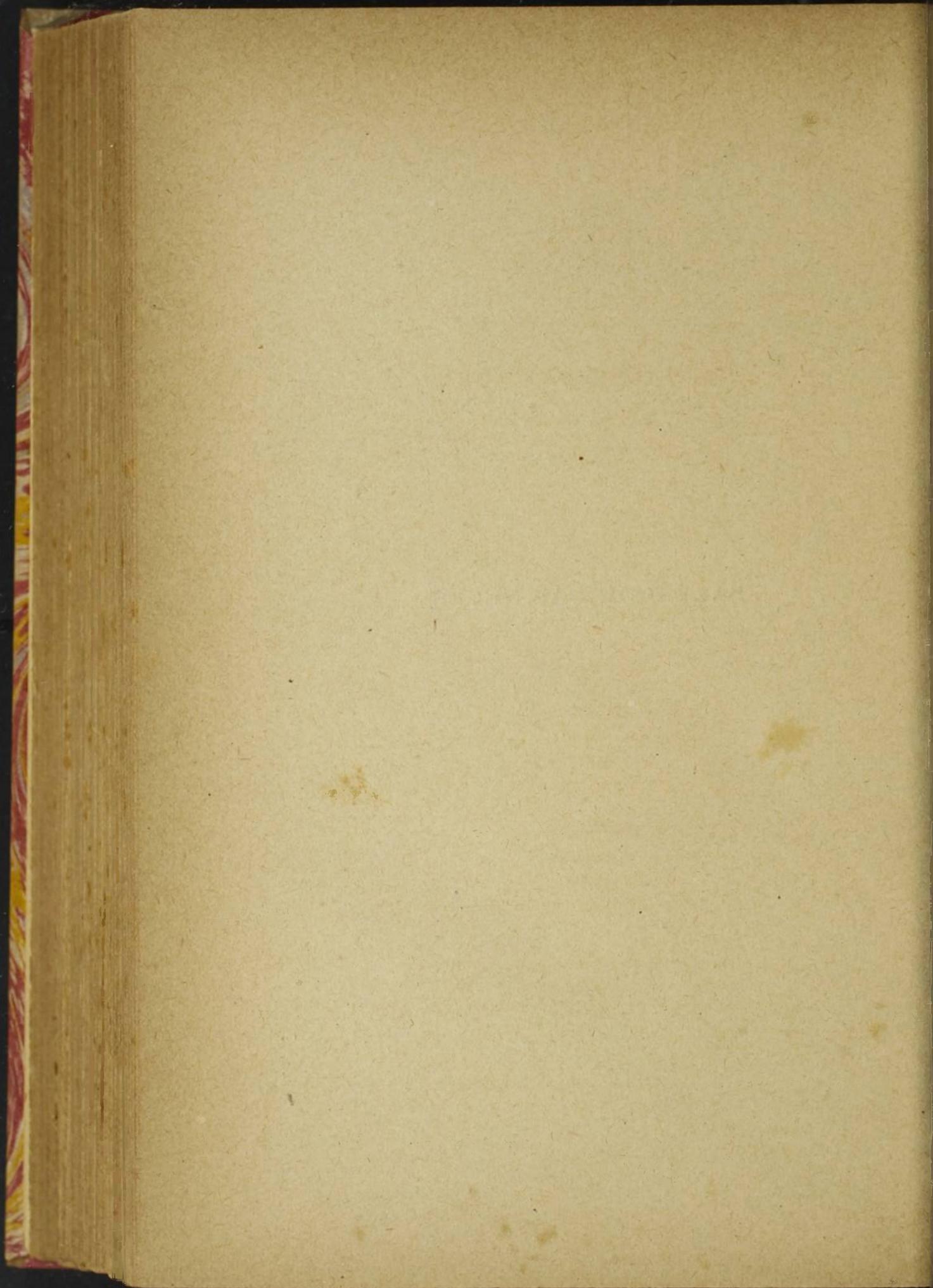
Fugiu, fugiu a Serpe exasperada,
Largando-lhe a victoria,
Mas, porque fosse a obra consumada,
Quiz por maior glória,
Que o Labaro da Cruz fosse arvorado,
E com seu proprio sangue rubricado.

Que assumpto para os Anjos!... DEOS ETERNO,
Que a tua Imagem bella
No PRINCIPE nos déste o Pai mais terno,
Que todo se desvella
Por formar as delicias dos humanos,
Ditosos lhe dilata os seus bons annos.

Sustenta-lhe, co'a Regia Investidura,
Os dons da Realeza;
Os dons de Sapiencia e de cordura,
Justiça e Fortaleza;
Porque nos desempenhe sempre grato,
Teu Grande Original de que é retrato.



SALVADOR DAS NEVES



(S)
Sta. de p.
Sec.
- B. G.
(S)
Pam. de
no. 1000

SALVADOR DAS NEVES

Natural do Recife

1816

Hymnos Sacros (*)

Deos vos salve, Excelso
Filho de David,
No Passo do Horto
De Gethsemani.

Nesse triste Passo
Começou Jesus
A obra, que vai
Consummar na Cruz.

Para nosso bem
Cheio d'afflicção
Fazia a Deos Padre
Fervente Oração.

[Salvador das Neves, pernambucano, viveu até cerca de 1826.
Sua obra poética conhecida é a que o Autor descreve.

Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, VIII, ps 191.
— R. G.].

(*) Damos somente, como amostra, estes ao Senhor dos Passos, deixando os outros, á Virgem do Rosario, juntos no mesmo folheto.

Para nos salvar
Bem se compromette
Entre as agonias
Do Monte Olivete.

Prompto o seu Espirito,
E sempre constante;
Sua carne enferma
Quasi agonizante.

Por nós derramou
Em grande effusão
Seu Sangue coado
Em transpiração.

Pelo vosso Sangue
Vertido no Horto;
Dais ás nossas almas
Da graça o conforto.

*

Deos vos salve, Filho
De Deos d'Abrahão,
No nocturnol Passo
Da vossa Prisão.

Divino José
Tão esclarecido
Por vossos Irmãos,
Já prezo é vendido.

Sois Templo animado,
Sois Arca dt Deos,
Entregue por ódio
Aos maos Filisteos.

David Sacrosanto
Entregue aos abalos

Das mãos dos seus mesmos
Rebeldes vassallos.

Affrontoso golpe
Por todos foi visto
Darem por desprezo
Na face de Christo.

Por que não seccaste
Sacrilega mão,
Como succedeo
A Jeroboam?

Prendei a minha alma
Sempre ao vosso lado
Para não cahir
Já mais em peccado.

*

Deos vos salve, Autor
Dos dias e noites,
No tremendo Passo
Dos crueis açoites.

Nesse horrivel Passo
Mandam que se puna
A Christo innocente
Atado á columna.

Os crueis verdugos
De Jesus raivosos
Lhe deram açoites
Os mais rigorosos.

Não são mais ferozes
Crueis leopardos,
Do que foram esses
Algozes malvados.

Qual manso cordeiro
Soffreu muitas dores
Por tantos cutelos
Dos seus matadores.

Do Sagrado Corpo
Já todo exangue
Por tantas feridas
Gotejou seu sangue.

Pela penitencia
Minha alma se una
Comvosco no Passo
Da forte columna.

*

Deos vos salve, ó Rei,
Entre desalinhos,
No amargo Passo,
Da Coroa d'espinhos.

Assim neste Passo,
Jesus Soberano,
Foi feito o opprobrio
Do genero humano.

Tolerou constante
O mais doloroso
Deliquio mortal,
Martyrio penoso.

Serrados seus olhos
De dor opprimidos,
Banhados em Sangue
Quasi amortecidos.

Sois nosso Divino
Grande Salomão

Mesmo no ultraje
Da vil e'roação.

Cubram-se de pejo
Os nossos semblantes
Pelas nossas culpas
A Deos aggravantes.

Pela gravidade
Dos vossos tormentos
Apartai de nós
Os maos pensamentos.

*

Deos vos salve, Christo
A todos notorio,
No tyranno Passo
Do falso Pretorio.

Perguntou Pilatos
Ao povo fallaz,
Qual queriam vivo
Christo, ou Barrabaz?

O povo insensato,
Tão maledicente,
Condemnou ao Filho
Do Omnipotente.

Todos os desprezam
Com más expressões,
Como a um objecto
De mil maldições.

Novo Mardoquêo,
Sem culpa, nem vicio
Condemnado á morte
Do féro supplicio.

Ferido e chagado,
Dos pés á cabeça,
Inda querem que
Seu tormento cresça.

Por essas palavras,
"Eis-aqui o homem"
Livrai-nos dos males,
Que aos povos consomem.

*

Deos vos salve, ó Justo,
Com culpas impostas,
No penoso passo
Da Cruz sobre as costas.

Se as portas de Gaza
Carregou Sansão,
Christo leva a Cruz
Para a Redempção.

Novo Eliacim
Ensanguentado
Carregando a chave
De David Sagrado.

Verdadeiro Izaac,
Para nós propicio,
Carregando o Lenho
Do seu sacrificio.

Vai todo em silencio
O homem de dores,
Qual ovelha entre
Os tosquiadores.

Tão desfalecido
Tristes Passos dá

O victorioso
Leão de Judá.

Qualquer de nós outros
Tome a sua Cruz;
Sigamos os Passos
De Christo Jesus.

*

Deos vos salve, ó Verbo
Divino encarnado
No ultimo passo
Já crucificado.

Pela luz da Fé
Contemplai e vede
O Justo Ismael
Morrendo de sede.

Divino Moysés
Com seccura e magoa,
Quem fez borbulhar
Dos penedos agoa.

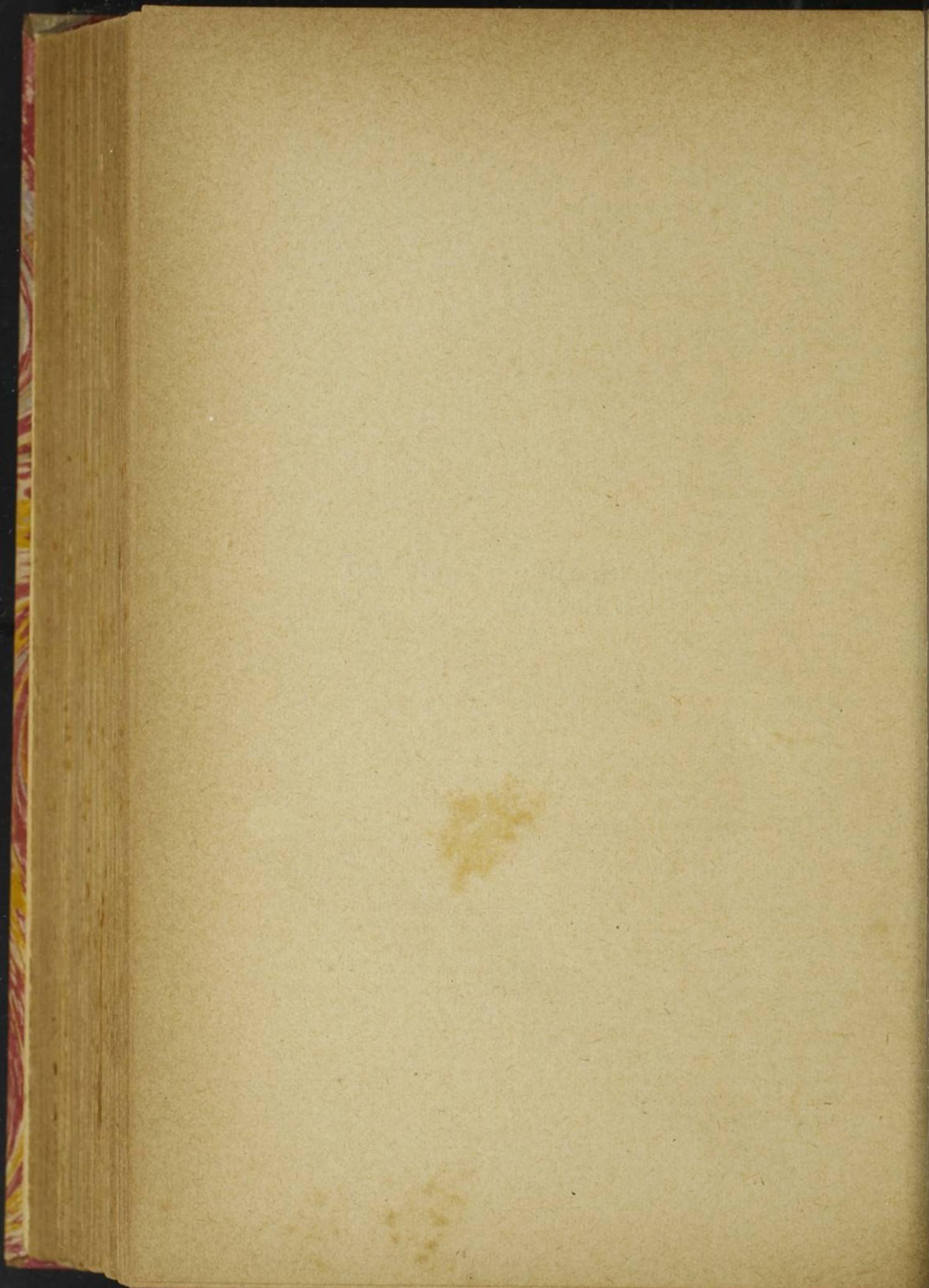
Com voz moribunda
Quasi intercadente,
Pelos inimigos
Orou geralmente.

Dos Seus tristes passos
Consummou o gyro
Na Cruz exhalando
O final Suspiro.

Eu fui que dei morte,
Por minha maldade,
Ao Filho de Deos
Com impiedade.

Deste Abel o Sangue
Pede com clamores
Só misericórdia
Para os peccadores.

**PAULO JOSÉ DE MELLO AZEVEDO
E BRITO**



PAL
De
Os
De
[Faint text, possibly a library stamp or title fragment]

PAULO JOSÉ DE MELLO AZEVEDO
E BRITO

Aos annos do Principe D. Pedro

Em de 12 outubro de 1820

Elogio

Na quadra em que o colono o premio aguarda
Dos vertidos suóres; quando baixam
Os íncolas do Olympo conversaveis
De Lysia aos Campos, que brilhante scena

[Paulo José de Melo Azevêdo e Brito nasceu na Bahia, em 1779. — Segundo Varnhagen, *História da Independência do Brasil*, ps. 359, era formado em Leis. Fêz parte, como vice-presidente, da Junta Provisional de governo da Bahia, composta, além dêle (pela Agricultura), do desembargador Luis Manuel de Moura Cabral, presidente (pela Cidade); deão José Fernandes da Silva Freire (pelo Clero); tenentes-coroneis Francisco de Paula de Oliveira e Francisco José Pereira (pelo Militar); Francisco Antônio Filgueiras e José Antônio Rodrigues Viana (pelo Comércio); bacharel José Lino Coutinho e desembargador José Caetano de Paiva Pereira, secretários; e tenente-coronel Manuel Pedro de Freitas Guimarães, comandante das armas. Essa junta tomou posse a 10 de feveiro de 1821 e governou até 2 de fevereiro do ano seguinte, quando foi substituida por outra. Havia ela tomado o partido das Côrtes portuguezas contra o Brasil, e mandou presos para Portugal a brasileiros como José Egídio da Barbuda Gordilho, Felisberto Gomes Caldeira, Antônio Maria da Silva Tôrres,

Os olhos arrebatada! Aqui nos hortos
 Verga Pomona ás arvores os ramos
 C'ò dôce pêso de corados fructos;
 Ali reluz por entre verdes parras
 O rôxo bago, que Lyeu criára
 Nos combros racimosos; além Céres
 C'os pães que enlourecêra alastra as eiras
 D'ellas em tórno o segador singelo,
 Singelos villancêtes modulando,
 Ora empunha o mangoal, ora o g'ravanço,
 Em quanto a terna espôsa, e a tenra prole
 Manejando a joeira o trigo estrema:
 Em longo fio da Collina désce,
 De cachos carregado o vindimeiro,
 Em números atados descantando
 Gratos louvores de Seméle ao Filho:
 Reina a abundancia, e co'a abundancia reina
 No sêio do colono alma alegria.

José Elói Pessoa, José Antônio da Fonseca Machado, major J. G. da Silva Daltro s outros.

Em defesa da lealdade de seus companheiros de Junta, escreveu e publicou Paulo José de Melo Azevêdo e Brito uma *Carta de Hum Membro da preterita Junta de Governo Provisional da Provincia da Bahia — Com hum appendice* (Armas portuguezas). Lisboa: Na Impressão de João Nunes Esteves. Anno 1822. — Rua dos Correeiros, n. 144. In-8.º, de 74 pp.; errata 2 pp. — Datada da Bahia, 22 de agosto de 1822, e assinada por Paulo José de Mello Azevedo e Brito. Essa carta é considerada um documento utilíssimo para a história dos sucessos então desenrolados na Bahia.

No Império, Azevedo e Brito foi deputado à Câmara temporária por sua província em várias legislaturas, e por último senador pela província do Rio Grande do Norte, nomeado em 15 de setembro de 1845, com assento em 6 de maio de 1846.

Era proprietário, veador da Imperatriz, e comendador da Ordem de Cristo.

Faleceu no Rio de Janeiro em 25 de setembro de 1848, sendo sepultado na igreja dos Terceiros do Carmo.

— Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, VI, ps. 362. — R. G.].

N'esta quadra opulenta em que os celícolas,
Como á porfia os campos enriquecem,
Do Troneo Bragancez, Lysia, tu viste
Brotar nos campos teus um novo Fruto,
Mais que todos gentil, mais prestadío:
Sálve, Lucina amiga, o Luso Pôvo
Por Dom tão rico graças mil te rende.

De exquisito donaire ataviada,
Tithónca hoje se ergueu do niveo leito,
Risonha abrindo ao Pai e'os róseos dedos,
As claras portas do cheiroso Oriente.

Sálve, Fructo adoravel, firme abono
D'Arvore amosa, d'Arvore Sagrada,
Que Lysia ampara, que o Brazil abriga,
Co'a vicejante magestosa Cópia:
Sálve Próle de Reis, que aos Reis da Terra
Inveja foram, foram Nórte e Rumo
Na de Póvos reger arte sublime.
Do Vate a mente no Appolineo arroubo,
Éras invade, arcanos descortina,
Fórça os umbraes do carranculo Fado,
Abre o férreo volume, e lê Futuros!
Espelha-Te no Pai, fiel transumpto
Dos Claros Seus Avós, João reúne
A cópia ingente das Reaes Virtudes,
Que os fez do Mundo assembro, e amor dos Lusos:
Quaes Elles foram, Tu serás um dia.

Eia, exulta, Brazil, ditosa plaga,
Que em teu opímo juvenil regaço,
Tal Fructo, antes Thesouro, agora encerras!

Debaixo d'outro Céu a luz primeira
O Regio Fructo viu; auras Celestes,
Dôces orvalhos, adequados succos,
Ali belleza e nutrição Lhe deram:
Mas o Braço invisivel, que do nada
Tirou os Orbes, e immutaveis regras

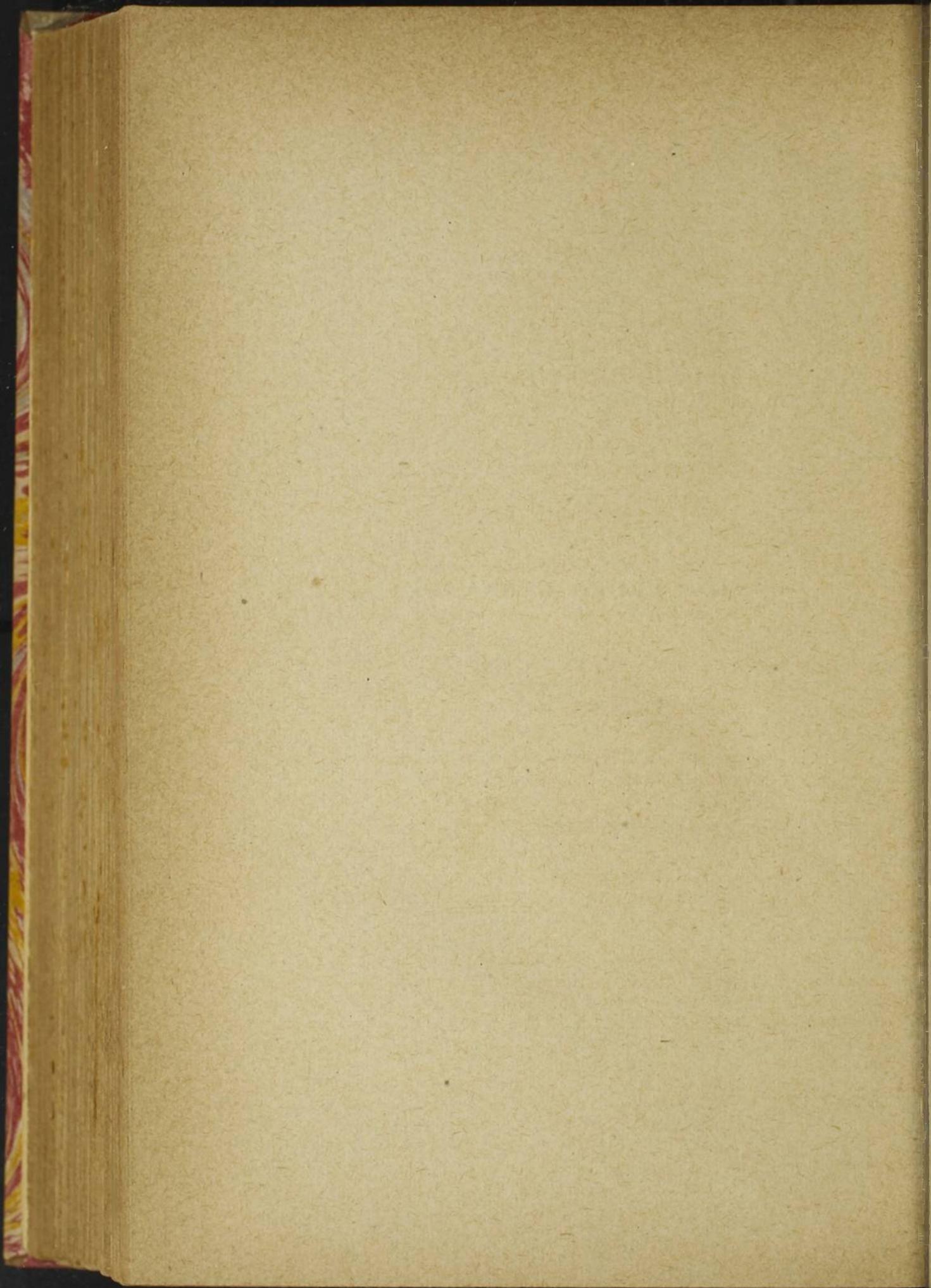
Aos Orbes prescreve; ante Quem dóbra
Quanto é feitura Sua, não consente,
Que o chão fecundo que nascer O vira,
O veja sazonar; essa ventura,
Região de Cabral, a ti foi dada!

N'esta do novo Mundo porção larga,
Com a qual foi tão pródiga Natura;
N'este terreno que no plaustro de oiro,
C'os raios verticaes Phebo visita;
Onde o Sexto João, o Pai da Pátria,
O Grande, o Pio, o Compassivo, o Justo,
Lançou eterna base a Throno eterno
Verão os filhos nossos, nossos nêtos
Reinar o Excelso Pedro, e a Stirpe sua.
Do Augusto Pái altas lições bebendo
Leis na Terra dará dos Céos trasidas,
E as Éras de Saturno fabuladas,
Hão de Verdade ser reinando Pedro.

De remótos dominios, de conjunctos,
Contino affluirão Póvos e Póvos,
Guarida procurando em Seus Dominios:
Nações hão de almejar Sua alliança;
Para seu Rei, Nações hão de querl-O;
E o Mundo tem de ser de Pedro o Imperio.

Príncipe Egregio, os cem Clarins da Fama,
Hão de cançar, Teu Nome pregoando;
Sobêjo assumpto aos que perfilha Apollo,
Irás dando, Senhor, até que nasça
Novo Camões que Te arrebate aos Évos:
Qual é Teu Coração, sereno e puro;
Qual Tua Mente, luminosa e vasta,
Tal seja a têa que Te fie Clotho!

JOSÉ PEDRO FERNANDES



1811
de 1811
de 1811
Secretaria
Cavalho
para N
—
Chapman

JOSÉ PEDRO FERNANDES

Ao regresso de Pedro 1º da Bahia

(Abril de 1826)

Nos braços da indolencia não se nutrem
Homens, quaes Deoses, que de espaço a espaço
Vem, combinando tempo, e circumstancias,
Dar novo arranjo ao quadro do Universo,
Fazer uteis, activas, productoras
Massas estereis de existencia inhabil.
Só de esforçadas, colossaes fadigas
Brotá possante o celebre renome
Dos grandes Genios, que rompendo ousados
Cerrada turma de apinhadas trevas,
Em Chefes de Nações, ás Nações deram
Força, Grandeza, Liberdade, e Glória.

Mas onde esses Heroes! Acaso existem?
Das lousas sepulcraes resurgiriam

[São ignorados os precedentes dêsse poeta. Em 23 de agosto de 1823 foi nomeado official da Secretaria de Estado dos Negócios do Império; em 30 de setembro de 1829 passou a official-maior da Secretaria do Senado; em 26 de julho de 1841 teve o título de Conselho. — *Documentos biográficos*, Secção de Ms. da Biblioteca Nacional, C. 222-9 e C. 1025-40.

— Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, V, ps. 117/118. — R. G.]

Lucidas Phases do Romano Imperio?
 Tomariam talvez nova existencia
 Gregos, Latinos, venerandos feitos?
 Veremos renascer os aureos tempos,
 Em que Tito deu Leys, deu Leys Aurelio?
 Não que do tempo a roda não desanda;
 Porém novas acções, portentos novos,
 D'esse antigo esplendor o brilho eclipsam.

O Imperio do Brazil nas Mãos de Pedro
 Abriu principio de épocas sublimes.
 Entre os Gigantes dous, entre os dous Rios,
 Cancellos que lhe poz a mão do Eterno,
 Avassallada a furia das revoltas,
 Sobre extenso horisonte relampeiam
 Dias sem mancha em seculo de assombros.

Lá vejo a Primogenita briosa,
 Da audacia de Cabral trofeo primeiro,
 Mal podendo suster commoções d'alma
 Fervido impulso de prazer supremo.
 Apertar contra o peito, contra os labios,
 Cobrir de ternas lagrimas de gosto
 A bemfeitora Mão, que soube dar-lhe
 Existencia de Heroes. Patria sem ferros.
 Lá ouço o som dos eccos repetindo:
 "Eis-Me entre vós: Sou Grato aos vossos feitos
 "Eis-Me entre vós: falai-Me com franqueza;
 "O vosso Defensor Ha de Attender-vos.
 "Os votos do Brazil são os Meus votos."
 Lá sinto um terno Adeos... Breve que fosse
 Tem azedume tal... Nós o provamos:
 Embóra o coração guardasse a imagem....
 São quasi morte ausencias tão sentidas.

Mas nova scena em extasis me enleva!
 Eis o momento suspirado ha muito:
 Eis outra vez nas margens do Janeiro
 O Terno Amigo, o Defensor da Patria,

A doce Mãi do Brasileiro Povo,
E a Princeza gentil delicias nossas.

O Amor, a gratidão, o gosto, o instincto
Ao jubilo geral dão largo impulso.
Livre expansão do ardente enthusiasmo
Na voz, no gesto, nas acções, e em tudo
Magica verte deleitoso encanto.

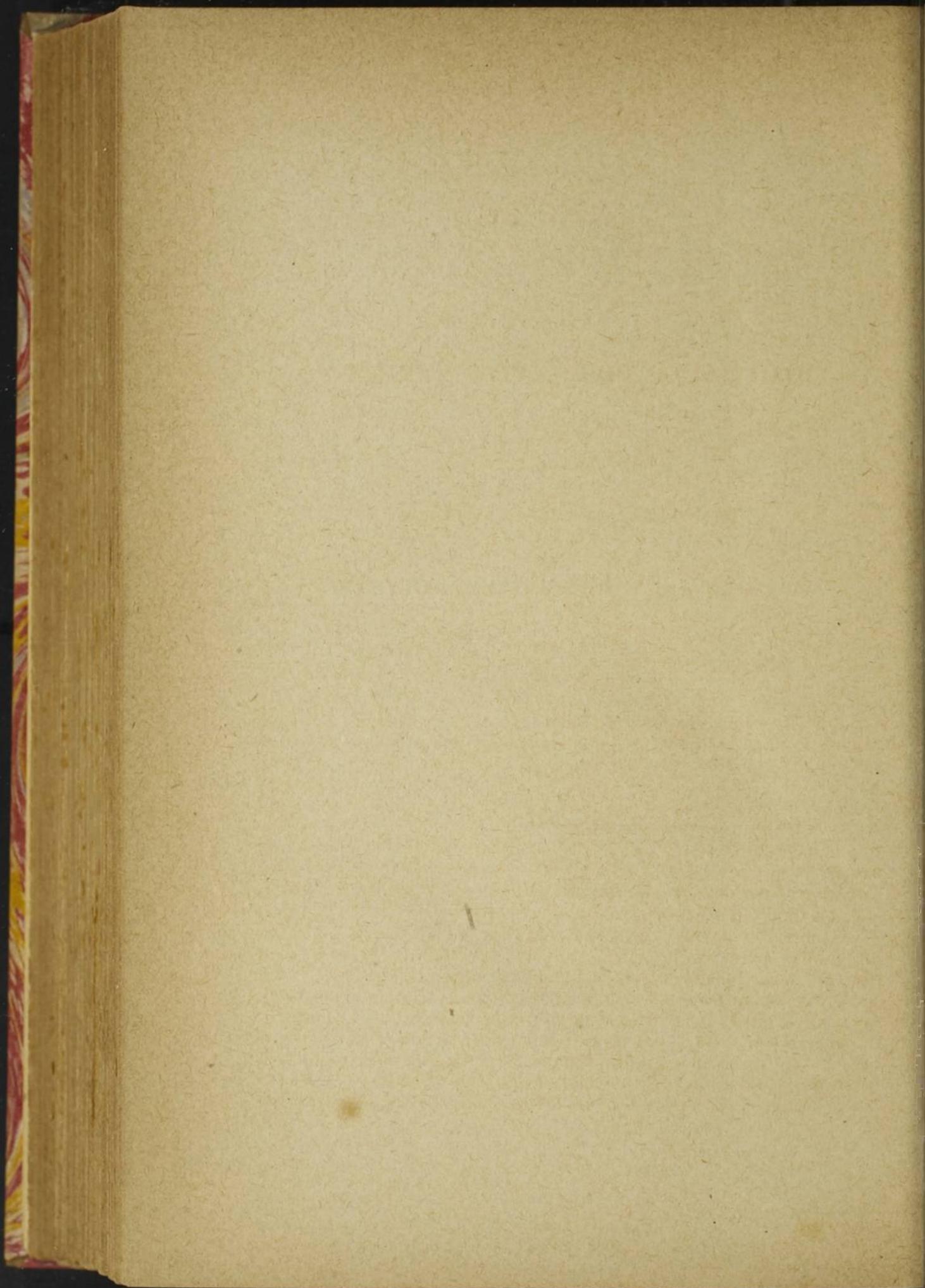
A pura, a verdadeira Libertada
Foragida de um Mundo turbulento,
Onde licença atroz, porção do Inferno,
O nome lhe infamou por varias fórmãs,
Fugiu para o Brazil, veio asyllar-se
No codigo immortal das Leis de Pedro
A salvo do naufragio e das tormentas,
Já vê sem susto acapellar-se ao longe
O pavoroso mar, em que rebramam
Vagas ferozes de paixões sem freio.
Já sente a salvo o retinir dos ferros,
Dos ferros por mil vezes preparados,
Em vituperio seu, mesmo em seu nome.

Nestas, sem termo, deleitosas Plagas
Os fóros da Razão não sofrem jugo.
Prole celeste da moral dos Numes,
Contente o coração gosta entre os risos,
Serenos risos de um Governo affavel
Aqui não vemos disfarçados Lincees
Segredos prescrutar nos seios d'alma,
E em falha a sedições, que denunciem,
Sedições extrahir da propria mente,
Só a fim de lucrar um pouco de ouro,
No vil salario da perfidia horrivel;
Ou talvez por fartar brutal vingança,
Vertendo o sangue de innocentes peitos.
Aqui não freme o ronco das procellas,
Que tem de mil Nações cavado a ruina:
Aqui perpetuos bens meigos adoçam

Agros destinos, turbida existencia.
A voz da intriga, o incenso da lisonja
Não arde, não troveja aos pés dos Sólido,
Nem as trevas do engano alli transformam
Serviços em traições, virtude em crimes.

O Genio protector, que nos defende
Nunca retorce da carreira illustre,
Que do Emprego sublime o grão Lhe marca;
Docil, e prompto no outorgar dos premios,
Sómente é tardo ao desfechar dos raios.
Inda nas crises de apurados lances
Não soube vacillar, tremer não soube,
Arduos projectos, que traçou na mente,
Pôde sempre ao seu fim levar sem custo
Impossiveis não vê, tudo Lhe é facil.
Sempre incansavel, desvelado sempre.
Fez abrolhar no solo Brasileiro
Todos os dons, os elementos todos
Da Gloria, do Heroismo e da Fortuna;
Fez tremular ovante e respeitado
O auriverde Penção da Patria nossa;
Fez, finalmente, neste vasto Imperio
Ver um Povo feliz no amor do Throno,
E um Monarca feliz no amor dos Povos.
Cidadãos, exultai! O Augusto Movel
De todos esses Dons, de Assombros tantos;
O Grande Pedro, o Fundador do Imperio,
Já respira outra vez sobre estas margens.
Cidadãos, exultai! É nosso: é nosso.
Eil-O comnosco.

JOÃO PAULO DOS SANTOS BARRETO



[Faint, illegible text visible on the right edge of the page, possibly from an adjacent page or a bleed-through.]

JOÃO PAULO DOS SANTOS BARRETO

Elogio

(Ao mesmo assumpto antecedente)

Se o tumido, vastissimo Oceano,
Grato recebe as copiosas ondas,
Qu' o Soberbo Amazonas, e que o Prata
Em feudo perenal nelle derramão,

[João Paulo dos Santos Barreto nasceu no Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1788. Seguiu a carreira das armas, com praça de soldado em 1807, no Regimento de Artilharia da cidade, recebendo logo a graduação de sargento. Em 17 de dezembro de 1808 foi promovido a segundo-tenente do mesmo Corpo, então chamado Regimento de Artilharia da Côrte. Suas sucessivas promoções até o posto de brigadeiro, em 12 de setembro de 1837, constam de sua fé de ofício e mais papéis que lhe dizem respeito, — *Documentos biográficos*, Secção de Ms. da Biblioteca Nacional, C. 162-5, C. 725-74 e C. 1025-42.

Completo o curso da Escola Militar da Côrte em abril de 1821. Fêz parte da expedição enviada do Rio de Janeiro para debelar o movimento republicano de Pernambuco, em 1817. Em 1831 foi comandante do Batalhão de oficiais, formado na Côrte para salvaguarda do trôno e das agitações reinantes. Foi ministro da guerra em 1835 e em 1846; em 1840 comandou em chefe o exército em operações no Rio Grande do Sul. Por duas vêzes teve assento na Assembléa Provincial do Rio de Janeiro e em 1845 foi deputado à Assembléa Geral. Teve comissão na França e em

Ah! Não regeita por mesquinho, e pobre
 O tardio re'ato, que submisso
 Tributo vai prestar-lhe reverente.
 D'est'arte, Inelito Pedro, o vate implume
 Se remontar não pode a Phebo ignifero,
 Rasteiros vôos ensaia ao bifendido
 Sagrado Monte, habitação das Musas.
 Oh qu'assumptos não vejo magestosos
 Para ingente Epopéa e altiva Historia!
 Vejo abaladas na caduca Europa
 Da Mole Social vetustas Bases,
 Em quanto assoma no Brazil ovante
 Magestoso Edificio, obra de Pedro.
 Vejo na Terra de Cabral famoso
 Novos brotarem venturosos dias
 Que vão de Rhea os dias memorando:
 Vejo (Oh Prodigio!) o Joven Sublimado
 A gloria escurcecer do Heroe, que outrora
 Na Plaga Boreal seu Nome teve.
 Se tanto fulguron o Etesio Pedro,
 Só porque soube Sabias Leis dictando,
 Florente Imperio transmittir, que herdára;
 Se pôde em fim ganhar de Grande o Nome:
 Qual seja, Clio diz, qual nome pode
 Convir a tanto Heroe, convir a Pedro
 Quando no abismo quasi despenhado,
 O convulso Brazil hia á sumir-se,
 Quando das Serpes a cabeça horrenda
 Pestilente veneno vomitando,
 O dente estragador lhe morde o peito,
 Quando affrouxados, rotos os ligames,
 Em partes dissolvido o Grão Colosso,

Portugal. Era marechal do Exército, doutor em Matemática, do Conselho de S. M. o Imperador e fidalgo cavaleiro.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 1 de novembro de 1864.

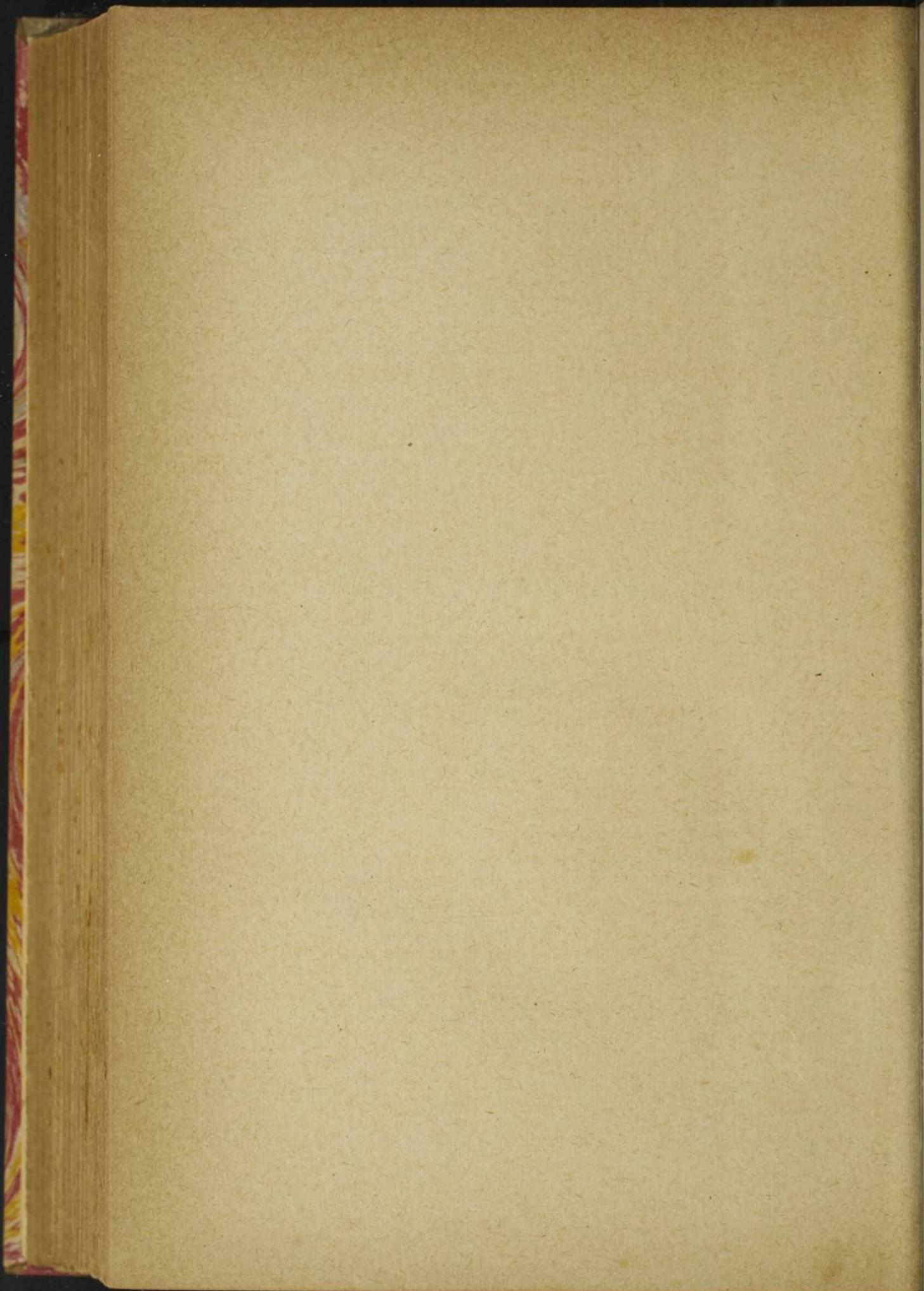
— Conf. Joaquim Manuel de Macedo, *Revista do Instituto Historico*, XXIX, parte 2.^a, ps. 417/421.

Sua bibliografia em Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, IV, ps. 16. — R. G.]

Gigantesco Brazil tocava o termo,
Eis surge Pedro, de Mavorte Alumno,
Forrado o Peito d'aço, o sabre em punho,
Arrojando p'ra além dos Mares bravos
As inimigas, sacrilegas cohortes;
Qual Santelmo que traz a Náo do Estado
Bonança perenal, serenos dias
Surge do Abismo, surge da Discordia
O radiante, magestoso Solio,
Que Nascimento e Gratidão lhe outorgam:
Alça o Brazil a frente triunfante
Em Pedro encontra Divinal Arrimo.
Sopra-lhe vida, Marca-lhe a carreira,
Que em breve percorrendo á meta chega.
Não cessa Pedro de benigno a dextra
Solicito estender. Não murcha a planta
Se de sabio cultor a mão a ampara.
D'est'arte assomam lucidos dictames,
Brotam as Artes, vingam as Sciencias:
Cede Neptuno o Reino Cristalino
Á dura quilha d'Argos renascida:
Marte abandona os campos devastados
Da prisca Europa, vem firmar seu trono
No fertil solo do Brazil benigno;
Bravos Alumnos, que Belona adestra,
D'envolta a morte com seus golpes mandam
Contra os infidos, horridos Titanes,
Que serros sobrepondo a altivos serros,
Sacro Olympto escalar ousam protervos.
Que mais pode outorgar fagueiro Nume?
Não tem doce Penhor na Prole Augusta
Concedido ao Brazil Jove Potente?
Não vemos congregados Nomothetas
Ardendo em zelo santo as Leis traçarem
A pár das Normas, que dictára Pedro,
Não vai doce conforto aos caros Póvos
Qual Nume tutellar prestar Amigo,
De Bóreas e Neptuno despresando
Rijas procellas, sibilantes sópros?

Não vemos'.... Musa, basta qu'altos feitos
Cantar só podem Vates, que libando
D'Aganype o licor sacro e prestante,
Sonoroso clarim de Pindo embocam.

PEDRO JOSÉ DA COSTA BARROS



PEDRO JOSÉ DA COSTA BARROS

CANTATA

(Imitação da de Dido)

Aos annos da Imperatriz Amelia, em 1830

Já Nieteroy buscava branquejando
A suspirada Brazileira frota;
Mostrando a furto o pavilhão dourado,
Que ora travessos ventos escondiam:

[Pedro José da Costa Barros nasceu em Santa Cruz do Aracati, Ceará, em 7 de outubro de 1779, filho do mestre de campo Pedro José da Costa Barros, português, e de D. Antônia de Souza Braga, pernambucana.

Matriculou-se na Universidade de Coimbra, Filosofia, em 30 de outubro de 1797 (obrigado), e Matemática, em 5 de outubro de 1798 (obrigado). — *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra*, n. 478.

Foi militar e alcançou os postos da carreira até o de tenente-coronel de artilharia; presidiu as províncias do Maranhão e do Ceará, e foi senador por essa última província desde a instalação dessa Câmara, nomeado em 22 de janeiro de 1826.

Faleceu no Rio de Janeiro em 20 de outubro de 1839.

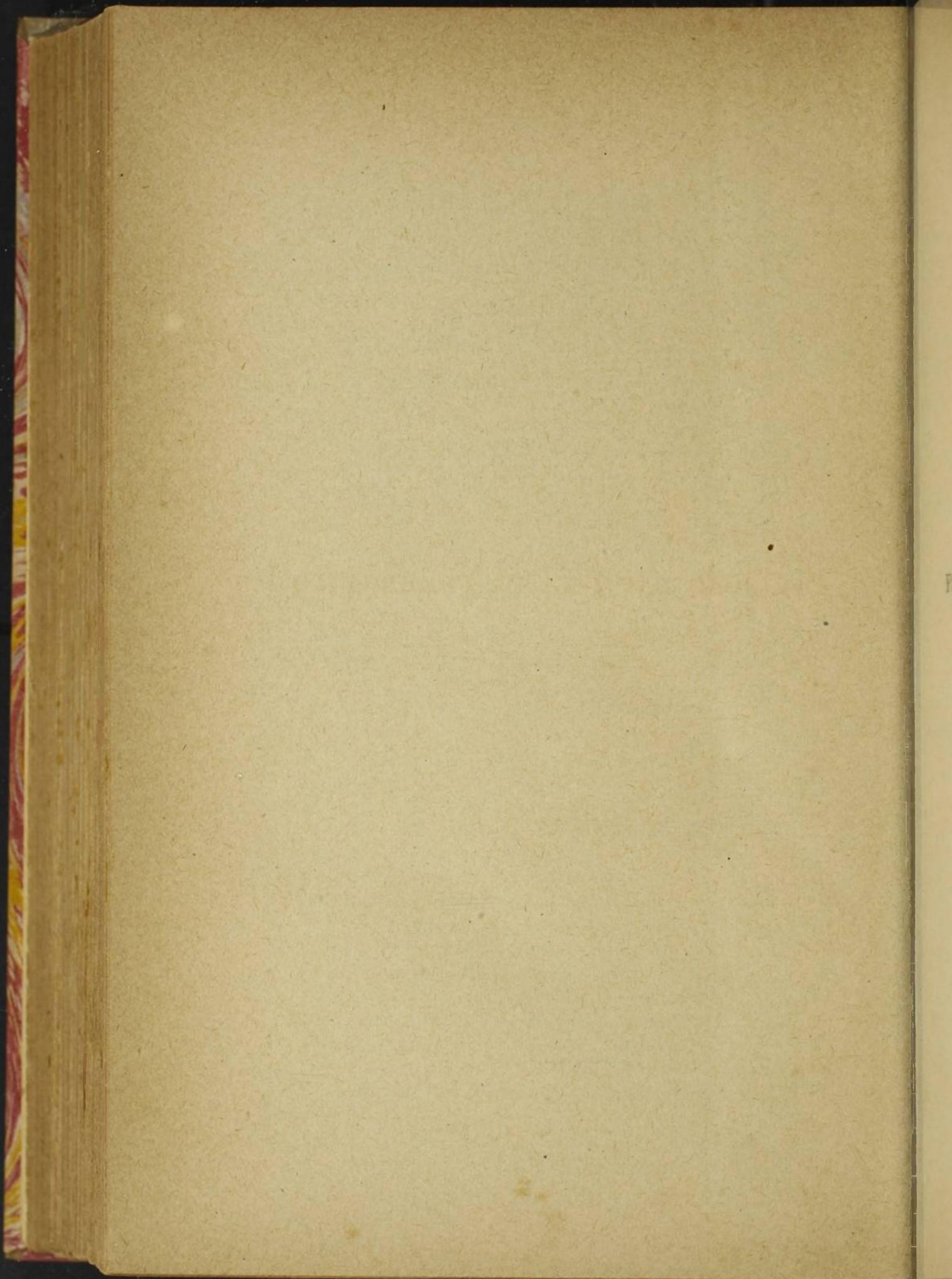
— Suas biografia e bibliografia in Barão de Studart, *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*, III, ps. 32/17, Fortaleza, 1915. — R. G.].

Raivoza, mais que Dido
 Turva-se a Inveja, morde-se ululando:
 Co'as serpes atirar em vão procura
 Ao Brasileiro Encas:
 Apinhada nas ruas, e nas praças
 A Brazilica gente se apresenta;
 Corre em ondas á praia ha pouca nua,
 Té tocarem co's pés na praia as ondas:
 Muitos das altas grimpas
 Das Cathedraes soberbas
 Roubam, sem susto, ou medo, o pouzo ás aves:
 Na morte e no sepulcro
 Ali não se imagina:
 Perdem-se estas ideas como ás cinzas,
 Que o vento leva, que dissipa ás vozes,
 Á mais formozza, do que o fôra Elisa,
 Á Amelia igual aos Numes
 Já Nieteroy prepara,
 Outr'ora esmorecida,
 Queimar-Lhe incensos, erigir-Lhe altares.
 A classe inferior do Povo as taças
 Enche do rubro vinho,
 Que em fido sangue corre a converter-se.
 Já de prazer delira
 O amavel sexo lindo;
 A madeira subtil desentrançada
 Sem arte aqui, ali, prende sem tino.
 Do Regio apozento
 Sae a buscar a amante,
 A Esposa enternecida.
 De Saudade esquecendo as agras queixas,
 O Grande Imperador, que os Céos mostraram,
 Para bem do Brazil, d'onde pendentés
 Todos os Fados seus se descobriram:
 Conquistou-nos amor; não dura espada;
 Para reger-nos, Pedro, ah! não arranca
 Jamais ferro oppressor d'aurea bainha:
 Seu Paternal amor mais penetrante
 Dou alma ao seu Dircito, ás Leis deu corpo.

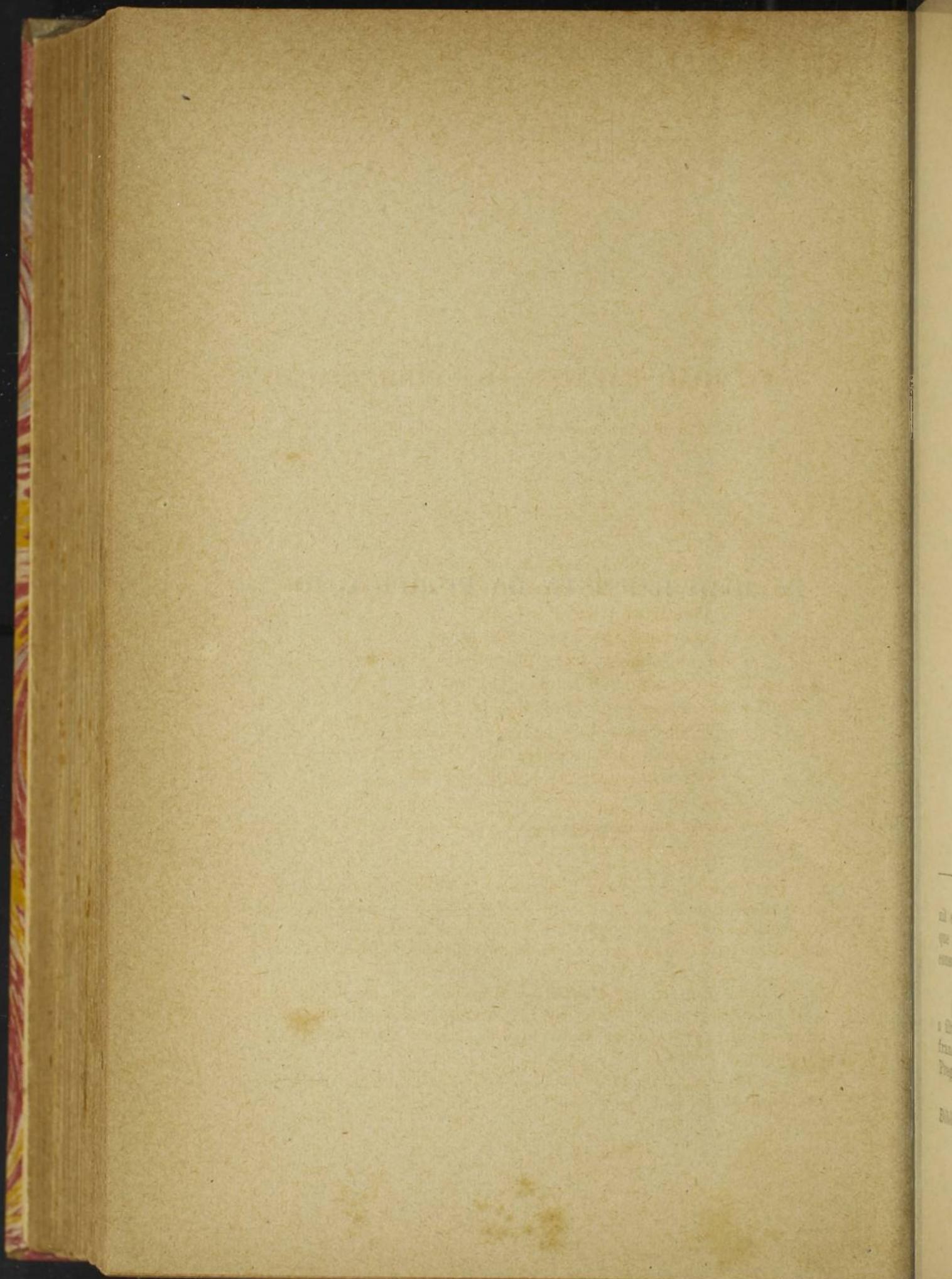
Já se avistam: nos labios murmurando
A amoroza expressão das linguas salta;
Ao ver de Pedro as faces rociadas,
Se esquecem de Munich aureas columnas:
 Amelia sente erguer-se
Dentro do Coração da Dita o leito:
Quando aos olhos do Espozo os Seus levanta,
 Do Espozo dão-lhe os olhos
Mais prazer, do que der a Dido a malha
 Do infiel Dardanio.

Esta scena de amor se repete
Entre os vivas do Povo, entre os accentos,
Que por todo o Brazil inda voando
Hão de sempre escutar-se: assim se ouviram:

Feliz Consorcio!
Ditozos Laços!
Que Amelia guias
De Pedro aos braços:
Teus claros dias
Eternos sejam.
Ao novo Imperio
Hoje asseguras
Mil bens presentes,
Ditas futuras.
Discordia bruta
De nós já fuge;
Da paz os mimos
Gozamos hoje.
O Par mimoso,
E Magestozo,
Que d'alta gloria
Um Deos premêa;
Já da Memoria
A clara vêa
Sulcando vai.



Fr. JOÃO BAPTISTA DA PURIFICAÇÃO



Fr. JOÃO BAPTISTA DA PURIFICAÇÃO

Da Provincia de Santo Antonio do Brasil (*)

(A Antonio Joaquim de Abreo, em 1815)

Deosas do Pyndo, placidas Camenas,
Que promptas florejaes-me a branda rima,
Cedei-me a Lyra eterna,
Que ao Luso Cysne déstes,
Para ao som modular dos aureos fios
O grato nome do Cantor Divino.
Flammifero vapor nas debeis fibras,
Serpeando embellece o frouxo alento
De um estro entorpecido:
Sôe em meu ronco peito
A linguagem Febea, a voz dos Numes
Troveje nas canções, que sagro ao Vate.

(*) Não temos toda a certeza de que fosse nascido no Brazil este religioso; mas, na dúvida, preferimos publicar esta ode, que recommenda o seu estro; e rogamos a quem esteja no caso de consultar os archivos da ordem de averiguar delle a naturalidade.

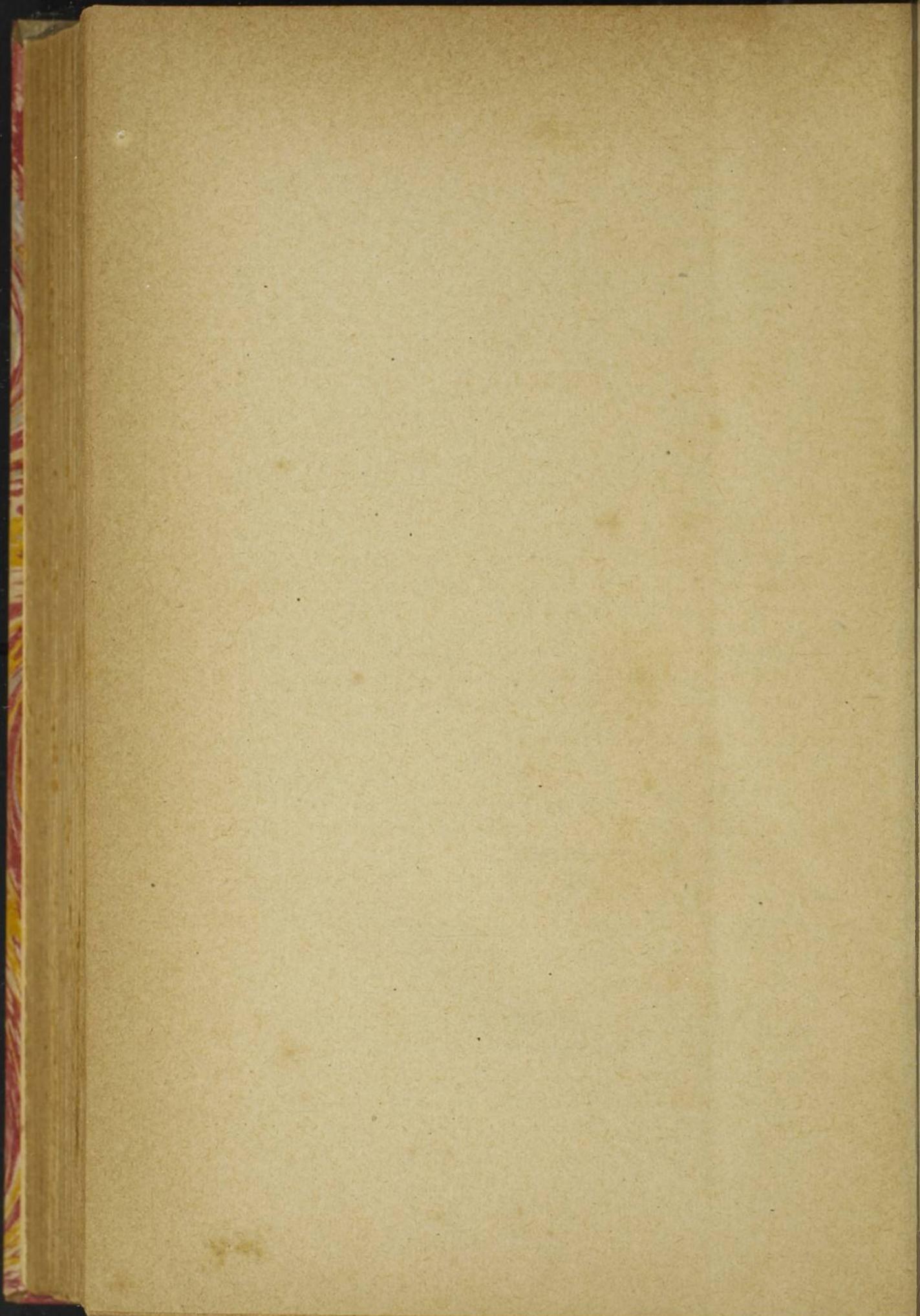
[João Batista da Purificação nasceu em Pernambuco entre o último quartel do século XVIII e o primeiro do seguinte. Foi franciscano professo no Convento de Santo Antônio do Recife. Pregador e poeta.

— Sua bibliografia resume Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico*, III, ps. 350/351. — R. G.].

Não fito as vistas da ambição grosseira
 Nos amplos cofres, que a Fortuna encinta,
 Meu genio não se ufana
 Pelo vil interesse,
 A candida amizade é quem só tenta
 Do pobre alvergue requintar-me o vôo.
 Transposto ao cume do Heliconeo monte
 O sabio Ontanio, cuja fronte excelsa
 Crystalisa a corrente
 Da limpida Hypocrene,
 Cinge o loiro, no Menalo cortado
 Por mãos das Graças, que lhe fervem n'alma.
 Faisca o Metro, que se estende aos Evos,
 Ao tardio Porvir com gloria tanta,
 Que a Gigantea Diva,
 Deslisando as areias
 De remotas Nações, fará que echôe
 No brado universal, que vota em prêmio.
 Tão galante expressão, tão linda fraze
 Não doira os versos, que adorára Esmyrna
 Ness' Aguia do Permesseo
 Por quem o Macedonio
 Entre Marcias Phalanges suspirando
 A sorte almeja do guerreiro Achilles.
 Aprosada invenção, que o gosto espanca,
 Não lhe rouqueja o Canto sonoro,
 Assombrosa harmonia
 Lhe ameiga a voz canora,
 Ideias immortaes concebe a mente
 Nos floreo squadros, que o Universo admira.
 Não mais, Musas não mais; guardai-me a Lyra,
 Que de aljofar me destes enfeitada
 Para louvar d'Ontanio
 O nome venturoso,
 Entalhado por vós em jaspe fino
 A par de Mantuano e Venusino.

FIM DO FLORILEGIO

INDICE



ÍNDICE

	<i>Pags.</i>
<i>Prefação, do A.</i>	7
<i>Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha</i>	9
Notas do A. e de R. G.	11
Obras	11
<i>José Elói Ottoni</i>	27
Notas do A. e de R. G.	29
Obras	29
<i>Vicente da Costa Jeques [Taques]</i>	53
Notas do A. e de R. G.	55
Obras	55
<i>Frei Francisco de P. de Paula de Santa Gertrudes Magna</i>	61
Nota de R. G.	63
<i>Manuel Ferreira de Araujo Guimarães</i>	83
Nota de R. G.	85
Obras	85
<i>Francisco Bernardino Ribeiro</i>	91
Nota de R. G.	93
Obras	93
<i>Luis Rodrigues Ferreira</i>	101
Nota de R. G.	103
Obras	103

	<i>Págs.</i>
<i>Francisco Ferreira Barreto</i>	115
Nota de R. G.	117
Obras	117
<i>Antônio Augusto de Queiroga</i>	135
Nota de R. G.	137
Obras	137
<i>Gaspar José de Matos Pimentel</i>	143
Nota de R. G.	145
Obras	145
<i>Manuel Alves Branco</i> (Visconde de Caravelas, 2.º)	149
Notas do A. e de R. G.	151
Obras	151
<i>Domingos Borges de Barros</i> (Visconde de Pedra Branca)	169
Notas do A. e de R. G.	171
Obras	171
<i>Francisco Adolfo de Varnhagen</i>	225
Notas do A. e de R. G.	225
Obras	225

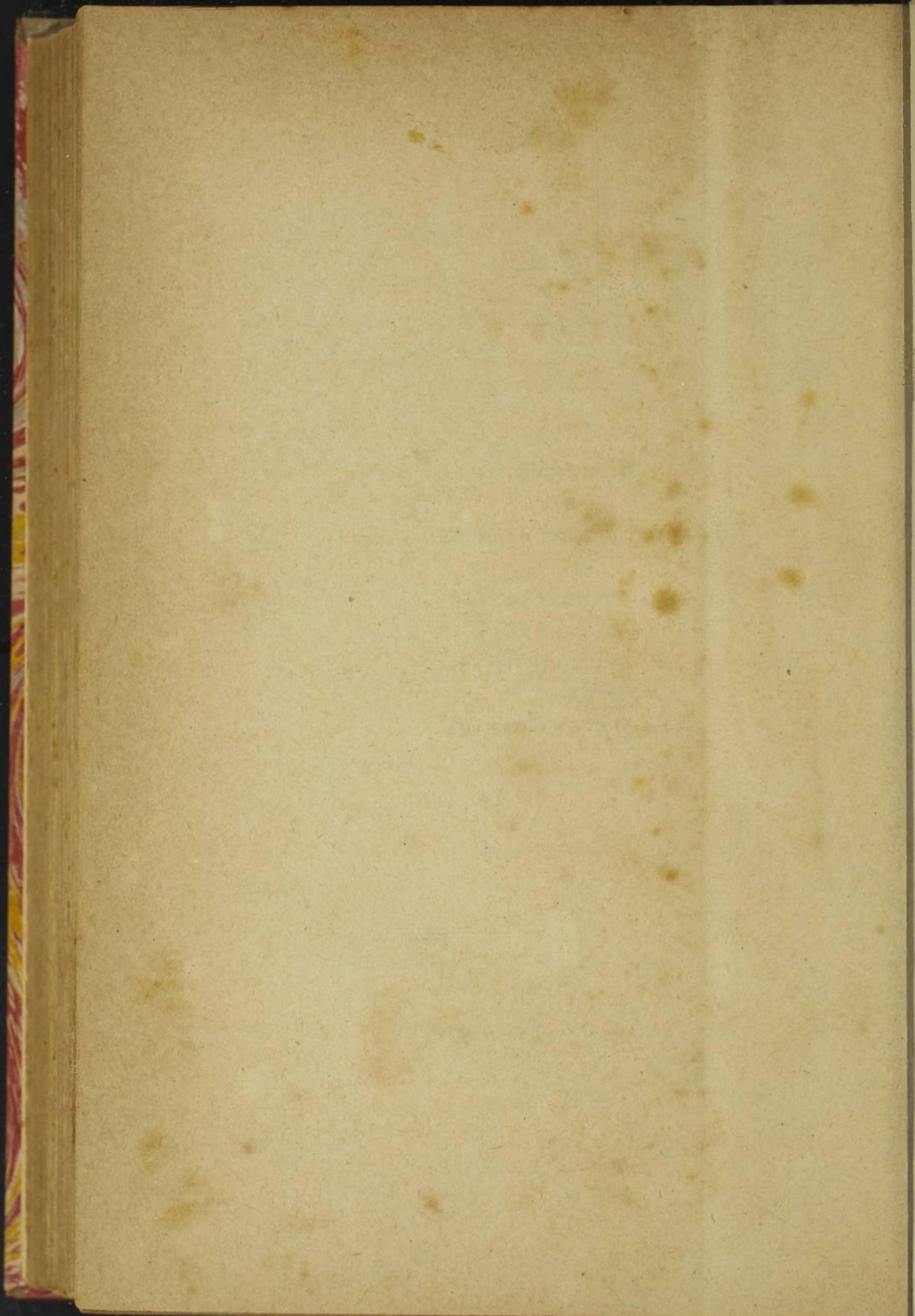
APÊNDICE

<i>Satisfação</i> , do A.	243
Nota de A. P.	247
<i>Bento Teixeira Pinto</i>	249
Nota de R. G.	251
Obra	251
<i>Diogo Grasson Tinoco</i>	253
Obra	255
<i>Sebastião da Rocha Pita</i>	257
Nota de R. G.	259
Obra	259

	<i>Pags.</i>
<i>Gonçalo Soares da Franca</i>	265
Obras	267
<i>Sebastião Borges de Barros</i>	271
Nota de R. G.	273
Obras	273
<i>Cônego Francisco Xavier da Silva</i>	275
Notas do A. e de R. G.	277
Obras	277
<i>Dr. João Borges de Barros</i>	279
Notas do A. e de R. G.	281
Obras	281
<i>Silvestre de Oliveira Serpa</i>	283
Nota de R. G.	285
Obras	285
<i>Padre José de Oliveira Serpa</i>	293
Nota de R. G.	295
Obras	295
<i>Jerônimo Sodré Pereira</i>	299
Nota de R. G.	301
Obras	301
<i>Dr. José Pires de Carvalho e Albuquerque</i>	303
Notas do A. e de R. G.	305
Obras	305
<i>Antônio Cordeiro da Silva</i>	307
Notas do A. e de R. G.	309
Obras	309
<i>Angela do Amaral Rangel</i>	317
Nota de R. G.	319
Obras	319
<i>Dr. Simão Pereira de Sá</i>	323
Notas do A. e de R. G.	325
Obras	325

	<i>Págs.</i>
<i>Padre Antônio José Gomes da Costa</i>	329
Nota de R. G.	331
Obras	331
<i>Dr. Rodrigo de Seixas Brandão</i>	335
Nota de R. G.	337
Obras	337
<i>Dr. Tomás Rubi de Barros Barreto</i>	339
Nota de R. G.	341
Obras	341
<i>Antônio José Vaz</i>	345
Nota de R. G.	347
Obras	347
<i>Salvador das Neves</i>	355
Nota de R. G.	357
Obras	357
<i>Paulo José de Melo Azevedo e Brito</i>	365
Nota de R. G.	367
Obras	367
<i>José Pedro Fernandes</i>	371
Nota de R. G.	373
Obras	373
<i>João Paulo dos Santos Barreto</i>	377
Nota de R. G.	379
Obras	379
<i>Pedro José da Costa Barros</i>	383
Nota de R. G.	385
Obras	385
<i>Frei João Batista da Purificação</i>	389
Notas do A. e de R. G.	391
Obras	391

ACABOU-SE
DE
IMPRIMIR ÊSTE VOLUME
EM
21 DE OUTUBRO DE 1946,
CINQUENTENÁRIO
DA FUNDAÇÃO
DA
ACADEMIA BRASILEIRA



COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

(continuação)

- Diálogos das Grandezas do Brasil, (notas de Rodolfo Garcia), 1930.
- Cartas do Brasil, de Manuel da Nóbrega (notas de Vale Cabral e R. Garcia), 1931.
- Cartas Avulsas de Jesuítas (1550-1568), (notas de Afrânio Peixoto), 1931.
- Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões, de Joseph de Anchieta (1554-1591) (notas de A. de Alcântara Machado), 1933.
- Jesuítas do Brasil e da Índia — do Padre José Caeiro — texto latino e português — 1 vol., 1936.
- Tácito Português — Dom Francisco Manuel de Melo, 1940, introdução e notas de Afrânio Peixoto, Pedro Calmon e Rodolfo Garcia.
- A Academia Brasileira de Letras (Notas e documentos para a sua história, 1896-1940), com prefácio de Afrânio Peixoto, 1940.

III — BIO-BIBLIOGRAFIA

- Castro Alves, por Afrânio Peixoto, 1931.
- Euclides da Cunha, por F. Venâncio Filho, 1931.
- Alvares de Azevedo, por Homero Pires, 1931.
- Junqueira Freire, por Homero Pires, 1932.
- Luiz Guimarães Junior, por Iracema Guimarães Vilela, 1934.
- Lúcio de Mendonça, por Edgar e Carlos Sússekind de Mendonça, 1934.
- Artur de Oliveira, por L. F. Vieira Souto, 1935.
- Artur Azevedo, por Roberto Seidl, 1937.
- Manuel de Araujo Porto-alegre, por Hélio Lobo, 1938.
- Gonçalves Dias, por Josué Montelo, 1942.
- Raimundo Correia, pelo Cônego F. M. Bueno de Sequeira, 1942.
- Francisco Alves de Oliveira, por Edmundo Moniz e Osvaldo Melo Braga, 1943.

IV — INÉDITA

- Pedro Luís, Dispersos, 1934, por Afrânio Peixoto.
- Artur de Oliveira, Dispersos, por L. F. Vieira Souto, 1936.

V — DISCURSOS

- Discursos Acadêmicos, 11 vols. (1897-1943).

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

(nome dado às suas publicações pela Academia Brasileira,
decisão unânime de 25 de junho de 1931)

Biblioteca de Cultura Nacional

I — LITERATURA

- Prosopopéia, de Bento Teixeira, 1923.
- Primeiras Letras (Cantos de Anchieta. O Diálogo, de João de Léry. Trovas indígenas), 1923.
- Música do Parnaso. — A Ilha de Maré — de Manuel Botelho de Oliveira, 1929.
- Obras, de Gregório de Matos: I — “Sacra”, 1929; II — “Lírica”, 1923; III — “Graciosa”, 1930; IV e V — “Satírica”, 2 vols., 1930; VI — “Última”, 1933.
- Discursos Político-Morais, de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes (prefácio de Alberto de Oliveira), 1930.
- O Peregrino da América, de Nuno Marques Pereira (introdução e notas de A. P., Rodolfo Garcia, Pedro Calmon, Varnhagen e Leite de Vasconcelos), 2 tomos, 1939.
- Geórgicas Brasileira, de Prudêncio do Amaral e José Rodrigues de Melo, trad. de João Gualberto dos Santos Reis, biografias e notas de Regina Pirajá da Silva, 1941.
- O Uruguai, de José Basílio da Gama (edição comemorativa do 2.º Centenário do Poeta, anotada por Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Osvaldo Braga), 1941.
- Poesias, de José Bonifácio (Américo Elísio) — Edição fac-similar da 1.ª (1825), com prefácio de Afrânio Peixoto, — 1942.
- Uma Página de Escola Realista, de Castro Alves. Edição fac-similar do autógrafo, com prefácio de Afrânio Peixoto, 1943.
- Queda que as Mulheres têm para os Tolos, de Machado de Assis. Edição fac-similar da 1.ª, de 1861, com prefácio de Afrânio Peixoto, 1943.

II — HISTÓRIA

- Tratado da Terra do Brasil. — História da Província Santa Cruz — de Pero de Magalhães Gandavo (notas de Rodolfo Garcia), 1924.
- Hans Staden — Viagem ao Brasil (revista e anotada por Teodoro Sampaio), 1930.

Publicações da
Academia Brasileira

FLORILEGIO
E A
POESIA
BRAZILEIRA

TOMO III

Rio de Janeiro
1946

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

(nome dado às suas publicações pela Academia Brasileira de Letras em
decisão unânime de 25 de junho de 1931)

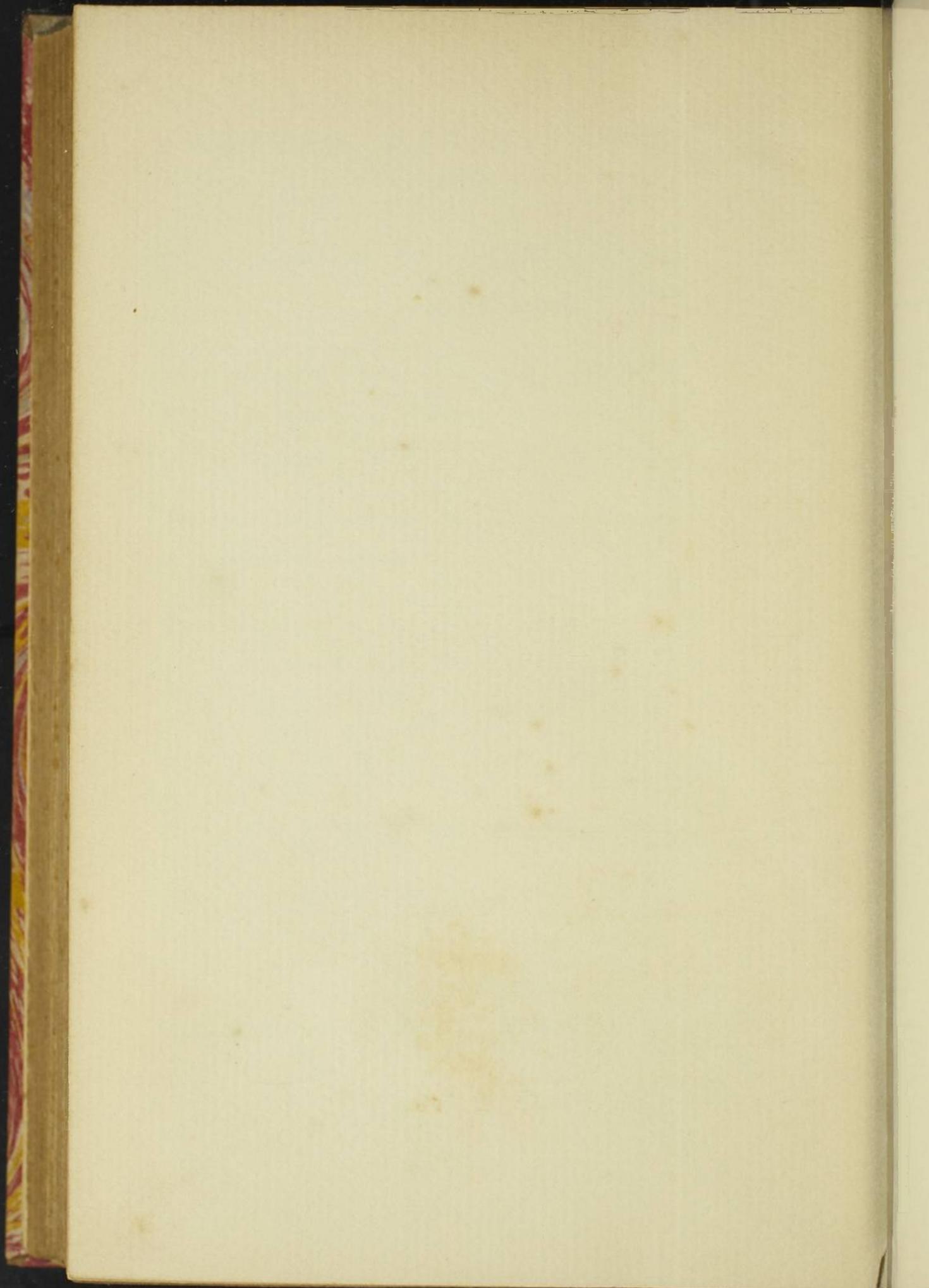
Biblioteca de Cultura Nacional

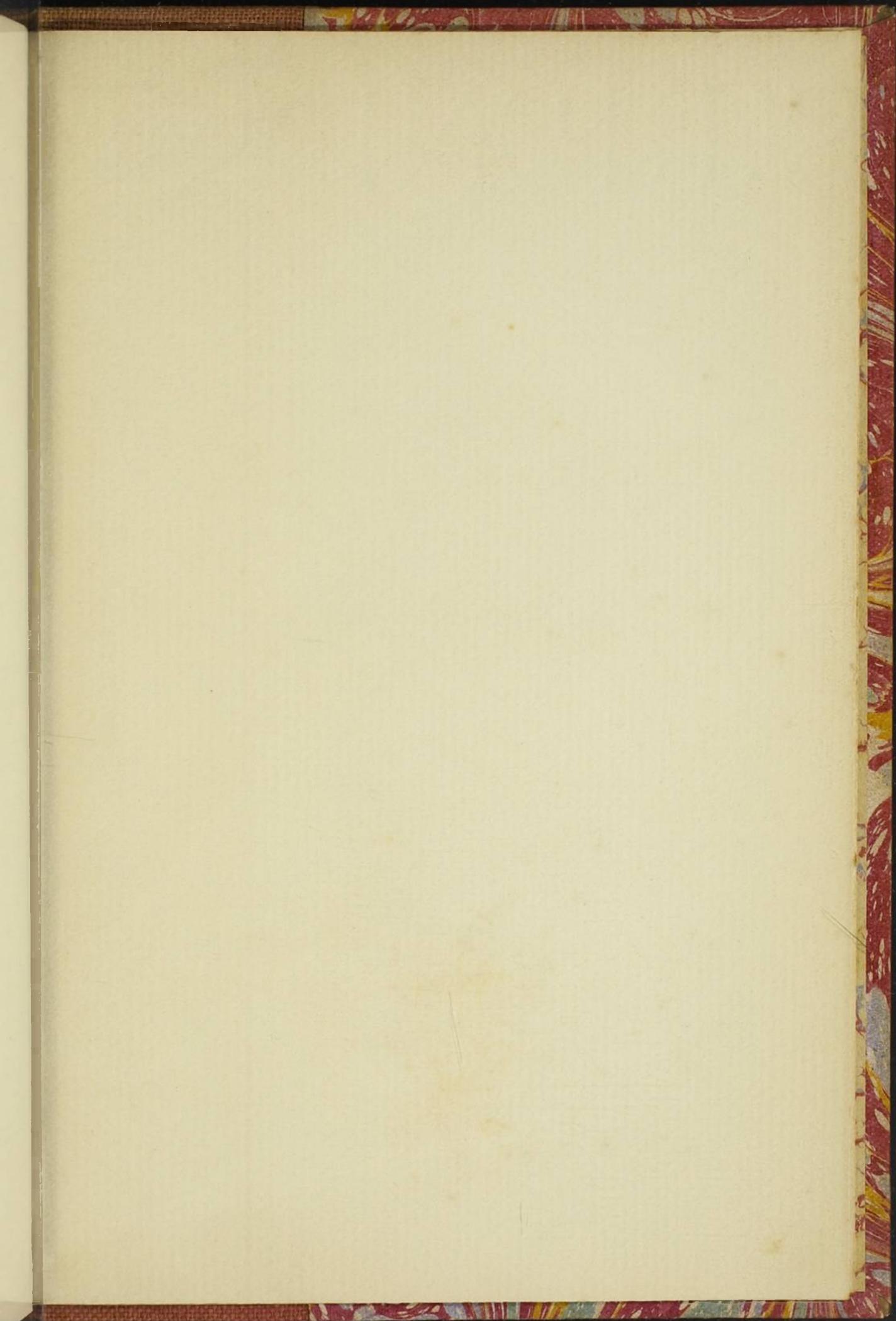
I — LITERATURA

- Prosopopéia, de Bento Teixeira, 1923.
- Primeiras Letras (Cantos de Anchieta. O Diálogo, de
Léry. Trovas indígenas), 1923.
- Música do Parnaso. — A Ilha de Maré — de Manoel
de Oliveira, 1929.
- Obras, de Gregório de Matos: I — “Sacra”, 1929;
II — “Graciosa”, 1923; III — “Graciosa”, 1930; IV e V —
2 vols., 1930; VI — “Última”, 1933.
- Discursos Político-Morais, de Feliciano Joaquim
Nunes (prefácio de Alberto de Oliveira), 1930.
- O Peregrino da América, de Nuno Marques Pereira
(introdução e notas de A. P., Rodolfo Garcia, Pedro Can-
hagen e Leite de Vasconcelos), 2 tomos, 1939.
- Geórgicas Brasileira, de Prudêncio do Amaral e José
de Melo, trad. de João Gualberto dos Santos Rê-
fias e notas de Regina Pirajá da Silva, 1941.
- O Uruguai, de José Basílio da Gama (edição comen-
tada para o 2.º Centenário do Poeta, anotada por Afrânio P-
dolfo Garcia e Osvaldo Braga), 1941.
- Poesias, de José Bonifácio (Américo Elísio) — 1.
similar da 1.ª (1825), com prefácio de Afrân-
nio Peixoto, 1942.
- Uma Página de Escola Realista, de Castro Alves. 1.
similar do autógrafo, com prefácio de Afrân-
nio Peixoto, 1943.
- Queda que as Mulheres têm para os Tolos, de Machado
de Assis. Edição fac-similar da 1.ª, de 1861, com prefácio
de Afrânio Peixoto, 1943.

II — HISTÓRIA

- Tratado da Terra do Brasil. — História da Província
de Cruz — de Pero de Magalhães Gandavo (notas de
Rodolfo Garcia), 1924.
- Hans Staden — Viagem ao Brasil (revista e anotada por
Rodolfo Sampaio), 1930.





17654

